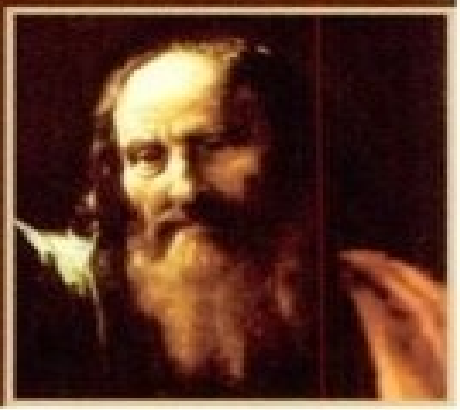
SÉRIE HERÓIS DA FÉ

Paulo



Um homem de coragem e graça

CHARLES R. SWINDOLL

MG

Copyrighted material

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SÉRIE HERÓIS DA FÉ
QÁm homem cfe coragem e graça CHARLES R. SWINDOLL

555

QÃm Áomem cfe coraxjem e jraça CHARLES R. SWINDOLL



Traduzido por NEYD SIQUEIRA
Virtual Books

555

Editora Mundo Cristão São Paulo Copyright © 2002 por Charles R, Swindoll, ÍNC.

Publicado por Word Publishing Group,USA.

Supervisão: Theófilo Vieira *Revisão:* Theófilo Vieira Liege Maria de Souza Marucci Daniel da Silva *Capa:* Douglas Lucas Os textos das referências bíblicas foram extraídos *da A Bíblia Anotada* (versão Almeida Revista e Atualizada), salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (C1P) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil) Swindoll, Charles R.

Paulo: Um homem tie coragem e graça / Charles R. Swindoll — tradução: Neyd Siqueira. - São Faulo: Mundo Cristão, 2003.

Título original: *Paul: A man of grace and grit.* bibliografia.

ISBN 85-7325 -30*5-3

t. Paulo, Apóstolo, Santo 2. Santos cristãos — lurquia — Tarso — biografia I, Título 03-0872 CDD-225.92

índice para catálogo sistemático: I. Paulo: Santos cristãos: Novo

Testamento: Biografia 225.92 Categoria: Biografia & autobiografia Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por: Editora Mundo Cristão Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020 Telefone: (11) 2127-4147

Home page: www.mundocristao.com.br

Iª edição: maio de 2003 6ª reimpressão: 2009

Dedicatória *Com imensa gratidão a todos os conselheiros dos anos de formação de minha vida, quero dedicar este livro a quatro deles, que contribuíram significativamente em áreas nas quais eu tinha maior necessidade: RICHARD NIEME, já falecido, que me ensinou como superar a gagueira, para que eu pudesse falar em público sem medo.*

HOWIE HENDRICKS, que me ensinou como estudar a Bíblia e comunicar a sua mensagem, a fim de que eu pudesse manejar corretamente a Palavra da verdade.

J. DWIGHT PENTECOST, que me ensinou a manter-me firme nas dificuldades e a confiar em Deus, sob quaisquer circunstâncias, para que eu pudesse me tornar um ministro fiel até o fim.

RAY STEDMAN, já falecido, que me ensinou a ser sincero e a apreciar o ministério, a fim de que eu pudesse ser um pastor que encoraja as ovelhas.

Quando faço uma retrospectiva das coisas que esses conselheiros me ensinaram, ocorre-me que foi sua maneira de ser, mais do que aquilo que disseram, que conquistou meu coração.

Cada um se destaca em minha mente como um homem cheio de coragem e graça.

Sumário Introdução

- Paulo: Um Homem de Coragem e Graça
- Permitam-me Apresentar-lhes Saulo de Tarso
- A Conquista Violenta de uma Vontade Rebelde
- A Fé Memorável de um Herói Esquecido
- A Necessidade de Solidão, Silêncio e Obscuridade
- Missão a Caminho... Graças aos Menos Famosos
- Saindo das Sombras
- Descobrindo a Alegria da Suficiência da Graça de Deus
- O Prazer de Trabalhar Juntos no Ministério
- Liberado para Obedecer
- As Arestas do Ministério Autêntico
- Uma Estratégia para Enfrentar Circunstâncias Extremas

- O Dia em que Dois Missionários se Desentenderam
- Viajando como Paulo
- Pregando como Paulo
- Liderando como Paulo
- Reagindo como Paulo
- Pensando como Paulo
- Confrontando a Crítica como Paulo
- Ficando Firme como Paulo
- Como Lidar com um Naufrágio
- Preso, Confinado, mas Ainda Ativo
- Algemado, Abandonado, mas Ainda Destemido

Paulo: Um Homem de Coragem e Graça

Várias biografias valiosas ocupam as prateleiras de minha biblioteca pessoal — algumas escritas há mais de um século. Embora suas páginas tenham amarelecido com o tempo, a letra seja penosamente minúscula, seus parágrafos longos e sua prosa, no geral, derramada tediosamente uma página após a outra, ainda assim, como um bando de amigos fiéis, esses volumes ficam de prontidão para ajudar-me a qualquer instante. Cada um oferece uma profunda compreensão da vida dos indivíduos famosos sobre quem discorrem, inevitavelmente reacendendo minha paixão pela coragem de seus pensamentos cheios de retidão e pela clareza de expressão, tão raras em grande parte dos escritos modernos. Esses livros são, para mim, de infinito valor.

O trabalho biográfico de Josiah Gilbert Holland, *The Life óf Abraham Lincoln,* é um exemplo clássico. Datado de 1866, um ano depois do assassinato do décimo sexto presidente norte-americano, essa jóia encadernada em couro tem sido uma fonte de imenso prazer e inspiração para mim no correr dos anos. Em minha opinião, essa obra-prima de 544 páginas deveria ser classificada como um verdadeiro *Opus de Mr Holland.*

No prefácio desse livro, encontrei palavras que me foram muito úteis no esforço para completar este sexto livro da série Heróis da Fé.

Ao entregar-me à colossal tarefa de tratar, em poucos capítulos, de um assunto tão grandioso e comovente como é a vida e o ministério do apóstolo Paulo, as palavras de Holland, descrevendo o que "pretendia e o que não pretendia fazer", fortaleceram-me para o empreendimento. Ao reconhecer a impossibilidade de compor um tratado completo cobrindo cada detalhe dos acontecimentos que cercaram a vida monumental e longa de Abraham Lincoln, ele escreveu: "Tentei fazer um quadro do caráter do Sr. Lincoln, bem como o esboço de sua vida, ficando o mais próximo dele possível".

É justamente isso que pretendo fazer nas páginas que se seguem.

Meu desejo é, principalmente, formar o quadro do caráter de Paulo, neste simples esboço da sua vida, ficando o mais próximo dele possível por meio dos eventos dramáticos que se desenrolam nas páginas da Escritura.

Como em cada livro precedente desta série, permitiremos que a Palavra de Deus nos guie em nossa busca para apreender a enormidade e importância deste homem notável e sua história. E que história fascinante! Não conheço mais ninguém na Bíblia, exceto o próprio Cristo, que tivesse influência mais profunda em sua época e na nossa do que Paulo — um indivíduo cuja vida parece ser

melhor resumida no título que escolhi para este livro, Paulo: um homem cheio de graça e coragem.

Meu bem manuseado dicionário define “coragem” como “firmeza de mente ou de espírito [...] coragem destemida em face de dificuldades ou perigo”. Gosto muito dessa definição! Não há descrição melhor para esse homem de Tarso, a quem Deus usou para desempenhar um papel vital na revolução do mundo, deixando-o de pernas para o ar, na época de Cristo e de sua geração. Firme, tenaz e incansável em sua determinação, Paulo desempenhou sua missão divina com inflexível resolução. O homem exemplificou a coragem como nenhuma outra alma mencionada nas Escrituras sagradas.

Sua mensagem e estilo, como veremos, eram também marcados pela graça. Esse indivíduo, que afirmava ser o menor dos santos e o maior entre todos os pecadores, compreendeu e explicou a graça melhor do que qualquer de seus contemporâneos. Não é difícil entender a razão disso. Ele nunca conseguiu superar sua gratidão por tê-la recebido. O favor imerecido de Deus, sua graça superabundante, alcançou-o em seu zelo farisaico, esmagou seu orgulho, colocou-o de joelhos, abrandou seu coração e transformou esse antes violento agressor em um poderoso porta-voz de Cristo. Um homem de tamanha coragem necessitava de muita graça. Não é de admirar que a graça tivesse dominado a mensagem e ministério de Paulo até o último momento de sua vida.

Esperamos que um pouco desses elementos penetre em nossas vidas, enquanto estivermos aqui caminhando colados a Paulo. Um enorme suprimento de cada um desses dois ingredientes é desesperadamente necessário para que enfrentemos os desafios incertos do futuro.

Antes de embarcar nessa viagem, porém, devo expressar minha gratidão aos que me encorajaram a escrever esta sexta biografia bíblica. Em primeiro lugar, meus sinceros agradecimentos a meu editor e amigo de longa data, MarkTobcy. Embora ocupado com seus próprios textos e prazos, Mark aceitou o desafio de trabalhar comigo enquanto eu lutava às vezes para retratar a natureza humana de Paulo. Um caráter tão penetrante, com uma mente tão profunda, envolto numa vida tão emocionante, parece melhor ser mantido à distância, admirado como um santo num vitral e apreciado de longe. Mark me ajudou a remover delicadamente a auréola de Paulo sem diminuir sua influência.

Sou também profundamente grato a Julie Meredith por seus esforços incansáveis e diligentes na obtenção de permissões para o material que tomei de empréstimo para este volume - uma tarefa que ela sempre cumpre com um sorriso.

Agradeço, da mesma forma, a Davi Moberg e Mark Sweeney, Lee Gessner e Ernie Owen do The W Publishing Group, que continuaram a acreditar na série

Heróis da Fé. Cada um deles, à sua maneira, me animou a continuar com a caneta a todo vapor, a persistir nessas biografias e a não desanimar de continuar a fazer um trabalho bem-feito. Seu incentivo gracioso e persistente resultou em mais uma obra finalizada.

Devo certamente mencionar a maravilhosa congregação da Stonebriar Community Church, em Frisco, Texas. Não tenho somente o privilégio de servir como seu pastor, mas também a alegria de ter apresentado esses retratos de Paulo primeiro a eles numa série de mensagens que preguei nas manhãs de domingo durante a maior parte de 2001. Sua reação entusiasta e freqüentes palavras de encorajamento, sugerindo que colocasse esses pensamentos num livro, serviram de combustível para a minha determinação, quando minha energia pessoal teria dificilmente conseguido manter uma centelha de resolução.

Finalmente, à Cynthia, minha esposa há quase 47 anos, expresso meus mais profundos sentimentos de amor e agradecimento. Seu modelo de afeição e fidelidade, sua busca incansável da excelência e sua dedicação abnegada ao alvo de tornar possível para mim comunicar a verdade de Deus e sua aplicação, motivaram-me a permanecer apaixonado pelos mesmos objetivos. Um dos muitos resultados tangíveis do seu compromisso comigo é este livro que você tem agora nas mios. Sem o encorajamento dela, terminar o projeto não teria sido possível.

Vamos agora entrar no túnel do tempo imaginário. Retroceder a outro lugar em outra era. Vamos concentrar nossa atenção sobre a vida desse homem, sempre colados a ele. Como resultado disso, esperamos que nossas vidas se transformem e nunca mais sejam as mesmas.

— CHUCK SWINDOLL
Dallas, Texas

Capítulo Um

Permitam-me Apresentar-lhes Saulo de Tarso

Cada vez que iniciamos um estudo sério de uma vida notável, precisamos nos preparar para surpresas. O interessante é que, quanto mais notável a vida, mais chocantes as surpresas. Você pode ter certeza de uma coisa: as circunstâncias e eventos que levaram à grandeza dessa pessoa tiveram origem em anos obscuros, quando poucos a conheciam e ninguém se importava com sua existência.

Isso é certamente verdade com relação ao décimo sexto e provavelmente o maior presidente norte-americano, Abraham Lincoln. Quase todos imaginariam que o cargo de presidente dos Estados Unidos seria um clímax adequado para uma vida já cheia de prestígio. Afinal de contas, quem se torna presidente cresceu, com certeza, num ambiente requintado, emergindo naturalmente para brilhar sob os holofotes antes de cair em seu colo, sem qualquer esforço de sua parte, o cargo de presidente. Nada disso.

Lincoln nasceu em 1809, numa rústica casa de madeira, no lugarejo então conhecido como Condado de Hardin, no estado de Kentucky. Seu pai era um trabalhador itinerante, iletrado, sua mãe uma mulher frágil e doente. Eles foram despejados de casa quando Abraham tinha apenas sete anos. Sua pobre mãe morreu quando tinha nove. Não teve virtualmente qualquer educação formal.

Sua primeira tentativa de uma carreira foi em 1831 e fracassou por completo. Um ano mais tarde, candidatou-se a ocupar o cargo de legislador do estado, mas não teve sucesso. Nesse mesmo ano perdeu o emprego e tentou matricular-se na escola de direito, mas não foi aceito por causa de suas desprezíveis qualificações. Pouco depois dessa situação humilhante, começou outro negócio com dinheiro tomado de empréstimo de um amigo íntimo. Antes de terminar o ano, porém, o negócio fracassou. Lincoln declarou falência e passou os 17 anos seguintes pagando o que devia.

Em 1835, apaixonou-se perdidamente por Ann Rutledge, mas teve o coração partido quando ela morreu pouco depois do noivado. No ano seguinte, teve um colapso nervoso e levou seis meses para recuperar-se.

Em 1838, candidatou-se a orador da Câmara Estadual e foi derrotado.

Em 1840, dois anos mais tarde, quis ser membro do colégio eleitoral do estado, mas foi novamente derrotado.

Em 1846, candidatou-se outra vez para o Congresso e ganhou. Dois anos mais tarde, veio a ser fragorosamente derrotado quando quis concorrer à reeleição.

Em 1849, tentou conseguir o cargo de oficial do registro imobiliário em seu estado, mas não foi aceito.

Em 1854, candidatou-se ao Senado dos Estados Unidos. Perdeu novamente.

Em 1856, tentou ser nomeado vice-presidente da convenção nacional do seu partido. Obteve menos de cem votos, sofrendo nova derrota embaraçosa.

Em 1858, perdeu novamente uma vaga no Senado. Finalmente, em 1860, Abraham Lincoln foi eleito presidente dos Estados Unidos e, logo depois, enfrentou a guerra mais devastadora que o país já teve de enfrentar. Sua perseverança recompensou-o com sucesso político sem precedentes, e foi reeleito para um segundo mandato. Infelizmente, apenas cinco dias depois de o general Lee ter-se rendido, a 14 de abril de 1865, Lincoln foi assassinado. Ele morreu antes de fazer sessenta anos.

Sem conhecer nenhum desses detalhes, refletimos sobre uma presidência como a de Lincoln e nossa tendência é pensar: Puxa, ele deve ter tido uma formação majestosa. Examinamos depois mais cuidadosamente a escura caverna do seu passado e compreendemos que era repleta de fracassos e tragédia, tristeza e sofrimento. Ficamos surpresos e até chocados.

O aço da grandeza é forjado no fogo. Isso se aplica a todos nós.

Nunca se esqueça disso, especialmente quando você estiver em meio ao fogo e convencido de que nada de valor sairá dessa experiência.

Não devemos esquecer disso enquanto estudamos a vida do homem chamado Paulo. E precisamos, também, estar preparados para algumas surpresas terríveis.

UM RETRATO BRUTAL

O primeiro esboço da vida de Paulo (a quem conhecemos, a princípio, como Saulo de Tarso) é tanto brutal como sangrento. Se um artista fosse pintá-lo com pincel e tinta a óleo, nenhum de nós iria querer pendurá-lo em nossa sala. O homem parece mais um terrorista do que um seguidor dedicado do judaísmo. Para nosso horror, o sangue do primeiro mártir espirrou sobre as roupas de Saulo, enquanto ele ficou ali, concordando com aquilo tudo, cúmplice de um crime medonho. Quem era esse mártir?

Estêvão. Um jovem cristão que morava em Jerusalém, descrito em Atos 6 como “cheio de graça e poder” (v. 8), que falava com sabedoria por unção do Espírito (v. 10), cujo semblante era “como se fosse rosto de anjo” (v. 15). Mesmo assim o apedrejaram. Foi assassinado a sangue frio.

Os membros do Sinédrio (chamado de Conselho, no Livro de Atos, em

algumas versões da Bíblia), desprezaram Estêvão por causa da sua firme defesa de Cristo. Eles se recusaram a continuar ouvindo seu discurso veemente e, furiosos, o levaram para a rua, pela porta norte, até a periferia da cidade. Ali o apedrejaram, com pedras grandes e agudas, até que caiu e morreu. Saulo, observando todo o episódio, ficou em meio à multidão que gritava, tomando conta dos mantos dos assassinos de Estêvão. Ele, sem dúvida, deve ter rido com prazer sádico.

Eugene Peterson, em sua obra *The Message*, parafraseia a cena: Gritando e assobiando, a multidão caiu sobre ele. Então, em massa, arrastaram Estêvão para fora da cidade e o apedrejaram.

Os líderes tiraram os mantos e pediram a um jovem chamado Saulo para vigiá-los.

Enquanto as pedras choviam, Estêvão orou: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito!”. Depois ajoelhou-se orando em voz alta o suficiente para todos ouvirem: “Senhor, não lhes imputes este pecado!” - foram suas últimas palavras. A seguir, morreu. Saulo estava ali, parabenizando os assassinos.

Durante a nossa vida, adotamos naturalmente uma imagem cristianizada do apóstolo Paulo. Afinal de contas, foi ele o autor das duas cartas aos Coríntios. Escreveu Romanos, a *carta magna* da vida cristã. Redigiu a carta libertadora aos Gálatas, exortando-os, e também a nós, a uma vida na liberdade provida pela graça de Deus. E as “epístolas da prisão”... e as cartas pastorais, tão cheias de sabedoria, tao ricas de significado. Ora, baseado em tudo isso, você poderia achar que o homem amou o Salvador desde o berço. Nada disso.

Ele odiava o nome de Jesus a tal ponto que se tornou um agressor violento e declarado, perseguindo e matando cristãos por dedicação ao Deus dos céus. Por mais chocante que pareça, nunca devemos esquecer a cova de onde ele veio. Quanto mais compreendemos a escuridão do seu passado, tanto mais entenderemos sua gratidão pela graça.

O primeiro retrato da vida de Paulo pintado nas Sagradas Escrituras não é o de uma criancinha embalada amorosamente nos braços da mae. Também não mostra um rapazinho judeu saltando e brincando com os amigos da vizinhança nas ruas estreitas de Tarso. O retrato original não é sequer o de um jovem e brilhante estudioso da lei sentado fielmente aos pés de Gamaliel. Essas imagens só deturpam a nossa visão, levando-nos a pensar que ele teve um passado de livro de contos de fadas. Em vez disso, o encontramos pela primeira vez como simplesmente “um jovem chamado Saulo”, participante do assassinato brutal de Estêvão e que “consentia na sua morte (At 7:58; 8:1).

Esse *é* o Paulo que precisamos ver para apreciar a gloriosa verdade das cartas do Novo Testamento que escreveu. Não é de admirar que mais tarde ele

viesse a ser conhecido como “o apóstolo da graça”. Na verdade, quando verificamos como era o ambiente de seu nascimento e infância, descobrimos que não era marcado por ira nem por violência. A vida para Paulo começou, na verdade, muito pacificamente.

LUGAR NEM UM POUCO INSIGNIFICANTE

“Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilicia”, Paulo anunciou, certa vez, numa demonstração magistral de modéstia ao expor sua situação. Um estudo acurado da antiga cidade de Tarso revela que a cidade natal de Paulo não era um simples ponto no mapa, mas uma metrópole movimentada de cultura multiforme e comércio internacional. Sua localização estratégica explica a sua importância e sucesso.

Para encontrar Tarso, use o mapa impresso na página 393 e localize, em primeiro lugar, a grande massa de água no centro; é o mar Mediterrâneo. A seguir, examine a divisa mais oriental do mar, seguindo para o norte pela costa e passando pela Síria. Vire levemente para o Oeste (isto é, à direita, para você que está sendo agora geograficamente desafiado!) até encontrar a Cilicia, uma província na extremidade sudeste do que era então chamado Ásia Menor. Hoje faz parte da moderna Turquia.

Ali você encontra Tarso, localizada no coração da província da Cilicia - lugar de nascimento de Saulo. A cerca de 19 km das praias resplandecentes do Mediterrâneo, Tarso é rodeada pela cadeia de Montanhas Taurus - montes escarpados e altaneiros que vão do litoral até o norte, constituindo um vasto escudo protetor ao redor da cidade. Em vista de estar próxima a um porto de mar, Tarso tornou-se uma via comercial muito usada pelas caravanas que levavam suas mercadorias do Oriente, no Leste, até Roma, no Oeste. A viagem exigia que passassem pelos Portais da Cilicia — uma impressionante seqüência de passagens estreitas lavradas através das Montanhas Taurus acima de Tarso.

Saulo foi nutrido com a nata de todo esse diversificado e rico caldo cultural e comercial, enquanto ele crescia na cidade fascinante em que nasceu. Embora órfão de mãe aos nove anos, como filho de um proeminente fabricante de tendas, Saulo tornou-se beneficiário de uma herança religiosa e intelectual igualmente rica. John Pollock, autor de *The Apostle: A Life ofPaul,* descreve habilmente os aspectos dos primeiros anos da vida e educação de Saulo: Os pais de Paulo eram fariseus, membros do partido mais fervoroso do nacionalismo judaico e severo na obediência à lei de Moisés. Eles buscavam proteger seus filhos da contaminação. Amizades com crianças gentias eram desencorajadas. As idéias

gregas eram também desprezadas. Embora Paulo soubesse falar grego desde a infância, a língua franca, e tivesse algum conhecimento de latim, sua família falava em casa o aramaico, a linguagem da Judéia, um derivado do hebraico.

Eles consideravam Jerusalém como os muçulmanos consideram Meca. Seus privilégios como homens livres de Tarso e cidadãos romanos não eram nada frente à elevada honra de serem israelitas, o povo da promessa, os únicos a quem o Deus vivo revelara a sua glória e os seus planos...

No seu décimo terceiro aniversário, Paulo já dominava a história judaica, a poesia dos salmos, a literatura majestosa dos profetas. Seus ouvidos foram treinados à perfeição, e um cérebro ágil como o seu podia reter o que ouvia tão automática e fielmente quanto a "mente fotográfica" moderna retém uma página impressa. Ele estava pronto para uma educação superior.[1]

Isso aos treze anos. Pollock continua: Um fariseu rígido não iria confundir o filho com filosofia moral pagã. Portanto, provavelmente no ano em que Augusto morreu, 14 d.C., o adolescente Paulo foi enviado por mar à Palestina e subiu os montes até Jerusalém.

Durante os cinco ou seis anos seguintes, ele sentou aos pés de Gamaliel, neto de Hillel, mestre supremo, que alguns anos antes morrera com mais de cem anos. Sob o frágil e amável Gamaliel, um contraste com os líderes da rival Escola de Shammai, Paulo aprendeu a dissecar um texto até que vários significados possíveis fossem revelados segundo a opinião abalizada de gerações de rabinos [...] Paulo aprendeu a debater no estilo perguntas-e-respostas, conhecido no mundo antigo como "diatribe", e a expor, pois um rabino não era só parte pregador, como também parte advogado, que processava ou defendia os que quebravam a lei sagrada. Paulo superou seus contemporâneos. Tinha uma mente poderosa que poderia levá-lo a uma cadeira no Sinédrio, na Galeria das Pedras Polidas, e torná-lo um "principal dos judeus".[2]

Saulo esperava ansiosamente o dia em que se tornaria membro do Tribunal Supremo dos Judeus, chamado então de Sinédrio. Juntos, aqueles setenta e um homens administravam a vida e a religião judia sentados em bancos curvos numa sala de tribunal — exatamente o lugar onde tinham ouvido Estêvão fazer sua corajosa, embora fatídica, confissão de fé.

Saulo, agora um advogado bem-sucedido nos tribunais movimentados de Jerusalém, fizera provavelmente parte da audiência maior que ouvira a defesa de Estêvão. Ele mal tinha idéia, então, de como Deus usaria os eventos que levaram e que se seguiram à morte do jovem discípulo para mudar dramaticamente sua vida e causar impacto sobre a história religiosa.

UM CONFRONTO INÚTIL

Desde o dia de Pentecostes, registrado em Atos 2, Jerusalém mostrava-se agitada por uma atividade religiosa sem precedentes. Quanto mais os agora ousados apóstolos pregavam as boas novas de Cristo, tanto mais o povo ia se convertendo. Tudo estava mudando, até mesmo as tradições havia muito existentes. Judeus moradores de Jerusalém, assim como peregrinos das redondezas em visita à cidade, aceitavam Cristo aos milhares. Os líderes religiosos empedernidos sentiam-se exasperados com o que testemunhavam. Aquilo era demais! Como resultado, segundo Atos 5:18, “prenderam os apóstolos e os recolheram à prisão pública”.

Aqueles apóstolos cheios do Espírito estavam dando nos nervos dos líderes da religião dominante. Não devemos olhar essas cenas por meio de lentes demasiado cristãs. É melhor vê-las da perspectiva dos cidadãos de Jerusalém. Aquele foi um período perturbador para o Sinédrio. Sua tentativa de silenciar os seguidores de Jesus crucificando o seu Mestre havia tido efeito contrário ao desejado. Portanto, encarcerar os fanáticos religiosos pareceu consistir na melhor estratégia para evitar que fizessem novos prosélitos judeus. Nem isso, porém, adiantou. Algo miraculoso aconteceu também para piorar as coisas. “Mas, de noite, um anjo do Senhor abriu as portas do cárcere e, conduzindo-os para fora, lhes disse: Ide e, apresentando-vos no templo, dizei ao povo todas as palavras desta Vida. Tendo ouvido isto, logo ao romper do dia, entraram no templo e ensinavam” (At 5:19-21).

O tiro saiu realmente pela culatra! Os líderes religiosos achavam que tinham resolvido o caso dos rebeldes, quando, na verdade, apenas os motivaram a voltar à sua pregação mais ousados do que nunca! Foi algo similar ao acontecimento que se seguiu à cena do Gólgota. Os líderes religiosos tinham certeza de que crucificar Cristo terminaria tudo. Não podiam estar mais errados. O cristianismo desabrochou depois da ressurreição dele. Agora, inflamados com o poder do Espírito, os apóstolos estavam incendiando Jerusalém com a sua pregação. Seu zelo era contagioso, e sua mensagem, convin-cente. Não demorou muito para que as autoridades religiosas se vissem reduzidas a uma minoria que diminuía cada vez mais. Isso as levou a convocar uma reunião de emergência para decidir o que fariam a seguir.

Chegando, porém, o sumo sacerdote e os que com ele estavam, convocaram o Sinédrio e todo o senado dos filhos de Israel e mandaram buscá-los no cárcere. Mas os guardas, indo, não os acharam no cárcere; e, tendo voltado, relataram, dizendo: Achamos o cárcere fechado com toda a segurança e as sentinelas nos

seus postos junto às portas; mas, abrindo-as, a ninguém encontramos dentro.

Atos 5:21-23

Isso não foi esplêndido? O anjo do Senhor abriu a prisão, libertou os apóstolos e depois trancou tudo outra vez. Ao chegarem, encontraram os guardas dormindo, as portas fechadas e nenhum prisioneiro.

E bem provável que Saulo estivesse no grupo que ouviu esse relato perturbador. Teria sido apresentado a todo o Sinédrio, inclusive aos agregados, tais como advogados iniciantes, conselheiros e talvez até servos. Não querendo perder nada, Saulo absorveu cada detalhe à medida que se desenrolavam os acontecimentos. As coisas estavam fugindo ao controle.

Compreenda também a crescente frustração que tomou conta das autoridades religiosas. Lemos: “Quando o capitão do templo e os principais sacerdotes ouviram estas informações, ficaram perplexos a respeito deles e do que viria a ser isto” (At 5:24).

Não é interessante esse texto? Em termos atuais, “ficaram perplexos” seria: — O QUE ESTÃO QUERENDO DIZER? COMO É QUE NÃO ENCONTRARAM OS HOMENS? — Aqueles juízes preconceituosos ficaram fora de si tentando descobrir o que acontecera. Para piorar as coisas, outro mensageiro apareceu correndo com uma notícia ainda mais surpreendente: Eis que os homens que recolhestes no cárcere, estão no templo ensinando o povo. Nisto, indo o capitão e os guardas, os trouxeram sem violência, porque temiam ser apedrejados pelo povo.

Atos 5:25,26

Não perca de vista a importância do detalhe acrescentado no final. Esses líderes piedosos agora temiam por suas vidas, pois sentiram a maré se voltando contra eles. Mais e mais pessoas nas ruas estavam dizendo: “Não toquem nesses homens. Eles estão declarando coisas que precisamos ouvir... coisas que vocês nunca nos disseram.” A confiança cega que o povo de Jerusalém colocara em seus líderes estava agora desaparecendo, à medida que seus olhos iam sendo abertos para a verdade do Evangelho. Em vista de as massas estarem acreditando neles, o Sinédrio procedeu com cautela: “Trouxeram-nos, apresentando-os ao Sinédrio” (v. 27).

Observe agora cuidadosamente: “E o sumo sacerdote interrogou-os, dizendo: Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome; contudo, enchestes Jerusalém de vossa doutrina; e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem” (At 5:27,28).

Em outras palavras: “Vocês estão dizendo ao povo que nós somos a razão de aquele falso Messias ser crucificado. Queremos que saibam que foram os romanos que fizeram isso. Nós apenas aceitamos o plano. Mas vocês nos fazem

parecer perversos.” Note como os apóstolos, especialmente Pedro, responderam: Então, Pedro e os demais apóstolos afirmaram: Antes, importa obedecer a Deus do que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, a quem vós matastes, pendurando-o num madeiro. Deus, porém, com a sua destra, o exaltou a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão de pecados. Ora, nós somos testemunhas destes fatos, e bem assim o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem.

Atos 5:29-32

Saulo ouviu esse discurso. Já pensou nisso? Enquanto ficava nas sombras ouvindo Pedro falar, os cabelos em sua nuca se eriçaram. Aquele jovem e piedoso fariseu, hebreu dos hebreus, ouviu irado enquanto aquele pescador ignorante, chamado Pedro, falava do falecido Jesus, que tinha afirmado ser Deus. Era quase mais do que podia suportar. As emoções de Saulo fervilhavam em seu íntimo, enquanto ele formulava planos, pensando: “Se pudesse pôr as mãos nele, eu o mataria como a todo o resto”. Ele não podia imaginar que aquele “pescador ignorante” viria a ser seu colaborador no trabalho de estabelecer igrejas cristãs em todo o mundo conhecido. Antes que Saulo pudesse organizar um ataque sobre aquele homem e seus companheiros, Deus interveio em outra surpreendente reviravolta de eventos quando o conselheiro de Saulo levantou-se no meio da reunião.

UM ALIADO INESPERADO

Eles, porém, ouvindo, se enfureceram e queriam matá-los. Mas, levantando-se no Sinédrio um fariseu, chamado Gamaliel, mestre da lei, acatado por todo o povo, mandou retirar os homens, por um pouco.

Atos 5:33,34

Espere um pouco. Quem é Gamaliel? Saulo estudou com esse homem durante os anos de sua instrução em Jerusalém; ele testemunhou que foi “instruído aos pés de Gamaliel” (At 22:3). Sentou-se aos pés de Gamaliel durante a sua educação formal na lei judaica. Ficou olhando quase sem respirar, enquanto observava seu orientador espiritual em ação. Seria o mesmo que um estudante de direito, depois de formado, visitasse um tribunal para observar um professor a quem admira praticar a lei. Que grande momento para Saulo! Ele talvez esperasse palavras fortes de condenação contra Pedro. Mas aconteceu justamente o oposto.

E lhes disse: Israelitas, atentai bem no que ides fazer a estes homens. Porque, antes destes dias, se levantou Teudas, insinuando ser ele alguma coisa,

ao qual se agregaram cerca de quatrocentos homens; mas ele foi morto, e todos quantos lhe prestavam obediência se dispersaram e deram em nada. Depois desse, levantou-se Judas, o galileu, nos dias do recenseamento, e levou muitos consigo; também este pereceu, e todos quantos lhe obedeciam foram dispersos. Agora, vos digo: dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá.

Atos 5:35-38

William Barclay chama Gamaliel de "aliado inesperado". Em meio à irritação geral e pensamentos irracionais, esse professor sábio e experiente, levantou-se com toda calma e advertiu: "Tomem cuidado. Não se apressem em julgar." Em suas próprias palavras: "...dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus" (At 5:38,39).

O jovem fariseu balançou a cabeça incrédulo: "Este homem deveria ser um porta-voz do judaísmo. Ele me ensinou grande parte do que sei sobre o judaísmo e a lei. Ele me instruiu sobre como fazer exatamente o que faço hoje em dia. Mestre Gamaliel, o senhor perdeu a cabeça?!"

E claro que Saulo não tinha meios para saber que aquele raciocínio calmamente expresso iria preservá-lo, mais tarde, quando viesse a carregar a tocha de Cristo. Então se lembraria de que os que lutassem contra ele estariam, na verdade, lutando contra Deus. Mas, naquele momento, não tinha a menor noção disso. Tudo o que via era uma mancha vermelha. Vermelha como sangue. Não conseguia acreditar que o Sinédrio concordasse com um conselho assim tão calmo e considerasse usar de brandura com aqueles infiéis. Mas foi exatamente isso que fizeram.

Se me permitir um instante de digressão aqui, penso que Pedro permaneceu vivo então e nos anos que se seguiram por causa da intervenção sábia de Gamaliel. Acredito que o "aliado inesperado" salvou sua vida. Saulo e os outros teriam apedrejado o grupo inteiro. Mas Deus graciosamente interferiu, usando as palavras de um professor sábio para preservar a vida daqueles que posteriormente iriam desempenhar papéis trágicos na formação da igreja cristã. Lembre-se disso quando sentir que as circunstâncias de sua vida são desesperadoras. Não importa o que tenha de enfrentar, Deus continua no controle, silenciosa e soberanamente operando todas as coisas conforme seu plano perfeito. Ele tem o seu Gamaliel esperando nos bastidores. No momento exato, quando suas palavras forem produzir o maior impacto, eles sairão das sombras.

Os líderes religiosos aceitaram sabiamente o conselho de Gamaliel. As Escrituras dizem que: "Chamando os apóstolos, açoitaram-nos e, ordenando-lhes

que não falassem em o nome de Jesus, os soltaram” (v. 40).

Espere um minuto! Isso não é justo. Que direito tinham de açoitar os homens se estavam planejando soltá-los? Foi o jeito de o Sinédrio dar seu doloroso recado: “Quando a pele de suas costas for arrancada, talvez não esqueçam que estamos falando sério. Vão embora!”

Como você teria reagido numa situação assim? Quando o seu grupo estivesse em fila e despido para as chicotadas, você teria se escondido no corredor dos fundos? Teria procurado um meio de sair pela porta, quando ninguém estivesse olhando? O açoite era uma tortura terrivelmente dolorosa e humilhante. Quem não tentaria escapar?

Nosso respeito por esses homens se intensifica nesse ponto. Veja como eles reagiram: “E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome. E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (5:41,42).

Coragem notável! O sangue em suas feridas mal havia secado quando voltaram a pregar Cristo para o povo. Embora nós os respeitemos, Saulo os odiava por causa disso. Foi o que o motivou a tomar medidas ainda mais agressivas contra eles, e o que mais tarde usou em sua defesa perante Agripa: “E assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam. Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia” (At 26:10,11).

Preste atenção novamente. Não se trata de um intelectual manso e de boas maneiras falando. Ele se tornara um fariseu apaixonado e decidido - um homem com uma missão. Mais tarde, escreveria uma confissão similar a seu filho na fé, Timóteo: “Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério, a mim, que, noutro tempo, *era blasfemo, eperseguidor, e insolente.* Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade” (1 Tm 1:12,13, grifos do autor).

Que tal essa autobiografia de Saulo em duas frases?

Esse é o mesmo homem que escreveria sobre a graça e a misericórdia de Deus. Esse é aquele que viveria para ver o dia em que as palavras penetrantes de Pedro tomariam conta de sua própria garganta, tornando-se a força motriz de seu compromisso com Cristo. “Ninguém pode lutar contra Deus”, pregaria ele aos seus adversários. Mas antes de a graça de Cristo pegá-lo de jeito, ele se opunha violentamente a tudo e a todos que se relacionassem ao Caminho. Não esqueça de uma coisa: ele fez isso em nome de Deus. Essa é a razão de não haver nada

mais assustador, mais perverso, do que um terrorista religioso. Justifica todas as suas ações em nome de Deus.

Saulo não era exceção. O homem “irrepreensível segundo a lei” conforme seu próprio testemunho acreditava cegamente que suas obras sangrentas honravam a Deus ao erradicar da Terra aquela seita. De acordo com as Escrituras, Saulo então “assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere” (At 8:3). Essa não era uma cena para os de estômago fraco. É difícil imaginar ódio tão profundo.

É aqui que devemos deixar Saulo, por enquanto. Mas não antes de fazer mais algumas observações sobre esse período chocante da história da humanidade.

GRAÇA NÃO INSIGNIFICANTE

Na vida de todos os grandes personagens, freqüentemente há surpresas estarrecedoras. Quem poderia imaginar que o escritor do Novo Testamento, que provavelmente causou o maior impacto no seu crescimento cristão, viesse de um mundo de tamanha cegueira espiritual e brutalidade física? Mas veio mesmo. Foi por isso que reivindicou o título de “maior dos pecadores”. Embora você possa ser tentado a suavizar a questão, é melhor deixá-la como está. Saulo não estava tentando parecer modesto. Em sua mente, ele era o maior dos pecadores. E pode muito bem ter sido.

Ao analisar essas primeiras cenas que emergem de nossos primeiros vislumbres de Saulo de Tarso, três observações parecem dignas de menção.

Primeira, não importa como os outros o consideram hoje, pois todo indivíduo tem um lado obscuro. Você ficaria espantado se conhecesse a escuridão que espreita o passado das pessoas que tiveram influência em sua vida. Parece mentira, não é? Todos somos pecadores por nascimento, por natureza e por escolha. Permanecemos total e completamente depravados no íntimo. Tateamos no escuro por causa da nossa cegueira espiritual.

Não importa a nossa aparência, todos temos um passado nada agradável nem animador. Era a vida que vivíamos antes de nos entregarmos ao Salvador. Não somos tão vulneráveis e abertos quanto Paulo em compartilhar com outros o que a nossa vida era antes de abraçarmos a cruz. Nem precisamos ser.

Aprecio num hino que cantamos, “Preciosa a Graça de Jesus”, a palavra “perdido”. “Preciosa a graça de Jesus que um dia me salvou. Perdido andei...” Essa palavra não deve ser substituída. Nossa existência antes de Cristo estava entre os perdidos. Nunca devemos esquecer como era a vida fora dos limites da

graça. Saulo esteve lá... e nós também.

Segundo, sem levar em conta o que você fez, a esperança abrange a todos. Essa é a grande esperança da mensagem cristã. Nenhum pecado no seu passado, por pior que seja, pode sobrepujar a graça de Deus. Se você duvidar disso, lembre-se do insolente fariseu de Tarso. Quando o Senhor o salvou, Ele não o pôs à prova. Os outros discípulos fizeram isso. Não, Deus deu a Saulo um novo nome e, no processo, fez dele uma nova criatura. É isso que torna a graça tão maravilhosa.

Terceiro, embora o seu passado esteja manchado, qualquer um pode encontrar um novo começo com Deus. Aqui está algo que tenho declarado no decorrer de todo o meu ministério: nunca é tarde demais para começar a fazer o que é certo. Quando Saulo se ajoelhou diante do Deus vivo, finalmente encarou a realidade do seu pecado. Bem no fundo do coração humano, Cristo transformou a sua vida, e ele começou a fazer o que era certo. A graça produz esse tipo de novo começo.

Não fique parado onde estava. Não perca tempo se concentrando *no que você costumava ser.* Lembre-se, a esperança que temos em Cristo significa que há um amanhã mais luminoso. Os pecados são perdoados. A vergonha desaparece. Não estamos mais acorrentados à cova profunda e escura do passado. A graça nos concede asas a fim de que voemos para bem longe dela.

ALGUNS PENSAMENTOS FINAIS

Será que você está preso a algum fato do passado? É possível que isso tenha embaraçado seus passos de tal forma que lhe deu uma rasteira, deixando-o caído no chão de tanto embaraço, vergonha e medo. Você ficou até mutilado. O melhor que pode fazer agora é sair mancando por aí, um dia após o outro, esperando por um fim não muito doloroso. Esse modo de pensar é do inimigo, Satanás. Ele gosta de esfregar seu rosto na lama, esperando que perca as maravilhosas dádivas da graça.

Não aceite esse poder sobre a sua vida hoje. Ao seu redor, há pessoas tão merecedoras da graça quanto você, e o Senhor os tirou misericordiosamente da cova do pecado. Se ele pôde transformar um Saulo de Tarso, envolvido em um terrível assassinato, num Paulo, o apóstolo, que pregou e viveu a mensagem da graça, ele pode mudar a sua vida tanbém.

Leia novamente as palavras da canção escrita por John Newton, “Preciosa a Graça”. Leia devagar e em voz alta. Depois creia!

Preciosa a graça de Jesus, Que um dia me salvou,

Perdido andei, sem ver a luz, Mas Cristo me encontrou.
A graça, então, meu coração Do medo libertou.
Oh, quão preciosa salvação A graça me outorgou!
Promessas deu-me o Salvador, E nele eu posso crer.
E meu refúgio e protetor Em iodo o meu viver.
Perigos mil atravessei E a graça me valeu.
Eu são e salvo agora irei Ao santo lar do céu.[3]

Está tudo aí, não é? Nossa condição de perdidos. Nossa libertação do medo. Nossa súplica pedindo graça... para nos levar de volta ao lar. Leia de novo a letra Você conhece esse hino? Vá em frente e cante para si mesmo! Se prestar atenção, ouvirá Paulo cantando em coro com você.

Capítulo Dois

A Conquista Violenta de uma Vontade Rebelde

As conversões notórias sempre chamam a atenção pública. Veja o jovem Martinho, por exemplo. Enquanto estudava teologia, teve uma profunda luta com o pensamento ameaçador de que todas as suas nobres buscas intelectuais não passavam de exercícios acadêmicos praticamente inúteis. Embora fosse contrário a muitos dos ensinamentos da religião católica romana, havia alcançado uma posição respeitada como estudioso de teologia, professor e porta-voz da igreja. Apesar de tudo isso e de suas tentativas piedosas de praticar a pureza, ele não conhecia a paz.

As noites eram uma verdadeira tortura. Revirava na cama estreita e dura, em seu minúsculo quarto, noite após noite, clamando: “ Oh, meu pecado, meu pecado, meu pecado!”. O Senhor levou graciosamente Martinho a estudar uma passagem das Escrituras, no livro de Romanos. Sob a trêmula luz de sua lamparina, leu as palavras: “O justo viverá pela fé”. Leu-as muitas vezes, em voz alta... com verdadeira paixão.

Elas saltaram da página como setas incandescentes que penetraram fundo em seu coração derretendo camadas endurecidas de culpa e medo. Martinho Lutero renasceu. O resultado, como costumamos dizer, é história.

Lutero, juntamente com vários colegas notáveis, liderou o movimento que veio a ser conhecido como a grande Reforma Protestante — uma grande maré de liberdade religiosa que alcançou o mundo inteiro. O curioso é que, até isso acontecer, o brilhante teólogo vivera a miserável situação de ser um reverenciado especialista nas Escrituras, todavia inimigo do Deus que lhe falava por meio delas.

A história de Jim é bem diferente. Ele trabalhava secretamente em duas facções opostas. Membro da rede do crime organizado nos anos 1940, Jim Vaus - assim como seu chefe Mickey Cohen - foi contratado pelo Departamento de Polícia de Los Angeles para ajudar a investigar os membros da crescente rede criminosa que abria caminho através dos Estados Unidos. Depois de viver anos sob a tensão constante de uma vida dupla, Vaus precisou encarar de frente a sua própria miséria e vazio. Por razões que talvez nunca venhamos a saber, ele decidiu assistir a uma campanha de Billy Graham realizada pelo então jovem evangelista e sua equipe na esquina das ruas Washington e Hill na cidade de Los Angeles. Em meio a uma multidão de mais de seis mil pessoas, Jim Vaus ouviu uma mensagem de graça e perdão que nunca compreendera antes. Segundo um artigo publicado no *The Los Angeles Times,* o conhecido criminoso pôs-se de pé

e “caminhou à frente pela rua empoeirada”. Literalmente à sombra do jovem Graham, Vaus ajoelhou-se, aos prantos e com o rosto em terra, antes de entregar sua vida a Cristo. Como Lutero, ele nasceu gloriosamente de novo.

Depois vem o Chuck. Conhecido por muitos no mundo político dos fins dos anos 1960 e início dos 1970 como o testa-de-ferro de Nixon, Chuck Colson realizava, por baixo dos panos, o trabalho sujo para seu amigo e chefe, Richard Nixon. Alguém deixou escapar certa ocasião: “Chuck é o tipo de sujeito que atropelaria a própria avó se isso fosse necessário para o seu trabalho.” Depois de uma ascensão incrivelmente rápida ao poder político e ainda cambaleando sob a dor de um casamento falido, Colson chegou a um ponto crítico em sua vida no qual também só sentia infelicidade e vazio. Enquanto a confusão do caso Watergate se intensificava, Colson mergulhou fundo no desespero. E começou a buscar a paz para o seu coração.

Um artigo da revista *Christianity Today,* destacando o famoso político, resumiu as lembranças do próprio Colson sobre a sua conversão, por ele descrita em seu livro *Born Again.* Uma citação bastante extensa desse artigo é necessária para que a sua história dramática seja devidamente apresentada.

Ao final de 1972, até o indómito Chuck Colson começou a curvar-se. Estava cansado. Nixon o chamava constantemente, a qualquer hora, pedindo que fosse ao Salão Oval para falar disso ou examinar aquilo. Quando Nixon foi reeleito em novembro desse ano, Colson demitiu-se como Conselheiro Especial do Presidente, ansioso por retirar-se para a vida privada. Mas a teia de Watergate apenas o apertou com mais força. Em *Born Again,* ele recapitula a história de sua dramática conversão. Estivera visitando a casa de um amigo e colega, Tom Phillips, que havia se convertido numa campanha de Billy Graham. Phillips confrontara Colson com o evangelho e lera para ele um trecho do livro de C. S. Lewis, *Mere Christianity,* que o impressionara: “O homem orgulhoso está sempre desprezando as coisas e as pessoas; e, como é natural, enquanto estiver olhando para baixo, não poderá ver algo que está acima de você”. Naquela noite de verão, em agosto de 1973, Tom Phillips perguntou a Chuck Colson se não gostaria de orar com ele. Colson, sofrendo por dentro mas calmo por fora, concordou embaraçado. (“Claro... acho que sim... está bem.”) Ele sentiu o movimento interior do Espírito, mas não pronunciou as palavras de entrega. Mais tarde naquela noite, “lá fora, no escuro [sentado no carro], o domínio que tivera sobre as minhas emoções começou a desfazer-se. Lágrimas subiram aos meus olhos... e, de repente, soube que tinha de voltar para dentro da casa e orar com Tom”. Só que Tom já havia ido deitar. Colson estacionou o carro num ponto da estrada e esperou que seu amigo não o ouvisse soluçar.

Phillips fez Colson entrar em contato com Doug Coe, organizador do Café

da Manhã Nacional de Oração e funcionário da rede de comunicações do Beltway. Coe tentou convencer os crentes da esfera política de Colson da autenticidade da sua conversão, mas sem sucesso. Como último recurso, Coe entrou em contato com Harold Hughes, o conhecido senador democrático e cristão declarado. Coe repetiu no Jantar dos Membros Fundadores: “Telefonei para o senador Harold Hughes e disse: ‘Senador, tenho um amigo que está tremendamente necessitado de um bom amigo. Estava pensando se poderia encontrar-se com ele e talvez ajudá-lo em sua caminhada com o Senhor!’”. Quando Hughes soube que esse amigo era Colson, ele proferiu uma série de imprecações e desligou.

Uma hora depois, o telefone tocou. Era o senador do outro lado da linha: “Sinto muito. Sei que não é isso que Jesus gostaria que eu fizesse. Se me perdoar, vou encontrá-lo. Mas tem de ser depois das onze da noite e fora da cidade, longe do limite urbano.” Naquele estágio de sua vida cristã, Colson nunca tinha orado em voz alta e ainda não dominava bem a arte do testemunho cristão. Hughes mostrava-se compreensivelmente cético. Pediu a Colson que lhe contasse sobre a sua fé recém-encontrada. Em gestos tímidos, o antigo homem forte de Nixon fez sua confissão. Depois de 20 minutos, disse Coe, Hughes levantou-se, andou até Colson e o abraçou. “Somos irmãos para toda a vida”, disse ele.[1]

Outra gloriosa conversão de um pecador notório.

Isso acontece todo o tempo. Com ateus dogmáticos e agnósticos determinados; com jovens médicos promissores e cientistas brilhantes; com treinadores famosos e atletas talentosos; com músicos conhecidos e artistas renomados; com ex-criminosos e pastores em atividade. Um a um, esses indivíduos singulares chegam ao fim de suas forças e, quando ouvem as verdades do evangelho, crêem. Suas vidas, em questão de segundos, são transformadas.

E interessante notar que o público reage com surpresa ou ceticismo quando indivíduos de renome se convertem a Cristo. Jim Vaus entregou-se realmente a Jesus naquele dia em Los Angeles? A vida de Martinho Lutero de fato foi transformada? E a de Colson? Ora essa... Afinal, ninguém com um passado tão obscuro, profundamente envolvido em negociatas políticas, poderia mudar tanto e tão rapidamente.

Sabe qual é o nosso problema? Confundimos conversão com maturidade. Gostaríamos que esses novos convertidos endireitassem imediatamente a sua vida antes de lhes concedermos nosso selo genuíno de aprovação *cristã*. Que tristeza. Em algum ponto, esquecemos os detalhes de nosso próprio passado miserável e da graça de Deus que opera em nós.

O falecido Alan Redpath, pastor durante muitos anos e professor de Bíblia na histórica Igreja Moody, em Chicago, disse muito bem: “A conversão de uma alma é o milagre de um momento, a fabricação de um santo é tarefa de uma vida inteira”.[2] Nunca devemos esquecer essa declaração. Ninguém, por mais brilhante, sincero ou submisso que seja, aproxima-se de Cristo e entra num mundo de maturidade espiritual instantânea. Tornar-se maduro é um processo que dura a vida inteira. O momento da salvação é apenas o início. A conversão a Cristo é o primeiro compasso do *magnum opus* que Deus compõe de nossa vida.

Por falar em conversões notáveis, não houve, entretanto, nenhuma mais notória do que a de Saulo de Tarso. Poucas conversões na história do cristianismo podem ser comparadas à que aconteceu na estrada de Damasco. Isso é verdade porque poucos oponentes do cristianismo alcançaram tal grau de desprezível notoriedade quanto Saulo.

DE REBELDIA VIOLENTA A VONTADE CATIVA

Descrições do passado violento de Paulo nos deixam meio desconcertados. Afinal, ele continua sendo o único homem que, além de Cristo, alimenta nossas almas com a verdade transformadora como nenhum outro conselheiro espiritual na história. Não gostamos de destacar sua condição de perdido. Preferimos muito mais estudar e admirar descrições dele como o apósrolo da graça. Não podemos, no entanto, ignorar o registro bíblico.

As Escrituras atestam a profundidade do passado pecaminoso de Paulo antes da sua conversão. De fato, em muitas passagens que contam a história de Paulo, ele abre seu coração. Ouça novamente o testemunho de nosso herói, enquanto confessa sua vida como principal dos pecadores.

Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres.

Atos 22:4

De que são testemunhas o sumo sacerdote e todos os anciãos. Destes, recebi cartas para os irmãos; e ia para Damasco, no propósito de trazer manietados para Jerusalém os que também lá estivessem, para serem punidos.

Atos 22:5

Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno; e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam.

Atos 26:9,10

Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava.

E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais.

Gálatas 1:13,14

Já dá para você imaginar o quadro. As histórias de Martinho Lutero, Jim Vaus e Chuck Colson empalidecem quando comparadas com o passado agressivo e notável de Saulo.

Agostinho chamou a conversão de Paulo de “o cativar violento de uma vontade rebelde”. Ele a comparou com a transformação da natureza de um lobo selvagem em espírito de cordeiro. Só Deus poderia fazer isso numa alma depravada como a de Paulo. Como aconteceu? Nas palavras do próprio Paulo, “Obtive misericórdia” (1 Tm 1:13). Certo dia, a Misericórdia encontrou o rebelde Saulo enquanto se dirigia, apressado, em direção a Damasco.

A CONVERSÃO NA ESTRADA DE UM HOMEM IRADO

O nono capítulo de Atos começa abruptamente. As emoções de Saulo estão à flor da pele. Ele se encaminha para uma missão sanguinolenta em Damasco. Avançou para o Norte, ao sair de Jerusalém, com a mesma fúria de Alexandre, o Grande, ao varrer a Pérsia, e a resolução determinada de William Tecumseh Sherman em sua marcha destruidora através da Geórgia. Saulo estava a ponto de perder o controle. Sua raiva se intensificara, cegando-o quase que inteiramente. Essa fúria sanguinária e o ódio mortal que nutria pelos seguidores de Cristo o levaram a uma determinação ainda maior em chegar ao seu destino distante: Damasco. Se você fosse um seguidor de Jesus e vivesse naquela época, em algum lugar perto de Jerusalém, ficaria gelado ao ouvir Saulo bater à sua porta.

A graça de Deus, mais tarde, acabou segurando, conquistando e cativando aquela vontade rebelde. Enquanto isso, a graça permanecia uma desconhecida. A cena começa quando “Saulo, respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e lhe pediu cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém” (At 9:1,2).

Por que Damasco? Saulo havia decidido ir aos lugares mais distantes em sua missão de prender seguidores do Caminho. Mas viajar 160 km em direção ao norte de Jerusalém era um empreendimento e tanto! Para Saulo, isso seria compensado pela quantidade de mortes.

Segundo Josefo, a certa altura da história, dez mil judeus foram massacrados em Damasco uma forte evidência de que em alguma ocasião vivia na cidade grande número de judeus. Saulo também tinha acesso aos dados do censo. Ele sabia que muitos judeus renegados haviam fugido de Israel para buscar refúgio na longínqua Damasco. Preparou, então, uma estratégia agressiva para atacar a cidade, capturar os infiéis e arrastá-los para o tribunal. Mas, felizmente, Deus tinha outros planos.

Lemos o seguinte: “Seguindo ele estrada fora, ao aproximar-se de Damasco, subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: ‘Saulo, Saulo, por que me persegues?”’ (At 9:3,4). Dá quase para ouvir o rangido dos freios. Naquele exato momento, a viagem criminosa de Paulo sofreu uma interrupção divina.

Subitamente. O Senhor não é mesmo assim? Nenhum aviso prévio. Nenhuma frase celestial escrita nos céus com a advertência: “Cuidado com o dia de amanhã, Saulo, Deus vai pegar você”. Deus permaneceu silencioso e reservado, enquanto Saulo prosseguia com seu plano assassino de invadir Damasco. Ele certamente discutiu os detalhes com seus companheiros. Deus não o interrompeu até que... na hora em que o impacto seria maior, Deus interferiu. Sem qualquer aviso, o curso da vida de Saulo mudou dramaticamente.

Isso continua acontecendo ainda hoje. Sem qualquer aviso, a vida dá voltas súbitas. De repente, Deus entra em cena e chama a sua atenção. Talvez seja um acidente trágico de carro que causa a morte de seu cônjuge. Ou quem sabe a perda de um filho. Na hora da maior tristeza, sua vida e a de sua família ficam marcadas para sempre. Certas vezes, as voltas inesperadas da vida surgem com a queda horrível de um avião causando uma catástrofe que destrói metade de um bairro. Ou com as palavras hesitantes de sua médica quando ela confirma: “Sim, o resultado da biópsia mostra problemas. Parece que é maligno.” Como uma grande onda, a adversidade arrebenta nas praias tranqüilas da nossa vida e nos derruba. De forma surpreendente, o choque desperta nossos sentidos e lembramos, na mesma hora, que Deus está no controle.

Durante mais de três décadas, Saulo controlou sua própria vida. O desempenho dele no judaísmo não tinha concorrentes à altura. Quando se achava a caminho de engrandecer ainda mais o seu nome, o raio laser da presença de Deus repentinamente o atingiu, cegando-o. Como aconteceu com aquele grupo de pastores que vigiavam fielmente suas ovelhas anos antes, em outra noite importante fora da cidade de Jerusalém, Saulo e seus companheiros caíram no chão, aturdidos.

E isso que continua acontecendo hoje, quando a calamidade nos atinge. Você recebe as notícias à noite, por telefone, e não consegue mover-se. Enquanto

a polícia descreve a colisão frontal, você fica congelado e incrédulo. Ao ouvir a palavra “câncer”, o choque é tão grande que mal pode sair do consultório médico. Um amigo admitiu, certa vez, que depois de ouvir seu temível diagnóstico, foi tropeçando para o banheiro dos homens, vomitou, caiu de joelhos e soluçou incontrolavelmente. Os golpes inesperados da vida nos dão tanto medo que fica difícil continuar.

Pela primeira vez em sua vida orgulhosa, auto-suficiente, Saulo viu-se na dependência completa de outros. Ele não só se encontrava caído no chão, como também cego. Seus outros sentidos, porém, estavam alertas e, para sua surpresa, ouviu uma voz do céu dizer: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 9:4). Saulo se convencera de que perseguia gente... seguidores da seita do falso Messias. Em vez disso, descobriu que o verdadeiro objeto de sua vil brutalidade era o próprio Cristo.

Warren Wiersbc oferece uma excelente resposta imaginária que Saulo poderia ter dado a alguma alma corajosa que ousasse perguntar a razão de ter feito o que fez: Jesus de Nazaré está morto. Você espera que eu creia que um joão-ninguém crucificado seja o Messias que esperamos? Segundo a nossa lei, quem quer que seja pendurado numa cruz é maldito. Deus faria de um falso profeta amaldiçoado o Messias? Não! Seus seguidores pregam que Jesus está vivo e operando milagres por meio deles. Mas seu poder vem de Satanás e não de Deus. Essa seita é perigosa e pretendo eliminá-la antes que destrua nossa fé histórica judaica.[3]

Toda essa insolência desapareceu no momento em que ouviu: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”

Acho interessante o fato de o Senhor saber o nome dele. E não só isso, Ele conhecia cada fio de cabelo de sua cabeça, cada pensamento perverso que evocara em sua mente, cada motivo maligno que o levava para Damasco. O Senhor sabia de tudo, do começo ao fim; não se engane quanto a isso.

Vivemos numa cultura que geralmente confunde humanidade e divindade. As linhas divisórias ficam indistintas. É o tipo de teologia aguada que sugere que Deus fica sentado lá no céu pensando: O que será que eles vão fazer agora? Que absurdo! Deus é onisciente. Isso implica muito claramente que Deus nunca precisa descobrir nada, apesar de nossas decisões pecaminosas e obras malignas. Nada o surpreende. Desde o momento em que somos concebidos até o instante em que morremos, permanecemos em segurança debaixo do seu olhar vigilante, e também dentro de seu plano soberano.

Tudo isso nos leva de volta à cena dramática na estrada de Damasco: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Saulo, que nunca estivera sob luz tão intensa nem ouvira voz tão magnífica, respondeu, humilde e respeitosamente:

“Quem és tu, Senhor?” Alguns acreditam que isso marcou o momento da sua conversão. Ele usou, porém, a palavra grega *kurios,* que significava “senhor” ou “mestre”. Era um título de respeito. Saulo não estava só cego, mas também confuso. Ele nunca ouvira antes tal voz cheia de autoridade.

A resposta o atingiu como um tiro de revólver: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues”. Devem ter se passado vários segundos de silêncio profundo, enquanto Saulo digeria essas palavras. No instante em que as ouviu, ele deixou de acreditar que Jesus estava morto. Sua vontade rebelde fora conquistada. Sua viagem mudou de direção. Suas idéias passaram por tamanha revolução que acabaram transformando o homem de dentro para fora.

Essa é a essência do verdadeiro arrependimento - a transformação das idéias ou da mente. O termo grego é metanoia, do verbo metanoeo, que significa literalmente “mudar de idéia”. Foi exatamente isso o que aconteceu ao antes orgulhoso fariseu na estrada de Damasco. Muitas coisas na mente de Paulo mudaram completamente. Ele mudou de idéia sobre Deus, sobre Jesus, sobre a ressurreição, sobre os seguidores de Cristo. Deve ter ficado sacudindo a cabeça dias a fio. Julgava que Cristo havia morrido. Tinha certeza, agora, de que Ele estava vivo. Aquele que conhecia o seu nome também sabia o que ele estivera fazendo. O rebelde enfurecido encontrara finalmente um oponente à altura, e não havia lugar nem jeito algum de se esconder.

Quando eu era criança, lembro-me de que tinha medo do escuro. A hora de dormir especialmente me amedrontava. Eu agarrava as cobertas e as puxava para cobrir a cabeça, a fim de me esconder do “bicho-papão”, com receio de que aparecesse e começasse a me procurar. Com medo! Bem no fundo, eu sabia que não era possível esconder-me daquela temida presença. Se estivesse no quarto, com certeza me acharia!

Deus não é, de forma alguma, um “bicho-papão”, mas o mesmo se aplica a ele. Não podemos nos esconder nem escapar da sua presença. O Salmo 139:12 diz: “As trevas e a luz são a mesma coisa [para ti]”. Não podemos nos esconder do Deus onisciente, onipotente e onipresente. Saulo aprendeu essa grande lição teológica na estrada de Damasco. Sua vida transformou-se para sempre quando Jesus interrompeu seus planos. Marque bem - naquele momento sem igual, Saulo nasceu de novo.

Quero fazer agora uma pausa para esclarecer algo importante. Alguns cristãos tentam impor seu rígido sistema de “pode e não pode” à conversão. Quero prevenir contra esse tipo de atitude. É impossível encontrar nas Escrituras uma única passagem que revele algo que o pecador possa realizar para achegar-se a Cristo. Embora a mensagem do evangelho seja a mesma, os métodos diferem. Estamos tão condicionados pelo denominacionalismo, tradiciona-lismo

religioso e preconceitos mesquinhos que esquecemos a graça de Deus. Nossa tendência é cobrar das pessoas mais do que o próprio Deus exige! Tenha cuidado ao impor condições a alguém sinceramente convertido ao Salvador.

Pessoas perdidas são salvas ao ouvir um hino empolgante sobre Cristo, ou um pregador ou professor bíblico explicando a Palavra de Deus do púlpito, pela televisão ou no rádio. Outros são salvos durante um estudo bíblico em grupos pequenos. Muitos se achegam a Ele por conta própria, enquanto oram na privacidade de seus lares. O pecador pode achegar-se ao Senhor Jesus pela fé, de dia ou de noite, e ser salvo. Vamos deixar de complicar as coisas. Como aconteceu com Saulo, a graça é abundante.

Sem levar em conta que, quando Saulo se converteu, ele compreendeu que o Jesus vivo, que ele odiara e negara a vida inteira, era agora seu Salvador e Senhor. Foi no diálogo que se seguiu que ele descobriu que o Senhor tinha estado perto dele o tempo todo.

RECALCITRANDO CONTRA OS AGUILHÕES DE DEUS

Atos 26 oferece uma reflexão curiosa sobre o encontro às cegas de Saulo com Cristo. Enquanto se encontrava diante de Agripa, Paulo lembrou-se das palavras de Jesus: “Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura cousa é recalcitrares contra os aguilhões” (At 26:14). Essa figura de linguagem me fascina. Vou explicar seu significado.

“Recalcitrar contra os aguilhões” era aparentemente uma expressão comum tanto na literatura grega como na latina - uma imagem rural oriunda da prática de os fazendeiros incitarem os bois no campo com uma vara. Embora pouco familiar para nós, todos daquela época compreendiam.

Os aguilhões, ou varas compridas, eram geralmente feitos de peças finas de madeira, rombudas numa extremidade e aguçadas na outra. Os lavradores costumavam usar a ponta aguda para instigar um boi teimoso a andar. O animal ocasionalmente escoiceava o aguilhão. Quanto mais escoiceava, tanto mais ele entrava na carne da sua perna, causando mais dor.

A conversão de Saulo poderia parecer, à primeira vista, um encontro súbito com Cristo, mas, diante da expressão do Senhor relativa à obstinada resistência dele, creio que Jesus estivera trabalhando em Saulo durante anos, incitando-o com o seu aguilhão. Permita que eu sugira vários “aguilhões” que o Senhor usou para levar Paulo ao arrependimento.

O Aguilhão da Vida e das Palavras de Jesus Creio que as palavras e as

obras de Jesus perseguiram o zeloso fariseu. E bem provável que Saulo tivesse ouvido Jesus ensinar e pregar em lugares públicos. Praticamente da mesma idade, teriam sido contemporâneos numa cidade que Saulo conhecia bem e que Jesus visitava freqüentemente.

Imagine Saulo (o nome Paulo significa “pequeno”, sugerindo que fosse menor do que o homem comum) ficando na ponta dos pés, esforçando-se para ver Jesus, enquanto pensava com relutância como aquele falso profeta poderia estar ganhando popularidade. Absurdo... tem de ser de Satanás! Os fariseus gostavam de pensar assim. Não obstante, o ministério de Jesus ficou gravado na mente de Saulo. Quanto mais o aguilhoava, tanto mais ele resistia aos incentivos de Deus.

Uma vez que você tenha encontrado realmente a Jesus, não há como fugir dele. Suas palavras e obras ficam entranhadas em sua consciência. Essa é a razão pela qual encorajo regularmente as pessoas que estão intensificando seus esforços para resistir às reivindicações do evangelho a estudarem a vida de Cristo e a examinarem cuidadosamente suas palavras cativantes. A maioria dos que sinceramente o buscam, não podem deixá-lo sem, no mínimo, reavaliar a sua vida.

O Aguilhão da Morte Serena de Estêvão Saulo provavelmente nunca se recuperou completamente da imagem mental da morte de Estêvão. Ele pode até ter guardado um dos mantos que segurou, agora manchado com o sangue do mártir. Não era o fato de Estêvão ter morrido que perturbava Saulo. Como morreu *é* que o confundia. Ele não gritara. Não suplicara desprezivelmente por misericórdia. Não amaldiçoara. Não abandonara a sua fé ao enfrentar a ameaça de execução. Pelo contrário, sua face brilhava como “o rosto de um anjo”. E ele orou! Compadecido de seus executores, pediu: “Senhor, não lhes imputes este pecado. Eles não sabem o que fazem”.

Fico pensando se, em algum momento de descuido, quando Saulo andava sozinho, ou talvez naquela longa e penosa viagem para Damasco, ele reviveu mentalmente como a morte de Estêvão fora tranqüila. Se isso aconteceu, deve ter sido como um aguilhão para ele.

O Aguilhão da Fé Corajosa dos Cristãos Saulo não poderia certamente ter deixado de notar a coragem de seus prisioneiros. Os crentes que ele prendera ilegal e cruelmente, raramente resistiam à tortura. Embora alguns recuassem em sua fé, a maioria se mantinha firme em sua fidelidade ao Mestre. Essa coragem indómita em face da morte certa deve ter aguilhoado Saulo. Ele simplesmente não conseguia tirar tudo isso da cabeça.

NO FINAL DEUS VENCE

Deus aguilhoou e instigou o orgulho obstinado daquele boi fariseu. Dia após dia, ele escoiceava contra os aguilhões, até que finalmente entendeu a mensagem. Não haveria mais correrias. Nem fugas. O combate terminara. Como sempre, Deus venceu.

C. S. Lewis comparou a obra de conquista da vontade rebelde de Saulo por parte de Deus a um jogador de xadrez divino, sistemática e pacientemente manobrando seu adversário até encurralá-lo num canto, onde ele finalmente admite a derrota. “Xeque-mate!”

Nós, como Saulo, não somos competidores à altura de Deus. O xeque-mate é inevitável. Não se trata de um jogo também. Deus fará o que for necessário para nos levar a um ponto de absoluta dependência dele. Ele irá incansável, paciente e fielmente usar o aguilhão até que, enfim, de boa vontade nos submetamos a ele.

Você não é provavelmente um criminoso notório. Sei disso. Mais importante, Deus sabe disso. A sua vida pode ser moralmente limpa. Vamos dizer até que você se qualifica como a pessoa mais agradável em seu quarteirão. Não sonega impostos, nem mente deliberadamente para seu cônjuge. Pode nunca ter cometido um ato que chamaríamos de escandaloso, nem magoado gravemente alguém a quem ama. Sua vida impressiona outros, mas está a anos-luz de ser justo diante de Deus. Até que tenha entregue sua vida só a Cristo, só pela fé, está tão perdido quanto Saulo na estrada de Damasco.

Se nunca tomou essa decisão, como este momento será precioso se deixar este livro de lado agora, inclinar o coração diante do Cristo vivo neste instante de ternura e recebê-lo como seu Salvador.

Você pode ser cristão há algum tempo, mas está apegado às rédeas de sua vontade rebelde. Saiba que... Deus irá também aguilhoá-lo. Mais cedo ou mais tarde, ele chamará sua atenção. Não importa o que for necessário fazer. Ele o levará a um lugar em sua vida em que compreenderá que não há sentido em continuar escoiceando os aguilhões.

Não espere por uma tempestade, quando poderá ser tarde demais. Resolva isso hoje, de joelhos. Entregue o completo controle a ele. Interrompa a sua viagem na estrada de Damasco hoje. Renda-se como Saulo. E, como Saulo, jamais se arrependerá.

Capítulo Três

A Fé Memorável de um Herói Esquecido

Vamos fazer de conta que estamos em 1940. Você se mudou para a periferia de Viena, Áustria. Os nazistas ocuparam a amada cidade que você antes chamava de lar. O país inteiro acha-se agora sob a ocupação nazista. Você é judeu. A maioria de seus parentes desapareceu — presos secretamente, levados em meio à escuridão da noite por soldados armados. Você tomou a difícil decisão de reunir sua família e fugir de sua casa confortável, perto da cidade em que nasceu, e de refugiar-se num chalé remoto, bem longe, nas montanhas.

Na noite anterior à fuga planejada, você é acordado por uma estranha presença em seu quarto. Esfregando os olhos, senta-se apreensivamente na cama e tenta concentrar seus pensamentos. Estarei sonhando? O medo toma conta de você. Nesse momento, do meio da escuridão faz-se ouvir uma voz irreconhecível dizendo: “Levante-se, vá para uma rua chamada Wickenburg, a oeste do campus da Universidade de Viena. Ali há uma casa de propriedade de Franz Kaiser. Quando entrar, encontrará um homem de Braunau, da Alta Áustria. Seu nome é Adolf Hitler. Apareci a ele e está agora orando.

Está cego e eu me revelei a ele. Vá e toque nele. Recuperará então a vista e salvará o seu povo.”

Você está atônito, tentando desesperadamente entender o que acabou de ouvir. Mal pode acreditar na ordem que recebeu. Viena está lotada de nazistas de rosto carrancudo, portando armas carregadas. Suas ordens são para procurar e prender judeus. Talvez seja uma armadilha ou uma piada sem graça. Não. A voz era real. A ordem, clara.

A pergunta é esta: você iria? Acreditaria que aquilo que ouviu é verdade? Pode se imaginar saindo do esconderijo e arriscando a vida para encontrar o caminho por uma rua escura de Viena e bater à porta de uma casa que nunca tinha visto antes? Não responda ainda.

ANANIAS: UM HOMEM REAL COM UMA MISSÃO SURPREENDENTE

Agora chega de faz-de-conta. Em vez disso, volte comigo através do tempo até um lugar real, num ponto real da história. Damasco. Pouco tempo depois da morte de Estevão, durante um período de intensa perseguição aos cristãos. Situada a mais de 160 km a nordeste de Jerusalém, a cidade conhecida por seus jardins perfumados e prados frutíferos foi o alvo visado por Saulo e seu bando de

extremistas fanáticos. O Senhor falou ali a um discípulo do Caminho e ordenou que fosse a uma casa que nunca visitara, de propriedade de um homem chamado Judas, que não conhecia. Nessa casa, o Senhor disse que encontraria Saulo de Tarso, o temido inimigo dos cristãos. Quando o mensageiro o tocasse e falasse com ele, o cego fariseu se recuperaria da sua condição e iria tornar-se um vaso escolhido de Deus. O que você acha dessa comissão surpreendente?

Essa foi exatamente a ordem recebida por Ananias da parte do Senhor numa visão. Era uma daquelas designações que só acontecem uma vez na vida. Veja como se desenrolou a cena: Ora, havia em Damasco um discípulo chamado Ananias. Disse-lhe o Senhor numa visão: Ananias! Ao que respondeu: Eis-me aqui, Senhor! Então, o Senhor lhe ordenou: Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita, e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso; pois ele está orando e viu entrar um homem, chamado Ananias, e impor-lhe as mãos, para que recuperasse a vista.

Atos 9:10 -12

As notícias sobre Paulo já tinham chegado ao conhecimento de Ananias. Como um touro raivoso solto nas ruas, Saulo vinha perseguindo cruelmente os cristãos, com a determinação de um Hitler. A segurança que a cidade de Damasco antes oferecida a Ananias e a outros seguidores do Caminho havia há muito desaparecido no calor intenso da perseguição. Aquele cristão indefeso enfrentava agora outra mudança preocupante em sua vida, como resultado da visão que recebera do Senhor.

Sem uma certa dose de imaginação, algumas histórias da Bíblia podem tornar-se anti-sépticas, demasiado remotas. Vamos permitir, então, que a cena original se desenrole com a ajuda de alguma criatividade santa. Imagine-se sentado no confortável santuário em que você e sua família prestam culto regularmente. Subitamente, o rangido de uma porta aberta com violência interrompe a quietude da reunião. Homens armados com metralhadoras automáticas entram no recinto. O chefe mal-encarado berra: “Todo mundo de pé... agora! Formem uma fila na parece do fundo do prédio. Família por família, andem depressa para o estacionamento a fim de serem interrogados. Depois disso, serão levados em carros que estão à espera para o centro da cidade, onde serão forçados a negar sua crença em Jesus ou a morrer pela sua fé.” Tente imaginar. A maioria dos cristãos que vivem no mundo ocidental não espera que isso venha jamais a ocorrer. Não enquanto viverem. Isso acontecia regularmente em Jerusalém, assim como em diversos povoados fora dos seus limites. Saulo era quem comandava os ataques, vociferando ordens e fazendo ameaças ofensivas.

Temos de resistir à tentação de ler uma passagem como essa com um bocejo

e de considerá-la simplesmente como uma história fantástica. Pelo contrário, nada sobre essa cena é comum.

A Ordem Embora a tradição identifique Ananias como um dos bispos de Damasco, pouco se sabe desse homem. Ele aparece na narrativa sobre Saulo no livro de Atos como que surgindo do nada. Além do seu nome, tudo que a Bíblia nos diz é que era um discípulo morador de Damasco. Não se trata de uma grande figura religiosa. Nenhuma reputação estabelecida o precede nesse momento da história. Nada. O que tirou esse indivíduo da obscuridade e o introduziu no registro imortal das sagradas Escrituras foi uma visão. Não uma visão comum, mas uma visão poderosa, em forma de uma ordem divina.

Disse-lhe o Senhor numa visão: Ananias! Ao que respondeu: Eis-me aqui, Senhor! Então, o Senhor lhe ordenou: Dispõe-te, e vai à rua que se chama Direita, e, na casa de Judas, procura por Saulo, apelidado de Tarso; pois ele está orando e viu entrar um homem, chamado Ananias, e impor-lhe as mãos, para que recuperasse a vista.

Atos 9:10-12

Hihihiiiiiiiiiiiiiiiiiiü (Esse barulho é dos freios que Ananias ouviu em sua mente.) SAULO! Essa ordem deve ter soado mais ou menos como H1TLER para um judeu morando na periferia da cidade de Viena controlada pelos nazistas. “Está brincando, não é?” Mas, percebendo a autenticidade da voz e sentindo o poder da presença do Senhor, Ananias compreendeu que a estranha ordem não era brincadeira. Ele não podia escapar da Fonte da mensagem.

Não creio que Deus fale com seus filhos mediante visões hoje em dia. Ele poderia fazer isso, mas não acredito que o faça. Todavia, nos dias antes das Escrituras serem completadas, Ele certamente o fazia. O escritor do livro aos Hebreus registrou: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo” (Hb 1:1,2). Uma das muitas maneiras em que Deus se revelou no Antigo Testamento foi mediante visões. Ele mais tarde apareceu a indivíduos em visões durante a era do Novo Testamento, mesmo depois da encarnação. Foi o que aconteceu no caso de Ananias. Todavia, apesar disso, o discípulo ficou tão confuso que tentou dissuadir o Senhor.

O Argumento Para ganhar tempo e organizar os pensamentos em sua mente, Ananias respeitosamente expôs sua opinião: “Senhor, de muitos tenho ouvido a respeito desse homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém” (At 9:13). (Como se o Senhor precisasse ser informado da reputação de Saulo!) Devemos entender a relutância de Ananias. Ele era um discípulo sincero de Cristo, nascido de novo e seguidor dedicado, um crente de boa-fé.

Paulo matara cristãos. Percebeu o dilema? Ananias ouvira a voz de Deus. O plano era complicado. Deus lhe dissera que Saulo estava cego e orando em algum ponto da cidade. “Nesse caso, o jeito é mantê-lo cego”, talvez tenha sido o primeiro pensamento de Ananias. Nessa altura dos acontecimentos, compreenda, Ananias não tinha qualquer garantia de que Saulo estava transformado (v. 12). O plano de Deus, da perspectiva de Ananias, era cheio de incertezas e enormes riscos.

Leia como Eugene Peterson parafraseou a cena em *The Message:* Ananias protestou: “Senhor, isso não pode ser verdade. Todos estão falando contra esse homem, a respeito das coisas terríveis que tem feito, de seu reinado de terror contra o seu povo em Jerusalém! Ele agora veio aqui com documentos do sumo-sacerdote dando-lhe permissão para fazer a mesma coisa conosco.” Mas o Mestre respondeu: “Não discuta. Vá!”

A Ordem Gosto da resposta de Deus: “Vá!” Ele não gagueja quando se trata de revelar a sua vontade, pois sabe exatamente o que é necessário. Sabia que para ganhar Paulo era necessária a obediência de Ananias. Sabia igualmente que isso exigia fé, confiança absoluta nele. Levar Ananias do ponto A ao ponto B era o desafio. O céu não conhece relutâncias. A recusa em obedecer à vontade de Deus é uma reação puramente humana.

Sentindo a necessidade de Ananias em receber outras informações, Deus tirou da gaveta mais alguns detalhes sobre o seu plano. Ao falar de Saulo, disse: “Este (Saulo) é para mim um instrumento escolhido, para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel” (9:15). Note a palavra “escolhido”. Jesus escolheu Saulo muito antes de Saulo escolher Jesus. “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros” (Jo 15:16). Ananias precisava saber que Deus escolhera Saulo como seu “instrumento”. A nós parece um mistério, mas no plano soberano de Deus a presença de Ananias era vital na equação divina. Em outras palavras, Ele escolheu usar Ananias no estágio inicial da transformação de um touro furioso em um cordeiro balindo mansamente chamado Paulo.

DE TOURO FURIOSO EM CORDEIRO BALINDO MANSAMENTE

Se você ainda não fez isso, coloque-se por alguns momentos no lugar de Ananias. Compreenda como deve ter sido difícil enxergar que o plano de Deus tinha chance de dar certo. Como Deus poderia pegar um homem conhecido por seu tratamento cruel, impiedoso e sanguinário para com cristãos inocentes e

transformá-lo em um embaixador de Cristo? Ananias pode não ter ouvido direito, na Palavra de Deus, a resposta que o Senhor lhe deu: “Mas o Senhor lhe disse: Vai, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome” (At 9:15,16).

A resposta de Deus à pergunta de Ananias foi clara: “Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome”.

Sofrimento. Esse tem sido o meio escolhido por Deus, através dos séculos, para domesticar os touros raivosos. O cadinho do sofrimento e das dificuldades é a sala de aula de Deus onde os cristãos aprendem humildade, compaixão, caráter, paciência e graça. Isso, que também se aplica a você e a mim,... seria, em breve, o que aconteceria com Paulo.

Anos mais tarde, com cicatrizes para prová-lo e debaixo do acúmulo de pesadas responsabilidades ministeriais, ele deu testemunho de que o sofrimento tinha sido seu companheiro. Se alguém tiver dúvidas de que Deus usa a aflição para humilhar os orgulhosos, uma nova leitura destas palavras é suficiente para dissipá-las: São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas.

2 Corindos 11:23-28

Se as faculdades e seminários bíblicos usassem esses versículos em seus programas para recrutar candidatos ao ministério, as matrículas em breve diminuiriam!

Tive o privilégio de ser nomeado o quarto presidente do Seminário Teológico de Dallas, onde servi de 1994 a 2001. Embora tivesse enfrentado muitos dos mais difíceis desafios de minha carreira enquanto ocupava essa posição, os anos que passei no seminário foram alguns dos mais compensadores de minha vida, em grande parte por causa dos estudantes.

Homens e mulheres procuravam o campus dessa grande escola procedentes de todos os cantos do globo — a maioria entrando em treinamento e convencida do chamado de Deus em suas vidas. Eu os observei mudar. Vi como seminaristas

asiáticos e africanos brilhantes suportaram a experiência frequentemente humilhante de cumprir observâncias acadêmicas rigorosas, enquanto lutavam para pensar, falar e escrever em inglês. Isso os transformou. Testemunhei outros -muitos engenheiros inteligentes, músicos hábeis e atletas universitários talentosos — obrigados a ajoelhar-se em vista das exigências exaustivas e implacáveis que enfrentavam, enquanto aprendiam a dominar o hebraico e o grego. Isso também ajudou na sua transformação.

O currículo incluía adversidade física e sofrimento emocional em relação a outros. Um jovem em particular, iniciando o curso de mestrado e eufórico com o nascimento de seu primeiro filho, ficou atônito e incrédulo ao ouvir o diagnóstico de sua esposa: leucemia. Dois anos mais tarde, depois de um transplante de medula que falhou, depois de meses de dolorosas aplicações de radioterapia e de quimioterapia de custo elevado, devastando o corpo já debilitado dessa esposa jovem e bela, ela partiu. Nunca mais estaria ao lado dele. Uma criança pequena e um marido de coração partido ficaram para recolher os pedaços de sua vida em frangalhos. Esse jovem talvez tenha entrado no seminário como um touro raivoso — cheio de sonhos, de ambição e de confiança em suas habilidades —, mas saiu como um manso cordeiro, mais convencido do que nunca da sua necessidade de graça. O sofrimento o transformou. Ele me transformou. Transforma todos.

Não compreendo todas as razões pelas quais sofremos pelo seu Nome. Estou, porém, convencido de que isso é parte do plano soberano de Deus ao preparar-nos para ser seus instrumentos de graça em um mundo violento e desesperado. Esse foi claramente o plano divino para Saulo. Em seu corpo ficaram as marcas permanentes dos sofrimentos — prisão, espancamentos, apedrejamentos, naufrágio, quase afogamento, emboscadas, roubos, insônia, fome, solidão, doença, desidratação, extrema hipotermia... e, além de tudo isso, as responsabilidades estressantes e inevitáveis da liderança da igreja. Cada provação penosa e terrível o fazia ajoelhar-se, transformando-o em um homem de fé mais profunda, humildemente comprometido em seguir a orientação de seu Salvador.

Ananias precisava conhecer essa parte do plano de Deus. Ela não só dava autenticidade à mensagem, como também o fortalecia para dar um passo memorável de fé heróica.

RETRATO DE UM HERÓI ESQUECIDO

Lucas não usou muitas palavras para descrever o que aconteceu em seguida.

Ele escreveu: “Então, Ananias foi” (v. 17). A relutância de Ananias dissolveu-se em algum ponto entre a confusão cheia de temor e a determinação silenciosa. Ele saiu de casa para a noite fria e andou até a Rua Direita, uma das poucas avenidas retas entre os corredores tortuosos de Damasco. Bateu de leve à porta da casa. “Talvez não haja ninguém em casa.” Bateu de novo, mais forte. Judas abriu a larga porta de madeira, deu uma olhada no estranho e acenou afirmativamente com a cabeça. Ananias entrou na casa quando Judas sussurrou: “Estávamos à sua espera.” Ananias engoliu em seco. Piscou várias vezes até que seus olhos se ajustassem ao ambiente mal iluminado. Seguiu as sombras trêmulas produzidas pela luz fraca das lamparinas no corredor, encurvando-se para passar sob um arco baixo. Olhando para o canto mais distante do aposento, fixou os olhos numa figura frágil, de joelhos, orando. Aquele foi o seu primeiro e último vislumbre de Saulo de Tarso. Encaminhou-se para ele com passos vacilantes. Ao colocar as mãos que tremiam sobre ele, disse: “I-I-I-Irmão S-S-S-Saulo!” (esse texto é de acordo com a “Versão Parafraseada e Revisada de Charles Swindoll”...).

Não é interessante a maneira como ele começou? “Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo” (v. 17).

Que momento de fé corajosa para Ananias. Ele não só tocou o notório assassino de cristãos, mas também o aceitou imediatamente, chamando-o de irmão. E isso o que chamo de crer no plano de Deus! Esse foi o toque de graça inicial de Saulo por parte de um companheiro na fé. John Stott, em seu livro *The Spirit, the Church and the World,* resume a terna cena: Ananias dirigiu-se então à Rua Direita, que até hoje é a principal via leste-oeste de Damasco, e à casa de Judas, de fato ao quarto onde Saulo se encontrava. Ali chegando, colocou as mãos sobre ele, talvez para se identificar com ele enquanto orava para a cura da sua cegueira e para que a plenitude do Espírito o capacitasse ao ministério. Suspeito ainda mais que essa imposição de mãos foi um gesto de amor por um cego, que não podia ver o sorriso no semblante de Ananias, mas podia sentir a pressão de suas mãos. Ao mesmo tempo, Ananias dirigiu-se a ele como “Irmão Saulo” ou “Saulo, irmão”. Nunca deixo de comover-me com essas palavras. Elas podem muito bem ter sido as primeiras que Saulo ouviu de lábios cristãos após a sua conversão, e foram palavras de acolhida fraternal.[1]

Ananias tem sido chamado de um dos heróis esquecidos da fé. Isso é verdade. Há um número incontável deles servindo Cristo nos bastidores por todo o mundo. A maioria nunca conheceremos, nunca saberemos seus nomes. Eles se contentam em permanecer nas sombras, ignorando a sedução das luzes e dos aplausos. Não obstante, são heróis — gigantes da fé por causa dos seus atos de obediência a Deus desprendidos, silenciosos. Prosseguindo fielmente.

Administrando fielmente. Pregando sermões fielmente. Mostrando fielmente misericórdia pelos doentes nos hospitais. Aconselhando e dando fielmente esperança aos desanimados.

Poucos na família de Deus gozam de fama e renome, de posição e influência. A maioria, porém, são os Ananias do mundo — portadores de recados, se achar melhor, fazendo exatamente o que Deus lhes pediu e precisamente no lugar em que ele os chamou para estar. Eles mantêm o Corpo funcionando em boa saúde. Ninguém jamais saberá, senão na eternidade, como é enorme o seu investimento na causa de Cristo.

Quando finalmente entendeu a questão, Ananias deve ter ficado entusiasmado para entregar a mensagem que Deus colocara aos seus cuidados: "Saulo, irmão, o Senhor me enviou, a saber, o próprio Jesus que te apareceu no caminho por onde vinhas, para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo".

Que momento... o único instrumento de cura e de encorajamento para o apóstolo da graça ao mundo. Tudo porque Ananias ignorou os seus temores e avançou pela fé, em plena obediência à ordem surpreendente de Deus.

Agora, com a sua imaginação ainda engrenada, deixe sua mente retratar o que aconteceu em seguida: "Imediatamente, lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e tornou a ver. A seguir, levantou-se e foi batizado" (v. 18). A mudança foi instantânea. Ele recuperou a vista. Quando Deus realiza um milagre, dois efeitos inegáveis acontecem. É *imediato.* E é *permanente.*

Uma vez que Saulo recuperou a visão, foi provavelmente Ananias quem o batizou. Essa não seria uma cena esplêndida para assistir? De pé, mergulhado até a cintura num rio próximo, cie poderia ter dito: "Eu o batizo agora, meu irmão, em o nome do Pai, do Pilho e do Espírito Santo. Você foi sepultado com Cristo no batismo, levante-se para andar em novidade de vida." Que momento inesquecível quando os dois homens se abraçaram, chorando com grande alegria.

A cura e o batismo de Saulo foram apenas o início do plano de Deus. Lucas escreve: "Então, permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos. E logo pregava, nas sinagogas, a Jesus, afirmando que este é o Filho de Deus" (At 9:19,20). Como um cavalo de corrida, Saulo abriu a porta e proclamou ousadamente Cristo como Senhor nas sinagogas. A reação foi eletrizante: "Ora, todos os que o ouviam estavam atônitos e diziam: Não é este o que exterminava em Jerusalém os que invocavam o nome de Jesus e para aqui veio precisamente com o fim de os levar amarrados aos principais sacerdotes? (At 9:21).

A transformação foi assombrosa. Saulo, sem dúvida ainda com as roupas manchadas do sangue dos cristãos que havia torturado, estava ali agora, com os braços estendidos, anunciando: "Estou aqui para testemunhar que Jesus é o

Messias, o Filho de Deus.” E quem o ouvia ficava assombrado. O texto grego emprega o termo do qual deriva a palavra “êxtase”. Eles reagiram com nada menos que assombro extático à mudança rápida na vida daquele homem.

Imagine-se sentado numa sinagoga. À sua frente, pregando Jesus como o Messias, está justamente o homem responsável pela condenação de cristãos inocentes à morte. Outros ele levara presos, talvez, alguns deles seus parentes e amigos. O recinto estava cheio de indivíduos boquiabertos e de olhos arregalados. A declaração seguinte mostra que ele não parou aí. “Saulo, porém, mais e mais se fortalecia e confundiu os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo” (At 9:22).

As coisas estão melhorando. Não só Saulo pregou sobre Cristo, como fez isso com notável habilidade. A palavra traduzida por “demonstrando” vem de um verbo grego que significa “tecer juntos vários fios diferentes”. Os sermões de Saulo eram habilmente tecidos, apresentados sem emendas e com lógica cativante, características de um expositor talentoso.

Palavra por palavra, sentença por sentença, ponto por ponto, Saulo fazia seus ouvintes caminharem pelas poderosas passagens das Escrituras do Antigo Testamento, inclusive pelos escritos dos profetas, apresentando um caso hermético para que cressem em Cristo como o seu Messias prometido. Até que Saulo apresentasse essa argumentação, a maioria nunca fizera tal ligação. Que comunicador convincente!

Antes de continuar, vamos fazer uma pausa e recordar que nenhum desses eventos notáveis poderia ter sido testemunhado, nem sequer registrado, se não fosse pela fé corajosa de Ananias. Você talvez nunca tenha pensado nisso até agora. Saulo teria permanecido cego e tremendo, se o discípulo de Damasco se recusasse a obedecer e ir diretamente para a Rua Direita. Tudo isso aconteceu porque Deus usou a fé memorável de um herói pouco conhecido, mas fiel. A sua obediência mudou o destino de milhões de pessoas.

ALGUNS ELEMENTOS SURPREENDENTES DA VONTADE DE DEUS

Vou amarrar todas essas observações destacando alguns dos inevitáveis elementos da orientação de Deus. Mencionarei apenas quatro: *As surpresas sempre fazem parte da orientação de Deus.* No caso de Saulo, a surpresa veio na forma de uma luz do céu, marcando uma transformação de vida. Para Ananias, foi uma ordem aparentemente irracional e ilógica do Senhor, dada numa visão.

Há uma declaração em Hebreus, capítulo onze, que raramente deixa de me

causar admiração: “Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que iria receber por herança; e partiu *sem saber aonde ia”* (v. 8, grifo do autor). Tudo o que Abraão sabia era que Deus queria que se mudasse dali. Ele não tinha nenhuma pista sobre o destino final. Nada sobre o clima ou o índice de crimes na região. Nenhuma informação sobre a vizinhança em que iria viver nem sobre os problemas que teria de enfrentar. Nada. Ele só sabia que Deus lhe dissera para partir. Os detalhes viriam depois. Sem mais delongas, lá foi ele, como Ananias.

Se você está esperando que Deus preencha todos os espaços em branco para formar o quadro inteiro, nunca vai dar o primeiro passo de obediência para cumprir a vontade dele. Você deve ficar preparado para confiar no seu plano, sabendo que vai ser cheio de surpresas. As surpresas fazem sempre parte da liderança de Deus.

As surpresas sempre intensificam nossa necessidade de fé. Quando você enfrentar o elemento surpresa da vontade de Deus, deve engatar a marcha pela fé e partir a toda velocidade. Caso contrário, dará meia-volta e correrá para a direção oposta. Algumas vezes, o plano de Deus pode amedrontá-lo. Ou ficará intimidado por suas exigências. Outras vezes, ficará decepcionado. Por exemplo, quando Deus lhe diz para esperar, ou para ficar parado, vai querer discutir. Talvez decida brigar. Quem sabe tente negociar, ou ficará zangado. Mas quando engrena a marcha pela fé, nenhum desses impulsos irá controlá-lo. A fé o leva a dizer: “Posso fazer isso. Confio em ti, Senhor. Não compreendo tudo, mas confio completamente em ti. Vamos em frente.”

Quero fazer uma observação que você talvez precise considerar. É bem possível que Deus tenha uma tarefa importante para você no futuro próximo. Depois de mais de 60 anos nesta Terra e tendo passado 40 deles estudando e aprendendo mais sobre os caminhos de Deus, posso dizer-lhe que a sua vontade para as nossas vidas é cheia de surpresas. Ele tem mais mudanças em mente para nós do que poderíamos possivelmente esperar. E nem todas elas são geográficas.

Muitas são ajustes de atitude. Algumas significam tirar-nos de nosso conforto para tocar as vidas de pessoas desconhecidas. Pode ser uma viagem por todo o país, ou mesmo transcultural, que exija um nível de fé que não praticamos no passado. Cuidado, não julgue que está bem estabelecido onde se encontra agora — física, emocional, espiritual ou geograficamente. Se o Senhor quiser que mude, sugiro enfaticamente que colabore, os riscos não importam. Se ele o dirige a mudar, mude. As surpresas de Deus sempre intensificam nossa necessidade de fé.

Dar um passo de fé sempre traz esclarecimento do plano de Deus. Quando Ananias obedeceu, obteve mais informações. Quando Saulo aceitou o ministério

de Ananias, ficou sabendo mais detalhes sobre o plano de Deus para a sua vida. “Você é um instrumento escolhido para levar o meu nome.” Saulo não sabia disso antes (ele nunca tinha lido o Livro de Atos!). Não fazia a mínima idéia do que lhe estava reservado, até que Ananias deu o primeiro passo de fé. Os dois homens descobriram que o próprio Deus escolhera Saulo como seu instrumento e que um sofrimento intenso marcaria o seu ministério. *E* assim que Deus opera.

Quando Cynthia e eu sentimos Deus nos guiando para sair da Califórnia e relocar nosso ministério, mal podíamos acreditar. Havíamos planejado permanecer no mesmo local, pelo resto de nossas vidas, servindo Cristo na Primeira Igreja Evangélica Livre em Fullerton e continuando a dirigir o ministério da organização Insight for Living. O espaço e o tempo aqui não permitem que descreva as coisas que Deus nos tem mostrado desde que tomamos a decisão de mudar. No começo, bem poucas pessoas entendiam o plano de Deus para nós.

Foi uma surpresa para todos. De fato, alguns até o rejeitaram firmemente. Mas agora, enquanto Deus continua a dar os últimos toques em seu magnífico quadro, o que vemos é absolutamente belo. Até que déssemos aquele passo inicial de obediência, tudo que tínhamos era: “Está na hora de partir.” Ainda é espantoso para mim, mesmo enquanto escrevo estas linhas! As surpresas sempre trazem esclarecimento do plano de Deus.

A obediência sempre estimula o crescimento. A propósito, os Swindoll cresceram em seu relacionamento com o Senhor quando confiaram nele sem primeiro conhecer todos os detalhes. Obedecer a Deus aprofunda as raízes da fé, e essa obediência estimula o crescimento em c^da área da vida. Somos esticados emocional mente, muitas vezes até fisicamente, mas, o que é mais importante, também espiritualmente.

O fato de Ananias concordar com o plano surpreendente de Deus permitiu que testemunhasse a manifestação de seu poder sobrenatural. Ninguém mais nas Escrituras viu as escamas caírem milagrosamente dos olhos do contrito fariseu. Só Ananias. Como resultado, seus olhos também se abriram para o poder estupendo de Deus em transformar uma vida. A obediência sempre estimula o crescimento.

VAMOS ENCARAR A REALIDADE

Começamos imaginando que estávamos na Europa controlada pelos nazistas. Vamos encarar de frente, agora, nossa própria realidade. Não a da Áustria ou a de Damasco, mas nossa vida hoje. Aqui e agora! Isso se refere a

você. Será que alguma coisa aconteceu em sua vida de modo a cegá-lo para o poder de Deus? Talvez o medo do desconhecido ou a incerteza do futuro impeçam você de obedecer à orientação clara de Deus. Não permita que o dia termine sem decidir confiar nele, por mais surpreendente que seja o seu plano.

Só a eternidade revelará o impacto de seu passo memorável de fé. Vamos, dê esse passo. O mundo precisa de mais heróis.

Capítulo Quatro

A Necessidade de Solidão, Silêncio e Obscuridade

'mseu magnífico livro *Celebration of Discipline,* Richard boster escreve palavras penetrantes: “A superficialidade é a maldição de nosso tempo. A doutrina da satisfação instantânea é, antes de tudo, um problema espiritual. A necessidade urgente boje não é de um maior número de pessoas inteligentes, ou dotadas, mas de pessoas profundas”.[1]

A vida profunda é um assunto muito admirado, mas pouco vivenciado. Na verdade, raramente é discutido, embora todos nós consideremos isso uma questão da mais alta importância. Cantamos as suas virtudes, mas não as praticamos. Ansiamos por sua água que mata a sede, mas dificilmente mergulhamos em seu poço. Aprovamos os benefícios que promove, mas nosso estilo de vida frenético reduz a sua importância. A não ser que sejamos compelidos pelo Senhor a aceitar os ingredientes da vida escondida em Deus, seja durante um período prolongado de doença ou devido a um evento cataclísmico, a profundidade de caráter permanece um sonho distante.

A vida marcada pela profundidade só pode ser cultivada em longos períodos de tempo passados em solidão, silêncio e obscuridade -conceitos esses estranhos para os que vivem na velocidade da luz. O simples fato de ter escolhido este livro para ler mostra que você — bem como outros crentes bem-intencionados - deseja aprofundar-se no seu relacionamento com Cristo. Todavia, um grande obstáculo que nos impede de fazer isso é nosso estilo de vida. Estamos simplesmente ocupados demais.

Não estou falando de tirar um período sabático a cada seis ou sete anos. Nem sequer me refiro a afastar-se das atividades normais durante meses seguidos. Isso não só é pouco prático, como também impossível para aqueles que têm de ganhar a vida. O que tenho em mente são períodos curtos de tempo, nos quais deliberadamente fazemos uma pausa e, sozinhos, nos encontramos com o nosso Deus.

Pare e pense um pouco. Quando foi a última vez que você conseguiu um tempo para estar absolutamente a sós com Deus? Fez preparativos para isso. Deixou de lado responsabilidades e disse não a coisas que teriam enchido a sua agenda, roubando qualquer tempo remanescente para ficar em silêncio diante do Senhor. Consegue lembrar? Se for como a maioria, terá dificuldade em determinar a última vez em que fez isso. É bem possível que nem sequer tenha pensado em separar tempo para rearranjar sua vida particular, repensar as suas

prioridades e simplificar a sua vida.

Está na hora de uma confissão sincera. Cynthia e eu avaliamos nossa situação recentemente e descobrimos que fazia anos que não realizávamos isso que estou recomendando a você agora. Nem lembrávamos da última vez que tiramos um fim de semana só para nós, muito menos para um retiro espiritual mais longo (em que eu não fosse o orador...). A maior parte do tempo que nós dois viajamos juntos nestes últimos anos foi para cumprir nossas responsabilidades ministeriais. Portanto, para que não pense que sou algum tipo de santo super-espiritual, deixe-me assegurar-lhe, a mensagem é tanto para mim como para você.

RETIROS BÍBLICOS NUM RELANCE

Uma pesquisa pelas Escrituras revela que aqueles a quem Deus usou grandemente eram quase sempre preparados para essas experiências durante períodos de solidão, silêncio e obscuridade. Vamos apresentar apenas alguns deles.

Moisés. Tendo crescido no ambiente prestigioso da corte suntuosa do Faraó, Moisés preparava-se para abraçar um futuro político notável. Depois de assassinar um cidadão egípcio, todavia, Moisés fugiu para as planícies de Midiã, onde se casou com a filha de um sacerdote local. Ele passou os quarenta anos seguintes cuidando dos rebanhos de ovelhas de seu sogro. Não foi senão aos 80 anos que Deus finalmente tirou da obscuridade o ex-príncipe egípcio que se tornara pastor e colocou-o nos anais da grandeza. Sim, você leu corretamente: ele tinha 80 anos!

Davi. Ungido rei de Israel quando adolescente, não subiu ao trono senão aos 30 anos de idade. Depois da sua heróica vitória sobre Golias, passou os treze anos seguintes como fugitivo, escondendo-se nas cavernas de En-Gedi do rei Saul, que quase enlouquecera de inveja dele. Alguns dos apreciados salmos de Davi nasceram durante essa dura prova na solidão. Na maior parte do tempo ficou na obscuridade, sobrevivendo no deserto da Judéia, um dos mais rudes e inóspitos territórios do mundo.

José. Lançado na prisão por causa das falsas acusações da sedutora mulher de Potifar, cujo assédio agressivo ele rejeitou diversas vezes, o homem deve ter-se sentido injustiçado e abandonado. José passou dois anos nas prisões do Egito imaginando se voltaria a ver novamente a luz do dia. Embora sua condenação fosse injusta, José aprendeu muito na cela da prisão.

Elias. De pé diante do rei Acabe, transmitiu corajosamente o seu oráculo de

juízo. Não cairia chuva nem orvalho sobre o reino enquanto eles não se arrependessem. A fim de proteger o seu fiel profeta de uma vingança certa, o Senhor escondeu Elias junto a um ribeiro chamado Querite. Ele ficou ali, a leste do Rio Jordão, apenas na companhia de corvos, que Deus usou para levar alimento para o profeta exausto. Para desânimo de Elias, o ribeiro de água fresca secou, como acontecera com a sua vitalidade espiritual e emocional. Mas Deus havia preparado aquele retiro junto ao ribeiro como um lugar de renovação para o esgotado profeta.

João Batista. O profeta comedor de gafanhotos no Novo Testamento passou a maior parte da vida adulta pregando às pedras no deserto. Ora, que tipo de missão era aquela? Nenhuma distinção, nenhum lugar de destaque no ministério, nenhuma mensagem convincente que atraísse as massas. Só anos de solidão, silêncio e obscuridade, que terminaram quando ele foi decapitado a pedido de uma mocinha insensata. Todavia, Deus o chamou para o deserto. Ele tinha suas razões, e João submeteu-se ao plano divino.

Estou convencido de que esses períodos prolongados de preparação motivaram a futura eficácia de cada servo escolhido. Eles aprenderam o valor de aprofundar o seu conhecimento, de rejeitar a vida superficial, a fim de poder ministrar mediante o transbordar da vida interior. É exatamente por isso que a superficialidade é a maldição de nossa era. Nossas vidas tão rasas não prometem provocar impacto duradouro.

Por que Davi não subiu ao trono de Israel aos 17 anos? Ele não era mais qualificado do que o teimoso e desajeitado Saul? Na verdade, não. O Senhor sabia que só um homem amadurecido por anos de lições de vida e períodos longos de solidão e obscuridade estaria apto a ser o próximo rei.

Deus poderia ter permitido que Elias enfrentasse Jezabel, mas ele ainda não estava pronto. Mais tarde, Deus usou-o de maneira poderosa, principalmente por causa do tempo passado em Querite. Ele crescera em conhecimento e em sabedoria, tornando-se mais dependente da provisão de Deus.

Nosso problema é a cegueira de nossa perspectiva. Nós nos julgamos cheios de recursos, talentosos, articulados, responsáveis, eficientes. Por que, então, parar? Por que fazer uma pausa? Temos assuntos importantes a cuidar, reuniões às quais comparecer, números a digerir, programas a inaugurar, filhos para criar, e isso continua *ad infinitum.* É notável o que podemos realizar apoiados em nossa engenhosidade humana.

Tudo vai bem... até que o poço seca. Nesse ponto começamos a vacilar. Continuamos vazios até que finalmente nossas vidas se esfacelam interiormente. E aí que começamos a estalar, a roncar, a emperrar e, finalmente, paramos de vez. É então que a verdade surge: os ministérios acabam, os casamentos

desmoronam, os filhos se afastam do Senhor por falta de vigilância, e nosso caráter enfraquece cada vez mais. Essas experiências penosas demonstram que os perigos são reais. Não temos tantos recursos quanto pensávamos. O re-cém-convertido Saulo aprendeu essa lição crucial no silêncio e na obscuridade de seu período sabático no deserto.

O RETIRO DE SAULO NO DESERTO

Roy Jenkins, em seu livro intitulado *Churchill*, uma biografia de Winston Churchill, cita Lady Lytton quando ela descreveu sua experiência ao conhecer o grande líder britânico: “Desde a primeira vez que você encontra Winston, você vê todos os seus defeitos e passa o resto da vida descobrindo as suas virtudes”.[2]

Isso se aplica igualmente a Saulo de Tarso. Nós o encontramos, primeiro, como um touro enraivecido, orgulhoso, travando batalhas e perseguindo os seguidores de Cristo em nome de Deus. Na sua marcha hitleriana para Damasco, Deus interrompeu sua jornada cegando-o. Pela primeira vez em sua vida adulta, ele foi derrubado. Pela primeira vez viu-se dependente. Teve de ser levado a Damasco. Enquanto se achava ali, na casa de Judas, conheceu Ananias, um mensageiro enviado por Deus.

Em menos de uma semana, Deus transformou Saulo de assassino cruel, que odiava cristãos, em pregador fervoroso. Só então começamos a enxergar as virtudes que lhe foram concedidas por Cristo, as quais tornaram esse homem verdadeiramente grandioso. Mas Deus havia apenas começado. Seu processo de preparação de Paulo foi afastá-lo, fazer com que ficasse sozinho para pensar nas implicações da sua fé recém-encontrada, para começar a conhecer seu Salvador mais intimamente, para compreender o que significava ser um mensageiro da graça.

Em Gálatas, no capítulo um, Paulo escreve sobre essa experiência na solidão. Vamos examinar a passagem e usá-la como pano de fundo para a continuação da nossa história.

Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus?

Ou procuro agradar a homens? Se agradasse *ainda* a homens, não seria servo de Cristo. Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo. Porque ouvistes qual foi o meu proceder outrora no judaísmo, como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava. E, na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais.

Quando, porém, ao que me separou antes de eu nascer e me chamou pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, *mas parti para as regiões da Arábia* e voltei, outra vez, para Damasco.

Gálatas 1:10-17, grifos do autor Note a frase: “Se agradasse ainda a homens”, no versículo 10. Saulo de Tarso viveu sempre desejoso de agradar aos homens. Grande parte da sua motivação era o consentimento do Sinédrio. Eles admiravam seus esforços ingentes para erradicar os infiéis da região. Vivia para receber a aprovação das autoridades. Seus sorrisos e gestos de afirmação alimentavam seu orgulho. A experiência na estrada de Damasco deu início a um processo que mudaria tudo isso.

A escada do sucesso religioso estava diante dele! Saiam da frente! Ele está subindo. É um lutador. É positivo. E esforçado. Determinado. Intenso. Fervoroso. Saulo avança em linha reta com seu currículo impressionante nas mãos. Se você fosse um membro do Sinédrio procurando um líder especial para organizar o ataque contra os cristãos, com certeza logo lhe viria à mente o nome de Saulo. Ele é o homem. Ele mesmo confessou: “Era isso que eu fazia, dia após dia, mês após mês. Perseguia esses membros da seita de Jesus para livrar-me deles.”

Durante a furiosa subida de Saulo pela escada religiosa, Deus o deteve, pondo-o de joelhos, fê-lo novo, separou-o e (acima de tudo!) chamou-o para pregar exatamente o evangelho que tentara silenciar. A ênfase de Saulo muda do que *ele* fazia para o que *Deus* realizava.

Quando, porém, ao que *me separou* antes de eu nascer e me *chamou* pela sua graça, aprouve revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, sem detença, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para os que já eram apóstolos antes de mim, mas parti para as regiões da Arábia e voltei, outra vez, para Damasco.

Gálatas 1:15-17

Acho fascinante que Paulo mencione deliberadamente duas coisas que não fez. Primeiro, não consultou imediatamente carne e sangue, isto é, outras pessoas. Não se pôs a procurar em Damasco, buscando outros para dar forma à sua teologia por unanimidade.

Segundo, não correu para Jerusalém a fim de apresentar-se aos apóstolos exatamente os homens que haviam andado e servido ao lado de Jesus. Paulo, não obstante, tinha as suas razões para enfatizar esse ponto, como explica o comentarista Leon Morris: Esta negação enfática de qualquer contato com crentes mais antigos e com seus líderes torna claro que Paulo não obteve seu

conhecimento da mensagem cristã a partir de contatos com cristãos convertidos antes dele. Mais especificamente, ele não aprendeu com, nem foi comissionado pelos que tinham sido apóstolos antes dele. Ninguém poderia afirmar que recebera instruções deles e que havia entendido mal o que os primeiros mestres tentaram transmitir-lhe. Era de crucial importância para Paulo que tivesse sido comissionado diretamente por Jesus.[3]

Se não consultou outros cristãos, nem seus líderes em Jerusalém, de onde obteve todo o seu discernimento sobre a natureza do chamado de Deus, a realidade do evangelho e sua comissão direta de Cristo? Estou convencido de que recebeu tudo isso e muito mais durante aquele período de solidão, silêncio e obscuridade, em que "partiu" para um lugar que chama de Arábia.

A Localização da Arábia Embora seja difícil identificar a exata localização do retiro de Saulo na Arábia, ele provavelmente foi para alguma vasta região desértica. O deserto estende-se desde a extremidade sul do Sinal, perto do Egito, até o norte, nos limites ao sul da Síria. Talvez a região não fosse muito distante de Damasco. Como a extremidade norte da Árabia fica a apenas 160 km de Damasco, Saulo pode ter simplesmente atravessado a fronteira.

Mas não se engane: era um deserto estéril. Era uma região desértica em sua maior parte, exceto por alguns beduínos. Paulo talvez tivesse vivido entre esses habitantes do deserto — cujo estilo de vida pode ter sido um agradável contraste com o ritmo frenético de seu antigo estilo de vida farisaico.

Isso explica apenas *onde fica* a Arábia. Muito mais importante é saber *por que* a Arábia.

O Propósito da Arábia Sempre que a Bíblia silencia sobre um assunto, os eruditos e teólogos gostam de encher os espaços com teorias. Uma vez que Paulo não descreve qualquer detalhe explicando a razão de seu êxodo para a Arábia, surgiram várias sugestões.

Os primeiros pais da igreja acreditavam que Saulo viajou para lá como missionário, levando o evangelho para os nômades selvagens do deserto. Essa é uma idéia interessante. O problema é que, folheando as Escrituras, não encontrei qualquer menção a selvagens.

Um estudioso propõe que Paulo fugiu para a Arábia a fim de proteger-se dos líderes judeus que, tendo ouvido falar de sua fé re-cém-encontrada, queriam aniquilá-la ainda em botão. Esse é também um pensamento atraente, mas que Paulo nunca mencionou.

Outro sugeriu que ele precisava do mesmo período de tempo (três anos) que os discípulos tiveram em viagens e em aprendizado com o Senhor Jesus. Isso é ainda melhor! Faz sentido, não é? Ocorre aqui, entretanto, o mesmo problema. Não encontro nada sobre isso nas Escrituras. A verdade é que não sabemos. A

única coisa que Paulo revela é: “Decorridos três anos, então, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e permaneci com ele quinze dias!” (G1 1:18).

Durante três anos, Saulo viveu em algum lugar do deserto, distanciado do seu antigo modo de viver, em solidão, silêncio e obscuridade.

Se fizer as contas, você vai ver que há mais de mil dias inexplicáveis na vida de Saulo. Mais de mil dias que ele provavelmente passou sozinho. Completamente só. Pensando. Orando. Em luta íntima. Ouvindo o Senhor. Se algum dia foi viciado em popularidade, perdeu o impulso de buscá-la durante aqueles anos no deserto. Se em alguma ocasião se enamorou de sua própria importância espiritual, esse orgulho autopromovido derreteu sob o calor da presença de Deus.

Estou convencido de que foi ali, naquele lugar estéril e obscuro, que Paulo desenvolveu sua teologia. Ele encontrou Deus, íntima e profundamente. Em silêncio e sozinho, penetrou nos mistérios insondáveis da soberania, da eleição, da depravação, da divindade de Cristo, do poder miraculoso da ressurreição, da igreja e das coisas futuras. Aquele foi um curso intensivo de três anos sobre a sã doutrina, do qual surgiria uma vida inteira de pregação, ensino e escritos. Mais que isso, foi ali que Paulo jogou fora seus troféus brilhantes e trocou seu currículo de credenciais religiosas por uma relação vibrante com o Cristo ressurreto. Tudo mudou.

Foi sem dúvida ali que concluiu: “Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo” (Fp 3:7,8).

Ele estivera, por tanto tempo, muito ocupado, ativo, envolvido, progredindo e sendo bastante zeloso. As mesmas palavras descrevem muitos cristãos sentados nos bancos das igrejas hoje. Nosso problema é justamente esse. Não estamos ocupados fazendo tudo errado, nem sequer algumas coisas terríveis. Não somos certamente perseguidores nem destruidores. Mas, se a verdade viesse à tona, andaríamos quilômetros fumegando de raiva por ter sufocado o Espírito doador de vida dentro de nós assim.

Há pouco tempo, o ator Tom Hanks, ganhador do Oscar, estrelou o filme *O Náufrago.* Foi um daqueles filmes com poucas palavras, mas muita emoção. Ele desempenha o papel de um executivo da FedEX, cujo trabalho o levava a todas as partes do mundo. Enquanto voava a bordo de um pesado 747, seu maior medo torna-se realidade. O avião cai no Oceano Pacífico, não muito longe de uma pequenina ilha desabitada. Ele é o único sobrevivente e vai parar numa praia, machucado e trêmulo, mas vivo. Vai viver completamente sozinho nesse pedaço

de terra remoto durante quatro anos. As mudanças que ocorrem dentro dele são lentas, mas extensas. Trava grandes batalhas consigo mesmo, conflitos profundos demais para serem postos em palavras, e finalmente aprende a viver com o mínimo essencial para a existência numa ilha. Nos Estados Unidos, *é* feito um sepultamento em sua honra, e a vida prossegue velozmente sem ele.

Como consegue escapar é fascinante, mas as boas notícias é que é resgatado por um navio, sendo fmalmente devolvido em segurança ao mundo agora estranho à vida como costumava ser. E ele não se ajusta de modo algum. As mudanças ocorridas em seu íntimo são tão radicais que se descobre um homem diferente - muito mais profundo, mais observador, menos exigente — tudo por causa da lição aprendida na solidão, silêncio e obscuridade.

Foi isso que aconteceu com Saulo. Ele mudou. E como mudou!

A VIDA PARTICULAR REEXAMINADA

Vamos reexaminar a necessidade de cultivar a vida particular com Deus — colocando no lugar certo as disciplinas de solidão, silêncio e obscuridade, que se tornaram para Saulo a chave de sua monumental eficácia. Vários eruditos notáveis falam sobre isso: Na Arábia, ele ficou a sós com Deus, pensando em todas as implicações de seu encontro com o Cristo ressurreto na estrada de Damasco.[4]

-Charles Ryrie

A troca de seu mundo judeu e de sua perspectiva de vida por uma teologia cristã deve ter sido obra para mais do que um fim de semana prolongado. Paulo foi para a Arábia a fim de pensar e estudar, não para pregar.[5]

—James Montgomery Boice Ele foi para a Arábia em busca de silêncio e solidão. Parece ter permanecido ali por três anos. Nesse período de afastamento, enquanto meditava sobre as Escrituras do Antigo Testamento, sobre os fatos da vida e da morte de Jesus que já conhecia e sobre a sua experiência de conversão, o evangelho da graça de Deus foi-lhe revelado em sua plenitude. Ele teve Jesus só para si, por assim dizer, durante aqueles três anos de solidão no deserto.[6]

-John R. W. Stott Mês após mês, peregrinou de um lugar para outro, compartilhando as refeições frugais de uma comunidade essênia, ou as de uma família de beduínos, elevando-se algumas vezes em comunhão celestial e outras mergulhando em profunda meditação. Mais intensa de tudo era a obra de Deus em sua alma. Aos poucos, sua total auto-suficiência e impetuosidade foram sendo anuladas. Não mais confiando em si mesmo, ele passou a contentar-se a ser escravo de Jesus Cristo. Todos precisamos ir para a Arábia, a fim de aprender

lições como essas.[7]

— F. B. Meyer

Não vamos tomar literalmente essa última declaração. Deus nem sempre exige isolamento geográfico para ensinar-nos lições na solidão.

Não se sinta, portanto, obrigado a comprar uma passagem para a Arábia ainda. Creio que podemos crescer bastante durante períodos prolongados que deliberadamente separamos para silêncio, sondagem da alma, confissão e meditação. Eu anseio pessoalmente por mais disso em minha própria vida. Tais períodos são essenciais para aumentar a nossa espiritualidade e sobrevivermos emocionalmente.

Durante uma de minhas viagens para Israel, nosso guia de turismo levou-nos da antiga cidade-oásis de Jerico até Jerusalém por uma estrada sinuosa. A estrada é traiçoeira e estreita, e a maioria de nós prendeu a respiração enquanto o motorista habilmente dirigia o grande ônibus com ar-condicionado através de uma série infindável de curvas de arrepiar. Tudo o que havia entre nós e uma queda de 30 m de altura era um acostamento estreito de cascalho. Num certo ponto da estrada, o motorista parou e permitiu que saíssemos do ônibus. O guia dirigiu nossa atenção para um magnífico monastério, praticamente esculpido na rocha, do outro lado do vale agora abaixo de nós. Do ponto em que nos achávamos, o lugar assemelhava-se a uma miniatura, e as pessoas movimentando-se no terreno pareciam ter menos de 2,5 cm de altura. Ouvi várias pessoas do nosso grupo se perguntando como alguém podia manter aquele estilo de vida sem enlouquecer. Ocorreu-me que os monges que viviam naquele local de tirar o fôlego estavam provavelmente olhando através da vastidão rochosa e imaginando a mesma coisa sobre nós!

Saulo esteva ali, não acompanhado de outros numa breve viagem de turismo, mas passando por lugares remotos, obscuros... ao longo de três anos. Tente imaginar! Nesse interlúdio, enquanto seu ministério público estava em compasso de espera, ele obteve os incomensuráveis benefícios do que Raymond Edman chama de “disciplina do adiamento”.

Paulo veio a conhecer a paciência do propósito adiado. Decido à porta de Damasco, penitente na rua chamada Direita, voltando a enxergar ao ser tocado por Ananias e sendo cheio do Espírito, ele era um instrumento escolhido para levar o evangelho a pequenos e grandes [...]. A seguir, veio a disciplina do adiamento no deserto da Arábia, onde aprendeu por revelação de Deus, não por preceitos de ser humano algum, o evangelho glorioso da graça de Deus. Da Arábia ele poderia ir para a Antioquia e seu programa missionário mundial, para Atenas e seu orgulhoso Areópago, para a Acaia e sua perversa Corinto, para a arena de Efeso e, se necessário, para Roma. O atraso que instrui e prepara ganha

tempo, nunca o desperdiça. A partir dele podemos andar em passos seguros e com o coração em chamas.[8]

Nesse período de adiamento, ele aprendeu sobre o verdadeiro Saulo — o Saulo que Deus chamara singularmente e escolhera para um ministério de graça para o mundo. Foi também ali que ele viu seu lado mais escuro — o horror da sua depravação. Mas contra esse pano de fundo sombrio, brilhava a grandeza da misericórdia e amor de Deus. A Arábia tornou-se um templo onde ele adorou o Senhor de um modo que nunca experimentara em sua vida. A solidão ajudou. As escamas da cegueira espiritual caíram de seu coração e ele recebeu um novo vislumbre do maravilhoso mistério do plano de Deus. Enquanto os ventos do deserto uivavam pelos desfiladeiros rochosos, Deus revelou-se ao seu servo. Quando as estrelas iluminaram o céu, como pequeninas cabeças de alfinete prateadas cobrindo o firmamento, Saulo sentiu-se extasiado com a glória de seu Mestre.

Pare agora e reflita um pouco sobre isso. É bem provável que a sua vida tenha se tornado mais complicada do que há dez, ou há cinco anos. Com o passar do tempo, você acumulou cada vez mais coisas, envolveu-se em mais e mais atividades, fez mais dívidas, aceitou um número cada vez maior de responsabilidades. O seu poço agora está seco. Completamente seco. Você não se acha necessariamente infeliz, mas simplesmente vazio! A vida interior escapou de você. Como uma doença ignorada que ameaça a sua vida física, viver no vazio eventualmente exaure a sua vitalidade espiritual. Se esperamos crescer em profundidade, devemos encontrar uma solução para esse ritmo desvairado. A tirania do urgente não pode continuar.

RECEITA PARA CRESCER EM PROFUNDIDADE

Creio que parte da solução é buscar os benefícios da solidão e silêncio encontrados em tempos de obscuridade. Pela primeira vez em sete anos, tirei seis semanas de férias no último verão. Nada de pregar, escrever, aconselhar, fazer palestras... nada de nada. Concentrei-me em reduzir a velocidade e em reabastecer minha alma com as coisas profundas do Senhor. Orei, cantei, estudei, andei, pesquei, fiquei quieto e sentei-me pensando sobre a minha vida e reavaliando-a. Foi magnífico.

Você talvez não tenha todo esse tempo disponível. Talvez só três dias, ou quem sabe duas semanas. Se não tiver cuidado, irá encher rapidamente esses dias com coisas para fazer, lugares para ir e pessoas para ver. Resista a essa tentação de afastar o Senhor. Que oportunidade perfeita para arranjar tempo para ficar

sozinho, só você, a família e o Senhor. Computador desligado. Fax inativo. Telefone celular fora do ar.

Sua caixa de mensagens de voz fica lotada. Sabe de uma coisa? As pessoas sobrevivem. Acredite nisto: elas não precisam de você nem de mim para atravessar o dia. Não precisam de você tanto quanto você precisa da folga. Você talvez diga: “Bem, isso é muito radical...” Radical? Absolutamente não. A mudança radical é necessária se formos nos tornar servos mais preparados, mais eficientes. Vou ser ainda mais específico. Gostaria de sugerir três estratégias que irão ajudá-lo a fazer alguns ajustes radicais, mas essenciais.

Primeiro, em vez de aumentar a velocidade, diminua e repense. Não quero que perca nenhuma dessas palavras. Pensei nelas durante anos. Em vez de aumentar a velocidade, vamos encontrar meios de diminui-la e de novamente refletir. Tomar tempo para descobrir o que realmente importa é essencial se formos anular a maldição da superficialidade que encobre nossas vidas. Muito antes de algo trágico tornar-se realidade, você deve estar lançando raízes profundas no solo daquelas coisas que realmente importam.

Certa vez, Saulo saiu de Damasco e foi para a Arábia, e ele começou a fazer um inventário. Não havia listas de coisas “Para Fazer Antes do Pôr-do-Sol”. Nada de “Seis Passos Rápidos para o Sucesso” nem pergaminhos de auto-ajuda embaixo do braço. Ele estava sozinho. Andou mais devagar. Observou a areia rodopiar sobre as pedras. Pensou profundamente em seu passado. Reviveu o que fizera. Voltou ao episódio na estrada de Damasco. Considerou cada nova madrugada um dom do Senhor, a oportunidade perfeita para retrabalhar suas prioridades e de repensar os seus motivos. Isso leva naturalmente tempo... muito tempo. Mas o tempo passado na solidão nos prepara para os desafios inevitáveis que surgem para nós na época desestru-turada em que vivemos.

Segundo, em vez de falar mais, fique quieto e reflita. Palavras, palavras, palavras, palavras, palavras. Elas estão por toda parte. As palavras gritam para nós do rádio, televisão, secretária eletrônica. Outras nos atacam nos cartazes, anúncios da Internet, revistas, periódicos e jornais. O silêncio é raramente tolerado em nossa cultura. Há até música nos elevadores! Você já cantarolou num elevador? Nem eu! Quem precisa dessa tolice? Mesmo assim, há música nesse cubículo para encher o silêncio.

No momento em que você entra no carro, liga o rádio. Na maioria das vezes, ele já está ligado enquanto põe o motor em funcionamento. Se não é alguém falando, é um anúncio berrado com uma música de propaganda de mau gosto ao fundo. Ou um apresentador de algum *talk-show.* Ou um comentarista de um noticiário. Ou um entusiasta do esporte. Como precisamos de apertar o botão que desliga o som de todo esse ruído! Alguns tomaram decisões realmente

radicais para encontrar solidão e silêncio.

Cynthia e eu temos um amigo que passa algum tempo, geralmente uma semana (algumas vezes mais), todos os anos num monastério. Ele é um excelente amigo cristão que descobriu que o monastério é um dos últimos lugares na Terra onde *se espera* que você faça silêncio. Ele pensa. Ora. Reflete. Come pouco. Anda devagar. Esse advogado ativo de Vancouver admite que sem esses períodos ele perderia toda a perspectiva da vida. Meu amigo confessou: "Quando estou sozinho e a solidão é tão silenciosa que ensurdece, é surpreendente como redescubro quem sou e como coisas que nunca consegui esclarecer antes se tornam repentinamente claras." Foi isso que aconteceu com Saulo na Arábia. Ele se encontrou com Deus, que o ajudou a avaliar a vida.

Alguns de nós falam tanto que nem sequer lembram o que disseram. Formulamos respostas para perguntas que ninguém fez. Desfilamos palavras, poucas dignas da atenção de alguém. Ficamos então falando, falando, falando.

Terceiro, em vez de procurar uma posição de poder, fique quieto e relaxe. Isso é especialmente aplicável à vida das pessoas no serviço vocacional cristão, especialmente pastores. Já tive oportunidade de observar o treinamento de ministros tempo suficiente para saber que pode existir muita inveja entre os indivíduos em nossa linha de trabalho. A insegurança surge conforme o nível de competição. A preocupação com o poder é tão evidente que enoja. Sem dúvida, o mesmo tipo de luta insensata por causa do orgulho e do prestígio existe também em outras profissões.

O que será necessário para desistir desta idéia de que temos de *ser alguém*? Todos querem chegar ao topo. Posso adiantar, porém, que as pessoas mais solitárias, mais insatisfeitas que já conheci são as que estão no topo. Elas chegaram lá, mas a maioria é solitária, vivendo no vazio, desesperadas para encontrar um sentido para a sua existência. Os cristãos, infelizmente, não estão imunes. Percebemos que alguém possui dons e o levamos a agir. Sem pensar em sua falta de profundidade, descobrimos novas maneiras de mantê-lo ocupado. Sua popularidade é maior do que a sua maturidade, o que significa que a integridade foi substituída pela imagem. Sem raízes, inseguros, superficiais e não tendo de prestar contas a ninguém, eles caem. Ficamos surpresos? Richard Foster tratou desse dilema: Hoje, esquecemo-nos da importância dessa obra oculta de Deus. Como resultado, empurramos as pessoas para a frente do trabalho imediatamente, concedendo-lhes incrível poder, e depois ficamos a nos perguntar por que elas se corromperam. A menos que estejamos prontos para ele, o poder nos destruirá. Essa não é uma questão de pequena monta na igreja hoje. Devido à nossa ignorância total da importância da preparação oculta, empurramos números incontáveis de obreiros para a frente do tabalho antes que

estivessem prontos.[9]

Os atletas profissionais são um exemplo clássico. Quase sempre são recrutados logo que saem da escola de ensino médio, muitos dos campos de jogos da faculdade, sem virtualmente qualquer treino anterior na vida. Eles assinam contratos de milhares de dólares por ano. Nunca foram preparados para o que vão enfrentar. Em breve, o mundo assiste chocado a muitos deles voltando-se para as drogas e para a bebida a fim de aliviar a desilusão e o sofrimento. Eles simplesmente não conseguem lidar com o poder nem com o prestígio. Os aplausos os embriagam. Não conhecem o valor de uma vida mais simples e mais profunda. As camadas superficiais de suas almas jovens e frágeis se rompem, e suas vidas tornam-se dilaceradas pela agitação e pela corrida para chegar ao topo.

É quase certo que ninguém ofereceu a você um contrato de um milhão de dólares. Pelo contrário, você pode ser um desses indivíduos buscando desesperadamente um meio de sair da rotina. Meu conselho é que deixe de tentar chegar ao ponto máximo de sua área de atividade. Seja um excelente qualquer. Faça o melhor que pode com o que Deus lhe deu. Se o plano dele incluir levar você para níveis mais altos de sucesso, Ele fará isso, em seu tempo, segundo o seu plano-mestre. A sua parte é sair do trânsito e colocar seus pensamentos nas prioridades do reino - coisas que realmente importam. Entendeu? Ótimo.

Vamos agora trazer isso para mais perto de nós dois.

APROXIMANDO A VERDADE

Grande parte do que você acabou de ler tem sido a minha mensagem para o nosso rebanho na Stonebriar Community Church. Foi isso que me impeliu, como pastor, a prometer à nossa congregação que eu não agiria no vazio — não fingiria. O chamado para a solidão e o silêncio é tanto um chamado para mim como para quem quer que leia este livro. Como todos estamos num mundo decaído, todos temos de enfrentar a necessidade de fazer diferença. Isso começa com *ser* diferente.

Que Deus comece com você e comigo. Que ele cultive em nós um desejo maior de autenticidade, enquanto nos transforma em pessoas profundas, a quem mantém muito mais debaixo do balcão do que à vista do público. Que ele forje em nós o caráter de homens e mulheres como Moisés e José, Davi e Elias, Rute e Ester, João que batizava no rio Jordão, e, é claro, Saulo, que se tornou profundo no deserto da Arábia.

Estou pronto para aprofundar-me. Quer juntar-se a mim?

Senhor Deus, Tu és paciente e gracioso conosco. Tu nos dás corda suficiente até que finalmente cheguemos ao fim das nossas forças e compreendamos que temos de lidar com nosso problema. Obrigado por tua compreensão. Obrigado pela convicção do teu Espírito, que tem um jeito todo especial de chamar finalmente nossa atenção.

Oro por todos aqueles que buscam ansiosamente a notoriedade ou que, de alguma forma, sentem-se indispensáveis. Acaba, Senhor, com essa insensatez em nós! Lembra a todos nós, Pai, que só Um é verdadeiramente indispensável, tu mesmo. Tu que habitas no silêncio absoluto, na beleza e na pureza. Não admira que sejas tão profundo e penetrante.

Dá-nos, Pai, um ódio santo pela atividade sem propósito. Força-nos a reavaliar a razão daquilo que fazemos e de quando fazemos. Que possamos nos tornar teus instrumentos escolhidos, ajustados epreparados para as tarefas que tens para nós. Mantém a carne longe de tudo em que nos envolvemos, Senhor, e dá-nos uma disciplina santa para tratar das coisas que levam à morte da autenticidade. Quer sejamos solteiros quer casados, moços ou velhos, dá-nos uma insatisfação pela energia da carne e mostra-nos o valor da vida secreta contigo, enquanto nos preparas para o que quer que tenhas planejado para o nosso futuro.

Peço em nome de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Capítulo Cinco

Missão a Caminho... Graças aos Menos Famosos

Deus nunca se agrada de um espírito independente. Isso deve parecer chocante para quem vive e trabalha na América do Norte. Afinal de contas, todos os anos celebramos o que chamamos de Dia da Independência, comemorando a ocasião em que nossa nação deixou de ser colônia da Inglaterra. Mas não estou falando de independência nacional; refiro-me ao espírito de independência que domina a nossa cultura. Apesar de todos nós termos aprendido, desde crianças, a valorizá-lo, o espírito independente não agrada a Deus.

Essa verdade é contrária ao modo de ser independente que aprendemos a cultivar. Fui criado para ser auto-suficiente e para ficar firme em pé por esforço próprio, sem me apoiar em ninguém, cuidando de mim mesmo e de minha família, fazendo o que achasse certo, ignorando os outros no processo e nunca dependendo de pessoa alguma. Nunca! Grande parte disso é um mau conselho. Você não vai achar apoio nas Escrituras para esse tipo de atitude. De fato, boa parte disso é um manifesto e uma exaltação escancarada ao humanismo. Levada ao extremo, pode causar um impacto devastador sobre um indivíduo e sobre a sociedade.

UM FIM TRÁGICO PARA UM ESPÍRITO INDEPENDENTE

Não existe, talvez, exemplo mais arrepiante de espírito independente levado ao extremo do que a trágica e criminosa experiência de Timothy McVeigh. Ele passou quase a vida inteira fora dos limites da dependência de outros. Viveu como um pária, um extremista, recusando-se a aceitar qualquer autoridade; menos ainda, o governo dos Estados Unidos, que desprezava. Livre para agir como quisesse, fez o inconcebível. Tirou a vida de 168 norte-americanos inocentes, muitos deles crianças, quando bombardeou o prédio do governo federal na cidade de Oklahoma. Depois de uma longa caçada humana e de meses de burocracia legal, Timothy McVeigh foi condenado à morte por injeção letal devido a esse crime cruel. Durante todo o processo, ele manteve uma atitude sinistra e calma, não demonstrando nunca qualquer sombra de remorso. Desafiador e orgulhoso, aceitou seu destino como um mártir de sua causa insana.

Quando lhe perguntaram como podia enfrentar a morte com atitude tão estóica, disse que não tinha medo. Quando perguntaram a razão disso, respondeu que controlava seu próprio destino. Citou, então, o seguinte poema, escrito há mais de um século, por William Ernest Henley: Invictus

Da noite que me encobre, De um pólo a outro, como um Abismo escuro, Agradeço a algum deus nobre Pela indomável alma que possuo.

Cativo de circunstâncias cruéis Não estremeci nem saí em alta voz gritando.

A casualidade esmagou-me a seus pés.

Permaneci de cabeça erguida, ainda que sangrando.

Para além desse lugar de lágrimas e de pranto, Paira das sombras o Horror.

A ameaça dos anos, no entanto, Me encontra e encontrará sempre sem temor.

Não importa quão estreita seja a porta, Nem os castigos que no Juízo me aguardarão.

Sou o mestre de meu destino: De minha alma sou o capitão.[1]

E de arrepiar, não é? Mas foram consideradas um verdadeiro tesouro por um homem que acreditava que sua alma não podia ser conquistada - que ele era, de fato, dono do seu destino.

Graças a Deus, quase ninguém leva o espírito independente a tais extremos de hostilidade. A maioria de nós não é tão perigosa. Todavia, as influências sutis desse tipo de pensamento contrariam nossa capacidade de depender do Senhor e uns dos outros.

“Vamos fazer isso sozinhos!” Ou, no Texas, dizemos: “Não mexa com o Texas! Somos donos de nós mesmos.” Tenham consciência disso ou não, os que dogmaticamente adotam essa mentalidade são tão dependentes de Deus como aqueles que nunca pronunciam essas palavras.

AS VIRTUDES DE UM ESPÍRITO DEPENDENTE

Quando ficamos firmes e sozinhos como um touro novo numa ne-vasca, parecendo que podemos fazer tudo sem ajuda, esquecemos facilmente que cada batida de nossos corações é um dom de Deus -não somos, na verdade, assim tão independentes.

Não só necessitamos do Senhor, mas também precisamos uns dos outros. Desesperadamente. Essa necessidade dos outros só aumenta quando o barômetro da vida baixa até o último grau da escala — quando os ventos da adversidade sopram fortemente contra a nossa alma.

Não chegaremos lá sozinhos. Fomos criados para a dependência e não para

a independência. Não podemos dirigir nossos próprios passos no caminho certo sem o Senhor e sem os outros.

Ouvi pessoas justificarem sua independência, dizendo: “Ora, você sabe, como diz a Bíblia, Deus ajuda a quem se ajuda.” Essa frase não consta em lugar algum da Bíblia. De fato, a Bíblia ensina o oposto. Deus aguarda até poder ajudar aqueles que chegam, finalmente, ao ponto de suas vidas em que não podem ajudar a si próprios. Ele leva cada um de nós a render-se de bom grado e dizer: “Por favor, segure as rédeas. Dê-me forças. Meu jeito de agir não deu certo. Ensine-me a apoiar-me, a confiar e a esperar. Preciso do Senhor e preciso do seu povo.”

Quando foi a última vez que você disse isso ao Senhor? Você nao é um Timothy McVeigh, mas pode, no fundo, agir e pensar secretamente como se fosse o capitão da sua alma. Você é mais parecido com Saulo do que imagina. Precisa aprender algumas lições de humildade - lições que ele aprendeu dependendo de outros quando as circunstâncias ficaram contra ele.

Antes de prosseguir, quero fazer uma observação. É bem provável que você também cresceu aprendendo a adotar e a cultivar um espírito independente. Com o passar dos anos, você se tornou obstinadamente independente, convencido de que não precisa de ninguém senão de si mesmo para viver até o final da vida. Você pode estar no seu segundo, terceiro ou quarto ano de casamento - ainda tentando provar que pode vencer sozinho. Para falar a verdade, você tem sido um terrível parceiro de casamento. Negligenciou suas responsabilidades como esposa ou como marido, como mãe ou como pai. Abriu caminho pela vida decidido a fazer tudo sozinho. Você é um orgulhoso membro de carteirinha da Sociedade dos Individualistas Teimosos. Se qualquer parte do que foi dito acima aplica-se a você, precisa então continuar lendo. Descobrirá, em breve, que a trilha que está abrindo leva, na verdade, a um beco sem saída.

Há alguns anos, observei com interesse a vida de certo atleta, na época freqüentando ainda o ensino médio. Os pais dele tinham se divorciado, e o rapaz morava com o pai. Ele tinha um plano na cabeça: que o filho se tornasse um jogador de futebol profissional. Mostrava todos os sinais de coordenação e de grandeza atléticas. Na verdade, o primeiro presente que o menino recebeu do pai quando criança foi uma bola de futebol tamanho oficial. Imagine! Quando o jovem campeão saiu da escola de ensino médio, já tinha tido onze treinadores. Onze! Recebeu ofertas de várias bolsas de estudo e escolheu a escola de que mais gostava. Instantaneamente, tornou-se uma estrela. Em poucos anos, entrou nas fileiras da NFL (Liga Nacional de Futebol-americano).

O pai vigiava rigorosamente tudo o que o rapaz comia. O jovem chegou a afirmar, certa ocasião, que nunca comera um biscoito! (Esse menino perdeu

muita coisa boa na vida. Quanto sacrifício!) Ele foi, entretanto, crescendo cada vez mais independente... e arrogante, devo acrescentar.

Não é de surpreender que, em pouco tempo, fracassou como jogador profissional e em menos de cinco anos desapareceu de cena. Poucas pessoas hoje sequer sabem onde se encontra.

A mesma história de sempre. Seja um jovem ator ou atriz, atleta ou artista, como já disse antes, nós os promovemos depressa demais. Nós os colocamos rapidamente num pedestal, de modo que, ao chegarem aos vinte anos, estão processando os pais por todo o dinheiro que ganharam.

O que há de errado com esse quadro? Gostamos de fomentar um espírito independente sem considerar o valor do caráter forjado pelo tempo. Deus nunca promove as pessoas assim. Ele faz as coisas a seu tempo. Quando Deus planeja usar-nos, Ele nos põe à prova, permitindo uma certa dose de sofrimento. Deus pode usar os individualistas fortes, obstinados, independentes deste mundo, mas não a longo prazo. Ele prefere muito mais os humildes, os quebrantados, os feridos e até os esmagados. Ele trabalho muito mais eficazmente na vida das pessoas que aprenderam que não podem andar por si mesmas, especialmente aquelas que reconhecem sua necessidade desesperada de Deus e de outros. Mais do que qualquer um em sua época, Saulo precisava aprender essas lições. Deus assegurou-se, então, de que aprenderia. Vamos voltar à sua história em Atos 9 e observar o desenrolar do drama.

OS MENOS FAMOSOS DE DAMASCO

Quando Saulo deixou a solidão da Arábia, o Senhor já havia começado a trabalhar na sua vontade obstinada revertendo os efeitos de uma vida de pura independência de Deus e do próximo. Ao contrário da sua conversão, Saulo aprendeu a dependência mediante uma série de circunstâncias, nas quais sem a assistência de indivíduos mais obscuros ele não teria sido capaz de continuar.

Então, permaneceu em Damasco alguns dias com os discípulos.

E logo pregava, nas sinagogas, a Jesus, afirmando que este é o Filho de Deus. Ora, todos os que o ouviam estavam atônitos e diziam: Não é este o que exterminava em Jerusalém os que invocavam o nome de Jesus e para aqui veio precisamente com o fim de os levar amarrados aos principais sacerdotes? Saulo, porém, mais e mais se fortalecia e confundia os judeus que moravam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo. Decorridos muitos dias, os judeus deliberaram entre si tirar-lhe a vida; porém o plano deles chegou ao conhecimento de Saulo. Dia e noite guardavam também as portas, para o

matarem. Mas os seus discípulos tomaram-no de noite e, colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha.

Atos 9:19-25

A cena inicia com Saulo pregando nas sinagogas de Damasco. Ele surpreende o povo com um discurso admirável. Você talvez se pergunte onde aprendeu a pregar tão bem. Afinal de contas, ele era uma espécie de seminarista recém-formado. Sabia justamente o bastante para ser perigoso - um recém-convertido saído diretamente da fábrica. Tinha talento e era inteligente, mas lamentavelmente estava despreparado para enfrentar os desafios que o esperavam. O preparo para uma vida assim tão significativa exigiria anos de treinamento em lugares onde o sofrimento e as dificuldades eram comuns. A Bíblia ensina esse princípio fundamental desde o começo até o fim. Repito, porém, ele contraria a natureza da nossa alma norte-americana.

O intelecto de Saulo voltou-se, sem dúvida, para uma nova teologia. Enquanto organizava o que aprendera, estou certo de que esses novos conhecimentos serviram de bálsamo para as pessoas verbalmente torturadas, que sofriam sob os açoites do legalismo. Ele podia ser inteligente e bem dotado, mas nem todos em Damasco apreciaram as palavras de Saulo. Seu ministério começava a decolar a essa altura. Sua crescente popularidade foi considerada uma ameaça pelos líderes judeus. Inventaram, então, um plano para livrar a cidade dessa ameaçadora pregação do evangelho.

É difícil para você e para mim imaginar como é ser perseguido. Mas foi isso que Saulo experimentou em pouco tempo. O poderoso caçador tornou-se a caça. Seus inimigos queriam tanto apanhá-lo que colocaram guardas em cada porta de Damasco. O medo e o ultraje devem ter humilhado o fervoroso pregador. Todavia, tudo isso era parte do plano de Deus para quebrantar um espírito independente.

Tão logo as coisas mudaram para Saulo, apareceram pessoas para resgatá-lo. Elas são chamadas simplesmente de “seus discípulos” (v. 25). Fazem parte das fileiras dos personagens menos famosos da Bíblia. Nesse caso, os desconhecidos. Você não vai encontrar o nome deles em versículo algum das Escrituras. Até mesmo nas cartas que Paulo escreveu mais tarde às igrejas, nas quais menciona esses incidentes, ele nunca identifica seus resgatadores pelo nome. Tudo o que sabemos é que “os seus discípulos tomaram-no de noite e, colocando-o num cesto, desceram-no pela muralha”. Que tal essa operação-resgate especial?

Imagine se o grande Saulo de Tarso, cinco anos antes, se abaixaria e diria: “Claro, entro no cesto.” Essa espécie de submissão ficaria quilômetros abaixo de seu nível. Mas isso foi no passado. Naquele momento, era diferente. A

necessidade forçou o antes independente Saulo a depender de um grupo desconhecido de discípulos fiéis para resgatá-lo da morte certa, por meio de um cesto pendurado numa corda.

Imagine aquele homem notável escondido num cesto de peixes (provavelmente feito de corda), balançando num muro de pedras. Que maneira de começar um ministério público!

Vou fazer agora uma pergunta. O seu cesto já foi baixado ultimamente? Cada um tem um cesto diferente. Você já experimentou um período na sua vida em que dependeu de outros desse modo? Já esteve em tal necessidade que a sua única esperança para continuar foi ser resgatado por alguns amigos interessados, fiéis? Não há nada como um resgate por meio de um cesto para ensinar um pouco de humildade.

R. C. H. Lenski escreveu: "A carreira de Paulo começou, como a de Moisés, com uma fuga e um longo período de espera, nada além de espera. Isso tornou a fuga de Damasco muito significativa. Ela forçou Paulo à longa espera na qual aprendeu perfeitamente que não era nada e que sua maior qualidade era a completa fraqueza, que possibilitou a Deus realizar tudo, com ele e através dele".[2]

Essa história dá bons livros, mas torna a vida *difícil.* Na metade da sua primeira oportunidade de ministério, uma ameaça à sua vida forçou-o a fugir sob a proteção da noite. Ele chegara com tanta pompa e orgulho! Depois ficou cego. Passou fome. Um discípulo desconhecido chamado Ananias foi procurá-lo. Levaram-no a um grupo de discípulos. Fugiu para a Arábia. Voltou a Damasco só para ser salvo da morte pelas mãos de alguns amigos anônimos. Para onde iria agora? A conspiração cresce, enquanto a cortina sobe em Jerusalém.

MAIS ENCORAJAMENTO DE ALGUÉM MENOS FAMOSO

O segundo ato da peça abre com: "Tendo chegado a Jerusalém..." (v. 26). *Jerusalém!* Saulo era dono de Jerusalém. Ele freqüentou a escola graduada nessa grande cidade. Quero dizer, o homem conhecia essa velha cidade como a palma da sua mão, cada passagem estreita entre os edifícios, cada rota de fuga. Ele conhecia praticamente todos que tinham qualquer importância. Que local para recomeçar seu ministério público. "Peguem os microfones! Acendam as luzes! Fariseu que se tornou evangelista agora se apresentando no Auditório Central de Jerusalém. Venham e ouçam este homem pregar!" Esqueça. Não foi assim que

aconteceu.

Em vez disso, lemos: “Procurou juntar-se com os discípulos; todos, porém, o temiam, não acreditando que ele fosse discípulo” (v. 26). Novamente rejeitado, só que desta vez por aqueles a quem mais queria encontrar. O medo se interpunha entre eles e o zeloso e talentoso pregador.

Isso é compreensível; quem não o temeria? Saulo matara seus companheiros cristãos, alguns dos quais poderiam ser até parentes deles. Eles julgavam Saulo um espião — parte de uma trama elaborada para prendê-los e arrastá-los ao tribunal. “Saulo? De modo algum. Não o deixem entrar em nosso time!”

Você já sentiu a picada desse tipo de rejeição? Já teve um comportamento tão negativo que as pessoas não quiseram associar-se a você nem recebê-lo em seu meio? (nem recebê-lo de volta?) Isso acontece todo tempo. As pessoas são rejeitadas por causa do seu passado. O fardo que arrastam atrás de si quando entram na vida cristã impede que recebam aceitação instantânea. A rejeição é às vezes insuportável. Você poderia dizer: “Isso aconteceu comigo, e estou tentando esquecer essas lembranças. Muito obrigado.” Não, não esqueça estes momentos. Essas lembranças penosas fazem parte do plano gra-cioso de Deus para quebrar seu espírito rebelde de independência. Elas se tornaram um segmento essencial da sua história, seu testemunho da graça de Deus.

Felizmente, em meio a esses problemas, Deus providencia com fidelidade indivíduos menos famosos, que se aproximam de você, dizendo: “Ei, sou do seu time. Permita que o apóie nessa dificuldade.” Foi exatamente isso que aconteceu com Saulo em Jerusalém. Alguém surgiu voluntariamente. Não precisava fazer isso, mas esse era o seu desejo. Seu nome... Barnabé.

Mas Barnabé, tomando-o consigo, levou-o aos apóstolos; e contou-lhes como ele vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus. Estava com eles em Jerusalém, entrando e saindo, pregando ousadamente em nome do Senhor.

Atos 9:27,28

Os discípulos tinham medo de Saulo. Não conseguiam acreditar que ele era agora um discípulo. “*Mas Barnabé...*” Não é início excelente? Vindo do nada, Barnabé aparece para encorajar Saulo e ser seu defensor pessoal. Como Barnabé sabia que Paulo precisava de ajuda? Não sabemos. Todavia, reconhecemos que Deus é soberano e tem os seus Barnabés em cada cidade, cada igreja, cada campus de faculdade e seminário, até no campo missionário. Cada Barnabé fica preparado para alguém que necessite de encorajamento no momento em que é chamado. De fato, é esse o significado do nome Barnabé: “filho do encorajamento”. Que rótulo! (Você pode até pensar em chamar seu próximo

filho de Barnabé. Ele não vai gostar muito a princípio, mas depois de algum tempo reconhecerá a importância do nome.) Toda vez que vemos um Barnabé na história, ele está oferecendo encorajamento a alguém; para o magricela que está no fim da fila esperando ser escolhido para o time; para o que caiu e sente-se cheio de vergonha e humilhação. Pessoas assim precisam de um Barnabé.

Em vez de agir com medo e preconceito, Barnabé procurou Saulo e "tomou-o consigo". Saulo aceitou a ajuda dele. Essa é uma dependência saudável. Ele tomou Saulo sob suas asas e disse: "Venha comigo, vou ajeitar as coisas com esses homens. Eles confiam em mim." Então eles saíram, e a narrativa sagrada diz que Barnabé "levou-o aos apóstolos; e contou-lhes como ele vira o Senhor no caminho, e que este lhe falara, e como em Damasco pregara ousadamente em nome de Jesus". Isso é o que chamo de intervenção divina mediante um santo menos famoso! Barnabé disse, em síntese: "Examinei este homem e ele é sincero. Viu o Cristo ressurreto, como todos vocês. O homem está do nosso lado. Dêem espaço para ele... acalmem-se!"

A declaração seguinte descreve o resultado da atitude de Barnabé a favor de Saulo: "Estava com eles em Jerusalém, entrando e saindo, pregando ousadamente em nome do Senhor". Pela primeira vez em seu ministério, Saulo falou livremente sobre Cristo em Jerusalém, na companhia de discípulos respeitados - livre para ser autêntico, para a glória de Deus. O que fez a diferença? *Barnabé!* Você pode ser um Barnabé hoje. Você conhece alguém que tenha sido recusado por causa de sua folha de antecedentes? Alguém a quem ninguém quer ouvir? Todavia, essa pessoa teve a vida transformada, mas não há quem acredite nela. Aconselho você a apresentar-se como Barnabé fez com Saulo. Procure aqueles indivíduos que precisam de uma segunda oportunidade, de uma boa dose de graça para ajudá-los a começar de novo na vida cristã. Todos precisam de um Barnabé em alguma ocasião. E para Saulo haveria outras.

Alguns Irmãos Menos Famosos Embora Saulo tenha tido sucesso em Jerusalém, Deus não acabara o seu período de preparação. Os padrões obstinados da independência feroz levam bastante tempo para desaparecer. Estava reservada para ele outra lição humilhante em que necessitaria de outros para ajudá-lo a sobreviver. "Falava e discutia com os helenistas; mas eles procuravam tirar-lhe a vida. Tendo, porém, isto chegado ao conhecimento dos irmãos, levaram-no até Cesaréia e dali o enviaram para Tarso" (At 9:29,30).

Um momento. Quem eram "os irmãos"? Ninguém sabe com certeza. Nosso melhor palpite é que se tratava de um grupo de crentes que moravam em Jerusalém e que se agradara do apóstolo novato. Não importa quem eram. Na verdade, Saulo não é também assim tão importante. Só Deus é importante. Seu plano é edificar a igreja por mais implacável que seja a oposição ou por mais

esperto que seja o inimigo. Quando Deus tem um homem a quem está preparando para ser usado por algum tempo, ele provê pessoas menos famosas para ajudá-lo a descer um muro, para conseguir uma audiência com alguns discípulos preconceituosos ou, nesse caso, para ajudá-lo a fu-gir. Quando as coisas começaram a ficar novamente pretas, chegaram *os irmãos*, que disseram: “Sabe de uma coisa, Saulo? Você está com os dias contados aqui. Esses sujeitos vão cortar sua garganta tão depressa que você nem vai perceber o que aconteceu... um espirro, é o tempo que levam para o serviço! Você vai fazer, então, um cruzeiro para Tarso. Prepare uma bagagem leve. Parte esta noite.”

Um grupo de desconhecidos o ajuda a escapar de Jerusalém, a cidade que ele antes dominava. Ele fugiu agora saindo pela porta, a fim de preservar a vida. Como as coisas mudaram! Depois disso, ele tomou um navio que se dirigia para a sua cidade natal, Tarso. O que será que Deus pretendia fazer agora?

UMA LIÇÃO DE HUMILDADE NA SUA TERRA

Você pode se imaginar voltando para a sua cidade natal com uma folha de serviço como a de Saulo? Ali você é bem conhecido — pelo menos, sabem exatamente como você é, e não ficam nem um pouco impressionados. Haja humildade!

Sempre que volto a Houston penso seriamente em me esconder de minha professora de inglês da escola de ensino médio. Em meu último ano, Lupe Lopez e eu entramos de motocicleta no meio da aula de literatura inglesa. Bruuuuummmmm! Nossa querida professora agarrou seus comprimidos para o coração e os colocou como se fossem balas embaixo da língua. Fomos levados, motocicleta e tudo, pelas escadas até a sala do diretor, que prontamente nos suspendeu durante vários dias. (Ele nunca aceitou uma brincadeira.) Nunca vou esquecer aquela cena. Penso nisso cada vez que entro em Houston. E há diversas outras lembranças que eu poderia mencionar. Nosso passado nos persegue, porém por razões mais sérias do que essa, não é? O de Saulo provavelmente fez também isso.

E possível que tivesse de acertar as coisas com algumas pessoas. Ele talvez precisasse consertar relacionamentos rompidos com alguns amigos íntimos. Sem dúvida, seus modos arrogantes da juventude devem ter deixado marcas em indivíduos menos famosos do que ele. Não conheço todas as razões de sua volta a Tarso, mas sei que Deus não comete erros quando nos leva a lugares específicos. Isso é especialmente verdade quando se trata de lugares que não escolheríamos espontaneamente. Tudo faz parte do seu plano para nos ensinar

lições de humildade, enquanto aprendemos o valor da dependência.

R B. Meyers escreveu: “Os discípulos levaram, então, o pregador procurado para a Cesaréia e o despacharam para Tarso; é bem provável que voltasse a fazer tendas ali, contente em aguardar a vontade e o chamado do Senhor. Os anos decorreram lentamente. Quatro ou cinco, possivelmente passados em relativa obscuridade e esquecimento”.[3]

Espere um pouco. Esse homem não tinha sido comissionado pelo Senhor Jesus para ensinar reis e governantes do mundo? Não era ele que deveria abrir a porta para o evangelho aos gentios? Agora se acha em Tarso e lhe pedem para esperar. O que aconteceu? Isso é contrário a todas as leis do sucesso, não é?

Não gostamos de esperar nem pela luz vermelha do semáforo que leva uma eternidade para ficar verde. Se você tem dons e a necessidade é grande, a espera não faz qualquer sentido. Todos queremos progresso agora, antes de envelhecer, ou antes que as pessoas decidam buscar a verdade em outro lugar. Quero dizer: “Vamos lá, Senhor... somos necessários agora!” Não, não somos necessários. Note a sentença seguinte da narrativa bíblica: “A igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judeia, Galiléia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número” (At 9:31). Quer dizer, sem Saulo? Sim, sem Saulo. A igreja não só continuou como floresceu sem a ajuda dele. Isso é difícil de acreditar para muitos, especialmente os que são chamados e dotados, no início do trabalho do ministério. Mas temos de aceitar. O segredo da igreja daquela época e de hoje não é um indivíduo notavelmente cheio de dons como Saulo (ou alguém singularmente cheio de dons e talentoso como você). O segredo da bênção e da saúde de qualquer igreja é o Deus Todo-Poderoso. Ponto final. Não é você, certamente não sou eu nem qualquer outra pessoa que possamos ser tentados a pensar que seja indispensável para a causa.

É duro ouvir isso, mas é verdade. Gostamos de colocar as pessoas num pedestal. Se estiverem cantando bem aos treze anos, queremos promovê-las para que se candidatem ao prêmio Grammy aos quatorze. Se alguém joga bola bem aos quinze, queremos que vá para onde os “olheiros” da faculdade e da universidade possam vê-lo aos dezesseis. Se mostra ser promissor na pregação ou no ensino da Bíblia quando está cursando o seminário, vamos oferecer-lhe um pastorado assim que possível. Errado. Errado. Errado. Esse não é o caminho de Deus. Só nas mais raras ocasiões ele resolve usar alguém poderosamente enquanto essa pessoa é jovem, imatura e nova na fé. O novo convertido não deve ser considerado nem mesmo para uma posição de liderança na igreja local (1 Tm 3:6).

Não era, porém, um grande desperdício de talento o fato de Deus manter

Saulo no banco de reserva? De modo algum. Tarso não era um destino estranho? Não se ele quisesse prepará-lo para escrever a carta aos Romanos. Não se ele devesse ter qualquer impacto duradouro sobre os crentes infiéis de Corinto. Não se ele quisesse que Saulo orientasse Timóteo para uma vida inteira de ministério estratégico em Éfeso. Esses projetos (e dúzias de outros) exigiam uma profundidade de caráter, forjada por meio das lições que lhe ensinaram dependência, tanto de Deus como de outros.

The Message, paráfrase de Eugene Peterson, abrange essa parte da narrativa de modo excelente: "As coisas se acalmaram depois disso, e a igreja teve paz durante algum tempo. A igreja cresceu em todo o país — Judéia, Samaria, Galiléia. Os discípulos foram envolvidos por um sentimento profundo de reverência a Deus. O Espírito Santo estava com eles, fortalecendo-os. Prosperaram maravilhosamente."

Não precisavam de Saulo. Em Tarso, ele teve tempo para aprender que ele é que precisava deles. Não era um tratamento para o senso de independência, mas sim a descoberta do valor da dependência. A tragédia é que alguns nunca aprendem.

LIÇÕES DURADOURAS DOS MENOS FAMOSOS

Esta é uma boa ocasião para fazer uma pausa e pular vinte séculos de volta à atualidade. Não podemos perder as três lições eternas que tiramos da história desses artistas menos famosos que influenciaram a vida de Saulo.

Primeiro, dê valor aos outros. Aprenda a apreciar e a aceitar o valor das pessoas. Não tente agir sozinho. Em vez de considerar os que estão ao seu redor como impedimentos, reconheça o seu valor. Lembre-se de que eles desempenham um papel estratégico em sua sobrevivência e em seu sucesso. Deus raramente nos pede para voar sozinhos. Quando ele nos guia a voar até as alturas, é mais seguro que outros voem conosco.

Parte de meu treinamento no Corpo de Fuzileiros Navais incluiu alguns conselhos para sobreviver em combate. Um deles era: sempre cave um buraco grande o suficiente para duas pessoas, de preferência três. Inevitavelmente, o estresse da batalha fará com que os joelhos enfraqueçam. Você fica com medo e desanima. Precisa de alguém a seu lado, para mantê-lo firme e ajudá-lo a se fortalecer. Deus destinou sua família para ser esse tipo de rede de apoio para todos nós. Ninguém pode lidar a longo prazo com uma pressão enorme. O companheirismo e a necessidade de prestar contas a alguém são essenciais!

Você pode resistir a tornar-se um membro ativo da igreja ou a participar de

um grupo pequeno de comunhão na igreja. Você acha que pode andar sozinho, e até agora seu plano funcionou. Mas é questão de tempo até que um sopro de adversidade o derrube, e vai precisar de alguém para levantá-lo. Não permita que um espírito obstinado de independência roube você da alegria de compartilhar sua vida, suas fraquezas, seus fracassos e seus sonhos com outros. Você e eu não somos indispensáveis. Você e eu não somos insubstituíveis. Deus é ambas as coisas. A igreja é dele. O Senhor está procurando instrumentos quebrantados, corações feridos e servos humildes, mesmo aqueles com folhas de serviço negativas e algumas cicatrizes, que aprenderam a não ocultá-los nem a negá-los: indivíduos que compreendem e que apreciam o valor de outros.

Segundo, humilhe-se. Em vez de correr para os holofotes, precisamos aceitar nosso papel nas sombras. Isso é muito sério. Não promo-va a si mesmo. Não vá à frente. Não dê palpites. Deixe que outro faça isso. Melhor ainda, deixe que Deus faça isso.

Se você for grande, pode ter certeza, todos vão ficar sabendo. Você será descoberto... no tempo de Deus. Se você for necessário para o plano, Deus o colocará no lugar certo e na hora exata. O trabalho de Deus não é da nossa conta, a produção é dele, do começo ao fim. Recue então. Deixe que ele abra as cortinas e acenda as luzes do palco. Ele vai tomar um Ananias ou um Barnabé, que virá ao seu encontro, em seu ponto mais vulnerável, e o levantará para que passe por cima do muro. Ou talvez escolha você para ser um dos indivíduos anônimos, menos famosos, mas que fazem a diferença. A sua parte é pura e simplesmente humilhar-se.

Essa seria uma boa hora para você resistir a passar a vida tentando viver conforme sua própria cabeça, pensando que se apenas conseguir subir mais um ou dois degraus da escada, chegará lá. Terá o que precisa. Sua família ficará (qual é a palavra que gostamos de usar?)... “confortável”. Você sabe do que sua família precisa mais do que dinheiro extra no banco, um endereço mais chique ou uma TV em cada quarto? Precisa que você esteja reconciliado com o Senhor. Isso significa andar humildemente com ele. Seus familiares precisam do seu toque amável, reconhecendo que ele é o Senhor do seu lar, não você. Isso exige humildade. Faça isso, meu amigo, faça mesmo!

Terceiro, confie em Deus. Em vez de se considerar (ainda que secretamente) indispensável, lembre-se sempre de que *a obra do Senhor* deve ser feita *à maneira do Senhor.* Ouvi esse princípio pela primeira vez de Francis Schaeffer, em uma de suas palestras. Ele ficou ali em pé, de calças folgadas e um suéter de gola alta, transmitindo a mensagem para um grupo de jovens ouvintes idealistas, muitos de nós ainda lutando para encontrar o seu caminho. Ouvi-o dizer isto repetidamente: “A obra do Senhor deve ser feita à maneira do Senhor. A obra do

Senhor deve ser feita à maneira do Senhor".

Se você estiver com pressa, pode fazê-la funcionar a seu modo. Pode até obter sucesso. Terá todas os sinais de progresso, mas não vai ser feita do modo do Senhor. Pare e entenda isso. Talvez esteja na hora de você ser descido pelo muro num cesto, a fim de aprender isso em sua vida.

John Pollock, em seu esplêndido livro *The Apostle*, declara: "Não lhe escapou a ironia do fato de o poderoso Paulo, que a princípio havia chegado a Damasco com toda a pompa de representante do sumo-sacerdote, afinal fugisse de lá num cesto de peixes e ajudado justamente pelas pessoas a quem fora prender".[4]

Isso diz praticamente tudo, não é?

UM PENSAMENTO FINAL

Só para corrigir o registro. William Ernest Henley estava absolutamente errado. Assim como Tim McVeigh. Nossas vidas não são cativas "de circunstâncias cruéis". Nossa cabeça não deve permanecer "erguida, ainda que sangrando". Você e eu não somos os "mestres de nosso destino" nem os "capitães de nossas almas". Devemos ser inteira, contínua e completamente dependentes da misericórdia de Deus, se quisermos fazer a obra do Senhor ao modo dele. Paulo teve de aprender isso. Minha pergunta é: você está aprendendo isso? Caso não esteja, hoje seria um dia bom para começar. Agora é a hora de humilhar-se sob a poderosa mão do Senhor. Se não fizer isso, é provável que ele o faça para você. E vai doer. No seu tempo, a seu modo, ele dominará sua independência obstinada.

Deus nunca se agrada de um espírito independente.

Capítulo Seis

Saindo das Sombras

Quero oferecer agora um novo suprimento de esperança neste capítulo. Alguns dos que lêem hoje estas linhas podem estar precisando reabastecer seu estoque, especialmente você que se encontra em compasso de espera. Já esteve antes na ativa, fazendo trabalho vital nas linhas de frente. Mas agora não está mais. Tudo mudou. Por alguma razão, você está na prateleira. É difícil não perder o ânimo empoleirado numa prateleira. Sua mente começa a pregar-lhe peças.

Embora você tenha boa formação, seja experiente e hábil em seu campo específico de trabalho, acha-se agora esperando, refletindo e talvez até se preocupando com a idéia de que esse período de espera seja permanente. E bem provável que a sua reação não seja assim tão animadora. Não consegue ver qualquer luz no fim do túnel. Não parece justo. Afinal de contas, você treinou duro, venceu os obstáculos e fez até os sacrifícios necessários. O desânimo está ali, sentado diante da sua porta, pronto para atacar qualquer pensamento ou esperança. Enquanto isso, você fica parado, refletindo por que Deus decidiu deixá-lo esquecido.

Quero oferecer-lhe algum encorajamento nas páginas que se seguem, mas tenho de iniciar com um comentário realista: pode levar tempo para Deus colocá-lo em um lugar de impacto significativo.

Ele talvez prefira não revelar seu plano durante semanas, talvez meses. Você está pronto para isso? *Pode ser até anos.* Descobri que um dos métodos favoritos de Deus a fim de preparar-nos para algo grande é enviar-nos para as sombras enquanto esperamos.

Mas isso não significa que você está condenado a morrer na escuridão. Anime-se com as palavras do autor britânico James Stalker: “A espera é um instrumento comum da disciplina providencial para aqueles a quem foi designado um trabalho excepcional”.[1] Faça uma pausa e deixe que isso penetre em você. Leia a declaração novamente, mais devagar desta vez.

Esperar é um dos métodos preferidos por Deus para preparar pessoas especiais para projetos importantes. A Bíblia torna claro esse princípio de capa a capa.

O PRINCÍPIO BÍBLICO DA ESPERA

O trabalho excepcional para aquele homem do Êxodo era libertar o povo de

Israel do cativeiro do Egito e levá-lo para a liberdade de Canaã. Que projeto importante! Foi privilégio de Moisés executá-lo. Todavia, enquanto observamos esse "amigo de Deus" realizar estupendos milagres no deserto e demonstrar suas extraordinárias habilidades de liderança, é fácil esquecer que ele esperou quarenta anos para se tornar líder dos hebreus. Pense nisso! Quatro décadas se passaram enquanto Moisés envelhecia cuidando de ovelhas nas planícies de Midiã, esperando nas sombras do Sinai. Ele não avistou a sarça ardente senão aos oitenta. Isso mesmo, o-i-t-e-n-t-a!

A missão excepcional de Davi foi guiar a nação de Israel durante quarenta anos. De fato, foram quarenta dos maiores anos para esse povo. Ele recebeu essa missão notável por decreto divino. Todavia, esquecemos que ele esperou treze anos antes de tornar-se rei, vivendo como fugitivo, caçado e perseguido por Saul.

A missão excepcional de Elias era confrontar o império perverso de Acabe e Jezabel. Ele fez isso na força do poder de Deus, mas não antes de passar um longo período de tempo na sala de espera de Deus junto ao ribeiro chamado Querite. Não foi fácil, especialmente quando esse ribeiro secou e ele viu-se forçado a mudar para a obscura cidade de Sarepta. Durante esses anos, não houve manchetes, nenhuma realização importante em seu ministério, nenhuma alma para o reino. Nada. Ele simplesmente esperou.

O trabalho excepcional de José era ser Primeiro Ministro do Egito e manter a nação durante os longos anos de seca absoluta. Ele foi chamado para preencher esse cargo em uma época de crise na história do Egito e dos judeus. Mas, muito antes de chegar a essas alturas galácticas de proeminência, José passou bastante tempo nas sombras: vendido como escravo pelos irmãos, comprado como um objeto por uma rica autoridade egípcia, forçado a aprender uma cultura completamente diversa e uma língua estrangeira, servindo como mordomo de Potifar. Enquanto se achava ali, a mulher de seu dono tentou seduzi-lo para cometer adultério. O jovem José fugiu sabiamente para salvar sua vida. Falsamente acusado de estupro, o homem foi lançado na prisão, onde passou mais de dois anos fazendo o quê? Esperando.

Ester saiu das sombras e enfrentou corajosamente o marido, o rei, com a verdade de uma conspiração secreta. Deus usou a vida dessa moça, literalmente, para salvar os judeus do extermínio. É fácil esquecer, no entanto, que os demais anos de sua vida foram gastos nas sombras, esperando. Ela deve ter passado dias (meses) imaginando qual seria o seu propósito na vida.

Este é um princípio que pode lançar uma luz de esperança à sua existência, se lembrar-se dele sempre: o trabalho excepcional é precedido por espera prolongada. Poucos indivíduos são lançados repentinamente ao trabalho excepcional, embora muitos preferissem fazer justamente isso. No momento em

que subimos ao palco e recebemos o diploma, estamos prontos para entrar em ação. Nosso simpático currículo parece uma combinação de Joana d'Arc, Winston Churchill, Madre Teresa, Bill Gates, Michael J. Fox e Billy Graham - tudo misturado em uma só magnífica obra de artesanato. E, veja só, com apenas 23 anos de idade! Estamos prontos para orquestrar o próximo Grande Avivamento mundial. Mundo, atenção, aqui vamos nós!

Só há um pequeno problema: esse não é o caminho de Deus. Ele quase sempre prepara os seus servos mediante períodos extensos de espera destinados a polir as habilidades e a quebrar as vontades, moldando o caráter e dando profundidade ao nosso modo de ser. Enquanto ele trabalha, nós esperamos.

Espera pelo Senhor, tem bom ânimo, e fortifique-se o teu coração; espera, pois, pelo Senhor.

Salmos 27:14

Descansa no Senhor e espera nele, não te irrites por causa do homem que prospera em seu caminho, por causa do que leva a cabo os seus maus desígnios.

Salmos 37:7

Espera no Senhor, segue o seu caminho Salmos 37:34

Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa, porque dele vem a minha esperança.

Salmos 62:5

O que habita no esconderijo do Altíssimo e descansa à sombra do Onipotente.

Salmos 91:1

Se não fora o auxílio do Senhor, já a minha alma estaria na região do silêncio. Quando eu digo: resvala-me o pé, a tua benignidade, Senhor, me sustém. Nos muitos cuidados que dentro de mim se multiplicam, as tuas consolações me alegram a alma.

Salmos 94:17-19

Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.

Isaías 40:31

Os que esperam em mim não serão envergonhados.

Isaías 49:23

No teu Deus espera sempre.

Oséias 12:6

vezes a pala-Ruth Harms

A Bíblia está repleta de versículos como esses. A concordância que consultei para encontrá-los inclui listas, coluna após coluna, de cada versículo da Bíblia que contém a palavra "espere" ou "descanse". Espere. Descanse. Espere.

Descanse. Encontrei poucas vra “apresse-se” nas Escrituras.

Isso me faz lembrar de um trabalho muito criativo de Calkin que encontrei sobre o assunto.

Será Que Podes Apressar-te um Pouco?

Senhor, sei que muitas vezes Tenho de esperar pacientemente por ti.

A espera desenvolve a perseverança.

Ela fortalece a minha fé E aprofunda minha dependência de ti.

Sei que tu és Deus soberano -E náo um menino de recados Respondendo ao estalar de meus dedos.

Sei que o teu tempo está perfeitamente determinado Em tua incomparável sabedoria.

Mas, Senhor, Prescrevestes a oração Para obter respostas!

Até o salmista Davi clamou Com ousadia confiante: “Está na hora, Senhor, de entrares em ação”.

Deus, nesta manhã silenciosa e sem sol Em que me sinto cercado de restrições, Eu também clamo ousadamente.

Tu és meu Pai, e sou teu filho.

Portanto, Senhor, poderias apressar-te um pouco?[2]

(Tradução literal) A palavra “pressa” aparece muito mais em nosso vocabulário do que no plano de Deus. Esperar contraria a natureza humana. Gostamos de correr e queremos também que Deus se apresse, mas Ele não faz isso. Nem por alguém tão cheio de dons e tão forte quanto Saulo. Como aprenderia mais tarde, Deus nos prepara durante os períodos em que o mundo inteiro parece estar funcionando sem nós. Ele paciente, deliberada e constantemente nos molda nas sombras, a fim de que sejamos preparados de modo adequado para os anos em que decida usar-nos à luz dos holofotes. É justamente nesse ponto que encontramos nosso homem, Saulo. O décimo primeiro capítulo de Atos abre com ele ainda oculto nas sombras, enquanto Deus fielmente continua a prepará-lo para algo grande.

ENCONTRANDO SAULO NAS SOMBRAS

Dúvidas podem ter começado a invadir a mente de Saulo, enquanto ele esperava em Deus durante os seus anos na prateleira de Tarso — ele já estava morando ali por um período de cinco, seis, ou mais anos. Se eu estiver calculando certo, ele se encontrava a caminho da casa dos quarenta antes que Deus finalmente o chamasse de volta à cena para usá-lo eficazmente durante os vinte anos seguintes.

John Pollock escreveu: “Os melhores anos da vida de Paulo estavam indo embora entre os montes Taurus e o mar. Isso era mais difícil de suportar pelo fato de que ele queria muito que todos ouvissem a Palavra e cressem nela; todavia, durante os últimos anos da casa dos trinta e começo da dos quarenta, quando o homem aproxima-se da sua plenitude, Paulo desapareceu de cena”.[3]

Quando foi a última vez que alguém aconselhou você a esperar? A não ser ambicioso? Lembre-se do que aprendemos no capítulo anterior. Se você tem dons, alguém vai descobrir. A autopromoção não é necessária nem atraente. Isso se aplica em especial ao trabalho de Deus. Bem poucas coisas são mais desagradáveis do que a ambição entre os jovens a quem Deus chamou. Deus irá levantar quem ele quiser, na hora que quiser. Portanto, relaxe. Seja paciente.

Costumo encorajar ocasionalmente as pessoas a memorizar algum versículo das Escrituras. Sobre esse assunto, um deles me veio à mente que, acredito, todos deveríamos manter sabiamente na memória. É Romanos 8:25: “Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos”. Vamos fazer dele o nosso versículo do ano. Escreva num cartão e coloque-o debaixo do vidro de sua mesa, ou prenda-o com fita adesiva no espelho do banheiro. Melhor ainda, aplique-o à sua situação. Ele lhe dará esperança durante o tempo em que estiver nas sombras.

Na época em que o apóstolo escreveu sua carta aos crentes de Roma, ele havia aprendido o valor de esperar pelas coisas que não podia ver. Penso que aprendeu essa lição durante os anos passados nas sombras em Tarso, aguardando o mover do Senhor.

Seja lá o que for que você estiver esperando, mas não consegue ver, meu conselho é que “espere alegremente com perseverança”. Como escreve o salmista, “Aquietai-vos”. Meus netos me dizem às vezes: “Calma, Vovô. Fique frio.” Vamos todos então ficar frios! (Não achei isso nas Escrituras, mas é possível que esteja escondido em algum lugar do texto grego.) Nossa cultura diz justamente o oposto. Se conseguiu o que queria, exiba! Você merece! Absorvemos essa mensagem penetrante como um gás venenoso sem cheiro. Ela diz: “ter o nome reconhecido é tudo”. Quero dizer, tudo mesmo! Não se preocupe com a profundidade do seu caráter nem com o motivo de seus atos. Preocupe-se principalmente com a sua imagem. Verificar se a aparência está apresentável na televisão é mais importante do que o conteúdo transmitido no programa: essa é a mensagem de hoje. Afinal de contas, a imagem vende. Tolice! Nenhum reconhecimento de nome nem de imagem tem significado para Deus. Conteúdo e caráter é o que importa para ele. Saulo aprendeu tudo isso em Tarso. E, enquanto esperava, Deus começou a mover-se poderosamente numa cidade chamada Antioquia, a sudeste de Tarso.

UM GRANDE REAVTVAMENTO

O capítulo 11 de Atos abre de modo explosivo. Aquele definitivamente não era um vilarejo adormecido. Os incêndios do reavivamento varriam a região que tinha Antioquia como seu centro nervoso. Os holofotes que estavam sobre Paulo foram voltados para Pedro (At 10). Pedro recebeu uma visão confirmando o plano de Deus para oferecer o evangelho aos gentios. Nessa visão, um lençol foi descido do céu contendo toda espécie de alimentos. Como não era comida *kosher,* Pedro recusou participar daquela refeição. Ele relutou porque agiu de acordo com o seu entendimento daquilo que a lei proibia claramente; como Deus poderia agora tornar isso legal? O Senhor insistiu que ele abrisse os olhos para um novo derramamento da sua graça aos gentios. Que momento crítico foi aquele para o pescador judeu grandalhão! No final, Pedro entendeu a mensagem. O resultado? Muitos creram, inclusive um gentio chamado Cornélio. Até o povo de Chipre e de Cirene respondeu ao evangelho. O reavivamento espalhou-se pelas ilhas da parte oriental do Mediterrâneo. Quando esta demonstração impetuosa da graça chegou a Antioquia, foi algo eletri-zante. A obra do Espírito de Deus evidenciou-se a todos.

Então, os que foram dispersos por causa da tribulação que sobreveio a Estêvão se espalharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra, senão somente aos judeus. Alguns deles, porém, que eram de Chipre e de Cirene e que foram até Antioquia, falavam também aos gregos, anunciando-lhes o evangelho do Senhor Jesus. A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor.

Atos 11:19-21

Deve ter sido uma cena e tanto para se apreciar, na medida em que o Espírito de Deus ia usando vários evangelistas para proclamar com ardente ousadia a mensagem de Cristo aos gentios. Até os gregos estavam sendo salvos em Antioquia mediante a pregação de certos homens de Chipre e Cirene. Notícias disso chegaram aos cristãos de Jerusalém, e as Escrituras dizem que “enviaram Barnabé até Antioquia” (v. 22).

Por que enviar Barnabé a Antioquia? Porque ele era de Chipre (At 4:36). Uma vez que havia pessoas de Chipre em Antioquia, Barnabé podia ministrar com eficácia. Ele conhecia a cultura. Falava o idioma. Compreendia a mentalidade deles. Lembre-se também de que ele era um encorajador: compreendia e aceitava a graça. A igreja de Jerusalém reuniu-se, então, para um breve culto de comissionamento e despacharam Barnabé para Antioquia. O que ele experimentou ao chegar foi mais do que poderia ter imaginado. Eu gostaria

muito de ter visto a expressão de seu rosto quando entrou em Antioquia. Quanta emoção! Barnabé ajustou-se facilmente ao ambiente. “Tendo ele chegado e, vendo a graça de Deus, alegrou-se e exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor. Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor” (w. 23,24).

Multidões estavam aceitando a Cristo. Deve ter sido de tirar o fôlego para Barnabé fazer parte de tudo isso. A propósito, quero destacar que essas pessoas não foram “unidas à igreja”. Elas foram “unidas ao Senhor”. O reavivamento não tem a ver com a ampliação das listas de membros de uma igreja, mas com acrescentar nomes ao Livro da Vida. É fato que uma igreja local cresceu e tomou forma em Antioquia, vindo a tornar-se uma das igrejas mais importantes do primeiro século. Mas observe: “Muita gente se uniu ao Senhor”. Essa é a marca de um verdadeiro reavivamento. Vidas transformadas.

O erudito A. T. Robertson, em sua renomada obra *Word Pictures in the New Testament*, escreveu: “Essas pessoas foram acrescentadas ao Senhor Jesus antes de serem acrescentadas à igreja. Se isso acontecesse sempre dessa forma, que diferença faria em nossas igrejas”.[4]

O reavivamento não é tanto o que acontece numa igreja, mas sim o que acontece quando as pessoas se arrependem de seus pecados e voltam-se só para Cristo apenas pela fé. Um número cada vez maior de incrédulos de Antioquia e das cidades vizinhas estava fazendo isso.

Tive incidentalmente a oportunidade de visitar lugares em que o mover do Espírito de Deus era evidente. Posso testemunhar que é absolutamente fenomenal ver e ser parte dele. Você não consegue detê-lo, porque não foi você quem começou. Não pode explicá-lo, porque não foi você quem o fabricou. Não pode duplicá-lo, porque não o criou. O que está testemunhando é a mão do Senhor, enquanto ele se move mediante o seu Espírito no seu povo e através dele. Os perdidos são salvos e os salvos são vivificados. Em termos simples, é isso que o “reavivamento” significa: uma renovação da vida espiritual para os que estão espiritualmente mortos e embotados. Assim aconteceu em Antioquia. Sabendo o que sabemos agora sobre Saulo, aquela ocasião marcante deve ter o dedinho dele em tudo, certo? Errado! Ele talvez nem ficou sabendo sobre o avivamento de Antioquia.

UMA AUSÊNCIA NOTÓRIA

Você esqueceu? O homem está morando a quilômetros de distância. É bem provável que, naquele momento, estivesse acocorado em alguma caverna perto

de Tarso, bem longe da celebração realizada em Antioquia. A essa altura, seus parentes mais próximos provavelmente já deviam tê-lo expulsado de casa. Os líderes da sinagoga o teriam açoitado repetidamente, excomungando-o do judaísmo. É bem capaz que tivesse encontrado refúgio em algum lar gentio, aprendendo a apreciar e a gostar da sua comida e estilo de vida. Em muitos aspectos, viveu como estrangeiro em sua cidade natal durante anos. Está nas sombras, crescendo e aprendendo, enquanto Deus o prepara para um ministério excepcional no futuro.

Não perca de vista a visão mais ampla do quadro. Enquanto se achava em Tarso, Saulo perdeu a confiança na carne. De fato, foi provavelmente durante esse período nas sombras que recebeu do Senhor o espinho na carne, sobre o qual escreve em sua segunda carta aos corindos. Devido à natureza notável das verdades — as revelações divinas que recebeu do Senhor Jesus - precisava de uma aflição para mantê-lo humilde. Ele lança luz sobre uma dessas misteriosas revelações em 1 Corindos 12. Permita que eu cite essa passagem para que perceba a força do que ele sentia: Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.

2 Corindos 12:2-4

Paulo continua: E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte.

2 Corindos 12:7

Vamos parar aqui por um momento. Se retroceder quatorze anos, desde a época em que Paulo escreveu a segunda carta aos crentes de Corinto, isso o coloca no período em que se achava aguardando em Tarso. É bem possível que durante um dos numerosos castigos que recebeu em Tarso ou numa das batalhas agonizantes para sobreviver ao apedrejamento, ele tivesse entrado num estado de semi-consciên-cia, numa espécie de transe. E provável que, enquanto nesse estado mental, o Senhor o tenha transportado para o paraíso e revelado verdades inexprimíveis e profundas para ele.

O que quero deixar claro é que, mesmo em meio a tudo o que passou, ele se recusou a gabar-se dos seus dons. Em vez disso confessou: “De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo [...] Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (w. 9,10). Isso era verdadeiramente humildade. Uma perspectiva incrível. Ele aprendeu a não se gabar em nada senão na sua própria fraqueza. Não se esqueça também de que

aprendeu isso nas sombras. Mas ninguém sabia nada a respeito. A sua transformação nunca chegou às manchetes dos jornais.

O tempo de espera que Deus determinar para sua vida nunca terá muita importância para outras pessoas. Tudo o que talvez fiquem sabendo é que você desapareceu de vista. Saiu da cena. Tudo pode começar com uma falência. Com uma experiência terrível que tenha de atravessar, tal como um acidente trágico ou uma doença devastadora. Você pode suportar a dor de uma reputação manchada por causa de alguém que não disse a verdade. Todo esse sofrimento acaba por quebrantá-lo. O Senhor usa os desapontamentos para levar você à sua Tarso particular, também conhecida como sala de espera de Deus. Ali ele começa a trabalhar profundamente em sua alma até que você, como Saulo, obtenha tal perspectiva renovada que possa confessar sinceramente: “Quando sou fraco, ele é forte”. Quando isso acontecer, como ocorreu com Saulo, você estará pronto para sair das sombras. Saulo estava agora preparado. Não é de admirar que houvesse um mover Deus.

UM MINISTÉRIO SURGINDO DAS SOMBRAS

Vamos voltar à narrativa de Atos 11. Barnabé segurou um tigre pela cauda em Antioquia. Os muros da cidade começaram a esticar de tantos novos convertidos que havia ali. Ele percebeu que precisava de ajuda. Não possuía os dons requeridos nem a energia necessária para lidar com aquele enorme crescimento. Mas lembra-se de alguém que possui tais qualidades. Lembra-se de Saulo em Tarso. Não demorou para que partisse “para Tarso à procura de Saulo” (11:25).

Sabe o que me impressiona? Saulo não enviou o seu currículo a Barnabé, nem mandou algum mensageiro dizendo: “Se Barnabé precisa de ajuda, eu tenho os dons.” Não, ele permaneceu em Tarso, contente em permanecer fora da luz dos refletores por tanto tempo quanto necessário. Lembre-se de que foi em Tarso que Saulo aprendeu a não se vangloriar de seus pontos fortes, só da sua fraqueza.

Barnabé teve, então, de procurar o homem. Ele não tinha um endereço atualizado em sua agenda. Mas o versículo seguinte diz: “tendo-o encontrado”.

Onde ele se achava? Não sabemos. Barnabé não sabia. Mas, chegou a uma residência e bateu na porta.

— Sim?

— Saulo, é você?

—■ Barnabé! Entre. Sente-se nesta pedra perto de mim. Está meio úmido aqui, mas foi o melhor que pude conseguir.

— Saulo, você não vai acreditar. Lembra-se de Antioquia?
— Claro que sim.
— Sabe o que está acontecendo por lá?
— Não tive notícias.
— Vou então lhe contar tudo.

Com isso, o entusiasmado Barnabé desfiou para Saulo a história do reavivamento em Antioquia. E a Escritura diz que Barnabé "levou-o para Antioquia" (v. 26).

Saulo concordou de boa vontade em juntar-se a Barnabé em Antioquia. Mas não houve autopromoção aqui. Foram necessários cinco, talvez seis anos difíceis para livrar-se dessa atitude. As coisas que ele antes considerava grandes não significavam mais nada. Não estava indo a Antioquia para provar algo nem para engrandecer seu nome. Viajou por todas as razões certas — as razões que aprendera nas sombras. Nessa viagem com Barnabé para Antioquia, o Senhor tirou Saulo das sombras da obscuridade e colocou-o de volta à ativa. Era como se o Senhor tivesse dito: "Está na hora."

"E, por todo um ano, se reuniram naquela igreja e ensinaram numerosa multidão. Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos" (v. 26).

Os ensinamentos de Saulo fizeram notável diferença, porque Saulo era diferente. Sob a sombra do Altíssimo, ele fora humilhado. Longe de atividade e da agitação, recebera novas revelações do plano do Senhor, novos discernimentos sobre a igreja e sobre a importância da graça. Da sua grande fraqueza, ele ministrou com força ainda maior. Por quê? Não se apresse neste ponto: porque esperou. Com paciência e de bom grado, confiou em Deus nas sombras.

QUATRO PRINCÍPIOS PARA CONFIAR EM DEUS NAS SOMBRAS

Como mencionei no início deste capítulo, quero oferecer um novo suprimento de esperança. Para fazer isso, sugiro quatro princípios que encontrei nas entrelinhas dos eventos que acabamos de examinar. Eles podem ter maior significado para você mais tarde, numa ocasião em que Deus orientá-lo a esperar nas sombras.

Primeiro, quando Deus nos prepara para o ministério eficaz, ele inclui o que gostaríamos de omitir — um período de espera. Isso cultiva a paciência. Enquanto escrevo estas palavras, ocorre-me que nunca encontrei ninguém jovem

e paciente. (Para ser franco, também não encontrei muitas pessoas velhas e pacientes.) Estamos todos com pressa. Não gostamos de perder uns minutos na porta giratória. Todavia, essa é uma qualidade essencial, cultivada apenas em longos períodos de espera.

Segundo, à medida que Deus nos faz esperar escondendo-nos nas sombras, ele nos mostra que não somos indispensáveis. Isso nos torna humildes. Uma das principais razões de o Senhor nos remover e nos fazer esperar à sua sombra é lembrar-nos de que não somos a estrela do espetáculo. Não somos indispensáveis. Essa compreensão cultiva a humildade genuína. Estou convencido de que Saulo nunca questionou Deus por ter sua mão sobre Pedro e Barnabé e não sobre ele. Numa ocasião em que a maioria dos indivíduos talentosos estariam se apresentando como voluntários na sede do reavivamento, Saulo permaneceu de boa vontade nos bastidores esperando o tempo todo pela sua hora - digo, pela hora de Deus.

Terceiro, enquanto Deus nos oculta nas sombras, ele revela novas dimensões de si mesmo e novos discernimentos sobre o ministério. Isso nos *torna mais profundos.* Preciso repetir algo que já escrevi. O que precisamos hoje não é de pessoas mais espertas ou mais ocupadas. A necessidade maior é de pessoas mais profundas. As pessoas profundas sempre terão um ministério. Sempre. Deus nos aprofunda por meio do tempo que passamos esperando nele.

Quarto, quando Deus finalmente decidir usar-nos, o chamado sempre chega quando menos se espera, quando nos sentimos menos qualificados. Isso nos torna mais efetivos. O cenário perfeito para um ministério duradouro, eficaz, começa como uma surpresa. “Eu? Tem certeza de que nao quer aquela outra pessoa? Ela possui ótimas qualificações e dons evidentes. Talvez deseje falar com ela.” Essa é a idéia. E alenta-dor, numa era da grande eficiência, encontrar alguns poucos que ainda se surpreendem com a maneira que Deus usa sua vida.

F. B. Meyer escreveu estas palavras apropriadas em sua criteriosa biografia de Paulo: Num certo dia, enquanto esperava, [Saulo] ouviu finalmente uma voz perguntando à porta: “Saulo mora aqui?”

E, no momento seguinte, o rosto familiar do seu ex-colega de escola estava olhando para ele, com um sorriso alegre de reconhecimento... “E levou-o para Antioquia; e [...] ensinaram numerosa multidão”. Não tenha medo de confiar inteiramente em Deus. Ao andar pelo longo corredor [da vida], talvez descubra que Ele o precedeu e trancou muitas portas em que você teria entrado; esteja, porém, certo de que além dessas existe uma que Ele deixou destrancada. Abra-a e entre. Você se encontrará face a face com a curva do rio da oportunidade, mais largo e mais profundo do que qualquer coisa que ousou imaginar em seus mais dourados sonhos. Avance por ele, pois o conduz para o mar aberto”.[5]

Achei ótimo. Como sempre, E B. Meyer acertou o alvo.

É trágico, mas, na maioria das vezes, forçamos as portas, geralmente usando o pé-de-cabra do esforço próprio. Tentamos quebrar as fechaduras. Estamos certos que esse é o plano dele para nós. “Era isso que eu tinha em mente. Já esperei demais.” Manipulamos as coisas e entramos à força em cena. Você já fez isso, não é? Deus não o deixa cego, mas sem dúvida pode tornar sua vida miserável. Você não sente qualquer satisfação. Há também uma ausência de paz interior.

A pressão irá eventualmente chegar, e você acabará lamentando o dia em que forçou a abertura daquela porta fechada.

Eis uma nova esperança em três palavras: Deus tem poder.

Sei que você está cansado de esperar. Sei que é difícil, mas é um curso exigido no currículo de Deus. Evite ser alguém que abandona os estudos na Escola da Espera de Deus. Fique firme. Sua hora virá.

Capítulo Sete

Descobrindo a Alegria da Suficiência da Graça de Deus

Qualquer estudo da vida do apóstolo Paulo requer um exame cuidadoso do tema do sofrimento. Esse não é um assunto agra-dávèÍHe se explorar, especialmente em nossa cultura ocidental. Você talvez tenha ouvido falar, enquanto crescia, como aconteceu comigo, que: “A dor e o sofrimento procedem do diabo. Deus quer que seus servos estejam bem e livres da dor; a saúde e a felicidade procedem do Senhor”. Isso parece ótimo. O problema é que não é verdadeiro nem bíblico. O diabo nem sempre é o responsável pela dor e pelo sofrimento em nossas vidas. Você pode ficar admirado ao saber que há ocasiões em que a dor faz parte do plano soberano de Deus para nos preparar como servos úteis. Ele sabe o que é melhor para nós de acordo com o que está fazendo em nós.

COMPREENDENDO O SOFRIMENTO DA PERSPECTIVA DE DEUS

Nossa teologia fica confusa por causa dos nossos hábitos de conforto. Não sou o primeiro a observar isso. Depois de uma prolongada visita aos Estados Unidos, perguntaram ao renomado pastor e teólogo, Helmut Thielicke, qual era em sua opinião o maior defeito dos cristãos norte-americanos. Sua resposta: “Eles têm uma visão inadequada do sofrimento”.

Sorri ao ler os comentários de John R. W. Stott sobre o tema do sofrimento, enquanto refletia a respeito de Romanos 8:22,23. Vamos primeiro examinar os versículos antes de considerar a observação de Stott.

Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

Romanos 8:22,23

Ao explicar as palavras de Paulo aos romanos, John Stott escreveu: “Não é só o nosso frágil corpo (gr. *sôma)* que nos faz gemer; é também a nossa natureza decaída (gr. sarx) que impede que tenhamos um comportamento adequado e que nos impediria completamente se não fosse pelo Espírito que em nós habita

(7:17,20). Ansiamos, portanto, que a nossa *sarx* seja destruída e que nosso *sôma* seja transformado. Nossos gemidos expressam tanto o sofrimento presente como o anseio futuro. Alguns cristãos, porém, sorriem demais (parece que não há lugar, em sua teologia, para o sofrimento) e gemem de menos".[1]

O homem cansou-se do sorriso cristão perpétuo - e, para falar francamente, eu também. Se você gemer e permitir que seu semblante reflita o tormento íntimo, as pessoas franzem criticamente a testa, como que sugerindo que não está andando no Espírito. Não me entenda mal. Não acho nada ofensivo no riso cristão. Escrevi um livro inteiro afirmando que o povo de Deus precisa rir mais. O riso demonstra a autenticidade de nossas vidas. Simplesmente acredito que não é necessário colar um sorriso em nosso rosto com receio de que não pareça que estamos vivendo uma vida cristã gloriosa. Se um amigo cristão conta a você que está atravessando um período especialmente difícil, aconselho que não insista em que ele sorria. (Posso dizer que o pessoal da igreja não pede que eu ouça uma de minhas fitas sobre a alegria quando percebem que estou abatido.) Não insista para que as pessoas entoem com você algum louvor que acha que deveriam estar cantando. Algumas vezes não temos vontade de sorrir nem de cantar. Na verdade, seria hipócrita algumas vezes grudar um sorriso no rosto.

Quem me conhece bem sabe que meu mau humor não dura muito tempo — eu raramente entro em períodos prolongados de depressão. Não sou melancólico por natureza. Mas, francamente, considero alguns dias praticamente trágicos (11 de setembro de 2001, por exemplo, me vem à mente). Há dias em que meu coração fica tão pesado que receio pregar, escrever ou fazer qualquer coisa ligada ao trabalho do ministério. São esses os dias em que não dou risada. Todavia, sem levar em conta como me sinto, minha responsabilidade é comunicar a verdade - mesmo quando seja de transmitir e mais difícil ainda de aceitar. Não escrevi, então, essas palavras necessariamente para confortar você. Isso é, de fato, obra de Deus.

Meu desejo é ajudá-lo a se preparar para o que a vida irá inevitavelmente colocar em seu caminho. Compreendo que pode estar carregando um fardo ou um problema desconhecido para mim. Você pode estar vivendo sob tamanha pressão, ou com alguma doença física debilitante, ou enfrentando tanto soírimento emocional que não tenho condições sequer de imaginar. Em quase quatro décadas de ministério pastoral, vi diversas vezes evidências de tormento interior virem à tona no rosto do povo de Deus. Nessas ocasiões em que tenho dificuldade de oferecer encorajamento, fico muito grato pelas Escrituras. Na Palavra de Deus não só descobrimos a sua vontade para as nossas vidas, como também encontramos palavras de genuíno consolo para aqueles períodos em que a vida sai do controle.

Tudo isso nos leva de volta a Saulo de Tarso. Raramente se passou um dia em sua vida cristã sem que ele enfrentasse sofrimento intenso e/ou pressão — quase tudo relacionado com a aspereza da vida e com os problemas do ministério. Graças a Deus, ele não guardou essas experiências para si mesmo, mas desnudou sua alma e permitiu que a verdade nua e crua viesse à tona.

UMA JANELA ABERTA PARA A ALMA DE UM APÓSTOLO

A segunda carta do apóstolo aos cristãos de Corinto é a mais autobiográfica de todas as que escreveu. Embora a maioria de suas cartas esteja cheia de fervor e de convicção, nenhuma outra demonstra a profundidade de emoção da carta aos coríntios. Uma breve leitura de algumas passagens revela uma alma transparente e vulnerável.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! E ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus.

2 Coríntios 1:3,4

Você sabe o que isso significa? O sofrimento específico capacita-nos a consolar outros especificamente. Se você perdeu um filho, Deus põe você em contato com outra mãe que sofre a dor da perda de seu filho. Se já sofreu passando pelo túnel escuro do divórcio, ninguém compreende tão bem como você quando um amigo conta que sua esposa acaba de abandoná-lo. Você é capaz de consolá-lo com o mesmo consolo com que foi consolado por Deus. Se recebeu um diagnóstico negativo, revelando a existência de um tumor suspeito em seu corpo, você compreende muito bem as emoções e receios que sua irmã experimenta ao receber o mesmo diagnóstico. É assim que Deus trabalha. Eu nunca tive câncer e não poderia oferecer a medida de consolo que você, que já teve essa doença, seria capaz de dar.

Um pouco mais tarde, Saulo fica ainda mais específico. Ele escreveu: “Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida” (1:8). O que dizer disso? Saulo - o homem que Deus usou tão poderosamente — desesperado da vida. Você sabia que houve uma época (possivelmente várias) em que ele sofreu tamanha depressão que não quis mais viver? Não tinha certeza de que iria recuperar-se.

Deus, porém, o manteve seguro. Ele confessou: “Contudo, já em nós

mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos" (v. 9). "Ao desesperar da vida", diz o apóstolo, em outras palavras, "aprendi a confiar em Deus, e Ele me mostrou seu notável poder - o mesmo que ele usou para ressuscitar seu Filho, Jesus, da sepultura." Que magnífica perspectiva em relação ao seu próprio sofrimento!

E o ritmo sombrio continua...

Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.

2 Coríntios 4:8-11

Se deixarmos de lado a parte do triunfo, Paulo enfrentou justamente isto: somos *atribulados, perseguidos, oprimidos, abatidos.* Esse é um resumo da sua vida. Esse foi o seu destino. Mas ele não terminou.

Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns 2 Coríntios 6:4,5

E como se isso não bastasse...

São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez.

2 Corindos 11:23-27

Está ouvindo os gemidos? Caso não esteja é porque leu depressa demais. O homem está nos dizendo que desenvolveu a sua teologia da dor no terrível cadinho do sofrimento. Ele conhecia, em primeira mão, o que significava passar fome, ser incompreendido, maltratado, abandonado, esquecido, abusado, caluniado, vítima de naufrágio, atacado, preso e deixado como morto.

De maneira notável, apesar de todo esse sofrimento, ele preferiu não se vangloriar de sua coragem extraordinária, nem de sua capacidade de enfrentar

dificuldades enormes sem qualquer temor, nem de sua energia física e estabilidade emocional. Não dá qualquer testemunho a esse respeito. Pelo contrário, confessa: “Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza” (2 Co 11:30). Gabar-se da fraqueza? Ele está falando sério?

Repito, um testemunho assim não está na moda no mundo ocidental, especialmente entre cristãos. Se você oferecesse um relatório como esse em público, iria provavelmente receber cartas anônimas exortando-o (em amor, é claro) a andar no Espírito e não na carne. E praticamente certo que um cristão sofrendo a esse ponto não poderia estar andando com o Senhor!

Errado. No caso de Saulo, com certeza não é disso que se trata. Ele havia aprendido a gloriar-se no sofrimento sem reter em sua alma um grama de acusação ou amargura em relação ao Senhor. Como pôde fazer isso? Com todo tratamento injusto, deserção de amigos, perseguição de líderes da sinagoga, por que não revidou? Creio que a resposta a isso se acha no significado e nas circunstâncias que cercaram uma visão admirável, que o humilde apóstolo descreve na mesma carta aos corindos, no capítulo 12. Vamos olhar mais de perto essa cena surpreendente.

O HOMEM QUE VIU MUITA COISA

Por várias razões, Paulo está no processo de defender fervorosamente sua autoridade de apóstolo. Aqueles cristãos eram um grupo inconstante, mais interessados nas aparências externas e em mencionar o nome de apóstolos respeitados do que na sua responsabilidade de cuidar dos pobres e viver em santidade. Como parte da sua defesa, ele incluiu a descrição de revelações sobrenaturais que recebeu da sala do trono dos céus, a qual identifica como o paraíso. Já lemos essas palavras antes, mas vamos examiná-las mais cuidadosamente: Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.

2 Corindos 12:1-4

Embora quase totalmente envolta em mistério, essa passagem é uma das mais notáveis de todas as Escrituras. Paulo compreende que não pode explicar tudo, todavia não retém a verdade. Em vez de tentar explicar o inexplicável, ele simplesmente admitiu: “Não sei.” Intelectualmente dotado, entendia algumas

coisas, mas não conse-guia descrevê-las e, portanto, nem tentou. Ele apresenta simplesmente a verdade do que ocorreu. Aprecio esse tipo de sinceridade.

Permita que eu simplifique tudo o que aconteceu sugerindo cinco observações sobre essa confissão particularmente vulnerável do apóstolo. Espero que elas ajudem esclarecer uma das mais misteriosas passagens da Bíblia.

1. Ele escreveu a respeito de si mesmo. Ele se referiu a "um homem" e a "tal homem" nos versículos dois e três. Só quem os tivesse experimentado poderia conhecer tais detalhes sobre o evento. Ele descreve um tempo, um lugar. Passou pessoalmente por isso, estando então em condições de comunicar a informação. Isso revela que ele devia estar falando de si mesmo.

2. Tinha certeza da sua localização, mas hesita quanto à sua orientação. Siga a profundidade dos pensamentos desse homem quebrantado, cheio de cicatrizes. Ele chama o lugar de "terceiro céu". No versículo 4, Paulo torna-se mais específico ao referir-se ao local como "paraíso", sugerindo a presença de Deus. Mesmo assim, estava inseguro sobre a sua orientação: "Se no corpo, ou fora do corpo, não sei". Sua consciência profunda da presença de Deus nesse lugar notável deve ter eclipsado qualquer percepção do ambiente físico. De alguma forma, foi transportado para muito além das limitações conscientes de espaço, matéria e tempo, sendo levado diretamente à presença do Senhor.

3. A experiência ocorreu subitamente. Duas vezes ele afirmou que foi "arrebatado", termo que significa arrebatamento rápido e não uma ascensão gradual. Ele não deixou lentamente a Terra viajando pelos espaços estelares. Essa não foi uma experiência semelhante à descrita por Charles Dickens em seu famoso conto sobre o espírito do Natal, na qual Paulo tivesse sido levado numa jornada que eventualmente o fez chegar aos portões do céu. Ele encontrou-se subitamente no terceiro céu: o paraíso.

4. O que ele ouviu e testemunhou, simples palavras não poderiam expressar. Embora se empenhasse em colocar sua experiência em palavras, só ele a recebeu. Não apenas recebeu a mensagem, mas tam-bém foi fortalecido por ela, em seu ministério futuro, em meio aos períodos mais intensos de sofrimento. Essa experiência sobrenatural era parte do plano especial de Deus para a preparação de Saulo. Nunca tive uma experiência que chegasse sequer perto do que ele descreve. Saulo foi levado diretamente da Terra para a presença do Senhor Jesus. De pé, diante do Mestre, face a face com o Cristo vivo, ele recebeu verdades profundas e maravilhosas, inefáveis demais para ser expressas de modo humanamente compreensível.

Pense em tudo isso por um momento. Responda agora a esta pergunta: qual seria a reação humana mais natural ao experimentar tal fenômeno? Em uma palavra, orgulho. Orgulho enorme. Presunção espiritual da pior magnitude.

Algum dos outros apóstolos recebeu essa mensagem? Não. Que outro homem ou mulher do primeiro século falou diretamente ao Senhor ressurreto na sala do trono? Ninguém. Imagine carregar esse tipo de fardo privilegiado. Deus compreendeu o perigo de tal orgulho espiritual. E, na sua graça, resolveu o problema do orgulho para Saulo na forma de uma aflição penosa, que ele chamou de “espinho na carne”. Leia as palavras dele: E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte.

2 Corindos 12:7

O ESPINHO QUE NÃO DESAPARECIA

Saulo aceitou a aflição mandada pelo céu com a mesma humildade com que recebera a visão do Senhor. Nas suas palavras: “Para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte”. Ele não só compreendeu a natureza do espinho, como também a razão dele - assegurar um espírito humilde.

A palavra traduzida por “espinho” vem do termo grego *skolops,* significando “uma estaca aguçada”. Saulo escreveu, então, especificamente: “Foi-me posta uma estaca na carne”.

Depois da glória, vieram os gemidos. Na esteira do privilégio sobrenatural, surgiu a dor lancinante. Após revelações celestiais elevadas, vieram a humilhação e o sofrimento terreno agonizante. Era uma agonia que o acompanharia pelo resto da vida.

O que seria, então, esse espinho? As sugestões são muitas. Alguns dizem que era uma série de tentações espirituais. Outros apontam para as tentações carnais. Outros ainda sugerem oposição e perseguição impiedosas. Deformidade física. Epilepsia. Enxaquecas. Problemas visuais crônicos. Corcunda. Surtos de malária e a dor de cabeça latejante que a acompanha. A verdade é que não sabemos.

Você lê um erudito bíblico e ele identificará esse espinho como sendo defmitivamente uma determinada coisa. Outro teólogo talvez diga: “Não pode ser isso, tem de ser aquilo”. Ao ler outra autoridade confiável do Novo Testamento, ela dirá: “Nem aquilo nem isso, mas creio que significa aquilo outro”. Depois de ouvir suas opiniões e teorias, você fica tentado a jogá-las todas fora. Ninguém sabe ao certo. E você, sabe o que significa? Não importa. O homem que suportou o mal, dá-lhe o nome de “mensageiro de Satanás”. O

inimigo esperava usá-lo para fazer com que o apóstolo desertasse ou desistisse do seu chamado. Deus usou-o para manter de joelhos o servo a quem confiara tantos dons.

Os marinheiros em alto mar compreendem a importância de se amarrarem a algo forte num temporal. Você aprende a agarrar-se ao que é seguro numa tempestade. Saulo aprendeu a apegar-se ao que ele sabia ser verdade sobre a sua pessoa e sobre o Senhor que o mantinha em sua mão.

Vejo uma tensão interessante nesse ponto. Embora Satanás esmurrasse a resolução do apóstolo, o propósito do Senhor era humilhá-lo, impedir que exaltasse a si mesmo. O orgulho não habita o coração dos quebrantados, dos despedaçados, dos feridos, dos que têm a alma angustiada.

Li há muitos anos estas palavras: “O sofrimento planta a bandeira da realidade na fortaleza de um coração rebelde”. Mães e pais que montam guarda na ala de leucemia de um hospital de crianças não lutam com a questão de orgulho. Eles são humilhados ao ponto do desespero.

Quero deixar claro, agora, que nao sou qualificado para dar-lhe os detalhes íntimos de como o espinho de Saulo o afetou. Todavia, ele confessa que suplicou ao Senhor em três ocasiões diferentes para que o removesse (v. 8). Sabe de uma coisa? Nós teríamos feito o mesmo. Você e eu teríamos orado e orado pedindo alívio. “Pai, por favor, remova o espinho. Senhor, eu peço, remova-o. Tire este sofrimento de mim”. Essa foi a reação de Saulo.

Vejo surpreendente transparência nessas linhas. O mundo precisa de mais seguidores de Cristo que aceitem o sofrimento em lugar de negá-lo. Como é útil para nós ver tudo isso como o plano de Deus para manter-nos humildes. É algo que não pode ser ensinado nas faculdades nem em seminários bíblicos. Essas lições são aprendidas nas duras realidades da vida. Que homens e mulheres de oração nos tornaríamos! Com que freqüência nos voltaríamos para ele! Quão plenamente nos apoiaríamos nele. E que discernimento teríamos!

Foi exatamente isso que aconteceu quando Paulo passou a voltar-se cada vez mais para o Senhor. Deus deu uma resposta que ele não esperava.

UMA GRAÇA PERMANENTE

Qual foi essa resposta? Deus respondeu: “Não”, mas ofereceu algo muito melhor do que alívio. Graça suficiente. “A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (v. 9). Foi assim que esse homem de graça e coragem obteve sua notável perspectiva sobre a fraqueza humana. Suponho que chamaríamos isso de teologia do espinho-na-carne. Saulo não inventou isso

enquanto fazia jogos de palavras inteligentes produzindo expressões criativas. Ele viveu o episódio. Recebeu essa mensagem do Senhor. “Não” foi a “resposta final” de Deus à sua oração para livrar-se do sofrimento.

Essa é uma boa oportunidade para corrigir idéias erradas. Nem sempre é da vontade de Deus que você seja curado. Nem sempre é plano do Pai aliviar a pressão. Nossa felicidade não é o principal objetivo de Deus. Ele não tem um plano maravilhoso (ou seja, confortável) para a vida de cada um - não de uma perspectiva humana. No geral, seu plano não é, de forma alguma, maravilhoso. Como no caso de Saulo, a sua resposta não é o que oramos nem o que esperamos. Mas, lembrando de que ele está nos formando mais e mais à imagem do seu Filho, isso nos ajuda a entender que a sua resposta está baseada nos seus planos para nós a longo prazo, não em nosso alívio imediato.

Em meio a esse sofrimento, ele sussurra gentilmente: “A minha graça te basta”. A sua graça, como aconteceu com Saulo, nos dá mais do que precisamos para suportar o que quer que ameace nos destruir. Permita que amplie esse pensamento. A graça dele é mais suficiente do qüe a sua resistência. A graça dele é mais suficiente do que as recomendações de qualquer conselheiro treinado ou amigo íntimo (embora Deus faça uso de ambos). A sua graça é suficiente para fazê-lo suportar o seu “espinho” específico, qualquer seja ele. A sua graça é o nosso ingresso.

Quer saber por quê? “Porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza”. Que declaração surpreendente do Senhor! E sempre pensamos que o poder era aperfeiçoado no sucesso. Aprendemos durante a vida inteira que são as realizações que nos fortalecem. Não. Mil vezes não! Essas coisas nos deixam orgulhosos, auto-suficientes e independentes. Os espinhos penosos nos enfraquecem. Mas a boa notícia *é* esta: Quando somos fracos, ele derrama sua força em nós, o que dá uma perspectiva inteiramente nova sobre a dor e o sofrimento, as dificuldades e a pressão. Esses estresses e tensões nos fazem cair de joelhos. É nesse ponto que Deus aparece.

E então? Vamos deixar de procurar alguém ou algo para jogar a culpa. Deixar de construir espantalhos só para incendiá-los e poder dizer: “Ah ha! Por isso é que me sinto tão miserável.” Não faça isso, amigo. Lidar com o sofrimento não é uma questão de identificar a causa, mas sim de se concentrar na resposta. Suplico a você: não perca isso de vista! É aceitar de bom grado o plano de Deus sem levar em conta as circunstâncias. É descobrir contentamento na graça de Deus.

Parece um tanto idealista, não é? Preferimos ser céticos do que submissos.

Como no caso do santo idoso que orou certa vez: “Senhor, quando vais deixar de espalhar provações e espinhos em meu caminho?” O Senhor

respondeu: “Meu filho, é assim que testo os meus amigos”. Ao que a alma sofredora respondeu: “Senhor, talvez seja por isso que tenha tão poucos deles”.

Preciso sublinhar um fato fundamental: a meta de Deus não é verificar se você é feliz. Por mais difícil que seja acreditar nisso, está na hora de fazê-lo. A vida não está em você sentir-se confortável, feliz, bem-sucedido e livre de sofrimento. Ela está em tornar-se o homem ou a mulher que Deus o chamou para ser. É pena, mas ouvimos raramente essa mensagem proclamada hoje. Isso me dá mais razão para repetir: a vida não é sobre você! É sobre Deus.

Há pouco tempo, depois de um sermão que preguei na *Stonebriar* Community Church sobre o sofrimento de Saulo, um senhor foi até a frente depois do culto de adoração e disse: “Sabe, Chuck, tenho prestado bastante atenção nessa série sobre Paulo. Embora ele seja o personagem principal, ela não é, na verdade, sobre Paulo, não é? A história é realmente sobre Deus”. Dei-lhe um grande abraço e sussurrei em seu ouvido: “Você entendeu, viva agora com essa mensagem!” Ele captou a mensagem do espinho. O mesmo fez Paulo. Ele não só fez a ligação, como a viveu em seu comportamento.

Como posso dizer isso com segurança? Por causa da resposta de Saulo: “De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2 Co 12:9,10). É isso aí! Ele também entendeu! E viveu com essa mentalidade pelo resto de seus dias.

Deixei de atentar nas deficiências e comecei a apreciar os dons.

Era um caso da força de Cristo sobrepondo-se à minha fraqueza.

Aceito agora as limitações sem hesitação e de bom ânimo, limitações essas que me puseram no meu lugar [...] Simplesmente deixei que Cristo assumisse o controle! E, portanto, quanto mais fraco eu fico, tanto mais forte me torno.

[Extraído de *The Message* , 2 Coríntios 12:9,10]

Quando você e eu nos gabamos de nossa força, recebemos o crédito e continuamos avançando por nossa própria conta. Mas quando gabamos aquilo que Ele está fazendo em meio ao nosso quebrantamento, incapacidade e inaptidão, Cristo toma a frente. A sua força vem para resgatar-nos.

Não perca de vista esse ponto. As coisas que tememos e das quais fugimos em nossas vidas são exatamente as que deram contentamento para Saulo. Veja a lista: fico contente quando perco, quando sou fraco, quando recebo insultos, quando sou caluniado, quando estou em aflição, quando perseguido, quando entro em dificuldades e pressões tão fortes que mal posso me mexer. Por quê? “Porque, quando sou fraco, então é que sou forte.” Saber isso fez o apóstolo, de coração em chamas com os oráculos ardentes do céu, cair de joelhos. Que

maneira de viver... contente com tudo... sabendo que a força divina vem quando a fraqueza humana se evidencia.

Foi isso que deu ao homem da graça verdadeira coragem. E fará o mesmo por nós.

LEMBRANDO, EXECUTANDO E LIBERTANDO

Enquanto vamos chegando ao fim deste capítulo, quero sugerir algo para lembrar, algo para executar e algo para libertar — três princípios eternos para ajudá-lo a tomar as verdades que esteve lendo e colocá-las permanentemente em seu coração.

Primeiro, lembre que o sofrimento não é novidade. No livro mais antigo da Bíblia, o livro de Jó, lemos: “Mas o homem nasce para o enfado, como as faíscas das brasas voam para cima” (Jó 5:7). Essa é uma declaração que precisamos ensinar a nossos filhos e netos, a partir de hoje. A mensagem que eles ouvem constantemente é que Deus só tem felicidade e sucesso reservado para eles se confiarem suas vidas ao Senhor. A Bíblia jamais promete isso! De modo surpreendente, enquanto raspava as feridas em seu corpo doente e sofrido, Jó perguntou: “Temos recebido o bem de Deus e não receberemos também o mal? (Jó 2:10). Ele disse isso em resposta ao conselho da mulher: “Amaldiçoa a Deus e morre”. Ela também estava abatida com a perda dos filhos e a tristeza de ver o marido sofrer de maneira tão terrível. (Quando eu era um pregador mais jovem, fui muito duro com a esposa de Jó. Agora sou mais brando. Ela estava sofrendo e não culpando o marido. Precisava da perspectiva de Deus na sua dor.) Por isso, quando o marido percebeu como era profunda a dor da mulher, ele respondeu do modo como a Bíblia registra. Queria que ela compreendesse que Deus não é um menino de recados celestial entregando apenas coisas agradáveis e confortadoras em nossa porta. Ele não existe para nos fazer felizes. Nós existimos para dar-lhe glória.

Vivemos em tempos superficiais, céticos. Quando as dificuldades ocorrem, você encontra muitos títulos novos de livros perguntando como um Deus amoroso pode ser tão injusto. E fácil nos confundir em nossa compreensão de Deus. Mas ele não mudou. Seus caminhos não se alteraram. Como no caso de Jó e de Saulo, ele continua a permitir que o sofrimento nos torne servos humildes e úteis.

Em um de seus primeiros livros, Philip Yancey escreve: Uma prateleira com todos os livros religiosos sobre este assunto iria dividi-los claramente em dois grupos. Os mais antigos, de Bunyan, Donne, Lutero, Calvino, Agostinho e

outros, são quase embaraçosos em sua disposição para aceitar o sofrimento como parte dos agentes úteis de Deus. Um sentimento de lealdade e fé na sabedoria divina sublinha cada um. Deus sabe o que está fazendo neste mundo, e esses autores não questionam seus atos. Eles simplesmente tentam "justificar" os caminhos de Deus para o homem.

Livros mais modernos sobre o sofrimento, começando com alguns dos filósofos agnósticos do século XIX e continuando até muitos cristãos hoje, contrastam completamente. Esses autores supõem que a quantidade de mal e de sofrimento neste mundo não pode ser comparada com a visão tradicional de um Deus bom e amoroso. Portanto, muitos deles ajustam a sua concepção de Deus, redefinindo o seu amor ou duvidando do seu poder para controlar o mal. Se ler essas duas categorias de livros lado a lado, a diferença é surpreendente. E como se, nós nos tempos modernos, pensássemos que temos uma fatia do mercado do sofrimento. Será que esquecemos que Lutero, Calvino e outros viveram num mundo sem éter nem penicilina e que Bunyan e Donne escreveram suas maiores obras no cárcere?[2]

Lance qualquer um de nós no cárcere hoje e logo queremos falar com nosso advogado! Porém, ao jogar homens como aqueles na prisão, o mundo acabou lendo O peregrino ou alguma outra magnífica obra literária que perdura durante séculos, colocando o nosso sofrimento novamente em perspectiva. Resista à tentação de repensar Deus só por causa das dificuldades. Olhe com mais cuidado. Agarre-se mais a ele. Recuse duvidar dos seus motivos.

Ele está realizando uma grande obra em você. O sofrimento não é algo novo.

Segundo, compreenda que o sofrimento desempenha um papel benéfico. Essa compreensão irá impedir que procure alguém para culpar. Quero ser sincero. Você pode estar obcecado hoje por essa pessoa que acha que é culpada pela maior parte do seu sofrimento. Você a vê quando fecha os olhos. Pensa nela quando acorda pela manhã. Fica deprimido quando lembra da injustiça de seus atos. Seu desejo secreto é vingar-se. A amargura enche a sua alma e o combustível da raiva, que se consome bem devagar, alimenta o fogo do ódio.

Sei o que é odiar. Odiei certa vez um homem tão intensamente que isso começou a consumir-me, até que compreendi que era eu o perdedor... e ele estava vencendo. Posso dizer-lhe, por experiência própria, que isso não é viver.

Compreenda que, mesmo na injustiça de tudo, o sofrimento que suporta agora pode vir a ser proveitoso para você. Deus está traba-. lhando. Só ele conhece o começo e o fim e conhece você e as suas necessidades muito melhor do que você mesmo. Não pergunte: "Por que isto está acontecendo comigo?" Em vez disso, indague: "Como devo reagir?" Caso contrário, você vai perder o papel

benéfico que o sofrimento desempenha na sua vida.

Terceiro, deixe de lado a idéia de que o contentamento exige conforto. É possível ficar contente mesmo vivendo sob circunstâncias difíceis. Anos mais tarde, enquanto estava sob prisão domiciliar, Paulo escreveu: “Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4:11-13). Outra vez as mesmas palavras. Você viu? O segredo do contentamento de Saulo era saber que a força de Cristo era aperfeiçoada na sua fraqueza. Ele realmente entendeu isso... que conceito libertador!

Já vivi o bastante para aprender que as melhores entregas de Deus são feitas na porta dos fundos. Seus dons são melhor recebidos quando precisamos mais deles e sempre chegam de modo não muito chamativo, embrulhados em misericórdia, emoldurados com esta terna inscrição: “A minha graça te basta”.

Esta mensagem profunda foi escrita por um soldado confederado desconhecido, que finalmente aprendeu a lição do espinho na carne.

Pedi forças a Deus para ter êxito.

Fui feito fraco para que pudesse humildemente aprender a obedecer.

Pedi saúde a Deus para fazer coisas maiores, Foi-me dada a doença para fazer coisas melhores.

Pedi riquezas para ser feliz, Recebi pobreza para ser sábio.

Pedi poder para receber o louvor dos homens, Foi-me dada fraqueza para sentir a necessidade de Deus.

Pedi todas as coisas para gozar a vida, Recebi vida para suportar todas as coisas.

Não ganhei nada do que pedi Mas tudo o que esperava...

Quase apesar de mim mesmo, minhas orações não expressas foram respondidas.

Sou entre todos os homens o mais ricamente abençoado.

(Tradução livre) O sofrimento é um assunto delicado. Não é fácil tratá-lo, porque compreendo que estou escrevendo a pessoas que passaram por uma medida de sofrimento que jamais vivenciei. Não quero, de forma alguma, dar a impressão de que sou um exemplo de como lidar com ele. Para ser franco, fracasso mais vezes em minha reação à adversidade do que tenho sucesso. É mais fácil escrever um capítulo sobre o assunto do que exemplificar com fatos pessoais aquelas coisas que impressionam bem quando impressas. Além das minhas crises de autopiedade, meu coração fica partido, ocasionalmente, e meu espírito vacila. Se esta é a sua experiência hoje, posso identificar-me com ela.

Meu desejo é que você e eu, juntos, reivindiquemos a graça e cultivemos a coragem em meio ao nosso sofrimento — como Jó, como Saulo. E, durante o processo, pormos de lado a busca fanática da felicidade, tão predominante em nossa cultura. A felicidade é um subproduto do contentamento. Uma vez que descobriu isso, Saulo viveu de acordo com esse preceito. Eu ainda não cheguei exatamente lá. E você provavelmente também não. Prosseguimos então, crescendo e aprendendo, lembrando-nos de que ele deve crescer e nós devemos diminuir. Lembre-se de que é tudo sobre ele e não sobre nós.

Da próxima vez que ouvir uma batida na porta dos fundos, antes de abri-la, repita estas palavras para si mesmo: “A sua graça é suficiente”.

Capítulo Oito

O Prazer de Trabalhar Juntos no Ministério

Perguntaram ao falecido Leonard Bernstein, compositor e regente famoso da renomada Orquestra Filarmônica de Nova Iorque, qual ele considerava o instrumento mais difícil de ser tocado em uma orquestra. Ele respondeu: “O segundo violino!”

Quando você examina a vida de qualquer grande indivíduo, em breve descobre toda uma seção de segundos violinos, pessoas de apoio, com talento pessoal mas que se contentam em tocar sua parte sentadas na segunda fileira.

A maioria das pessoas que conheço poderiam nomear líderes que tiveram impacto significativo em suas vidas. De fato, você e eu poderíamos citar vários; os quais, numa conjuntura crucial, entraram em nossas vidas, alimentaram nossas almas e satisfizeram uma determinada necessidade. É interessante que, se disséssemos a esses indivíduos como fomos afetados por suas vidas, eles provavelmente ficariam surpresos. E não só isso, falariam de outros que marcaram suas vidas de maneira semelhante. E engraçado o modo como vemos esses indivíduos destacados. No geral, pensamos nessas grandes almas como solitários solistas, que entram em cena, fazem uma grande contribuição e depois desaparecem no poente.

Pensava assim a respeito do meu velho amigo e conselheiro, Ray Stedman. Para mim, ele era como um daqueles personagens saídos de um romance de Zane Grey — você sabe, um pistoleiro carrancudo que entra na cidade coberto de poeira, com uma arma enorme na cintura. Depois de livrar sozinho a cidade dos indesejáveis, ele monta de novo no cavalo e galopa em direção ao horizonte.

Era assim que eu via Ray... até que o conheci. Enquanto servi como seminarista estagiário na igreja em que ele era pastor, em Paio Alto, Califórnia, descobri que não era um xerife solitário de forma alguma. Pelo contrário, estava rodeado de vários indivíduos — segundos violinistas, se quiser chamá-los assim, sem os quais esse querido homem de Deus não poderia ter causado metade do impacto que causou em minha vida ou na de tantos outros. Aprendi uma lição valiosa. A família de Deus está cheia de segundo violinistas - homens e mulheres que fiel e diligentemente servem de apoio para esses heróis de primeiro plano.

ALGUNS SEGUNDO VIOLINISTAS NOTÁVEIS

Isso não é novidade. Moisés tinha um segundo violinista em sua vida - seu irmão Arão. Juntos eles tiraram os hebreus do Egito e os guiaram durante a

difícil viagem até Canaã.

Davi tinha Jônatas, um amigo mais chegado que um irmão. Ele tinha também os seus valentes, a quem cita um por um pelo nome — mais de vinte deles, que serviram fielmente ao seu rei nos bastidores, às vezes agindo corajosamente (e outras heroicamente), enquanto flertavam com a morte.

Por último temos Elias, a quem todos admiramos por sua postura heróica contra a dupla diabólica, Acabe e Jezabel. Entretanto, quase sempre esquecemos o seu segundo violino, Eliseu. Ele se tornou um assistente valioso para o poderoso profeta, especialmente quando caiu em profunda depressão, quando Elias chegou ao fundo do poço, desesperando da própria vida.

Jesus estabeleceu a regra quando enviou seus discípulos para ministrar em pares (Mc 6:7). Sua estratégia nunca incluiu enviar apóstolos sozinhos para fazer o trabalho do ministério. Eles saíam juntos e serviram, assim, mais eficazmente.

A história da igreja também inclui diversos exemplos de grandes indivíduos realizando grandes coisas para o Senhor, ladeados por segundos violinos menos conhecidos.

Por exemplo, quase todos conhecem Martinho Lutero. Mas, quem já ouviu falar de Philip Melanchthon? Um estudo cuidadoso dos últimos anos de Martinho Lutero revela que Melanchthon era, na verdade, o vento que impulsionava as asas da águia no período da Reforma. Melanchthon controlava Lutero em seus momentos mais descontrolados. Lutero escreveu certa ocasião: “Sempre prego melhor quando estou zangado”. Melanchthon aproximou-se e disse: “Olhe, Martinho, há um meio melhor. O povo de Deus ouvirá as suas palavras quando elas forem apresentadas de modo mais compassivo”. Esse era o tom de Melanchthon enquanto tocava o segundo violino.

O século XIX testemunhou o poder de uma dupla no ministério de Dwight L. Moody e Ira Sankey. Moody, essa fonte de influência, homem rústico, sapateiro transformado em evangelista, precisava da voz suave e educada de Ira Sankey. Juntos fizeram um trabalho melhor de levar o evangelho de Jesus Cristo a muitas das maiores cidades da América e Europa. Usando os dois homens, Deus sacudiu literalmente dois continentes para Cristo.

E todos os que se conhecem por gente apreciam a visão da Associação Evangelística Billy Graham. Naturalmente, não é só Billy Graham que se pode ver ali. Experimenta-se o contagioso entusiasmo de Cliff Barrows e as músicas de George Beverly Shea que aquecem o coração. Ele continua cantando ainda hoje, com mais de noventa anos. Eles fizeram isso juntos. Por mais de cinqüenta anos, a equipe vem honrando Cristo ao redor do globo. Qualquer um deles lhe dirá: “Eu não poderia ter feito isso sozinho.”

Esse é o ponto: não somos destinados à solidão. Na vida real, e

especialmente no ministério, não há lugar para Rambos nem para Agentes 007, ou superestrelas espirituais. Isso não só é pouco saudável, como também não é simplesmente a maneira de Deus. Quando Ele chama algum homem ou mulher para realizar uma grande obra, inclui também outros indivíduos para servir e assistir a figura mais destacada.

Leia lentamente esta excelente paráfrase de Eclesiastes, capítulo 4, de *A Bíblia Viva:*

Duas pessoas juntas podem lucrar muito mais do que uma sozinha, porque o seu trabalho vai render mais.

Se uma delas cair, a outra a ajuda a levantar-se; mas o homem sozinho, quando cai, está em má situação.

E, quando a noite está fria, duas pessoas usando o mesmo cobertor esquentam uma à outra. Mas, uma pessoa sozinha, como vai se esquentar?

Uma pessoa sozinha corre o risco de ser atacada, mas duas pessoas juntas podem se defender melhor. E se forem três, melhor ainda; a corda trançada com três fios não arrebenta facilmente.

Eclesiastes 4:9-12

Espero convencer você nas páginas seguintes de que Deus nunca pretendeu que ninguém dirigisse seu próprio barco, sem ajuda, pelas águas desconhecidas da vida ou do ministério. Todos precisamos de ajuda. Quanto maior a tarefa, tanto mais ajuda necessitamos. Coisas estranhas e nocivas acontecem com aqueles que não ficam perto de outros.

Considere as palavras do psicólogo Philip Zimbardo da Universidade Stanford, num artigo que escreveu para a revista *Psychology Today,* intitulado “A Era da Indiferença”: “Nao conheço um assassino mais poderoso do que o isolamento. Não há influência mais destrutiva sobre a saúde física e mental do que o isolamento entre mim e você e entre nós e outros indivíduos. Foi comprovado que constitui o agente central na etiologia da depressão, da paranóia, do crime, da esquizofrenia, do estupro, do suicídio, assim como de diversos outros malefícios e de uma grande variedade de condições doentias”.[1]

Você não precisa ser um especialista para compreender os perigos do isolamento. Vamos voltar à ação no livro de Atos, quando deixamos Barnabé a caminho para o encontro com Saulo. O grande encorajador percebera as suas limitações para satisfazer as crescentes necessidades em Antioquia. Afinal de contas, ele era um segundo violinista fiel: precisava de um virtuose!

UMA TAREFA ESMAGADORA À FRENTE

Vamos pôr em perspectiva a cena de Antioquia. Além do grande número de convertidos que precisava ser ensinado, o que tornou a tarefa de Barnabé tão assustadora? As razões eram duas - uma delas religiosa e a outra cultural.

O Desafio da Ignorância Religiosa Em vista dos ventos do reavivamento terem chegado ao sul, em Jerusalém, e ao norte, à Fenícia, um número sempre crescente de novos cristãos era formado por gentios, sem virtualmente qualquer exposição à rica herança religiosa do judaísmo. Em resumo, não conheciam a Deus e não aprenderam as Escrituras. Barnabé, nativo de Chipre, tinha algumas vantagens, pois conhecia a língua grega e compreendia a sua cultura. Mesmo assim, a tarefa era esmagadora. Isso era apenas parte do problema.

Uma Cultura de Devassidão Moral Não só aqueles gentios estavam entrando nas fileiras do cristianismo procedentes de um ambiente completamente não-cristão, como também estavam manchados pela decadência moral da cidade de Antioquia do primeiro século.

A Fenícia não era a Terra Santa, nem Antioquia, Jerusalém. A Fenícia seguia uma religião pagã, e Antioquia, o seu centro, era uma cidade espalhada, com cerca de meio milhão ou mais de habitantes, conhecida pelas corridas de bigas, jogo, prostituição, política corrupta do governo e devassidão moral desenfreada. Esses prazeres tentadores podem ter seduzido, inicialmente, muitos dos novos convertidos da cidade. A adoração a Diana era ali encontrada; seu templo que ficava a 8 km da cidade abrigava muitas prostitutas cultuais. A frase “A Moral de Diana” surgiu do esgoto de imoralidade de Antioquia.

A Escritura diz, porém, de maneira notável, que apesar de tudo isso: “A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor” (11:21). Tente imaginar uma grande metrópole da América do Norte, conhecida por sua devassidão moral, recebendo o impacto de um derramamento do Espírito de Deus. O reavivamento varre os bairros e, dentro em pouco, os cassinos e pontos de drogas começam a esvaziar-se, enquanto as livrarias para adultos e casas de massagem perdem seus clientes. As igrejas da região, que chegaram a pensar se deviam fechar os seus santuários, agora estão lotadas com novos convertidos, a maioria deles ex-jogadores, prostitutas, criminosos, viciados e adeptos da pornografia. Todos precisam de instruções em profundidade nas Escrituras, ensinamento na justiça, aconselhamento pessoal e orientação.

Foi esse o cenário encontrado por Barnabé em Antioquia. Quantas necessidades! Era como beber numa mangueira de incêndio. O lugar formigava de recém-convertidos. Em Antioquia não havia, entretanto, igrejas. Nem pastores amadurecidos para ajudar a carregar o fardo, nenhum conhecimento da verdade de Deus e muito pouca compreensão de Cristo. As emoções de Barnabé sem dúvida oscilavam entre absoluta alegria e frustração. O desafio só crescia

ainda mais, pois o reavivamento continuava. Lucas escreveu: “E muitos, crendo, se converteram ao Senhor”. Quanto mais Barnabé ministrava o evangelho, tanto maiores se tornavam as multidões. Ele finalmente compreendeu: “Isto é demais para mim... além disso, estou exausto!” Precisava desesperadamente de um companheiro de trabalho.

Tenho um amigo cujo filho de oito anos queria jogar futebol. Seu pai nunca jogara bola na vida. Eles foram para o primeiro dia do treinamento e o jovem pai descobriu, para sua surpresa, que ninguém apareceria para treiná-los. Pode imaginar: meu amigo ficou encarregado. Enfrentando um grupo animado de meninos de oito anos, todos ansiosos para chutar a bola, embora fosse um noviço, ele mergulhou de cabeça.

Ele não tinha idéia de como organizar o ataque, muito menos de como armar a defesa. Não sabia sequer as regras do jogo. Ele me contou: “Eu procurava evitar os meninos. Mas, depois de três ou quatro horas de jogo com eles, compreendi que precisavam mais do que apenas alguém para dizer: ‘Vão lá e driblem, pessoal... muito bem garoto, continue, você pode vencer, pode mesmo!’”. Para sua grande alegria, um dos outros pais viu suas vãs tentativas como treinador e ofereceu-se para ajudar. O homem não só havia sido técnico de futebol no passado, como também jogara durante anos. Meu amigo admitiu: “Num instante, ele e eu nos tornamos grandes amigos”. Ele se retirou de bom grado para o cargo de treinador-assistente e encorajador oficial. Barnabé fez o mesmo em Antioquia.

O PODER NOTÁVEL DE UMA DUPLA

Barnabé sabia onde encontrar o homem número um: em Tarso. Ele acharia ali seu amigo Saulo, humilhado, pronto, disponível. Barnabé sabia que, sozinho, não dispunha de todas as habilidades e dons para manter um ministério tão grande e diversificado como o de Antioquia. Juntos, pela graça de Deus, os dois podiam trabalhar em equipe e realizar coisas incríveis.

As diferenças entre eles iriam ajudá-los, não prejudicá-los. Barnabé tinha crescido em Chipre - um cenário rural numa ilha. Saulo era originário de Tarso, um centro intelectual, e fora instruído em Jerusalém nas disciplinas da lógica. Barnabé era um encorajador; Saulo um pregador talentoso e erudito bíblico. Barnabé era cheio de amor e de grande compaixão. Saulo demonstrou notável coragem e determinação inabalável. Barnabé estendia graciosamente a mão para os oprimidos e necessitados; Saulo sentiu-se naturalmente atraído pelos intelectualmente curiosos.

Com Barnabé ao seu lado, Saulo proveria a argamassa teológica necessária para cimentar esses novos crentes na fé. Juntos seriam uma força poderosa no estabelecimento da igreja em Antioquia. De fato, creio que isso explica as palavras de Lucas, no final do versículo 26, em que ele escreveu: “Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos”. A teologia, a organização e a estrutura desses dois pastores formaram o fundamento do primeiro ministério sólido em Antioquia.

Fazendo um retrospecto dos últimos anos da vida de Saulo, não é difícil compreender por que ele foi uma escolha excelente para esse papel crucial de liderança. O homem completara com sucesso todo o curso inicial da escola de Deus para o ministério eficaz. Deus revelara a si mesmo e sua verdade a Saulo. Seu caráter fora forjado nas sombras. Não tendo nada para provar, ele estava pronto para ir e disposto a deixar-se consumir para a glória de Deus.

Em termos ainda mais práticos. Saulo não tinha qualquer ambição. Mesmo que tivesse ouvido falar do reavivamento em Antioquia, ele não correu para lá a fim de se tornar conhecido. Não fez nenhum *marketing* pessoal. Barnabé teve de ir buscá-lo. Estou convencido de que Saulo foi para Antioquia até com um verdadeiro espírito de relutância. Considero esse tipo de rara humildade singularmente cativante.

Você se lembra do que Davi fez após matar Golias? Deus já havia nomeado o jovem pastor como novo rei de Israel. Ele certamente ganhou prêmios e condecorações reais naquele conflito de coragem com o gigante filisteu. A maioria dos jovens conquistadores teriam procurado a joalheria mais próxima para escolher o novo modelo de coroa. Mas não Davi. Ele voltou imediatamente para os montes da Judéia, a fim de guardar as ovelhas do pai - um verdadeiro pastor com um coração de servo.

Saulo manteve uma vigília semelhante em Tarso. Esperou pacientemente nas sombras até que Barnabé batesse em seu ombro. Só então passou a desempenhar aquele papel decisivo, altamente visível, da liderança.

Não acho nada mais atraente num líder talentoso e competente do que a humildade autêntica. O talento de Saulo foi formado no cadinho da solidão, em que ele foi polido e reequipado pelo Cristo vivo.

Mencionei antes o evangelista Dwight L. Moody. Embora não tivesse graduação formal, esse homem de Deus bem dotado estava pregando em Birmingham, na Inglaterra, nos idos de 1875. Um ministro congregacional renomado e teólogo muito considerado, o Dr. R. W. Dale, colaborou nessa campanha enormemente bem-sucedida.

Depois de observar e de ouvir Moody pregar e testemunhando os incríveis resultados do ministério desse homem simples, o Dr. Dale escreveu em sua

revista denominacional: “Eu disse ao sr. Moody que a obra era claramente de Deus, pois não podia ver qualquer relação entre ele e o que havia feito. Moody riu alegremente e respondeu: ‘Eu ficaria muito triste se fosse de outro modo”’.

Nenhuma atitude defensiva, nenhum sentimento de ter sido depreciado, nenhum constrangimento embaraçoso. Moody estava mais surpreso do que todos pelo fato de Deus usar sua vida tão poderosamente.

O mesmo se deu com Saulo. Não é de admirar que Barnabé quisesse que Saulo liderasse o programa de ensino em Antioquia. Que dupla! Durante um ano inteiro, esses dois homens serviram juntos, e Deus foi grandemente glorificado.

Gosto da definição sucinta de ministério dada por Warren Wiersbe: “O ministério acontece quando os recursos divinos encontram-se com as necessidades humanas mediante canais amorosos, para a glória de Deus”.[2]

Saulo e Barnabé poderiam ter posado para esse retrato. Por que Saulo e Barnabé tinham tanto prazer em servir juntos? Não havia rivalidade. Nem batalha de egos. Nenhum se sentia ameaçado pelos dons do outro. Nenhum plano secreto. Nenhum conflito não solucionado. Seu único objetivo era engrandecer a Cristo. Não importava se as multidões se multiplicassem chegando a milhares ou se diminuíssem em número resumindo-se a bem poucos. Tudo o que importava era que Cristo fosse proclamado e adorado.

ESSENCIAIS ETERNOS PARA MINISTRAR EM CONJUNTO

Em cada ministério há pelo menos três elementos essenciais que produzem um clima de alegre colaboração. São eles: *objetivos*, *pessoas* e *lugares.* Cada um merecerá a nossa atenção antes que eu termine este capítulo.

Primeiro, tudo o que Deus planeja ele realiza. Isso tem a ver com o princípio ministerial dos objetivos. Desde que começamos nossa igreja, eu sempre disse à congregação da Stonebriar Community Church que o plano de Deus para o nosso ministério conjunto ia muito além de qualquer coisa que eles ou eu poderíamos imaginar. O mesmo acontece com a sua igreja ou organização ministerial com que está envolvido. A obra de Deus sobreviverá a todos nós. Seu plano, sempre cheio de surpresas, é tão profundo quanto amplo.

A obra de Deus não tem nada a ver com a sua agenda pessoal como pastor. Não é um plano de cinco passos da diretoria da igreja para alcançar a comunidade, nem as preferências pessoais de um diácono ousado. É sobre o que Deus quer realizar por meio de cada um de nós, todos trabalhando juntos. O segredo está nessa última palavra —*juntos.*

Não há nada de errado em ter uma declaração objetiva e definida da missão que dá direção e propósito à visão de um ministério. De fato, tudo é certo quando o Senhor é quem dá as diretrizes. O plano de Deus se desenrola de um modo que confunde a sabedoria humana e algumas vezes desafia o bom senso. Mas o plano é dele. Os objetivos são essenciais quando são os objetivos de Deus, não os nossos.

Segundo, Deus usa quem ele quer. Isso está ligado ao princípio ministerial das pessoas. Devo acrescentar rapidamente que as escolhas do povo de Deus nunca são perfeitas. Isso inclui a mim e a você. Na verdade, somos mais úteis ao Senhor quando aceitamos essa realidade e confiamos a ele as nossas imperfeições.

Isso não significa que estamos livres para trabalhar na carne. Nem que devamos confiar em planos carnais ou arranjos egoístas para satisfazer aos nossos objetivos. As Escrituras insistem que andemos em pureza e santidade. Mas, devemos entender que, embora Deus escolha nos usar, nossas imperfeições não desaparecem.

Isso me impele a apresentar aqui um aviso prático: se você fixar suas esperanças e atenções em uma pessoa, vai ficar decepcionado. Todos têm uma fraqueza. Esse princípio inclui tanto Barnabé e Saulo como pessoas como nós. Resista à tentação de colocar seres humanos num pedestal. Todos precisamos de heróis. Tenho os meus heróis, mas não consigo mencionar nenhum que chegue sequer aos pés da perfeição. Eu os admiro e aprecio, mas não os adoro. Como Saulo e Barnabé, devemos manter nosso foco em Cristo. Você tem todo direito de esperar esse tipo de enfoque centrado em Cristo dos líderes da sua igreja.

Terceiro, para onde quer que Deus determinar, ele envia. Isso tem a ver com o princípio do lugar do ministério. Eu gostaria que Ele enviasse todos os grandes para a Stonebriar Community Church. E gostaria que nunca deixasse nenhum deles ir embora. Esse desejo baseia-se na minha limitada perspectiva humana. Nunca fiz essa oração, mas já fui tentado a orar: “Senhor, só nos envie os grandes e os mantenha aqui para sempre. Nunca os leve a qualquer outro lugar”. (Por ser imperfeito, não estou isento de fazer algumas orações egoístas!) O plano de Deus, porém, inclui remover alguns indivíduos com excelentes dons entre nós e enviá-los para outra parte. Vamos examinar isso no próximo capítulo. Os caminhos dele não são os nossos. Os lugares dele não são os que escolheríamos para ir por conta própria. Nada disso importa. O que importa é isto: *Deus envia pessoas da sua escolha para Lugares da sua escolha.* Quanto mais cedo aceitarmos essa verdade, tanto mais contentes ficaremos.

Quero, porém, lembrá-lo de que ir para onde ele nos enviar provará a nossa fé. E isso inclui aventura e risco.

A vida não é um problema a ser resolvido; é uma aventura a ser vivida. Essa é e sempre foi, desde o início, a sua natureza, desde que Deus preparou o perigoso cenário para esse drama de alto risco e chamou todo o empreendimento de bom. Ele fez o mundo de tal maneira que este só funciona quando aceitamos o risco como tema de nossas vidas; ou seja, só quando vivemos pela fé.

O homem não fica realmente satisfeito até que a aventura faça parte do seu trabalho, do seu amor e da sua vida espiritual.[3]

Ministrar juntos é sempre uma aventura. Envolve mudança. Envolve flexibilidade. Envolve andar com Deus diante dos eventos surpreendentes que ele designa. Barnabé precisava de ajuda. Era trabalho demais para um homem hábil, mas limitado. Saulo ocupou a brecha, e juntos eles viraram Antioquia de cabeça para baixo para Cristo.

PENSAMENTOS FINAIS

Há dez anos, ninguém poderia prever onde estaria hoje. É bem provável que há cinco anos também não pudesse fazer isso. Você pode ter pensado que iria morar no Norte, mas agora está se estabelecendo no Sul. Ou pensou que estava a salvo e seguro em seu negócio. Hoje, é até possível que nem tenha mais o tal negócio. Tantas coisas mudaram!

Em vez de sentir-se satisfeito e animado, hoje talvez seu coração esteja partido. Você pode estar prestes a aposentar-se, com todas as expectativas e incertezas que essa idéia oferece. Esta é a minha mensagem para você em uma frase: Não tente dirigir tudo sozinho. A vida cristã é um esforço em equipe. Deus planejou assim. Vamos colaborar.

Capítulo Nove

Liberado para Obedecer

Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colaço de Herodes, o tetrarca, e Saulo.

E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado.

Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram.

Enviados, pois, pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre.

Atos 13:1-4

Para mim, a palavra que melhor caracteriza a essência da obediência é *mudança*. Só de 1er essa palavra sentimos calafrios. Conheço poucas pessoas que gostam de mudança. Ela ameaça o nosso bem-estar, interrompe as nossas rotinas, desafia as nossas prioridades e provoca ansiedade. Todavia, estou convencido de que a vida de obediência é uma impossibilidade se você e eu não estivermos dispostos a mudar. Isso é muito mais fácil de escrever do que de pôr em prática. De qualquer modo, estou convicto de que a declaração é verdadeira.

Existe uma forte possibilidade de que, ao abrir o livro neste capítulo e começar a ler estas palavras, você (ou alguém próximo a você) esteja enfrentando o desafio da mudança. Pode ser no ambiente de trabalho - uma mudança de cargo. Ou você está reunindo informações para mudar para o outro lado do país. É possível que depois de esperar e trabalhar duro por tantos anos, o ritmo mais lento da aposentadoria o tenha apanhado de surpresa. Você não está tão preparado para mudanças como imaginou. Eu poderia encher mais duas páginas com sugestões de possibilidades, porque a mudança é inevitável.

Em nosso estudo da vida de Paulo, observamos cuidadosamente como esse homem notável de graça e coragem passou por muitas provas de mudança. Elas o marcaram de modo a prepará-lo singularmente para a tarefa que Deus planejara para ele.

Saulo não fazia a mínima idéia ainda, mas estava para passar por outra fase de mudanças bem grandes. Ninguém diria ao observar, mas a igreja de Antioquia estava prestes a perder dois quintos do seu pessoal. Mudança. Mudança. Mudança.

MUDANÇA... A SENTENÇA INACABADA NA

VIDA

O *Novo Dicionário Aurélio* oferece uma definição estranha e interessante de mudança: “Ato ou efeito de mudar(-se); muda”. Parece uma sentença inacabada. Você quer saber o que vem depois da última palavra, não é? Mas a sentença pára com o termo “muda”. O que será que acontece depois?

Embora mudar seja algo bom, raramente é algo fácil ou agradável. Estamos mais interessados em seguir pelo caminho mais confortável. Preferimos a estrada mais utilizada. A mudança, entretanto, nos leva a caminhos desconhecidos cheios de passagens estreitas e curvas surpreendentes. Tudo em nós se esforça para permanecer nas trilhas já conhecidas.

Há vários anos, um amigo meu que morava na região do Desfiladeiro de Santa Bárbara, na Califórnia, passou por uma provação difícil. Num verão escaldante, um incêndio varreu a região devorando milhares de acres de floresta e destruindo muitas casas no desfiladeiro. Sua casa ficava na base da longa garganta. Ele não teve muito tempo para preparar sua fuga, mas pelo menos teve mais tempo do que os que estavam no alto. Meu amigo podia ver as chamas e a fumaça à distância e sabia que em pouco tempo sua casa seria atingida pelo fogo. Ele fez apressadamente uma lista dos bens que queria salvar. Na verdade, não conseguiu levar nenhum deles. Quando tudo acabou, ficou olhando para a pilha fumegante que antes fora sua casa. Tudo o que restou foi a lista que ainda segurava com as mãos bem apertadas. O impacto que esse acontecimento devastador teve em sua família marcou cada um deles tão profundamente que nunca mais vieram a ser os mesmos.

Perderam tudo, exceto, é claro, a tal lista inútil de itens que julgavam ser indispensável. O fogo, embora incrivelmente destrutivo, tornou-se um catalisador para torná-los uma família mais unida e mais grata. Em resumo, a mudança os deixou diferentes.

Não há dúvida de que o compositor Eddie Espinosa compreendeu os benefícios inestimáveis da mudança quando compôs estas palavras: O meu coração vem mudar, ó Deus.

O meu coração, faze-o igual ao teu.

Tu és o oleiro, e eu barro sou.

Toma e molda-me, é o meu clamor.

O meu coração vem mudar, ó Deus.

O meu coração, faze-o igual ao teu.[1]

Gostamos de cantar esse hino de adoração em nossa igreja. Cada vez que o cantamos, ele fica em minha memória pelo resto do dia. Embora seja agradável

cantá-lo e pronunciar essas palavras, fazer com que elas façam parte da realidade de nossas vidas é outra questão. Permitir que alguém nos molde e nos transforme em algo diferente é desconfortável e, às vezes, francamente penoso. Se fôssemos como o barro - moldável e flexível, fácil de formar de novo - as mudanças seriam bem mais tranqüilas. No entanto, parecemos mais com cerâmica - frágil e rígida.

Essa canção terna baseia-se numa metáfora bíblica: Deus é retratado como o oleiro e nós, seus filhos, como o barro. Leia cuidadosamente as seguintes passagens da Escritura que usam a imagem para absorver essa verdade crucial: Que perversidade a vossa! Como se o oleiro fosse igual ao barro, e a obra dissesse do seu artífice: Ele não me fez; e a coisa feita dissesse do seu oleiro: Ele nada sabe.

Isaías 29:16

Ai daquele que contende com o seu Criador! E não passa de um caco de barro entre outros cacos. Acaso, dirá o barro ao que lhe dá forma: Que fazes?

Isaías 45:9

Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra?

Romanos 9:21

Quando a nossa vontade é como o barro, compreendemos que a mudança é inevitável se nos colocarmos nas mãos do Oleiro. Foi por isso que Davi, há muitos séculos, escreveu estas palavras em seu hino de adoração — poesia forjada na bigorna da mudança: Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; e, segundo a multidão das tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões. Lava-me completamente da minha iniqüidade e purifica-me do meu pecado. Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar.

Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável.

Salmos 51:1-4,10

No Salmo 51, Davi clamou ao Senhor para mudar hábitos errados que o mantinham em suas garras há muito tempo. Hipocrisia, pensamentos criminosos, adultério, racionalização e uma vontade obstinada o afastavam de seu Senhor. Compreendendo a profundidade do seu pecado, ele reconheceu: “Preciso de uma mudança de coração, e só o Senhor pode conseguir isso e fazer com que a mudança dure”. Ele abriu assim seu coração e convidou o Senhor para purificá-lo e moldá-lo de novo.

Cirurgia do coração é uma especialidade de Deus. Embora o processo seja penoso, os resultados são magníficos.

Voltando à cena que deixamos no Livro de Atos, Saulo e Barnabé estão mais que satisfeitos trabalhando juntos em meio ao um dos reavivamentos mais notáveis na história da primeira igreja. A igreja está crescendo, vidas estão sendo transformadas e toda uma cultura encontrava-se sob a influência do Espírito de Deus. A cena é maravilhosamente vibrante. Todos os dias o entusiasmo aumentava. A adoração, a harmonia, as conversões, o crescimento - tudo tão *contagioso.* Subitamente, Deus interveio e tudo mudou. Encontramos novamente essa palavra — tudo *mudou.* É bem provável que alguns dos crentes em Antioquia possam ter resistido até ao pensamento de mudança, pelo menos inicialmente. Mas não Paulo. Não creio que tenha lutado com isso nem por um momento. Ele e a mudança haviam ficado muito íntimos durante os anos anteriores da sua vida.

Precisamos fazer uma pausa e lembrar que a sua vida notavelmente pura estava diretamente ligada à sua disposição para aceitar a mudança. Estou convencido de que a principal razão de Paulo viver com tamanha pureza diante de Deus era o regime constante de mudança que aprendera a aceitar.

Rebobine a fita em sua cabeça. A caminho de Damasco para perseguir os cristãos, uma luz veio dos céus e ele foi convertido a Cristo. *Uma transformação radical.* Foi, então, guiado para viver e servir junto a um grupo completamente novo de pessoas — exatamente os cristãos que antes perseguia tornaram-se seus companheiros de ministério. *Outra mudança dramática.*

Depois veio à Arábia. Mudança de ambiente. Mudança de ritmo. Mudança de estilo de vida. Embora não saibamos tudo o que Deus realizou durante esse longo ano sabático, isto sabemos: *Saulo mudou.* Dali viajou para Damasco, voltando mais tarde a Jerusalém e, então, retornou à sua casa em Tarso, onde permaneceu nas sombras durante anos. O homem mudou, mudou e mudou outra vez. Sem dúvida rejeitado por sua família e tendo visto rompidos seus laços com o judaísmo, ele viveu longe de tudo o que antes amava. Um judeu convertido, vivendo em sua cidade natal, um homem que ninguém queria... sem amigos, sem lar, sem direção. Durante vários anos, viveu como um eremita, submetendo-se de boa vontade às mãos firmes, mas graciosas, do oleiro.

Um dia, finalmente, ouve uma batida familiar na porta. Para sua alegria, era Barnabé. Ele fora convidá-lo para voltar ao serviço. Barnabé precisava de um homem para marcar pontos no enorme empreendimento em Antioquia. *Outra série completa de mudanças.* Imagine o abalo no esquema de vida de Paulo - saindo da obscuridade de Tarso, onde poucos queriam qualquer coisa com ele, para os refletores de Antioquia, onde multidões pendiam ante cada palavra sua.

Ele e Barnabé uniram-se ali num ministério de ensino que durou um ano inteiro. Quantos devem ter sido recrutados e equipados com a verdade graças ao ministério deles?

E em meio a esse ministério maravilhoso, produtivo, crescente, aconteceu algo totalmente inesperado. Deus decidiu mudar novamente as coisas. Ele tinha planos para destacar dois homens e colocá-los na estrada. Que mudança! Vamos dar um *close* e examinar isso mais de perto.

A EQUIPE DOS SONHOS E A IGREJA VIVA

O padrão de crescimento da igreja de Antioquia teria deixado até George Barna meio tonto. Que modelo de saúde e eficiência! Leia novamente o relato e tente imaginar-se em meio a tudo que estava acontecendo.

Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colaço de Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram. Enviados, pois, pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre.

Atos 13:1-4

Para começar, a Igreja Comunitária de Antioquia era o lugar onde se deveria estar. Eles não só tinham crescido espiritualmente, como a equipe ministerial era um verdadeiro time dos sonhos do primeiro século. Barnabé, Simeão, Lúcio, Manaém e Saulo — que tal um grupo desses? Os crentes em Antioquia achavam-se sob a influência de cinco profetas, pregadores e professores especiais *par excellence.* Cada um fora chamado, recebera dons, era dedicado e separado para o serviço do Senhor. Era exatamente disso que a nova igreja em crescimento precisava — de líderes certos para lançar um forte fundamento. Como tudo era maravilhoso! A igreja estava satisfeita porque recebia ensino verdadeiro e substancial, muito encorajamento e a adoração era muito boa. Lembre-se disso. O lugar florescia no alimento sólido da Palavra. O regime era saudável e nutritivo. O ensino rico e profundo.

Embora escritas há mais de um século, as palavras de Charles Spurgeon possuem um toque de relevância para nossos dias. Leia devagar e com cuidado: Os sermões devem conter ensinamento real, e a doutrina que transmitem deve ser sólida, substancial e abundante. Não subimos ao púlpito apenas para conversar; temos instruções de grande importância para transmitir e não nos cabe pronunciar insignificâncias. Nossa escala de assuntos é tudo menos

limitada; não podemos, portanto, ser desculpados se nossos discursos forem batidos e despojados de substância. Se falarmos como embaixadores de Deus, nunca teremos de nos queixar por falta de assunto, pois a nossa mensagem chega a transbordar. O evangelho integral deve ser apresentado do púlpito; a fé uma vez entregue aos santos deve ser proclamada por nós. A verdade, como se encontra em Jesus, deve ser instrutivamente declarada para que o povo possa não só ouvir, como também conhecer o alegre som... Nada compensa a ausência do ensino.[2]

Para ser franco, dos fatores mais importantes que são levados em conta ao decidir a igreja da qual você e sua família vão participar, em primeiro lugar deve estar o compromisso de transmitir ensinamentos substanciais. Não basta frequentar uma igreja por ter amigos ali ou porque você gosta de um determinado estilo de música. Você precisa de alimento nutritivo para sobreviver! Se for como eu, sua alma anseia por um regime regular de refeições substanciosas para nutrir, fortalecer e fortificar a sua vida.

Todo bom restaurante tem um elemento principal que atrai multidões noite após noite, semana após semana e ano após ano. Boa comida! A maioria de nós estaria disposta a sacrificar ambiente, atmosfera, localização e até serviço de qualidade para saborear a melhor comida da cidade. Alguns indivíduos em outros estados talvez prefiram velas e música romântica à boa comida. Mas, posso dizer-lhe, os texanos gostam de carne — de pedaços grossos, escolhidos, bem assados e servidos à mesa de maneira atraente. Vou per-guntar-lhe então: o que faz a diferença, não importa onde você more, entre um bom restaurante e outro medíocre? *O chef.* Embora raramente encontremos esses indivíduos talentosos, quanto melhor o chef tanto melhor a comida. E quanto melhor a comida tanto mais popular o lugar. Antioquia servia a melhor comida espiritual da Fenícia. E era preparada até a quase perfeição por um grupo de cinco grandes *chefs.*

Saulo se ajustava àquele grupo como um chef principal ajusta-se a um bom restaurante. Era um lugar escolhido para ele exercer seus dons e transmitir o que tinha de melhor. Eu gostaria muito de ter feito parte daquela congregação. Deve ter sido magnífico ouvir Saulo de Tarso abrir os velhos pergaminhos do Antigo Testamento e ensinar a Palavra de Deus. Só posso imaginar como aqueles nenês que cresciam em Cristo saboreavam e engoliam cada rico pedacinho de verdade. Eles aprenderam tudo sobre graça e coragem. De repente, acho que estou ficando com inveja...

Penso que teria reagido como Pedro no meio da transfiguração (como registrado em Mateus 17:4). “Senhor, vamos levantar uma tenda sagrada e ficar aqui. Vamos permanecer neste lugar.” O problema com esse tipo de atitude é

que, no trabalho de Deus, não há acampamento permanente no planeta Terra. Chega sempre a hora de arrancar as estacas.

LIBERTADO PARA OBEDECER

Enquanto ministravam ao Senhor, jejuando, cantando, ensinando, testemunhando e orando, o Espírito Santo disse: “Muito bem... que ronquem os motores, companheiros... para o oeste, vamos!” (Edição Parafraseada e Revisada de Swindoll.) “Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado” (At 13:2).

Você pode imaginar como alguns reagiriam a isso hoje? “Isso não pode ser verdade. Vai remover dois dos cinco chefs e mandá-los para outro lugar? Vamos morrer de fome! Vai tirar de nossas fileiras dois dos melhores professores de adultos e levá-los para algum campo missionário distante? São dois quintos da nossa liderança. Não podemos deixar que esses homens escorreguem por entre os nossos dedos!”

Nada disso, porém, ocorreu em Antioquia. No momento em que compreenderam que o Espírito de Deus é quem os enviava, foram liberados. A mudança ocorreu (não ignore isso!) “enquanto estavam servindo”. Não aconteceu num período de calmaria, quando as ofertas estavam baixas, ou durante um período de transição da liderança. Deus tirou esses dois homens daquele cenário agitado, quando a igreja achava-se em seu apogeu, em pleno vapor. As pessoas achegavam-se às carradas, necessidades profundas eram satisfeitas, almas salvas, vidas transformadas. As famílias estavam ficando saudáveis, o lugar vibrava, cheio de magnetismo espiritual! Mesmo assim, o Espírito disse: “Está na hora de mudar.” Quem imaginaria isso? Mas Deus é cheio de surpresas, pois ele vê o quadro total, enquanto nós nos concentramos principalmente no aqui e agora.

Esse foi o modo de Deus dizer a Barnabé e a Saulo que estava na hora de partir. A propósito, foi o Senhor que falou. Naqueles dias, o Senhor revelava-se de várias formas. Hoje, creio que fala conosco mediante a sua Palavra, por meio dos empurrões suaves do Espírito e do testemunho coletivo do seu povo. Pode ter sido, então, numa visão à noite, ou quando os discípulos estavam orando, ou meditando nas Escrituras, ou jejuando. Outros confirmaram o que a voz disse. O Senhor falou, com efeito: “Tenho trabalho para dois de vocês em outro lugar. Não para todos, apenas para os dois... e meu plano é melhor. Separem Barnabé e Saulo. Eles são os dois que estou chamando”.

Não houve orientação preliminar. A mudança de direção ocorreu sem aviso

prévio. Nenhum memorando foi enviado antes de uma reunião para o fato ser considerado em espírito de oração. O Espírito falou, e a igreja ouviu. Para que Barnabé e Saulo obedecessem, precisariam ser liberados. Eles obedeceram e foram enviados. Não é esplêndido?

Preciso de uma pausa para fazer algumas observações sobre a natureza do ministério. A maneira como Deus guia o seu ministério é, no geral, difícil de compreender. Encontrar direção no mundo corporativo talvez seja mais fácil. Há uma linha de ação básica clara, acionistas a quem prestar contas e mercados definidos que guiam as decisões da empresa.

As questões do ministério raramente são assim tão evidentes. Servimos a um Cabeça a quem não vemos e ouvimos uma voz que não podemos literalmente escutar. Muitas vezes, sentimos como se nos fosse pedido para seguir um plano que não compreendemos. E, preciso repetir aqui, durante o processo de descobrir a liderança de Deus, somos sujeitos a enormes mudanças. Há mudanças que devemos aceitar no poder do Espírito se quisermos obedecer à direção do Senhor.

Embora devamos prestar contas às igrejas a quem servimos, cada um dos servos de Deus responde, no final das contas, a ele. Sem esse tipo de dedicação exclusiva ao Senhor, corremos o risco de vir a agradar às pessoas e não a Deus. Os líderes cristãos que se tornam fantoches ao se concentrarem em agradar às pessoas não passam de covardes patéticos.

Em vez de ser um guerreiro do rei, é fácil tornar-se um covarde inseguro, confiando em opiniões humanas e ansiando pela aprovação de homens. Pela sua graça, nunca mais farei isso. Aprendi muito com esses estudos biográficos que tenho escrito. Minha responsabilidade é comunicar o que o povo de Deus *precisa* e não o que ele *quer* ouvir. Enquanto faço isso, essa verdade me atinge com a mesma autoridade com que atinge os indivíduos com quem me comunico. Que Deus possa libertar cada pastor honesto, cada grupo de presbíteros que buscam a verdade e cada líder de igreja da escravidão de agradar pessoas.

Da mesma forma que em Antioquia, Deus muitas vezes interfere num desempenho ministerial que funciona bem e diz: “Este indivíduo deve sair e aquele deve ficar. Eu o estou chamando para servir em outro lugar”. É comum nos apegarmos demais às pessoas. Deus tem de soltar nossos dedos das coisas e dar-nos graça para liberá-las, a fim de que seus servos escolhidos possam obedecer. O egoísmo quer prender e não soltar.

Estejamos dispostos a liberar homens e mulheres talentosos sem relutância. Pense nisso deste modo: ao liberá-los, nós os capacitamos a obedecer. Quando você é chamado por Deus para ir a um lugar inesperado, não há necessidade de temer a mudança. A mudança traz aventura, e esta aumenta a sua fé. Tudo isso

representa crescimento. O crescimento acontece dentro de nós quando enfrentamos o perigo. De frente. A fé e o perigo andam de mãos dadas. Esse pode ser um conceito completamente novo para você.

Reli recentemente o livro de John Eldredge, *Wildat Heart.* É um livro para homens sobre homens, mas muitos dos princípios do autor transcendem o gênero. Permita que cite uma seção especial de seu trabalho cativante. Imagine a cena descrita por John e coloque-se no lugar dele.

Há um rio que serpenteia pelo Sul do estado de Óregon, correndo das montanhas Cascades para o litoral, que marcou presença também em minha infância ao abrir caminho nos desfiladeiros da minha memória. Quando menino, passei muitos verões no Rogue, pescando, nadando e colhendo amoras... Eu gostava do nome dado ao rio pelos caçadores franceses: Rio *Scoundrel* (Malandro). Isso adicionava uma bênção maliciosa às minhas aventuras ali: eu era um malandro no rio Malandro. Aqueles dias dourados da minha meninice são algumas das minhas lembranças mais preciosas e, portanto, no verão passado levei Stasi e os meninos para lá, a fim de compartilhar com eles um rio e uma época da minha vida...

Existe uma rocha que se projeta desse rio em algum ponto entre a pousada *Morrison* e o banco de areia *Foster.* O desfiladeiro estreita-se ali, e o Malandro aprofunda-se e faz uma pausa momentânea na sua corrida para o mar. Paredões rochosos elevam-se de cada lado e ao norte — o lado que só barcos podem alcançar - fica a Pedra do Pulo. Saltar rochas é um dos esportes favoritos de nossa família, especialmente quando está quente e seco; o pulo é de tirar o fôlego quando você mergulha abaixo da água mais quente que fica na superfície e desce para onde está escuro e frio, tio frio que você volta ofegante para a cima em busca do sol. A Pedra do Pulo fica empoleirada sobre o rio a uma altura de cerca de uma casa de dois andares e um pouco mais, alta o suficiente para contar até cinco antes de bater na água (é mais ou menos o dobro da contagem do trampolim mais alto em sua piscina). Há uma faculdade embutida no cérebro humano que faz com que cada penhasco pareça duas vezes mais elevado quando se olha do alto, e tudo em você diz: Nem pense nisso!

Você, então, não pensa, apenas se atira para o centro do desfiladeiro e depois cai em queda livre por um tempo que parece suficiente para recitar a Declaração de Gettysburg [...] Todos os seus sentidos ficam em alerta máximo, enquanto mergulha na água gelada lá embaixo.

[...] Depois desse primeiro salto, você precisa repetir a experiência, principalmente porque não acredita que de fato fez aquilo e parcialmente porque o medo cede lugar à emoção de vivenciar tamanha liberdade. Deixamos que o sol nos aqueça de novo e depois... nova explosão.

Quero viver minha vida inteira assim. Quero amar com muito mais entrega e deixar de esperar que os outros me amem primeiro. Quero lançar-me em uma obra criativa digna de Deus.[3]

Liberar e obedecer requer esse tipo de devoção intrépida à vontade de Deus. Aprenda a dar as boas-vindas ao risco. Deixe de ficar aguardando todas as respostas. Os patos nunca nadam em linha reta. Esse tipo de mentalidade cautelosa exige pouca fé e não envolve absolutamente aventura nenhuma. Há uma palavra para aqueles que excluem todo o risco da vida... *tédio!*

Voltemos agora a Antioquia. Preste atenção à resposta da igreja. As Escrituras dizem: "Então, jejuando e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram" (13:3). Que louvável. Que consolo. Nenhuma pergunta. Nenhum espírito de suspeita. Nenhuma recusa egoísta, como se os dois homens lhes pertencessem. Eles se encontraram com o Senhor, certificaram-se de que a direção estava clara e depois tomaram providências imediatas. Liberaram os homens de Deus para a obra à qual o Espírito os chamara. E os dois homens, uma vez libertados, *pularam!* Eles mergulharam no novo chamado como Eldredge e seus dois filhos se atiraram da Pedra do Pulo.

Eu deixei, incidentalmente, quase todos os outros ministérios de que participei quando não havia nada de errado. De fato, parti numa ocasião em que tudo estava certo. As pessoas inevitavelmente me procuravam para saber o que acontecera. Com certeza devia existir algum problema, caso contrário eu não estaria partindo. Chegava a ser engraçado. Alguns diziam: "Ei, psiu, Chuck!, o que está *errado de verdade?'* Eu sorria e respondia: "Nada. O Senhor me chamou a Dallas para fazer parte da equipe de liderança do Seminário de Dallas."

Alguns simplesmente não podiam acreditar que Deus dirigisse alguém dessa maneira. Tudo estava seguindo muito bem sobre trilhos certos. A igreja era sadia e continuava a crescer. A vida das pessoas estava sendo transformada. Havia entrosamento na equipe e entre o corpo de crentes que outras igrejas almejavam também experimentar. Mais tarde, todos perceberam que Deus estava mesmo guiando... e que o seu tempo de agir é perfeito.

É engraçado como a natureza humana tira conclusões, não é? Como estamos quase sempre mal informados, tiramos falsas deduções e entramos em conflito com a realidade. Mas não em Antioquia. Ninguém questionou a direção de Deus. Nenhum líder de voz poderosa levantou-se e tentou bloquear a decisão da diretoria. Nada disso. O Espírito falou, e o povo de Deus respondeu com desprendimento. Lemos no versículo 4: "Enviados, pois, pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre" (13:4).

Que mudança! Barnabé e Saulo partiram para uma aventura completamente

nova em solo estrangeiro, com o Senhor na frente e a igreja de Antioquia dando-lhes todo apoio. Mas eles não haviam comprado passagem para um cruzeiro de férias. A vida tornou-se perigosa e incerta. Os rigores do trabalho foram suficientes para fazer com que o jovem João Marcos (um indivíduo que examinaremos melhor mais tarde) abandonasse o grupo e voltasse para casa.

Em Listra, Paulo foi apedrejado e deixado como morto. Imagine, tinham partido de Antioquia para isso!

Servir no centro da vontade de Deus pode ser um negócio perigoso. No entanto, quer em tempos de relativo conforto, quer em grandes dificuldades, o princípio fundamental é o mesmo: *obediência requer mudança.*

LIBERAR E OBEDECER, COMO O BARRO EM SUAS MÃOS

Manter o barro da sua vontade maleável e flexível exige constante atenção ao longo do caminho. Uma vez que se tornar duro e insensível à direção de Deus, será menos útil para ele. Quero tomar as verdades com as quais lutamos aqui e transformá-las em um ungüento suave que você poderá aplicar regularmente quando uma mudança surgir no horizonte. Os ingredientes do ungüento que precisa aplicar incluem uma gota do que é negativo e uma insignificância do positivo.

Primeiro ingrediente negativo: Não exclua nenhuma possibilidade. Fique aberto para tudo o que Deus tenha para você, removendo todas as limitações. Sim, todas. Nenhum daqueles indivíduos em Antioquia teriam esperado que Deus tirasse Barnabé e Saulo do meio eles. (Eu teria escolhido Lúcio e Manaém. Quer dizer, quem sentiria falta deles?) É, porém, tão característico do Senhor escolher justamente aqueles que você e eu queremos que fiquem para sempre. Remova todos os limites. Diga ao Senhor que está disposto a cooperar. Mas não esqueça: você pode ser o próximo Barnabé ou Saulo que o Senhor vai decidir mover. Lembre-se, estamos tratando de mudança: mudar para obedecer.

Segundo negativo: Não permita que o excesso de atividade embote a sua sensibilidade. Lembre-se de que Deus falou enquanto eles estavam ministrando. Você pode estar tão ocupado nas atividades da igreja que não consegue entender o que o Senhor está dizendo. Aqueles homens de Anrioquia não permitiram que isso acontecesse. Howard Hendricks, um de meus conselheiros e amigo de muito tempo, disse: “A maior ameaça ao seu ministério pode ser o seu ministério”. Penso que ele tem razão (na maioria das vezes, tem mesmo!). Verifique se está separando tempo regular para estar com o Senhor, mantendo a mente aberta,

meditando sobre a Palavra, permanecendo dedicado à oração e tendo tempo suficiente para relaxar. Só então você pode ouvir e discernir seu cicio suave em meio ao ruído da sua atividade na igreja. Quando perceber que ele está falando, continue sensível, aberto e disposto.

Primeiro ingrediente positivo: Deixe Deus ser Deus. Ele é seletivo quando move as pessoas. Separou dois e deixou três. A prerrogativa era dele. Poderia ter escolhido os cinco ou apenas um. O chamado é dele. Nosso soberano Senhor faz o que lhe agrada, e quando fica claro, nossa resposta é obedecer. Ou, como um velho pregador costumava dizer: "Faça uma continência e ataque!" Se não for escolhido para ir, em vez de sentir-se diminuído, alegre-se! Deus tem o seu plano e suas razões para escolher quem escolhe. Outros são chamados para partir; você é chamado da mesma forma para ficar. Deixe Deus ser Deus. Nunca vai arrepender-se disso. Não suponha nada além deste momento.

Quando Cynthia e eu estávamos construindo nossa casa nova em Frisco, eu disse a um amigo: "Sabe de uma coisa? Este vai ser nosso último lar antes de morrer".

De repente, percebi que estava, então, chamando minha casa de *túmido.* Não digo mais isso.

O Senhor nunca disse que Frisco, Texas, seria o último lugar em que me usaria. Ele é o oleiro, e eu o barro. Está me formando. Se me fosse dado falar, eu diria a ele: "Ah, não aperte aí. Não me faça parecer um vaso. Quero ser como o *Davi* de Michelangelo ministrando aqui em Frisco". Que tolice. Vamos relaxar e deixar que ele faça o seu trabalho.

Segundo ingrediente positivo: Fique pronto para dizer sim. Não espere que todos os detalhes sejam explicados antes de concordar com a liberação e obedecer. É claro que haverá dificuldades, algumas ladeiras na estrada. E daí? Fique pronto para dizer sim e confiar nele para cuidar do resto.

Preciso acrescentar algo neste ponto: não se sinta culpado se ele não o incluir em sua lista de missionários para a África. Se não o enviar para lá é porque não precisa de você ali. Se o guiar para outro lugar, obedeça. E se disser fique, relaxe, e dê tudo de si no lugar em que esteve todos esses anos. Não há necessidade de complicar as coisas. A graça é abundante. Aproveite.

Sei que isso parece loucura em nossa cultura detalhista, profunda, ultra-séria e intensa. Mas é preciso tanto graça *como* coragem - a substância de que são feitos homens como Barnabé e Saulo.

UM *CHECK-UP* PESSOAL DO CORAÇÃO

Só você e o Senhor conhecem as condições do seu coração. Ele é feito de barro macio e maleável, pronto para ser moldado e formado pelo escultor-mestre? Ou endureceu, tornando-se quebradiço e frágil durante anos de vida infiel? Você sabe exatamente o que Deus está pedindo que faça. Pode estar bastante além dos limites da lógica e muito fora de seus padrões de conforto. Pode até ser que alguns amigos lhe digam que aquilo que pensa que ele está pedindo que faça é errado, completamente errado. Mesmo assim, a sua direção é clara. Só uma coisa é necessária: dizer sim. Oh! quase esqueci. Você deve estar também pronto a arriscar-se.

Lembra-se da história do rio Malandro e da visão da Pedra do Pulo? Vamos, feche os olhos e imagine-se na ponta dos pés, na beirada, esforçando-se para ver a água lá embaixo... é uma queda grande!

Pronto? Respire fundo... sorria... agora... *Salte!*

Que bom!

Deixe a aventura começar...

Capítulo Dez

As Arestas do Ministério Autêntico

O ministério autêntico não é para medrosos nem para impostores. Não há promessas de vida fácil e de sucesso somadas a demais benefícios da categoria executiva, como ajuda de custo ilimitada e tratamento especial. A maioria dos ministros do evangelho trabalha 30 a 40 anos, algumas vezes até 50, e sua vida útil termina, no geral, com uma recepção de bolo e ponche para agradecer as realizações de toda uma existência. Nenhuma fanfarra, nada de bandas ruidosas nem recompensas ao longo do caminho que incentivem os servos cansados a se empenharem em obras ainda maiores. A verdade seja dita, é mais uma mistura de sonhos com realidade, de alegria e sofrimento, de novos começos ao lado de transições penosas, de amizades sinceras e conflitos com líderes, de férias ocasionais e de exaustão física e emocional, de restrições na vida pessoal devidas ao orçamento apertado. Para os que ministram em muitas partes do mundo, o esforço é claramente extenuante. Ele pode incluir perseguição, prisão, maustratos, tortura e até morte. Em termos reais, o ministério autêntico tem quase sempre arestas afiadas que machucam e que podem roubar nossos sonhos, fazendo-nos perder a coragem.

Deus costuma inserir pontos periódicos para testar nossa noção da realidade, enquanto viajamos em direção à concretização dos nossos sonhos.

A partir daqui, isso se aplica muito bem ao nosso principal personagem, Saulo — agora chamado Paulo — juntamente com seu parceiro e amigo, Barnabé. O jovem João Marcos juntou-se à equipe missionária nesta primeira jornada. Ele também tinha expectativas e sonhos. Porém, seus joelhos iriam em breve enfraquecer debaixo da pressão e deixaria Paulo e Barnabé continuarem em sua cruzada do evangelho sem a sua companhia. Falaremos mais sobre isso um pouco adiante.

Tudo começou quando os agora familiares aspectos e sons do reavivamento de Antioquia desapareceram à distância, eclipsados pelo ruído das ondas cobertas de espuma batendo com força no casco do navio que cruzava o Mediterrâneo estalando e gemendo.

O OBJETIVO FINAL DE UM MINISTÉRIO AUTÊNTICO

A primeira viagem missionária de Paulo está começando. Armados com o chamado de Deus, os dois homens não perderam tempo e começaram a pôr em

prática a sua visão de proclamar a Palavra de Deus a todos os que lhes dessem ouvidos. Ironicamente, o seu forte e saudável compromisso com o evangelho é que os levou a “perigos, trabalhos e ciladas”. Mas, como vamos observar, uma das marcas do ministério autêntico é um compromisso inabalável com a proclamação da verdade. E por isso que estou concentrando meu livro no registro da vida de Paulo como revelada nas Escrituras e não nos vários mitos e lendas que cercam a sua vida memorável.

Estou convencido de que há dois benefícios duradouros quando centralizamos nosso ministério na Palavra de Deus: sabemos que nela obtemos verdades confiáveis e nossa fé é fortalecida. Mitos, lendas e fantasias não podem fazer nenhuma dessas coisas. Deus prometeu abençoar a sua Palavra. Um ministério comprometido em comunicar a verdade das Escrituras tem a segurança da bênção divina.

Sempre que quiser fazer uma análise profunda e verdadeira de qualquer personagem da Bíblia, é nela que deve basear-se. E na Palavra de Deus que achará esclarecimento, instrução e encorajamento.

Eu regularmente reafirmo, na Stonebriar Community Church, congregação na qual sirvo, uma de minhas mais fortes convicções de ministério. Menciono com freqüência que estou fervorosamente comprometido com a pregação expositiva da Bíblia. De fato, foi esse compromisso firme que nos levou a começar essa igreja no outono de 1998. Os que estavam conosco então, assim como os que agora participam da congregação do novo ministério, buscam ansiosamente o ensino da Palavra de Deus. Isso é estranhamente raro em nossos dias.

Estamos vivendo numa cultura que resiste à noção de qualquer verdade absoluta... seja lá que absoluto for. Os resultados trágicos são vistos à nossa volta. Não é tempo de suavizar deliberadamente a verdade tornando o cristianismo mais palatável para os incrédulos. Esse pensamento jamais teria passado pela mente de Paulo. Nem deve passar pela nossa.

O pastor Steven Lawson, numa série de palestras feitas no Seminário Teológico de Dallas, falou apaixonadamente sobre a necessidade de as igrejas reafirmarem o seu compromisso de proclamar a Palavra de Deus. Suas palavras foram mais tarde registradas na revista teológica da nossa escola. Vale a pena reproduzi-las aqui: Grande parte da pregação evangélica tornou-se estranhamente inócua e, lamentavelmente, poucos compreendem isso. Como Sansão, a quem o Espírito abandonou sem que ele soubesse, muitos pastores parecem não ter noção de que o poder de Deus sumiu de seus púlpitos antes dinâmicos. Em vez de pregar com renovado fervor, eles estão preocupados em dirigir suas energias para estratégias secundárias, tais como aplicar os mais

modernos programas de crescimento da igreja, adotar estilos alternativos de adoração e executar estratégias de *marketing* para construir prédios para a igreja. Embora algumas dessas contribuições possam ter lugar na igreja, a necessidade premente da hora é que o poder divino seja restaurado nos púlpitos evangélicos.

No âmago dessa crise, reside a perda de confiança no poder de Deus de usar a sua Palavra. Embora muitos afirmem a inerrância da Escritura, alguns pastores não parecem convencidos de sua suficiência quando pregada, a fim de produzir os resultados desejados por Deus. Eles argumentam que a pregação bíblica é fora de moda, arcaica e irrelevante. Em algumas igrejas, teatro, diálogos, clipes de filmes e meios similares estão substituindo a sólida exposição bíblica. Essas coisas não são necessariamente más por si mesmas, mas a pregação expositiva nunca deveria ocupar um lugar inferior ao desses meios secundários de comunicação.

Os pastores fariam bem em revisitar os ministérios dos servos de Deus nas Escrituras e em seguir o exemplo deles como proclamadores da Palavra de Deus.[1]

A convicção de Lawson é louvável e deve caracterizar qualquer ministério que deseje ser autêntico.

Paulo inaugurou sua primeira viagem missionária com um objetivo claro e poderoso: proclamar a Palavra de Deus. Estou convencido de que foi esse compromisso resoluto com a verdade de Deus que o fez defrontar-se com as arestas afiadas que acompanham tais convicções firmes. Aquele não era um cruzeiro de lazer programado por ele para as férias. Paulo avançou resoluto, sem olhar para trás. Sua mensagem era cheia de graça, mas ele deu exemplo de uma determinação verdadeiramente corajosa. Era o seu chamado. O seu destino.

Quando apresentei-me ao Seminário de Dallas na primavera de 1959, tinha acabado de sair da Marinha, com muitos quilos a menos e usava cabelo escovinha. Cynthia e eu nos sentamos no escritório para a nossa entrevista com o Dr. Donald K. Campbell, que muitos anos depois se tornaria o terceiro presidente. Lembro-me de o Dr. Campbell ter olhado para mim por sobre os óculos e de fazer-me a seguinte pergunta sobre a entrada na vida ministerial: “Jovem (algo que hoje me alegra *só* de lembrar), você ficaria feliz em fazer qualquer outra coisa com a sua vida?” Pensei um pouco no assunto, pois ninguém me fizera antes essa pergunta. Finalmente, disse sinceramente a ele: “Não senhor, não ficaria feliz fazendo qualquer outra coisa. Estou firmemente comprometido em servir Cristo pelo resto da minha vida.” Um ano depois, ele me disse que não me teria aceito se eu tivesse dado outra resposta.

O Dr. Campbell sabia que o ministério autêntico exige compromisso absoluto. Por quê? Porque num ministério baseado na Palavra de Deus, em que

agradar às pessoas não seja o objetivo, existem arestas afiadas que não são geralmente conhecidas pelo público. A maioria acredita que os pastores e líderes da igreja trabalham aos domingos e descansam no resto da semana jogando golfe ou gastando futilmente o tempo com coisas não essenciais e conversas com os amigos. Todos nós, que trabalhamos na obra de Deus durante anos, simplesmente reviramos os olhos quando ouvimos coisas desse tipo. As pessoas dizem algo como: “Tudo o que você tem a fazer é ficar em pé lá na frente da igreja e falar, não é?” Poucos compreendem a intensidade da pressão e a enorme responsabilidade ligadas à exposição exata da Palavra de Deus e, depois, ainda ter de lidar corretamente com os resultados.

Vamos esclarecer uma coisa antes de continuar: uma vez que tenha assumido o compromisso de servir a Cristo em resposta ao seu chamado sobre a sua vida, o Inimigo o coloca diretamente sob a sua mira, e ele é um excelente atirador! Está aberta a temporada de caça aos novos recrutas das fileiras do ministério do evangelho.

Satanás despreza tudo o que amamos e trabalha insistente e diabolicamente contra tudo o que tentamos realizar no poder do Espírito. Deixe-me, então, repetir as palavras sábias de meu amigo e ex-colega, Don Campbell: “Se você ficar feliz fazendo qualquer outra coisa, *por favor faça isso.* Se não fizer, as arestas afiadas irão machucá-lo de tal forma que acabará desiludido, naufragando no seu propósito.”

Paulo e Barnabé, sem dúvida, decidiram diante do Senhor: “É exatamente isso que queremos fazer. Queremos ir para onde Deus nos mandar... queremos fazer o trabalho que nos chamou a fazer.” Eles não tinham nenhuma pista em relação aos detalhes do seu futuro. Isso é sempre assim. Os servos de Deus nunca sabem o que os espera. (Se soubéssemos, provavelmente nunca iríamos.) Os dois fizeram as malas, despediram-se de alguns amigos mais chegados e foram para a costa, o primeiro ponto de destino daquela que se tornaria uma viagem de experiências cheias de arestas afiadas.

Os três missionários embarcaram na Selêucia nos primeiros dias da estação de navegação, em princípios de março de 47 d.C., para a curta viagem até Chipre, escolhida como local preliminar evidentemente pelo fato de Barnabé ser cipriota e de a ilha possuir uma minoria judaica substancial, grande o bastante para que se levantasse uma perigosa rebelião cerca de cinqüenta anos mais tarde. Havia ali também uma grande população de escravos pagãos extraindo o cobre que dava a Chipre a sua riqueza. Os apóstolos desceram em Salamina, centro comercial do centro do Oriente (perto da moderna Famagusta), onde “anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas judaicas”.[2]

A ARESTA AFIADA DAS EXIGÊNCIAS FÍSICAS

Um breve passeio geográfico ajudará você a orientar-se em relação à primeira viagem missionária de Paulo. Barry Beitzel, em seu popular livro *The Moody Atlas ofBible Lands*, ajuda a colocar em perspectiva a extensão das pesadas viagens de Paulo. Leia suas palavras cuidadosamente e surpreenda-se, como eu, com as enormes exigências físicas enfrentadas por Paulo e Barnabé.

As distâncias percorridas pelo apóstolo Paulo são praticamente espantosas. O Novo Testamento registra, na verdade, o equivalente a cerca de 21.400 km percorridos pelo grande apóstolo; e se levarmos em conta as estradas secundárias que, às vezes, tinha de necessariamente utilizar, a distância total coberta excedería em muito esse número. Além disso, parece que o Novo Testamento não documenta todas as excursões de Paulo. Por exemplo, ao que tudo indica, uma visita a Corinto (2 Co 12:14; 13:1) não foi registrada; ele se refere a naufrágios dos quais não temos registro (2 Co 11:25); e havia também o seu desejo de ir à Espanha (Rm 15:24, 28), embora seja ainda discutido se algum dia existiu de fato a possibilidade de fazer essa viagem. Se considerarmos o meio de transporte disponível no mundo romano, a distância média percorrida em um dia, os caminhos primitivos e irregulares, os terrenos montanhosos que tinha algumas vezes de atravessar, o gasto de energia física do apóstolo torna-se incalculável para nós. Muitos desses quilômetros fizeram Paulo passar por lugares inseguros e hostis, quase sempre controlados por salteadores que esperavam ansiosamente por uma presa (cf. 2 Co 11:26). Desse modo, o compromisso de Paulo com o Senhor envolvia uma vitalidade espiritual inextricavelmente unida a um nível superlativo de vigor físico e coragem intrépida.[3]

O que Beitzel chama de compromisso, vitalidade e vigor, eu chamo de coragem. A cota de Paulo era grande. Uma das arestas do ministério autêntico é o enorme gasto de energia que deve ser mantido durante longos períodos de tempo. Uma vez em Chipre, Paulo e Barnabé não construíram simplesmente uma fogueira na praia e esperaram que se espalhasse a notícia de sua presença. A narrativa histórica declara que eles atravessaram “toda a ilha”, proclamando o evangelho e ensinando a Palavra de Deus.

Não se confunda com os detalhes nem perca de vista o quadro geral da situação. Não havia bondes, trens, nem vôos fretados disponíveis na ilha. Eles andaram durante dias e, muitas vezes, caminharam à noite. Depois de explorar toda a ilha, pararam em Pafos. Embora, sem dúvida, exaustos da viagem, foi logo depois dela que encontraram um oficial do governo e seu mágico-assistente

chamado Elimas. Este último opôs-se ao ensino de Paulo. Não perca agora isto. Após haver passado, não se sabe quanto tempo, viajando pelo terreno acidentado da ilha de Chipre, dormindo noites a fio no chão frio e duro, era de se imaginar que Paulo tivesse pouco interesse ou energia para lidar com um mágico pagão e sua tola bagagem de truques. Pelo contrário. Ele abocanhou imediatamente o desafio, como uma galinha que salta sobre uma minhoca. Seu chamado o fez agir. Lucas escreveu: Todavia, Saulo, também chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando nele os olhos, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor? Pois, agora, eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo. No mesmo instante, caiu sobre ele névoa e escuridade, e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão. Então, o procônsul, vendo o que sucedera, creu, maravilhado com a doutrina do Senhor.

Atos 13:9-12

Que coragem! Apesar de seu estado físico combalido, Paulo enfrentou diretamente a oposição, defendendo vigorosamente a verdade e levando um pecador ao Salvador. Gosto disso. Um noviço não comprometido teria rabiscado rapidamente seu currículo, enviado para a diretoria e tomado o primeiro navio de volta para casa. Mas não Paulo. Ele não recuou nem por um momento. Como notaremos daqui por diante, as dificuldades aumentavam seu fervor. O homem não conhecia a palavra “desistir”.

Os desafios físicos apenas se intensificaram, à medida que a viagem continuou de Pafos até Perge, na Panfília (13:13). Foi ali, naquela região acidentada, que vários eruditos bíblicos acreditam que Paulo contraiu malária ou alguma outra perigosa doença da região litorânea. Pode ter contraído, também, alguma outra enfermidade ali. Sua visão fraca, com a qual lutou durante todo o resto de seu ministério, pode ter sido originada por algum exótico vírus da Panfília.

Lucas também conta que foi ali, nesse cenário inóspito, que João Marcos abandonou a viagem. Ele tinha, sem dúvida, sido de grande ajuda para Paulo e Barnabé, auxiliando-os de maneira prática, talvez carregando a bagagem dos dois determinados missionários. Com sua súbita partida, essa ajuda desapareceu. Em poucos dias, eles ficaram reduzidos a uma equipe de dois e já estavam sentindo a pressão, desde que a tal doença surgiu... agora havia, ainda por cima, menos uma pessoa para carregar o peso.

A Panfília é conhecida por seu terreno áspero, desigual. Desertados pelo jovem João Marcos, os dois missionários foram deixados para atravessar sozinhos aquele país traiçoeiro, carregando nas costas todos os seus pertences.

Estavam cansados, famintos, doentes e espiritual e emocionalmente esgotados. Seus músculos doíam e tinham bolhas nos pés. A subida de 1.060m através das montanhas costeiras levou-os a Perge, depois a mais de um quilômetro ao norte, para além das montanhas, até a colônia romana de Antioquia da Pisídia. Com indomável determinação, prosseguiram sozinhos, recusando-se a ceder à exaustão. Que modelos esplêndidos para nós nos lembrarmos no ministério! As dificuldades apenas aumentaram enquanto continuavam para o norte.

A ARESTA AFIADA DA FALSA POPULARIDADE

A jornada longa e árdua levou-os, finalmente, a Listra (14:8). Os homens estavam sem dúvida esperando algum descanso e alívio, tendo sido perseguidos nas cidades que haviam visitado até então. Durante todo o tempo, eles continuaram a pregar e ensinar as Escrituras. Algo, porém, aconteceu inesperadamente. Vamos deixar que as Escrituras narrem a cena: “Em Listra, costumava estar assentado certo homem aleijado, paralítico desde o seu nascimento, o qual jamais pudera andar. Esse homem ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos e vendo que possuía fé para ser curado, disse-lhe em alta voz: Apruma-te direito sobre os pés! Ele saltou e andava” (At 14:8-10).

Que ótima ilustração para um sermão! A reação do povo supersticioso era previsível: “Quando as multidões viram o que Paulo fizera, gritaram em língua licaônica, dizendo: Os deuses, em forma de homens, baixaram até nós. A Barnabé chamavam Júpiter, e a Paulo, Mercúrio, porque era este o principal portador da palavra. O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade, trazendo para junto das portas touros e grinaldas, queria sacrificar juntamente com as multidões” (At 14:11-13).

Posso fazer uma digressão momentânea? Que tentação para um pregador! Quando as pessoas estão tão impressionadas com você e comovidas com a sua mensagem, elas podem cometer o erro de tratá-lo quase como um deus. Como é fácil permitir que isso suba à nossa cabeça e começar a esperar tal adoração. Mas Paulo e Barnabé não fizeram isso. Pelo contrário, não tinham intenção de ceder à perigosa sedução da popularidade. Observe a reação deles. É muito bela: “Porém, ouvindo isto, os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgando as suas vestes, saltaram para o meio da multidão, clamando: Senhores, por que fazeis isto? Nós também somos homens como vós, sujeitos aos mesmos sentimentos, e vos anunciamos o evangelho para que destas coisas vãs vos convertais ao Deus vivo, que fez o céu, a terra, o mar e tudo o que há neles” (At 14:14,15).

Em vez de aceitar por um momento sequer a adulação do povo, Paulo

pregou um breve sermão que dirigia o povo para o Deus único e verdadeiro (14:15-17). Eles mal escutaram. Tentaram até oferecer sacrifícios para os dois homens. Como foi curta a sua fama... O extremo oposto aconteceu poucos minutos depois. Lucas escreveu: “Sobrevieram, porém, judeus de Antioquia e Icônio e, instigando as multidões e apedrejando a Paulo, arrastaram-no para fora da cidade, dando-o por morto” (At 14:19).

Bem-vindo ao ministério. Num momento está sendo aplaudido e no seguinte tem de fugir de tomates, ou pior, de pedras. Já estive lá, já fiz isso. Confie neste velho pastor de cabelos grisalhos a esse respeito: uma vez terminada a lua-de-mel, as pedras começam a voar. A popularidade no ministério é um perigoso penhasco com arestas afiadas que podem cortar um ministério em dois.

De modo notável, embora estivesse caído sem vida numa poça de seu próprio sangue, Paulo levantou-se imediatamente e voltou para a cidade de onde fora arrastado e deixado como morto. Quero dizer, esse missionário é determinado ou o quê? Coragem verdadeira.

Vou parar um minuto agora e fazer-lhe algumas perguntas: você pode imaginar ser tão odiado que as pessoas apanham pedras e atiram-nas em você até deixá-lo inconsciente e julgarem que está morto? Agora outra: se apedrejassem você em Abilene, passaria a noite nessa cidade? Pode ser também outra cidade qualquer. De modo algum! Fugiria depressa de avião para um lugar mais distante possível. Vamos falar sério, se estiver visualizando a cena estritamente de um ponto de vista horizontal, você não ia querer estar a dois mil quilômetros desse lugar quando o sol aparecesse na manhã seguinte?

Isso, é claro, se não tiver sido chamado nem se comprometido inteiramente com a perspectiva vertical. Então suporte, não desista. Não revide nem se encha de autopiedade. Vá dormir noite após noite confiando no mesmo Deus que o chamou para servir ali - convencido de que ele é soberano e tem absoluto controle.

Paulo fez exatamente isso. Ele entrou naquela mesma cidade e passou a noite ali (14:20). Levantou-se do chão poeirento, empurrou para o lado as pedras maiores, limpou o sangue do rosto e das mãos, endireitou-se e voltou imediatamente ao púlpito. Não conseguiram afastá-lo. Bem-vindo a um ministério autêntico!

O certo seria que ele demonstrasse um pouco de cautela e bom senso. Afinal de contas, Listra era uma cidade perigosa, imprevisível. Paulo foi apedrejado e deixado como morto ali! Eles queriam que fosse embora, mas Deus o chamara para ministrar ali.

Preste atenção: *um ministério que perdura é aquele que persevera*

incansavelmente em meio a períodos de enorme perseguição. Não é volúvel. Não necessita do aplauso das pessoas. Rejeita ser colocado num santuário como um deus. O ministério autêntico comunica a verdade de Deus por mais afiadas que sejam as arestas ou perigosas as ameaças. O ministério deles transbordava desse tipo de determinação.

DISTINGUINDO AS MARCAS DE UM MINISTÉRIO

AUTÊNTICO

Quero apresentar agora duas de quatro observações sobre a razão do ministério de Paulo ser autêntico. Estas duas estão contidas neste capítulo e as outras duas no capítulo seguinte.

Primeiro, Paulo estava saturado com a Palavra de Deus. As frases "Palavra de Deus", "palavra da verdade", o "ensino do Senhor", a "Lei e os Profetas" e as "boas novas" são mencionadas quinze vezes nos capítulos treze e quatorze (13:5, 7, 12, 15a, 32, 44, 46, 48, 49; 14:3, 7, 15,21,25).

Naquela primeira viagem Paulo levou apenas o suficiente para o seu sustento, roupas para cobrir a sua nudez, um coração cheio de esperança na verdade de Deus e de confiança erri que o Senhor o manteria fiel. Foi isso que o animou e fortaleceu contra os maustratos no ministério.

Será que você ficou um pouco negligente nos últimos meses em seu compromisso relativo ao tempo com as Escrituras? Pode estar acontecendo com você exatamente o que acontece comigo de tempos em tempos. Por favor, siga este conselho de amigo: se está se preparando entrar no seminário, para aceitar novas responsabilidades de ministério ou para inaugurar uma nova fase da sua carreira, não faça isso sem primeiro estabelecer um horário regular para encontrar-se a sós com o Senhor; prepare-se para o novo desafio passando tempo com a sua Palavra. O seu futuro espiritual depende disso. Sem esse compromisso de saturar sua vida com a Palavra de Deus, você entra em seu futuro desconhecido por conta própria. Recomendo que passe tempo suficiente com o Senhor para que seja fortalecido interiormente. Pode começar com um período pequeno, talvez 15 minutos por dia.

Alguns podem pensar: *Eu não tenho quinze minutos por dia!* Tente reduzir seu horário de almoço para passar algum tempo lendo um salmo ou dois ou digerindo uma das cartas do Novo Testamento.

Se Paulo pôde saturar sua vida com a Palavra de Deus, você e eu também

podemos. Você vai atingir algumas pessoas em sua esfera de influência que provavelmente não terão oportunidade de contato com mais ninguém. Seja conhecido pelo seu compromisso e por seus conselhos bíblicos. Seja apreciado pela sua atitude firme em relação aos valores morais. Tudo começa com o seu investimento de tempo na Bíblia. Sature-se com a Palavra de Deus. Isso fará com que se adiante muito em seus esforços para estabelecer um ministério autêntico.

Segundo, a mensagem de Paido enfatizou o evangelho aos perdidos e graça aos salvos. Esse é um maravilhoso paradigma a ser adotado por um pastor ou ministério. Ao estudar a vida de Paulo, especialmente seus derradeiros anos, encontrei dois temas proeminentes entremeados no seu ministério.

Primeiro, ele apresentou o evangelho aos perdidos: “Tomai, pois, irmãos, conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e, por meio dele, todo o que crê é justificado de todas as coisas das quais vós não pudestes ser justificados pela lei de Moisés” (At 13:38,39).

Imagine o impacto que nossas igrejas causariam às comunidades se cada cristão assumisse o compromisso de compartilhar o evangelho uma vez por semana com alguém.

Há pouco tempo, tive o magnífico privilégio de falar de Cristo a um homem de negócios. Não foi uma apresentação muito caprichada, mas a oportunidade surgiu e fiz o máximo para tornar minha mensagem clara. Peguei simplesmente um guardanapo de papel e desenhei nele uma série de ilhas numa extensão de água. Expliquei a ele que as escolhas que fizera na vida eram como pontes que o levaram a uma certa ilha no mar. Infelizmente, a ponte que escolhera o levara a uma ilha cheia de destroços. O que ele desejava era encontrar a ponte que se estendesse sobre o golfo, levando ao continente de paz, perdão e esperança. Eu disse então: “Você entrou nas pontes erradas durante toda a sua vida adulta e elas o levaram às ilhas erradas: esta religião, este falso ensino, esta pilha de boas obras, esta área de auto-ajuda. Você não achou a ponte que leva ao lugar onde todos nós precisamos estar. A ponte que perdeu é Cristo.”

Nos termos mais simples, expliquei a ele como podia ter um relacionamento pessoal com o Salvador. Ele não creu no momento. Pode ter feito isso horas depois. Só Deus sabe. Nossa responsabilidade é pregar o evangelho aos perdidos e deixar os resultados com ele. Paulo agiu assim. Ele tornou autêntico o seu ministério.

Segundo, a sua mensagem incluía grandes doses de graça para os salvos. Assim como os perdidos não entendem o evangelho, os salvos raramente entendem a graça. (Por favor, leia novamente essa sentença.) Há poucas atividades mais exaustivas e menos compensadoras do que cristãos tentando

agradar as pessoas ao seu redor, enquanto mantêm padrões legalistas de exigência impossíveis de cumprir. Que armadilha trágica, e milhares caem nela. Quando aprenderemos? A graça nos libertou! Essa mensagem fluía freqüentemente dos sermões e testemunhos pessoais do apóstolo Paulo.

Despedida a sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos piedosos seguiram Paulo e Barnabé, e estes, falando-lhes, os persuadiam a perseverar na graça de Deus.

Atos 13:43

Isso não é maravulhoso? “Paulo e Barnabé continuam falando-nos acerca da graça. Continuam pregando a graça”

A mensagem da graça continuou a fluir...

Entretanto, demoraram-se ali muito tempo, falando ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça, concedendo que, por mão deles, se fizessem sinais e prodígios.

Atos 14:3

E fluiu um pouco mais...

E dali navegaram para Antioquia, onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que haviam já cumprido.

Atos 14:26

Se você e eu comunicarmos consistente e compassivamente o evangelho aos perdidos e graça aos que se sentem culpados e envergonhados, sempre haverá pessoas que anseiam por ser livres.

Os perdidos precisam saber como sair da ilha de destroços, cheia de miséria e culpa, e se dirigir para a ilha de paz e perdão, onde a misericórdia e a graça fluem. Construímos essas pontes quando comunicamos o evangelho de maneira amorosa e paciente. Você não precisa ter diploma do seminário. Não precisa conhecer muito do vocabulário religioso. Em sua própria maneira autêntica, honesta e transparente, compartilhe com as pessoas o que Cristo fez por você. Quem sabe? Pode não demorar muito para que conheça a alegria de levar um pecador perdido das trevas do cárcere da morte, fazendo-o atravessar a ponte para a esperança libertadora da nova vida em Cristo. Uma vez ali chegados, liberte-os. Solte-os na magnífica liberdade que a graça oferece. Não os sufoque com uma porção de regras que os coloquem em um período de experiência mantendo-os num depósito até que “endireitem as suas vidas”. O Espírito é quem nos torna santos. Seja fiel em transmitir o evangelho aos perdidos e a graça aos salvos. Deixe, depois, os resultados nas mãos do Senhor.

É certo sonhar alto. E ótimo também planejar com uma atitude positiva. Não esqueça, porém, as lições de Paulo e Barnabé. O terreno de um ministério autêntico é rochoso, e algumas das pedras têm arestas afiadas. Por falar nisso,

permita que feche este capítulo mencionando...

A ARESTA AGUDA DOS RESULTADOS DECEPCIONANTES

Uma sentença no diário de James Gilmore, missionário pioneiro na Mongólia, não me saiu mais da cabeça desde o dia em que a li. Depois de anos de trabalho árduo pela causa de Cristo naquela terra desesperada, ele escreveu: “Em termos de pessoas convertidas, não vi resultado algum. Até onde pude perceber, não vi ninguém que sequer desejasse ser cristão”.

Quero acrescentar um pouco mais de realidade a essa declaração levando-o a um registro feito no diário de Gilmore nos primeiros dias do seu ministério. Ele expressa os seus sonhos e interesse pelo povo da Mongólia. Escritos à mão em seu diário estão estes sonhos: “Várias cabanas à vista. Quando poderei falar com o povo? O Senhor, sugere pelo Espírito como devo aproximar-me deles e preparar-me para ensinar a vida e o amor de Cristo Jesus”.

Essa era a sua esperança. Ele queria alcançar os perdidos da Mongólia com o evangelho de Jesus Cristo. Quão diferente do seu registro anos mais tarde: “Até onde pude perceber, não vi ninguém que sequer desejasse ser cristão”.

O que aconteceu no intervalo? Ele encontrou a aresta afiada de um ministério autêntico. Quando escrevo sobre ser bem-sucedido na obra do Senhor, não estou prometendo sucesso como o definimos em termos humanos. Não estou dizendo que, por você ser fiel na proclamação da Palavra de Deus, a sua igreja ficará lotada. Alguns dos servos mais fiéis de Deus estão pregando em lugares onde a igreja não está crescendo. Uma grande tentação para os que se acham nesse cenário difícil é usar algumas outras coisas que prometem resultados mais visíveis. Não faça isso. Deus está trabalhando. Alguns são chamados para ministrar no extremo norte de Dallas, em Frisco, Texas, que é o meu privilégio. Outros são chamados para Listra e Derbe, ou para as regiões mais remotas da Mongólia, onde bem poucos chegam a expressar interesse no Salvador. Meu respeito por essas pessoas e pela legião de outras como elas não tem limites.

Você está pensando em preparar-se para uma vida ministerial? O pensamento de colocar-se diante de multidões de pessoas e comunicar a Palavra de Deus com paixão e convicção apelam para o seu senso de aventura? Preciso perguntar-lhe mais uma vez: há alguma coisa no mundo que possa dar-lhe maior alegria? Caso positivo, faça isso. Nem sequer hesite.

Mas se você sabe que o Senhor o chamou para a sua obra e não se sentiria realizado fazendo qualquer outra coisa, então vá e não olhe para trás.

Gostaria de acrescentar que, se você tem certeza de que foi chamado, prepare-se para as arestas afiadas. João Marcos não estava e desistiu. Quando as arestas roubaram seus sonhos, ele perdeu o ânimo. Não foi o primeiro e não será certamente o último a quem isso pode acontecer.

Capítulo Onze

Uma Estratégia para Enfrentar Circunstâncias Extremas

Estou convencido de que há pelo menos três elementos essenciais para uma vida satisfatória: um claro senso de identidade pessoal, um forte senso de missão e um profundo senso de propósito.

Com o correr dos anos, observei que as pessoas que sabem quem são, que possuem um claro senso de sua missão e que compreendem o plano e o propósito de Deus para as suas vidas são as que experimentam satisfação genuína. Isso não significa que não enfrentem obstáculos extremos. Pelo contrário, significa que aprenderam a enfrentar esses desafios de maneira a transformar os obstáculos em oportunidades. Em vez de tropeçar neles, continuam *através* deles.

Talvez seja essa a sua descrição. Em caso positivo, continue avançando em meio a certos obstáculos porque tem em mente quem você é, porque sabe o que fazer no seu chamado e como suas circunstâncias específicas encaixam-se no propósito maior de Deus.

Henry Ford disse: “Obstáculos são aquelas coisas assustadoras que você vê quando tira os olhos do alvo”. Mandei emoldurar esse lema e ele ocupa um lugar de destaque na parede de meu escritório da igreja.

Na verdade, é o quadro de um esquiador fazendo uma descida suicida em uma ladeira escarpada encoberta de enormes montes e montículos de neve endurecida. O esquiador parece estar descendo essa ladeira medonha quase sem esforço. Impressa na parte de baixo da foto estão as palavras: “Obstáculos são aquelas coisas assustadoras que você vê quando tira os olhos do alvo”.

Sempre sonhei esquiar com esse estilo gracioso. Mas, verdade seja dita, nunca sequer me aventurei pela pista de principiantes. E por boas razões. Tentei certa vez uma pista intermediária enquanto esquiava em Keystone, Colorado, há alguns anos. Pensei que estava progredindo até chegar a um ponto que ficava a menos da metade do monte. Para meu horror, senti que me inclinava totalmente para a esquerda, sem controle num dos esquis e com o outro onde não devia estar (quase acima da minha cabeça!). Nessa hora, passei deslizando a toda velocidade por um grupo de jovens esquiadores. Enquanto voava com meu esqui único e com os bastões oscilando loucamente ao vento, ouvi a professora dizer em voz alta, enquanto tentava proteger as crianças daquele míssil adulto correndo a mais de 40km/h ladeira abaixo: “É justamente isso que vocês não devem fazer!” Swindoll sobre esquis com os olhos fora do alvo. Segundo me lembro, acabei

não muito longe de uma manada de búfalos que pastavam e olhavam em minha direção. Fiquei ali encolhido, coberto de neve e sem esquis. Um espetáculo nada empolgante.

O PODER DE UMA ATITUDE NOTÁVEL

Em seu livro, *Maris Search for Meaning*, Viktor Frankl escreveu estas palavras surpreendentes: “Os que viveram nos campos de concentração podem lembrar-se dos homens que andavam pelos alojamentos consolando outros, dando-lhes seu último pedaço de pão. Eles podem ter sido poucos em número, mas oferecem prova suficiente de que tudo pode ser tirado de um indivíduo menos uma coisa: a liberdade final de escolher sua própria atitude em qualquer situação, de escolher seu próprio destino”.[1]

Concordo plenamente. Fazemos escolhas a cada momento de nossas vidas, em que estamos acordados. Quando levantamos de manhã, escolhemos a atitude que irá guiar nossos pensamentos e atos ao longo do dia. Estou convencido de que nossas melhores atitudes emergem de uma clara compreensão de nossa identidade, de um forte senso de nossa missão divina e de um profundo senso do propósito de Deus para a nossa vida. Essa espécie de atitude honra a Deus e encoraja-nos a avançar, a focalizar o alvo, a responder de maneiras notáveis às mais extremas circunstâncias da vida.

Foi esse tipo de atitude notável que Paulo e Barnabé mantiveram constantemente em toda a sua viagem missionária. Os dois servos enviados por Antioquia enfrentaram e venceram inúmeros e extremos obstáculos com a determinação implacável de ficar concentrados no alvo.

Todos precisamos de uma estratégia confiável para enfrentar circunstâncias extremas. O problema que está diante de você agora talvez seja do tipo que dá para resolver ou, então, daqueles impossíveis de vencer com as próprias forças. Ele pode ser uma conseqüência de seus atos ou você pode ser uma vítima inocente apanhada no vendaval das conseqüências de atitudes de outrem. Qualquer seja o caso, podemos facilmente ficar intimidados e até com medo, paralisados diante de tais obstáculos. A única maneira de sair desse impasse é aprender a aceitar e a confiar no plano de Deus. Você entrega a ele os controles e espera que aja.

Vamos voltar para a história que se desenrola no Livro de Atos. Em Atos 13 e 14, lemos a respeito de várias circunstâncias extremas que Paulo e Barnabé enfrentaram nessa primeira campanha evangelística, que provou ser uma árdua maratona de testes. Não era possível voltar atrás. Em vez disso, os dois

companheiros enfrentaram cada bloqueio da estrada com notável coragem e determinação.

REAÇÕES MADURAS DIANTE DE ATITUDES CONFUSAS

Embora as atitudes fossem confusas, as reações de Paulo foram maduras. Esta é a terceira de quatro observações que quero fazer com relação ao ministério autêntico de Paulo. Examinamos as duas primeiras no capítulo anterior. Neste capítulo, queremos examinar cuidadosamente as duas últimas.

Nas páginas que se seguem, quero oferecer vários exemplos da reação madura de Paulo a circunstâncias extremas que encontrou ao longo do caminho. Penso que você vai concordar que uma maturidade resultante da experiência e uma coragem cheia de determinação marcaram a reação de Paulo diante de cada situação.

Deixamos Paulo e Barnabé perto do final de sua cruzada na ilha de Chipre. Muita coisa dependia do sucesso desse primeiro avanço missionário. Apesar de todas as dificuldades, eles continuaram sem nunca olhar para trás. O que manteve firme a sua resolução? Você já leu isto antes: um claro senso de identidade pessoal, uma compreensão firme da missão que empreendiam e um propósito definido de construir uma ponte de graça até as terras em trevas dos corações gentios. Essa visão pairava diante deles tão brilhante e imensa quanto o céu sem nuvens do Mediterrâneo. Nuvens tempestuosas viriam em breve, à medida que ventos mais frios soprassem para o norte em direção à terra desconhecida dos gentios. O biógrafo John Pollock descreve habilmente a cena: Chipre não passara de um prelúdio para Paulo; a mensagem cristã já era conhecida ali desde a chegada de refugiados a quem ele mesmo perseguira quinze anos antes, enquanto ele estava decidido a ir “onde Cristo não era mencionado”. Tinha confiança de que o Senhor proveria uma estratégia. Paulo percebia perfeitamente, como demonstram seus atos, que toda a operação estava nas mãos do Senhor Jesus, que ele não era um mero espectador passivo, mas o comandante invisível, pronto para aproveitar oportunidades, ajudá-los a recobrar-se dos revezes, empregar suas forças quando se reuniam sob a sua bandeira. Barnabé possivelmente duvidou de que a Palavra iria ser aceita pelos pagãos; Antioquia poderia ter sido um caso especial. Paulo não tinha dúvida alguma. Ambos esperavam um sinal.[2]

Esse sinal viria em breve, enquanto Paulo e Barnabé, juntamente com o jovem João Marcos, fizeram a curva no último trecho da costa de Chipre. Antes

de lançar a âncora, o missionário enviado por Antioquia teve uma entrevista divina com um falso mágico, que surge em seu caminho amaldiçoando e sacudindo sua vara de oposição.

Respondendo a um Falso Profeta *Quando precisava ser firme, Paulo não vacilava.* Esse é o primeiro princípio para responder corretamente a circunstâncias extremas. Examinamos rapidamente a cena no capítulo anterior. Vamos observá-la agora mais de perto. O Dr. Lucas recorda sucintamente o evento como segue: Havendo atravessado toda a ilha até Pafos, encontraram certo judeu, mágico, falso profeta, de nome Barjesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, que era homem inteligente. Este, tendo chamado Barnabé e Saulo, diligenciava para ouvir a palavra de Deus. Mas opunha-se-lhes Elimas, o mágico (porque assim se interpreta o seu nome), procurando afastar da fé o procônsul.

Atos 13:6-8

A palavra Bar significa “filho”. O homem tinha a ousadia de usar o apelido “filho de Jesus”. Ele era claramente um impostor, um charlatão ou, nas palavras de Lucas, um “falso profeta”. Esse indivíduo acompanhava um oficial romano chamado Sérgio Paulo, a quem Lucas descreve como “procônsul, homem inteligente”. Ele solicitara oficialmente um encontro com Paulo e Barnabé com o propósito de ouvir a Palavra de Deus.

Ali estava um gentio, morador de Chipre, que ouviu falar do ministério desses dois missionários de Antioquia e chamou-os à sua presença. Seria esse o sinal que estavam esperando?

Ele disse: “Quero ouvir pessoalmente a mensagem.” Seu acompanhante, Elimas, o falso profeta/mágico, não compartilhava o seu zelo pela verdade. Opôs-se, então, a Paulo e Barnabé e tentou impedir o progresso deles.

Não sei o que ele fez. Talvez zombasse dos missionários, como o bobo da corte faz para agradar o rei. Pode tê-los imitado ou interrompido o ensino deles com argumentos sem sentido e objeções irritantes. Pollock sugere um motivo mais insidioso. Ele escreveu: “Eles estavam em plena exposição da mensagem, um completando as palavras do outro, quando subitamente, contrariando o protocolo, Elimas interrompeu. Ele lançou um ataque venenoso sobre eles e suas boasnovas, ‘procurando afastar da fé o procônsul’ com todo o vigor de um homem que vê sua influência prestes a ser anulada”.[3]

É possível que isso tenha acontecido. E evidente que o tolo temia perder o emprego se aqueles zelotes persuadissem sua benfeitor a converter-se. Estava decidido a impedi-los.

Aquele não era o momento de Paulo mostrar-se tolerante nem passivo. Vivemos numa cultura que virtualmente deifica a tolerância. Uma senhora me

disse recentemente com um sorriso largo: “Amo a todos, até o diabo.” Chamo isso de tolerância deteriorada. Não se engane, não devemos amar o diabo nem amar tudo o que todos fazem. Cristo nos ordena amar as pessoas, até nossos inimigos, mas isso não significa ter medo de defender a justiça. Paulo não recuou um centímetro. Posso ver o cabelo dele se arrepiando na nuca enquanto arreganhava os dentes espirituais e rosnava: “O filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perverter os retos caminhos do Senhor? Pois, agora, eis aí está sobre ti a mão do Senhor, e ficarás cego, não vendo o sol por algum tempo. No mesmo instante, caiu sobre ele névoa e escuridade, e, andando à roda, procurava quem o guiasse pela mão” (At 13:10,11).

Você pode imaginar o choque quando o mágico, confuso, compreendeu finalmente que acabara de mexer com o sujeito errado. Só que aquilo não era nenhum truque de prestidigitador. Estava cego. Quero dizer, tudo ficou escuro à sua volta. As luzes se apagaram!

Sinceramente, por mais dogmático que eu possa ter sido às vezes, nunca respondi assim a ninguém. *Deveria* ter feito isso em certas ocasiões. Mas não fiz. Minha tendência é errar no que se refere à diplomacia. Já enfrentei pessoas, mas nunca chamei ninguém de “filho do diabo”. Não obstante, Paulo acertou em cheio. Coragem à mostra. Ele podou a oposição logo no início. A oportunidade era simplesmente grave demais para ignorá-la. Ele sabia que o prêmio valia a pena, e o diabo também. Tratava-se, nada mais nada menos, do que uma batalha pela alma de Sérgio. Nada de diplomacia.

Quando teve de ser firme, ele não vacilou. O resultado foi magnífico. Atordoado com a demonstração óbvia do poder de Deus e com a reação corajosa de Paulo, o oficial pagão creu e quase conseguimos visualizar a porta para os gentios abrindo um pouco mais.

Você pode encontrar oportunidades similares para confrontar os inimigos da verdade. Eles aparecem de várias formas diferentes. Alguns são mais capciosos do que outros. Meu conselho: quando a oposição contra a verdade é muito grave, baseado no modelo de Paulo, tome essa atitude. Deixe os resultados com Deus. Adiante-se e fale em nome do Senhor. Esteja certo da sua proteção. Não se apresse. Ore por sabedoria na escolha das suas palavras antes de dizer qualquer coisa e depois fale ousadamente. Os resultados talvez não sejam tão dramáticos quanto o que aconteceu em Chipre, mas o Senhor honrará a sua fé. As poucas vezes em que tive defender firmemente uma postura contra o erro, o Senhor concedeu-me um sentimento de coragem quase invencível.

Paulo lidou com essa oposição externa específica com calma e confiança. Outro teste se apresentaria em breve, porém, uma ameaça que viria de dentro.

A Reação de Paulo à Deserção *Mesmo quando outros desertaram, Paulo continuou.* Esse é o segundo princípio. Paulo, Barnabé e João Marcos deixaram Chipre e navegaram para a costa sul da Turquia. Uma terra conhecida, então, como Panfília, cujo litoral acidentado elevava-se bruscamente até o ponto mais alto de uma cordilheira "mais escarpada e perigosa do que a Tauros a leste, perto de Tarso, e mais terrível do que quaisquer montes conhecidos do cipriota Barnabé ou do judeu João Marcos".[4]

Esse cenário, por si só, pode ter iniciado a tempestade de dúvidas que iria inundar eventualmente a alma do jovem João Marcos. Como vimos no capítulo anterior, foi nessa região que Paulo adoeceu gravemente acometido de malária ou de alguma outra séria febre costeira. Essa pode ter sido a última gota para o viajante inexperiente. Sem qualquer explicação, Lucas escreve simplesmente: "João, porém, apartando-se deles, voltou para Jerusalém" (v. 13).

A história exige mais informações. Você gostaria que Lucas tivesse acrescentado: "porque tinha saudades de casa" ou "por causa da viagem difícil à frente", ele os deixou. Nenhuma explicação é oferecida, no entanto, e ficamos à mercê da nossa imaginação.

Seu eu tivesse de escolher algo, diria que seus joelhos se enfraqueceram. Isso somado às saudades de casa seria o suficiente para fazê-lo desaparecer no horizonte. Sua deserção perturbou Paulo, como veremos no próximo capítulo.

Entretanto, partiram de Perge e continuaram viagem. A jornada continuou sem qualquer interrupção. Paulo e Barnabé não se detiveram por causa do abandono de João Marcos.

Preciso fazer uma observação importante neste ponto: *em todo o ministério há pessoas que vão embora.* Em cada igreja haverá indivíduos que, por qualquer razão, mudam para outras coisas. Isso inclui os líderes. Eles saem, mas a igreja continua. Sem considerar as circunstâncias da partida de João Marcos, a jornada continuou. Para Paulo e Barnabé não havia tempo nem necessidade de uma longa despedida. Eles avançaram mantendo os olhos fixos no alvo.

É difícil fazer isso quando você se sente abandonado. E fácil entregar-se ao desânimo e permitir que seu tanque se esvazie. Paulo e Barnabé não se deram a tais luxos. Com as emoções sob controle, eles tinham uma missão a cumprir. Continuaram com uma determinação ainda mais firme.

Uma das marcas da maturidade é ser capaz de avançar sem levar em conta quem sai de cena. A alternativa não é uma opção. Uma vez que se disse adeus, está na hora de todos prosseguirem. Foi exatamente isso que Paulo e Barnabé fizeram.

Lá foram eles, subindo as lombadas escarpadas, afiadas, na direção da linda cidade de Antioquia da Pisídia, que esperavam alcançar antes do sábado. Se

tivessem demorado mais um dia sequer para preocupar-se com a partida de João, teriam perdido uma notável oportunidade que o Senhor preparara para eles na cidade seguinte.

A Reação de Paulo às Oportunidades Inesperadas de Pregação *Quando Paulo era convidado a falar, ele falava.* Eles de fato chegaram a Antioquia da Pisídia cansados e doloridos depois de sua marcha perigosa através das montanhas. Mesmo assim, não perderam tempo e encaminharam-se para a sinagoga bem na hora da reunião e conseguiram ainda um bom lugar para ouvir a leitura da Palavra de Deus. Chegaram ao seu destino no sábado.

Mas eles, atravessando de Perge para a Antioquia da Pisídia, indo num sábado à sinagoga, assentaram-se. Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a. Paulo, levantando-se e fazendo com a mão sinal de silêncio, disse: Varões israelitas e vós outros que também temeis a Deus, ouvi.

Atos 13:14-16

Eles perguntaram a Paulo: “Você gostaria de pregar?” Essa foi a sua deixa! (Posso até ler a rpente do homem: *Pensei que nunca perguntariam*!) Sem hesitação, ele passou a falar. Começou em Gênesis e pregou de memória até o ministério de Cristo! Não tinha anotações. Um discurso improvisado.

Vamos traçar o esboço do sermão mediante a passagem em Atos 13. Veremos, então, a jornada bíblica pela qual ele levou os demais adoradores.

Gênesis e Êxodo	Atos 13:17
Números	Atos 13:18
Josué	Atos 13:19
Juízes	Atos 13:20
Samuel, 1 e 2 Reis e Crônicas	Atos 13:21,22

Com isso, chegou ao final do Antigo Testamento. (Na Bíblia hebraica, Crônicas é o último livro do Antigo Testamento.) A partir desse ponto, ele pula para o primeiro século, no versículo 23, levando os ouvintes diretamente para os dias de Cristo.

Ao chegar ao fim do seu sermão expositivo, ele traçou o evangelho através dos rolos das Escrituras do Antigo Testamento. E isso que chamo de aproveitar a oportunidade!

Por meio da lei, eles aprenderam a respeito do pecado e do padrão de santidade. Por meio de Cristo, ouviram falar da graça, do perdão e da liberdade de viver sob o seu poder. Foi um magnífico sermão, esse do sábado.

Como pregador, devo dizer-lhe, *estou impressionado.* Ele nem sequer sabia

que ia pregar naquele dia. Mas estava preparado. *Mantinha-se* preparado. Dizemos aos alunos do Seminário de Dallas que “precisam ficar preparados para pregar, orar ou morrer a qualquer momento”. Paulo estava pronto para as três coisas. E o homem sabia realmente pregar!

A reação foi tremenda! Lucas informa que, no sábado seguinte, a cidade inteira compareceu para ouvir a mensagem que ele daria. Viu-se, então, a mesma coisa que hoje em dia: as pessoas sedentas da Palavra de Deus. Quando os corações estão famintos e a comida é boa e bem servida, não há dificuldade em fazer com que compareçam à refeição espiritual. Encontrar indivíduos que desejam ser alimentados com a carne nutritiva da verdade de Deus não é um desafio muito grande.

Meu conselho é, portanto, simples: quando você tiver oportunidade para comunicar as boas novas, comunique. Seja, porém, cuidadoso em não transmitir um excesso de informações. Se estiver num avião e a ocasião se apresentar, não se sinta obrigado a ensinar todo o Antigo Testamento antes de chegar ao coração do evangelho. Ensine à alma faminta como encontrar um pedaço de pão. Enquanto guia o indivíduo a Cristo, conte a ele a sua própria jornada. Se fizer isso de maneira educada e interessante, ele irá apreciar cada palavra. Como aconteceu com Paulo. E a reação foi esmagadoramente positiva.

Isso até que os preconceituosos e hostis líderes judaicos souberam do sucesso de Paulo. Nesse ponto, a aceitação foi substituída pela resistência.

A Reação de Paulo à Rejeição Declarada *Quando rejeitado, Paulo não desistiu.* Nas palavras de meu bom amigo e sábio conselheiro, Howie Hendricks: “Onde há luz, há insetos!” Quando mais brilhante a luz de Paulo, tanto maior o número de insetos. Naquela situação, os insetos tinham ferrões cheios de veneno.

Mas os judeus, vendo as multidões, tomaram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo falava. Então, Paulo e Barnabé, falando ousadamente, disseram: Cumpria que a vós outros, em primeiro lugar, fosse pregada a palavra de Deus; mas, posto que a rejeitais e a vós mesmos vos julgais indignos da vida eterna, eis aí que nos volvemos para os gentios.

Atos 13:45,46

Que coragem! Paulo não recuou um centímetro em sua reação àquela rejeição declarada. O resultado? Os gentios da multidão alegraram-se com as boas novas que lhes comunicara! Que animador! O que começara como uma brasa quase apagada de curiosidade religiosa explodiu em chamas de fé.

O que fez a diferença? Paulo não desistiu quando os judeus disseram: “Pare!” Vamos deter-nos aqui por um momento e aprender uma lição vital da situação do primeiro século. O bom ministério tem sempre críticos. Você pode com freqüência até nomeá-los. Trata-se de pessoas de olhar enviesado,

negativas, que procuram qualquer razão possível para impedir a obra de Deus. Elas estão em toda parte, até na igreja. Mas tais obstáculos não devem alterar o nosso curso. Lembra-se das palavras da cena de esqui? “Obstáculos são aquelas coisas assustadoras que você vê quando tira os olhos do alvo.” Se você sabe quem é e se está tão convencido de sua missão quanto firme em seu propósito, nada irá detê-lo. Você se manterá com a visão em foco. Reagirá com a mesma coragem de Paulo. Vai se recusar a fugir. Nada de fungadelas. Nada de atitudes defensivas. Nada de mudar a mensagem. Nada de voltar atrás. Nenhuma desculpa. Quando os judeus rejeitaram a mensagem, Paulo e Barnabé se voltaram para os gentios. “E esse é o resto da história.”

Por que Paulo e Barnabé conseguiram perseverar? Nenhum deles colocou o coração nas coisas temporais. Que disciplina! Se você quiser deixar-se enredar pela desilusão, envolva-se em coisas tangíveis. Não só perderá a coragem como irá afundar como uma pedra num lago. Por quê? Porque a opinião dos outros começará a significar tudo. Quando você permite que as reações deles sejam o lastro, então seu aplauso torna-se essencial para manter você na superfície e seus ataques o arrastam diretamente para o fundo. Essa fórmula de fracasso pode acontecer em todos os ministérios empenhados em agradar às pessoas. Você está condenado à desilusão se não fixar os olhos no que é eterno.

Lee Iacocca, pouco depois de deixar o negócio de automóveis, disse: “Aqui estou nos anos crepusculares de minha vida ainda me perguntando o significado de tudo. Posso afirmar-lhes isto: fama e fortuna são para os pássaros.”

Você pode ser alguém que passa a vida procurando fama e fortuna, dependendo do aplauso de outros. Esse é um plano ruim. Para começar, a fortuna quase não têm raízes. Os ventos da adversidade podem soprá-la rapidamente para longe. “Pois, certamente, a riqueza fará para si asas,” escreveu Salomão, “como a águia que voa pelos céus” (Pv 23:5). A fama, por sua vez, é tão volúvel quanto a última reação do povo. Aprenda uma dupla lição desse homem que era muito mais sábio do que a maioria de nós. Quando você for elogiado e aplaudido, não dê atenção. Quando for rejeitado e maltratado, não desista. Não foi a opinião humana que o chamou para o trabalho que está fazendo. Não permita, então, que as reações ou críticas humanas o desviem. Continue avançando.

Isso leva à reação final...

A Reação de Paulo a uma Missão Cumprida *Quando Paulo voltou a lugares em que já estivera antes, não houve remorsos.* O final de Atos 14 descreve a viagem de Paulo e Barnabé de volta para casa, em Antioquia. (Seria útil examinar de novo o Mapa 1, p. 393.) No caminho, eles visitaram muitas das cidades onde haviam pregado o evangelho. Voltaram a Listra, onde Paulo fora

apedrejado, e depois a Icônio. Visitaram novamente a Pisídia e a Panfília e depois Perge e Atália. Exaustos, porém exuberantes, cruzaram as águas azul-escuras do nordeste do Mediterrâneo em direção a Antioquia, seu primeiro empreendimento missionário, agora nos livros de registro.

Refazendo sua jornada, pararam para encorajar e fortalecer os discípulos que haviam evangelizado. Plantaram igrejas e nomearam presbíteros. Não há menção de tentativas prolongadas para acertar os erros que haviam sofrido. Não houve explosões de raiva nem arrependimento. O enfoque de ambos permaneceu o mesmo: empreender um ministério autêntico para a glória de Deus.

Isso me leva à última de quatro observações sobre o que tornou autêntico o ministério de Paulo. Em tudo o que Paulo fez, a glória foi dada a Deus. Embora você possa ter gravado em sua mente muitas outras coisas importantes, jamais se esqueça dessa. Lucas escreveu: “Ali chegados, reunida a igreja, relataram quantas coisas fizera Deus com eles e como abrira aos gentios a porta da fé” (At 14:27). Não é admirável? Nada de entrevistas coletivas à imprensa exaltando uma campanha bem-sucedida. Nem de declarações para alguma emissora de rádio cristã chamando atenção para as suas dificuldades e sucessos. Nada disso. Eles relataram tudo o que Deus fizera por meio deles. Gosto disso.

Paulo nunca esqueceu que tudo tinha a ver com o que Deus realizava e não com o que ele havia feito. Nós podemos fazer o trabalho, mas a glória pertence a Deus. A responsabilidade é nossa, mas o crédito só do Senhor. Não deve haver apropriação indébita de glória. Tudo pertence a ele. Essa atitude nunca deixa de colocar tudo na perspectiva adequada. .

OS NOTÁVEIS BENEFÍCIOS DE UMA VIDA APROVADA

Vamos recapitular o que consideramos nesses dois últimos capítulos.

• Devemos examinar a nós mesmos para ver se estamos saturados da Palavra de Deus como resultado de um tempo passado com ele em particular.

• Devemos ter certeza de que nossa ênfase permanece na apresentação do evangelho aos perdidos e da graça aos salvos.

• Devemos verificar nossas reações a várias atitudes assegurando que sejam respostas maduras que honrem ao Senhor e que mantenham o foco na sua obra.

• Devemos examinar nossos motivos para fazer o trabalho verificando sempre que, em toda realização, em cada sucesso do ministério, a glória seja dada a Deus.

Platão escreveu em sua *Apologia*-, “uma vida desprovida de [...] análises

não é digna de ser vivida". Tomando emprestado o comentário de Platão, gostaria de oferecer este conselho: *um ministério desprovido de análises não merece ser continuado.*

Meu desafio *é* que você tenha uma vida analisada numa era desprovida de análise. Isso fará com que mantenha um ministério cuidadosamente averiguado num período em que virtualmente tudo é aceitável. Aconteça o que acontecer, mantenha os olhos no alvo. Por mais difícil que seja, não desista. Embora os obstáculos sejam extremos, os prêmios são eternos.

Capítulo Doze

O Dia em que Dois Missionários se Desentenderam

Paulo e Barnabé permaneceram em Antioquia, ensinando e pregando a Palavra de Deus. Mas não estavam sozinhos. Havia vários professores e pregadores, na época, em Antioquia.

Depois de alguns dias, Paulo disse a Barnabé: “Vamos voltar e visitar todos os nossos amigos em cada uma das cidades onde pregamos a Palavra de Deus. Vamos ver como estão.”

E Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos. Mas Paulo não achava justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho. Houve entre eles tal desavença, que vieram a separar-se. Então, Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre. Mas Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. E passou pela Síria e Cilicia, confirmando as igrejas.

Atos 15:35-41

Algumas coisas parecem tão surpreendentes que são difíceis de acreditar. Ouvi há alguns anos a história de um repórter designado para passar algum tempo com a falecida freira católica, Madre Teresa. Sua missão era conseguir um resumo do trabalho dela. Em certo ponto, durante a entrevista, o dedicado repórter perguntou à santa mulher se ela possuía outros sonhos na vida. Havia alguma outra coisa que tivesse sonhado fazer? Sem hesitar, ela respondeu: “Eu sempre quis ser uma comissária de bordo.” Quando ouvi isso, achei incrível. Imagine Madre Teresa de uniforme, servindo refrigerantes e café aos passageiros e entregando mini-refeições numa aeronave. Realmente não dá.

Uma de minhas favoritas é a história verídica que contei pela primeira vez em meu livro *Laugh Again.* Ela trata de um acontecimento entre uma avó e sua netinha precoce. A menina estava decidida a descobrir a idade da avó. Esta, porém, não a revelava de jeito algum; na verdade, nunca contara a ninguém. A avó disse à neta: “Não vou dizer a minha idade. Só seu avô sabe quantos anos tenho e você não precisa saber, querida. Isso não importa.”

Certa noite, enquanto preparava o jantar, a avó percebeu que a menina não estava brincando em seu quarto. Ela ficou imaginando o que estaria fazendo assim tão quieta. Tirou, então, o avental e foi até o quarto; ali encontrou a menina vasculhando o conteúdo da sua bolsa, que espalhara na cama onde estava sentada. Na sua mãozinha quente, ela segurava a carteira de habilitação da avó.

“Vovó, você tem 73 anos!”, disse ela com um brilho nos olhos.

“E isso mesmo. Como você sabe?”, perguntou a mulher um tanto embaraçada.

“Bem, eu vi a data do seu aniversário aqui; subtraí esse ano deste ano, e você tem 73.”

Enquanto continuava a examinar a carteira, ela franziu a testa e acrescentou: “E você também teve nota F em sexo!”

Não esperaríamos que uma netinha querida dissesse algo assim. Parece incrível demais.

Em geral, os rótulos que usamos para nossas classificações não correspondem à realidade. Sem qualquer aviso, encontramos situa-ções tão incríveis que somos forçados a reconsiderar tudo o que pensávamos ou imaginávamos que fosse verdade. Pode ser a respeito dos sonhos de uma freira de coração de serva, conhecida pelo seu ministério sacrificial a favor dos fracos e agonizantes nas ruas de Calcutá; ou pode ser uma declaração extraordinária saída da boca de uma garotinha de sete anos lendo a licença de motorista da avó.

Pode acontecer também quando observamos dois missionários veteranos envolvidos numa altercação violenta e imaginamos como isso pôde acontecer. Missionários se desentendendo? E inconcebível! Os missionários não discutem. Tudo o que fazem é orar, viver sacrificialmente e falar do Senhor. Não é isso?

Se você é missionário ou passou tempo com alguns deles, está provavelmente sorrindo. Você sabe que os missionários são tão humanos quanto qualquer um. Eles têm as mesmas tendências humanas no que se refere à obstinação, egoísmo, impaciência e irritabilidade que o resto de nós. Paulo e Barnabé não eram exceções. De fato, estou convencido de que, se Paulo e Barnabé não se controlassem, eles teriam entrado em luta corporal. Compreenda, não se trata de homens carnais, selvagens, prontos para desacatar um ao outro. São os mesmos homens que nos surpreenderam com suas reações notáveis às circunstâncias extremas, como vimos algumas páginas antes.

Não obstante, o que aconteceu pouco antes da segunda viagem missionária de Paulo é ainda mais surpreendente. Alguns considerariam até afrontoso. Imagine dois missionários, verdadeiros estadistas - amadurecidos, talentosos, piedosos, sinceros, com cicatrizes de batalhas-discutindo violentamente. Isso não se ajusta à nossa descrição de heróis espirituais, não é?

VERDADE NUA E CRUA NA VIDA REAL

Uma das características que acho mais atraentes na Bíblia é o seu realismo. Quando Deus pinta o retrato de seus servos nas Escrituras, Ele resiste à tentação

de incluir todas as verrugas e manchas.

Moisés era um assassino. O registro da biografia de Davi contém adultério e hipocrisia. Jonas era um profeta orgulhoso e obstinado, que quase perdeu a maior oportunidade de sua vida por causa de medonha intolerância. Jacó era enganador; Abraão mentiu mais de uma vez. Pedro vacilava ao sentir pressão. Até João Batista lutou com a dúvida. O mesmo se aplica a Tomé.

Não devemos ficar, então, chocados porque Paulo e Barnabé entraram em conflito. Quando a cortina se fecha, no final de Atos, capítulo 15, os dois estão se separando. Vamos ocupar uma cadeira na primeira fila, perto do ringue, para assistir a essa luta antiga de pesos médios.

MULTIPLICAÇÃO MEDIANTE DIVISÃO

A equipe de ministério dinâmica de Paulo e Barnabé é excelente. Mas para dar-lhe uma idéia do significado da discussão deles, essa contenda causou tal problema no seu relacionamento que os dois se separaram de vez. Seus caminhos nunca mais se cruzaram.

Paulo e Barnabé terminaram sua primeira viagem e estavam, sem dúvida, ainda em clima de entusiasmo por causa de tudo o que vivenciaram. Eles haviam fundado conjuntamente várias igrejas e, portanto, tornaram-se conhecidos em toda a Ásia Menor e além dela por seus talentos notáveis e ministério inteligente. Durante um prolongado período de descanso e de recuperação em Antioquia, os dois foram chamados a Jerusalém para decidir um debate sobre a circuncisão. Atos 1 5 registra as questões e eventos que cercaram o Conselho de Jerusalém, o encontro de líderes judeu-cristãos para resolver o assunto de uma vez por todas e a decisão sobre qual seria a mensagem aos gentios.

Quase todo o capítulo é dedicado à apresentação desse debate teológico repleto de emoção. Depois de cuidadosa consideração das Escrituras e do conselho ponderado de Pedro, Tiago, Silas e Paulo, o martelo finalmente bateu. Não seria exigida a circuncisão dos gentios. A graça tornou-se novamente abundante.

O argumento seguinte, registrado no mesmo capítulo, infelizmente não terminou de modo tão amigável. Ao ler o relato de Lucas, permita que a sua imaginação retrate a cena: Paulo e Barnabé demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, a palavra do Senhor. Alguns dias depois, disse Paulo a Barnabé: Voltemos, agora, para visitar os irmãos por todas as cidades nas quais anunciamos a palavra do Senhor, para ver como passam. E Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos. Mas Paulo não achava

justo levarem aquele que se afastara desde a Panfília, não os acompanhando no trabalho. Houve entre eles tal desavença, que vieram a separar-se.

Atos 15:35-39a

Eles permaneceram um pouco mais em Antioquia, depois da sessão do Conselho em Jerusalém. Enquanto se achavam nesse importante centro missionário, ensinaram e pregaram a palavra do Senhor (15:35)- Que tipo de homens eram esses? Homens de caráter sincero e de verdadeira piedade, do tipo que você e eu ficaríamos um bom tempo na fila para poder ouvi-los. Quem esperaria que tal desavença interrompesse a amizade de Paulo e Barnabé provada pelo tempo?

Tudo começou com uma idéia visionária. Paulo sugeriu que voltassem aos lugares que haviam visitado na primeira viagem. Era uma visita pastoral que tinha em mente — dois pastores fazendo a ronda para visitar as ovelhas.

Barnabé respondeu: “Ótima idéia. Vamos levar João Marcos conosco nesta segunda viagem.”

“Não, João não vai.”

“Vai, sim!”, replicou Barnabé.

“De modo algum, ele não vai!”, rebateu Paulo.

E a contenda prosseguiu. Quanto mais discutiam, tanto mais violento se tornava o debate verbal entre eles. Nenhum dos dois cedeu. Finalmente, a decisão foi dividir a equipe. Eles tinham diferenças irreconciliáveis. (Eu gostaria de receber uma nota de dez dólares cada vez que ouço essa desculpa!) A idéia de fazer a viagem não era o problema. Os dois queriam ir. O que aconteceu depois que tiveram essa idéia é que produziu a rixa.

Na discussão que se seguiu, os dois missionários valentes se desnudaram, verrugas e tudo. De alguma forma, a contenda deles me traz um pouco de alívio.

G. Campbell Morgan escreve sobre esse encontro: “Sinto-me grandemente aliviado sempre que leio isso. Sou grato pela revelação da humanidade desses homens. Se nunca tivesse lido que Paulo e Barnabé se desentenderam, ficaria com medo. Eles não eram anjos, eram homens”.[1]

O venerável expositor tem razão. Eram homens bons. Mas é essencial lembrar que não eram perfeitos. Paulo deve ter-se sentido insultado ao pensar que Barnabé incluiria um desertor na viagem.

Barnabé, de seu lado, deve ter ficado profundamente decepcionado ao ver que Paulo (dentre todos!) não tinha graça suficiente para perdoar João e permitir que ele viajasse com os dois. As palavras do Dr. Bob Cook ajustam-se especialmente aqui: “Deus se reserva o direito de usar pessoas que não concordam comigo”.[2]

Teremos feito grande progresso na vida quando compreendermos que

existem outros que são escolhidos para serem usados por Deus, apesar de não abraçarem as nossas convicções.

NOVA PERSPECTIVA SOBRE GRANDES DESENTENDIMENTOS

Faço uma pausa aqui para compartilhar três importantes elementos que se aplicam às grandes desavenças. Você talvez nunca mais tenha uma forte desavença (se isso for verdade, precisa se santificar!), mas se tiver, esses princípios podem ajudá-lo a atravessar a batalha de modo que ninguém seja mortalmente ferido.

Primeiro, em cada desentendimento, há uma só questão e vários pontos de vista. Veja essa discussão entre os dois amigos. Há ujji assunto a ser tratado. Ele é objetiva e claramente estabelecido. Princípios firmes cercam a questão. Os pontos de vista, por outro lado, são mais subjetivos por envolverem personalidades. Você tem uma idéia e sua esposa (ou marido), outra. Você considera a situação de uma perspectiva, e sua filha ou filho de outra bem diferente. Os pontos de vista são subjetivos. A maneira como olhamos para ele tem muito a ver com a nossa estrutura mental. E nesse ponto que as personalidades desempenham o seu papel.

Guardar esses poucos fatores em mente ajudará a regular o calor da discussão e a evitar que tudo venha a derreter. Deixe que lhe ofereça uma definição simples: *a desavença é um conflito que envolve uma questão vista de pontos de vista diferentes.*

“Esta é a questão e é assim que a vejo”, disse Paulo. “Concordo que o ponto é esse, mas escute a minha opinião”, respondeu Barnabé. A resposta levou à observação seguinte.

Segundo, nos desentendimentos cada lado tem o seu valor. Os dois lados têm pontos fortes. É verdade que cada argumento tem as suas fraquezas, mas ambos os lados têm a sua força. Eu não diria que nenhum dos lados enterrou a bola na cesta. A não ser, é claro, que você é quem esteja fazendo o arremesso. O fato é que existem pontos positivos de ambos os lados na maioria dos desentendimentos legítimos.

Terceiro, nos desentendimentos acalorados, no geral alguém sai ferido. Quanto mais acalorada a discussão, tanto mais profundos os o danos causados. Seja lá qual for o nível de maturidade que você alcançou em seu andar com Cristo, não está imune à magoa. Palavras afiadas nos ferem como estilhaços e ficam cravadas em nosso cérebro. Isso é especialmente verdade quando ocorre o

assassinato do caráter do outro. Alguém o insulta ou ataca seu caráter. O resultado é um ferimento que custa para sarar. Algumas vezes, infelizmente, nunca sara.

Um amigo meu, quase na casa dos oitenta, ainda se lembra quando seu sogro o depreciou na frente da família inteira depois de uma refeição de Ação de Graças. Por causa de uma pequena diferença de opinião, o patriarca bufou: — Você sabe que nunca o tive em grande consideração.

Embora as palavras o tivessem atingido havia décadas, a ferida ainda se abre e sangra como se tivesse acontecido ontem. As palavras e o tom do sogro atingiram permanentemente a alma de meu amigo.

Fiz essas três observações não por serem originais ou reveladoras, mas por considerar que vale a pena lembrá-las. Isso é especialmente verdade quando examinamos melhor essa briga verbal entre os missionários.

UM OLHAR NEUTRO PARA UMA CENA DESAGRADÁVEL

Vou pedir a você que, nas próximas páginas, sente no banco do juiz e, num certo sentido, seja o juiz da situação. Queremos nos esforçar para ser neutros porque respeito Paulo e Barnabé, não por serem os homens que são, mas com base em suas esplêndidas realizações. Alguns de nós são mais como Barnabé do que como Paulo. Outros pensam mais como Paulo do que como Barnabé. Será, então, necessário que primeiro avaliemos o caso em questão.

Deixe-me transformar esse caso em uma pergunta: *Uma pessoa que não mostrou uma grande responsabilidade merece uma segunda chance?* Deixe-me colocar a questão de outra forma: *Deveriámos permitir que alguém que abandonou uma pessoa assuma outra missão semelhante?* Essa é a questão basíca.

Barnabé diz: “Sim, de qualquer modo.” Paulo responde: “Absolutamente não.”

Uma linha foi, evidentemente traçada na areia. Os dois homens possuem pontos de vista opostos. Barnabé estava interessado em edificar o caráter de João Marcos. Ele se preocupava com o homem. Lucas escreveu: “E Barnabé queria levar também a João, chamado Marcos” (At 15:37). Essa palavra “queria” aparece no grego no imperfeito, significando “desejar fortemente algo”. Barnabé não só queria isso, mas o texto sugere que pode ter exigido. “O jovem vai. Ele tem todo o direito de viajar conosco. Sim, ele falhou. Admito que nos abandonou. Ninguém está negando isso. Mas, Paulo, ninguém é perfeito. Ele era

jovem e inexperiente. Lembre-se, porém, que a missão foi completada. Ele nos deixou, mas, mesmo assim, *nós a cumprimos.* A ausência dele tornou as coisas mais difíceis para nós, confesso. Ele não só precisa do nosso encorajamento agora, como também se beneficiaria da nossa aprovação. Para que servem os conselheiros, se não para dar encorajamento e afirmação para os fracos?"

Se você foi abençoado pelo ministério de um conselheiro, saberá apreciar sua disposição de ficar a seu lado quando surgem as dificuldades. Barnabé disse: "Esta é a nossa oportunidade." Não se esqueça de que eles eram primos (Cl 4:10). O sangue é sempre mais espesso do que a água. Barnabé estava absolutamente determinado a levar João Marcos na missão.

A reação de Paulo foi diametralmente oposta, mas não menos apaixonada. Lucas usou novamente o imperfeito aqui para dizer que Paulo "continuou insistindo" que não deviam levá-lo em sua companhia. Você está ouvindo as palavras de Paulo?

"Ele provou não ter firmeza. A fidelidade está em primeiro lugar aos olhos de Deus e também aos meus olhos." Lembre-se de que Barnabé estava interessado no homem. Paulo estava protegendo a missão. Barnabé contemplava o futuro. Paulo não superara o passado.

Para o apóstolo, a questão se resumia a uma falta de confiança. Precisariam de força e de estabilidade, de alguém com um registro de viagem provado, com quem pudessem contar, quando a vida se tornasse imprevisível. Paulo já sabia como a viagem seria difícil pela sua experiência anterior. Só podia imaginar maiores dificuldades ainda na viagem árdua que enfrentariam. A oposição teria tido tempo para reorganizar-se. Os obstáculos seriam ainda maiores. Na viagem seguinte não haveria tempo para os chorões nem para os que desistem!

Se tivessem de se apoiar em alguém e de confiar na presença dele em horas de necessidade, Paulo queria que fosse uma pessoa que os acompanhasse até o fim. Aos seus olhos, João Marcos não era definitivamente esse homem.

Paulo não era, entretanto, o pregador da graça? O próprio Paulo havia sido antes um perseguidor. É claro que sabia apreciar o oferecimento de uma segunda chance.

Complicado, não é? Não havia uma solução rápida e fácil. Tenha cuidado aqui. Você pode sentir-se excessivamente generoso nesse ponto. Quer dizer, quem Paulo pensava que era, afinal? Dê um tempo ao garoto!

Antes que fique orgulhoso demais, permita que lhe faça algumas perguntas: você emprestaria dinheiro para alguém que não pagou a primeira quantia que tomou emprestado de você? Ou emprestaria novamente o carro a algum jovem do grupo de mocidade que o quebrou da primeira vez? Você deixaria seu sobrinho usar sua casa de campo, se ele deixou tudo em desordem no ano

passado? Engraçado como as perspectivas mudam, não é? Agora você sente a tensão. Foi por isso que uma "tal desavença" surgiu entre esses dois homens.

Paulo poderia ter citado Provérbios 25:19: "Como dente quebrado e pé sem firmeza, assim é a confiança no desleal, no tempo da angústia." Literalmente, "Colocar a sua confiança num homem que não é digno dela é como mastigar com um dente quebrado ou tentar correr com um pé sem firmeza". Você já fez isso? Não consegue ir muito longe. Barnabé, por outro lado, poderia ter feito menção ao Salmo de Davi: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome. Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades; quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia" (SI 103:3,4). (Os versículos da Escritura não são realmente úteis quando você precisa apoiar seu argumento? Ah! você está sorrindo...) Quando minha esposa e eu brigamos (a cada década!), gosto de citar para ela versículos bíblicos que a ajudam a ver o meu ponto de vista. Depois tenho de me acostumar a dormir na sala por algum tempo até que ela finalmente permita que eu volte para o quarto.

Sem dúvida, Deus oferece uma segunda chance, mas ele também quer que sejamos responsáveis. Ele é o Deus da graça, mas também de justiça.

Com aqueles dois buldogues teimosos não havia transigências. Não havia como abrandar suas convicções e, portanto, as suas diferenças não podiam ser eliminadas.

Aquele era simplesmente um embate de pontos de vista acalorado, desagradável, completamente fora do propósito. Uma "desavença séria". Lucas usou a palavra grega*paroxusmós. Paroxuno* significa "afiar", como se faz com a lâmina de uma faca. Sugiro que seria possível cortar a tensão entre eles com uma faca. Estamos falando de uma briga memorável. Eles conversaram, se entreolharam, nenhum piscou. Isso levou finalmente a uma separação, uma ruptura permanente do time dos sonhos de Antioquia. Não lemos mais sobre o companheirismo de Paulo com seu amigo de longa data, Barnabé.

John Pollock escreveu estas sábias palavras: "Deve ter havido um erro grave na situação que levou o amável e comedido Barnabé a usar palavras iradas, e Paulo precisou de tempo para escrever, 'O amor é paciente, é benigno... O amor não procura os seus interesses'".[3]

Essas palavras acertam exatamente o alvo. Não gosto dessa cena da Bíblia mais do que você, mas está aqui em toda a sua emoção, nua e crua. Gostaria de poder removê-la, mas não posso. Não posso fazer isso tanto quanto não sou capaz de apagar a discussão que você teve e o sofrimento que ela causou a você e a seus entes queridos. Você talvez ainda esteja irado. Talvez continue a guardar amargos ressentimentos.

Conheço cristãos que se recusam a falar um com o outro por causa das suas diferenças. Cristãos! Suponho que decidiram esperar pelo céu para que os liberte de todas essas fontes de dificuldades pecaminosas. Isso é modo de viver? Você pode imaginar o ressentimento e a amargura que se espalha depois para os filhos e os netos? Está na hora de todos crescermos em graça!

O renomado erudito do Novo Testamento, A. T. Robertson, escreveu criteriosamente: “Ninguém pode culpar Barnabé por dar a seu sobrinho João Marcos uma segunda oportunidade, nem a Paulo por temer arriscar-se novamente com ele. Nossa razão pode estar com Paulo, mas nosso coração com Barnabé.[4]

Esse é o ponto em que temos de deixá-los.

Precisamos de uma solução. A história anseia por isso.

MULTIPLICAÇÃO PELA DIVISÃO

A história termina de um modo bastante notável. Lucas conta que: “Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre. Mas Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu encomendado pelos irmãos à graça do Senhor. E passou pela Síria e Cilicia, confirmando as igrejas” (At 15:39-41). Não perca algo muito importante aqui: *Deus multiplicou dividindo.* Só ele pode fazer isso. Verifique o Mapa 1. Barnabé e Marcos navegam para o Sudoeste, Paulo e Silas viajam a pé para o Norte. Duas equipes avançaram armadas com o evangelho. A última foi encomendada pelo seu povo à graça do Senhor. Acho isso extremamente animador. Só Deus pode fazer algo que parecia tão definitivo, um beco sem saída, transformar-se em uma força poderosa para o bem. Essa é uma lição que todos temos de aprender. Mas não vamos parar aqui...

LIÇÕES DURADOURAS DE ANOS DE EXPERIÊNCIA

Vamos ser absolutamente sinceros neste ponto. Tive minha cota de discussões e você teve a sua. Tive algumas em que não houve reconciliação. Mas, graças a Deus, a maioria resultou numa amizade renovada. Aprendi através dos anos que algumas estratégias mostraram-se eficazes para enfrentar desentendimentos graves. Quero ensiná-las a você ao terminar este capítulo. Da próxima vez em que se envolver num conflito acalorado, desejará lembrar-se destas quatro lições que levei muitos anos para aprender: 1. *Quando houver uma discussão, faça um esforço para ver o ponto de vista do outro.* Isso começa com

ouvir. Inclua na fórmula três qualidades que não são fáceis: sinceridade, objetividade e humildade. Esse é o pacote todo para lidar com o conflito à maneira de Deus. Nenhum desses fatores é obtido naturalmente. Eles desabrocham como produtos da vida cheia do Espírito.

Nas palavras de Paulo, “Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2:4). É isso aí. Não é fácil estar na pele do outro. Mas essa é uma necessidade essencial para a reconciliação.

2. *Quando ambos os lados são válidos, procure um acordo sábio.* Se você foi criado como eu, até pensar em fazer acordos o deixa irritado. Se tem brios, não vai ceder. Fique firme, apesar de tudo. Aprecio um indivíduo de fibra — tem verdadeira coragem. Mas alguém que nunca se curva, que se recusa a negociar para chegar a uma solução? Isso é outra coisa. Admiro mais alguém que de boa vontade e graciosamente procura uma solução adequada para as desavenças sem comprometer de forma alguma os princípios bíblicos.

Fico me perguntando por que os homens de Antioquia não fizeram isso? Paulo ou Barnabé podiam ter procurado um acordo razoável. Ceder não significaria heresia. Não havia uma questão doutrinária rigorosa em questão. Paulo poderia ter dito: “Vamos aceitá-lo por um período temporário de experiência; se não se mostrar firme e estável durante os primeiros meses, nós o enviaremos de volta para casa.”

Ou Barnabé poderia ter concedido: “Precisamos seriamente de obreiros fiéis em nossa equipe. Vamos dar a Marcos um trabalho simples aqui em Antioquia para ver como ele cumpre as suas responsabilidades. Enquanto isso, seguiremos viagem. Se ele corresponder, mandaremos chamá-lo e ele poderá unir-se mais tarde a nós.”

Eles poderiam ter concordado em um plano contingente. “Vamos levar Marcos e alguns outros. Se Marcos desistir outra vez, teremos os outros para nos ajudar.” Esses seriam acordos apropriados.

A diplomacia resolve desavenças na mesa e não no campo de batalha. Meu pai costumava dizer: “Tenha cuidado. Você tem dois punhos e uma só boca.” Nossa tendência é primeiro usar nossos punhos. As pessoas calmas e inteligentes agem de outro modo. Elas usam a boca. Como sempre, meu pai tinha razão. Os acordos adequados evitam muito sofrimento desnecessário.

As palavras de David Augsburger merecem ser repetidas: “Haver conflitos é natural, e todos devem estar dispostos a tentar resolver as coisas. A disposição de ceder um pouco levará a uma solução factível satisfatória a todos.

O acordo é um dom nos relacionamentos humanos. Avançamos com base em consensos e em acordos refletidos, cuidadosos, na maioria das decisões no

conflito. Mas é necessário pelo menos uma cota de sacrifício de opiniões e de alvos, que pode custar a todos nós a perda do que seria melhor para alcançar o que é bom: o acordo”.[5]

3. *Quando o conflito persistir, importe-se o suficiente para resolvê-lo em vez de afastar-se.* Bater o telefone em meio a uma conversa ou rasgar a porta de tela da cozinha, enquanto sai para a rua, não resolve nada. Um tratamento de silêncio prolongado e manipulativo não beneficia nenhuma das partes. Ou fugir de um casamento. Ou abandonar o emprego ao ser ofendido. Não é assim que se lida com desentendimentos. Trabalhe com eles. Fique firme. Pode ser um dos trabalhos mais difíceis que tenha a fazer, mas é também o mais compensador.

4. *Quando não houver solução, concorde graciosamente em discordar sem ser desagradável.* Penso que Paulo e Barnabé fizeram isso. Paulo nunca criticou Barnabé quando escreveu mais tarde às igrejas que havia fundado. Em nenhuma das suas cartas você vai achar qualquer crítica severa a seu ex-companheiro. Não há também evidência de Barnabé ter se recuperado de qualquer decepção.

Permita que acrescente três palavras de advertência. *Supere!* É engraçado, mas enquanto crescia e freqüentava a escola no Texas, eu não sabia que o sul perdera até que cheguei à oitava série! Eu achava que o sul ficara sem tempo, sem munição e sem recursos. Um professor de história norte-americana confiável finalmente explicou as coisas para mim. Quando ouvi a verdade, superei o problema.

Fico surpreso ao ver quantas pessoas remoem injustiças passadas. Elas sangram por causa de uma ferida provocada nos idos de 1977. Ou tiram a crosta de um casamento que terminou em 1982.

O que quer que os tenha em suas garras, nunca conseguiram superá-lo. Como aprendemos, Paulo e Barnabé nunca mais serviram juntos. Mas tudo se resolveu no final. Eles superaram o problema.

Para ser sincero, nem todas as separações terminam mal. Alguns dos melhores seminários nasceram de uma mistura de conflitos. Algumas igrejas importantes começaram como resultado de uma grave divisão. Nunca é cedo demais para começar a mover-se.

Phillip Melanchthon, a força moderadora persuasiva na vida de Martinho Lutero, disse tudo nestas poucas palavras: “Nos essenciais, *unidade.* Nos não-essenciais, *liberdade.* Em tudo, *caridade.* ”[r]’

PENSAMENTO FINAL

“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.” Sangrando, lábios

rachados e inchados pelo sol do meio-dia, cruelmente torturado numa cruz romana, Jesus intercedeu por seus inimigos. Que magnífico modo de perdoar!

Ele pagou pelos pecados do mundo, o justo pelo injusto. Como resultado de sua morte sacrificial, a reconciliação foi feita entre o homem e Deus. Ele é o nosso modelo para resolver corretamente as disputas. Em última análise, trata-se de uma questão de perdão.

“Pai, perdoa-lhes...”

Que estilo de vida incrível!!!

Antes de passar para o próximo capítulo, você talvez precise refletir um pouco usando de toda sinceridade. Convido você a revisitar seu próprio passado ferido e não restaurado. Pode fazer muito tempo, pode se lembrar da face de um pai, de um filho, de um amigo, de um ex-cônjuge, de um colega, de um chefe, de um treinador, de um pastor ou de um irmão ou irmã. Eles magoaram você. O sofrimento perdurou todos esses anos. Não consegue ouvir o nome deles nem ver uma fotografia sem que toda a ira e desconfiança inunde a sua alma como um rio que transborda pelas margens.

Meu amigo, está na hora de mover-se. Busque uma solução. Peça ajuda a alguém, se precisar. Mas não fique parado. Faça o que for necessário para livrar-se disso.

Neste exato momento, eu o convido para ficar sozinho aos pés da cruz, a olhar para ele e a deliberadamente livrar-se de tudo. Veja-o ali pendurado, sangrando e morrendo, e aceite o seu perdão, para você e para seu inimigo. Ao perdoar, você não está aceitando o pecado dele, mas está simplesmente deixando isso nas mãos de Deus. O território é *dele* e não seu. Isso é graça. E você pode oferecê-la a outros, porque também não a merece.

Tem uma lição de casa a fazer? Comece antes que seja tarde e perca o caminho de casa.

Capítulo Treze

Viajando como Paulo

O muito amado pastor britânico e autor prolífico, F. B.

Meyer, escreveu estas palavras: “Se, ao visitar um país desconhecido, sou informado de que devo passar por um vale escuro onde o sol está oculto ou por uma parte pedregosa de uma estrada a caminho da minha habitação, ao chegar ao meu destino, cada momento de sombra ou sacolejo da carruagem me asseguram de que estou no caminho certo”.[1]

Essas palavras são um resumo adequado da vida e das jornadas de Paulo. As dificuldades que relatamos até agora e as que enfrentaria depois, cada vez com maior intensidade, evidenciam o fato de que o míssil missionário de Deus está no curso certo.

Creio firmemente que a Palavra de Deus foi preservada, não apenas como uma coleção de documentos históricos e de estudos geográficos, mas como um recurso confiável - uma fonte onde procurar ajuda para viver de modo a honrar a Cristo.

Deus nos deu modelos nas páginas das Escrituras - pessoas como você e eu, acredite ou não. Pessoas que, apesar das dificuldades, viveram para agradá-lo. Pela fé. Em obediência. Com coragem. Acima das lutas. São pessoas como Moisés, Samuel, Ester, Rute, Isaías e João; e, como estamos descobrindo, Paulo.

Paulo, *o homem viajado.* Veremos o desenrolar disso nas páginas que se seguem - instantâneos de obediência da sua segunda viagem missionária.

Agarre a sua câmera, verifique se tem bastante filme, coloque o boné da imaginação, não se esqueça dos binóculos para poder olhar mais de perto e embarque. Esta será uma nova e emocionante aventura, ao nos juntarmos ao plantador de igrejas do primeiro século, enquanto atravessa as terras bíblicas anunciando as boas novas de Cristo.

UMA NOVA VISÃO E UMA NOVA EQUIPE

Como deve estar lembrado, a viagem começa em Antioquia. Paulo, talvez um pouco abalado com a separação do amigo e colaborador de longa data, estivera durante certo tempo recuperando-se ali. Com Barnabé já a caminho de Chipre e João Marcos em sua companhia, a igreja de Jerusalém nomeou Silas, um discípulo experimentado e cidadão romano, para acompanhar Paulo em sua segunda viagem. Contente com a escolha da igreja, Paulo enviou um convite a Silas para que se encontrasse com ele o mais depressa possível. Armado com o

mandado do Conselho de Jerusalém relativo à salvação dos gentios e de alguns pertences pessoais, Paulo seguiu sozinho a estrada bastante trilhada que ia de Antioquia a Tarso, sua cidade natal. (Veja no Mapa 2 *A Segunda Viagem de Paulo,* pp. 394/395.) Paulo percorreu lugares conhecidos, parando para fortalecer as igrejas que fundara durante o percurso. Como uma força magnética, a Cordilheira Taurus, que ele sem dúvida podia ver à distância, o atraiu gradualmente para o lugar de seu nascimento. Talvez sentindo-se solitário sem a companhia do amigo íntimo, ele ansiava pelos cenários e sons familiares de Tarso. Não ficamos sabendo se parou ou não ali. Em algum ponto, sacudiu de si qualquer nostalgia que ainda pairasse sobre Tarso e avançou em direção ao norte. Havia almas a serem alcançadas e vidas a serem tocadas. Enquanto o sol quente da primavera brilhava forte, os picos resplandecentes e cobertos de neve das montanhas Taurus deram lugar a ribeiros de águas frescas, que desciam até uma convergência de rios que levavam para o oeste, para o Mediterrâneo. Ele continuou por aquela estrada romana familiar, que cortava obstinadamente o terreno irregular, levando-o eventualmente a Derbe - o lugar do seu provável encontro com Silas, seu novo parceiro.

Juntos, eles comunicaram e interpretaram as decisões do Conselho de Jerusalém às cidades circunvizinhas, assegurando-se de que os novos crentes estivessem recebendo as necessárias instruções e o cuidado pastoral. Viajaram para o noroeste até Listra, onde Paulo sem dúvida apresentou seu novo companheiro a outra florescente comunidade de recém-convertidos.

Entre eles se achava Timóteo, um discípulo dedicado, a quem um autor refere-se como “um caráter complexo. Um jovem que tinha estômago fraco, parecia ser mais moço do que sua idade real, e não era um cristão musculoso”.[2]

Esse era Timóteo. Duas das cartas do Novo Testamento levam o seu nome. Filho de uma judia crente e de pai grego, sem dúvida um pagão intelectual, Timóteo fora educado pela mãe e pela avó materna. No início de Atos 16, Lucas escreveu: “Chegou também a Derbe e a Listra. Havia ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego; dele davam bom testemunho os irmãos em Listra e Icônio” (At 16:1,2). Impressionado pelo seu espírito aberto para o ensino e amor pela verdade de Deus, Paulo convidou Timóteo para participar da sua equipe.

Alguma coisa sobre Timóteo deve ter intrigado o experiente plantador de igrejas. O Senhor com freqüência reúne suas equipes desse modo. Você conhece algumas pessoas que não se encaixam de jeito nenhum. Com outras, a harmonia é instantânea. Na maioria das vezes, os espíritos afins se fundem rapidamente. Paulo viu excelentes qualidades em Timóteo, as quais eclipsavam sua aparência juvenil. Isso foi suficiente - ele recrutou o rapaz na mesma hora.

Timóteo entrou num projeto missionário agitado, cheio de aventuras e de experiências vibrantes na linha de frente. Sua curva de aprendizado em pouco tempo cresceria como nunca. Que oportunidade única viajar com Paulo! Lucas escreveu: “Ao passar pelas cidades, entregavam aos irmãos, para que as observassem, as decisões tomadas pelos apóstolos e presbíteros de Jerusalém. Assim, as igrejas eram fortalecidas na fé e, dia a dia, aumentavam em número” (At 16:4,5).

Os braços finos de Timóteo devem ter doído quando ele se beliscou perguntando-se se tudo não passava de um sonho! Para seu espanto, Deus o escolhera, mesmo com todo o seu zelo infantil, para juntar-se a dois praticantes experientes, num esforço rigoroso de plantação de igrejas que iria abranger dois mundos, sob a direção do Espírito Santo. Uma de suas primeiras descobertas surgiria como uma surpresa. Por mais que você tente, nem todas as portas se abrem inteiramente para o evangelho.

SEM EXPLICAR O MOTIVO, DEUS ÀS VEZES DIZ NÃO

E, percorrendo a região frígio-gálata, tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia, defrontando Mísia, tentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não o permitiu. E, tendo contornado Mísia, desceram a Trôade.

Atos 16:6-8

Seguindo para o norte, eles entraram na Frigia e na Galácia. Oraram pedindo que portas se abrissem e esperaram por corações preparados nessa região, mas a Escritura diz: “Tendo sido impedidos pelo Espírito Santo de pregar a palavra na Ásia” (v. 6).

Você provavelmente já passou por isso. Apesar das suas melhores tentativas para avançar pela fé e abrir caminho para o Senhor, as portas se fecham — algumas vezes até batidas com força. Embora não fosse dada uma razão, eles foram impedidos pelo Espírito de entrar na Ásia.

Destemidos, marcharam para a Bitínia. Novamente, sem explicação, a porta se fechou também ali. Foram então para o oeste e chegaram a Trôade, uma cidade litorânea no extremo leste do Mar Egeu. De maneira interessante, Lucas não oferece uma idéia de como esses três homens reagiram à série de becos sem saída. Deve ter parecido estranho. O que sabemos é que eles continuaram caminhando apesar disso, dirigidos pelo Espírito de Deus.

A resposta de Deus freqüentemente é um simples “Não”. Não queremos

ouvi-la, mas é verdade.

"Não, não, não, não." Quatro portas batem. Frigia, Galácia, Mísia, Bitínia. Todavia, em vez de voltar a Antioquia, eles continuaram a viagem guiados pelo Espírito e embalados pelos sons e odores do mar. Uma vez na cidade de Trôade, bem a oeste, algo notável aconteceu.

Paulo teve uma visão. O registro não diz que ela apareceu também a Silas. Ao que tudo indica, só Paulo a viu. Antes de as Escrituras terem sido completadas, Deus às vezes comunicava a sua vontade em visões e, mais freqüentemente, em sonhos. Os sonhos vinham à noite, as visões a qualquer hora. Nesse caso, a visão de Paulo foi noturna, na forma de "varão macedônio" (At 16:9).

Agora seria um bom momento para fazer uma pausa e examinar o Mapa 2, nas páginas 394/395, no fim do livro.

É um hábito útil em seu estudo bíblico pessoal localizar num mapa os lugares importantes mencionados na Escritura. Bato nessa tecla religiosamente para o nosso rebanho da Stonebriar Community Church. Os mapas ajudam a transformar nomes numa página em lugares reais no globo.

Do outro lado das águas azuis do mar Egeu, você verá a Macedônia. Enquanto Paulo se encontra em Trôade (localizou Trôade?), ele tem uma visão de um homem suplicando: "Passa à Macedônia e ajuda-nos" (v. 9).

Uma luz se acendeu na mente de Paulo: *isso explica todas as portas fechadas na Asia! Sei agora por que não pudemos entrar na Frigia, Mísia ou Bitínia com as boas novas.* Esse retrospecto deixou perfeitamente clara a razão pela qual Deus os levara a Trôade. Tratava-se de uma evangelização mais ampla.

Paulo havia planejado uma jornada a lugares onde já estivera. O plano de Deus incluía expor as reivindicações de Cristo a um continente inteiramente novo, onde ninguém estivera antes - isto é, ninguém armado com a magnífica mensagem de esperança em Cristo. Isso é que chamo de expandir as fronteiras! E posso também lembrá-lo? Outra *mudança!*

O apóstolo visionário não perdeu tempo em obedecer as instruções de Deus. Novos lugares não o amedrontavam. O desconhecido, na verdade, o atraía. Não houve demora nos detalhes. Nenhuma espera por paz. Nada de desculpas esfarrapadas, como: "Oh! Senhor, fico enjoado quando tenho de viajar de navio assim para tão longe. Não sei se suportarei tanto tempo em uma embarcação." Ou então: "Oh! Senhor, isso é longe demais de casa. Acho que não temos o dinheiro necessário." Assim que Deus disse "Vão!", eles partiram *imediatamente.*

Fica claro ao observador atento que foi nessa oportunidade que o Dr. Lucas, o escritor de Atos, passou a acompanhar Paulo, Silas e Timóteo. E bem provável

que Lucas tenha abandonado sua prática da medicina para juntar-se às fileiras desses missionários a caminho. Quatro deles se dirigiam, agora, como Lucas descreveu: “Procuramos partir para aquele destino, concluindo que Deus nos havia chamado para lhes anunciar o evangelho” (At 16:10).

PORTAS FECHADAS E CORAÇÕES ABERTOS

Verifique o mapa outra vez — isso vai ajudar. Trace a viagem com o dedo. De Trôade eles atravessaram o mar Egeu, passando pela Samotrácia, até a cidade portuária de Neápolis localizada na movimentada artéria européia conhecida como Via Inácia. No coração da Macedônia, seu destino seria Filipos, uma das principais cidades da região. Mal sabiam eles que seu primeiro convertido filipense seria uma mulher de negócios proeminente que adorava a Deus num lugar improvável.

Lídia: À Beira do Rio Filipos, assim chamada em homenagem a Filipe da Macedônia, cujo filho era Alexandre, o Grande, tornara-se um posto militar avançado depois que Otávio Augusto derrotara completamente o bando de infiéis criminosos responsável pelo assassinato de César. A batalha sangrenta foi travada bem perto de Filipos. Lotada com tropas romanas, a cidade gozava da reputação de ser uma Roma em miniatura. Filipos governava a si mesma e era, de muitas formas, autônoma. É compreensível, então, que a antiga metrópole não fosse um centro do judaísmo. Quando Paulo procurou seu local usual de pregação, estacou. Não havia sinagoga ali, evidência clara de que nem sequer dez homens judeus viviam nos limites da cidade.[3]

Se havia algum judeu ou prosélito ali, deviam se reunir regularmente junto ao rio, usando a abundância de água para a purificação ritual. Assim, Paulo e seus companheiros foram até as margens do Rio Gangites, onde se juntaram a um pequeno grupo de mulheres que se preparavam para o culto.

No sábado, saímos da cidade para junto do rio, onde nos pareceu haver um lugar de oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que para ali tinham concorrido. Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor *lhe abriu o coração* para atender às coisas que Paulo dizia. Depois de ser batizada, ela e toda a sua casa, nos rogou, dizendo: Se julgais que eu sou fiel ao Senhor, entrai em minha casa e aí ficai. E nos constrangeu a isso.

Atos 16:13-15, grifos do autor

O mini-reavivamento daquela casa deve ter sido uma cena emocionante. E possível que, ainda confuso com as portas fechadas na Ásia, o grupo missionário

tivesse observado surpreso como o Senhor abriu o coração de uma mulher proeminente, preparando o caminho para a abertura de uma igreja em Filipos. Tudo fazia parte da orientação de Deus e da obediência de Paulo. O que lhe faltara antes em discernimento, ele compensara com a obediência. A recompensa o aguardava em Filipos.

Ninguém poderia ter previsto que o fundamento para um dos ministérios mais estratégicos do primeiro século viria da conversão à beira do rio de uma mulher de classe média.

Não fique, porém, contente demais. Deus tinha mais algumas surpresas para os missionários macedônios.

Uma Moça ***Endemoninhada e*** *um Milagre* ***Estrondoso*** Os quatro homens continuaram a sua cruzada em Filipos gozando da cordial hospitalidade e encorajamento mostrados a eles por Lídia e sua casa. O grupo reunia-se todos os dias junto ao rio em oração fervorosa e adoração dinâmica. Numa determinada caminhada até o local, agora familiar, eles conheceram uma moça escrava endemoninhada, que insistiu em provocá-los durante dias seguidos. Dia após dia, Paulo conseguiu, de alguma forma, ignorar as palavras extravagantes dela, até que finalmente se exasperou. Lucas descreve a cena com sua usual economia de palavras.

Aconteceu que, indo nós para o lugar de oração, nos saiu ao encontro uma jovem possessa de espírito adivinhador, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. Seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: Estes homens são servos do Deus Altíssimo e vos anunciam o caminho da salvação. Isto se repetia por muitos dias. Então, Paulo, já indignado, voltando-se, disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, eu te mando: retira-te dela. E ele, na mesma hora, saiu.

Atos 16:16-18

Eu gostaria muito de ter visto esse confronto. Paulo, suportando pacientemente os comentários repetidos e inconvenientes dessa tes-temunha importuna, finalmente se aborreceu. Certo dia, ele voltou-se e a encarou diretamente, pronunciando uma sentença cheia de autoridade: “Em nome de Jesus Cristo, eu te mando; retira-te dela” (v. 18). Com isso livrou a moça do demônio. Nenhuma vacilação. Ele falou, e o espírito fugiu. Que coragem! A multidão ficou estupefata enquanto a jovem, antes selvagem, ficou ali sentada, serena e silenciosa. Graças a Deus que sempre nos dá a vitória por meio do Senhor Jesus Cristo!.

Nem todos estavam prontos para louvar como eu o feito maravilhoso de Paulo. Irados com a perda repentina de seus lucros, os donos gananciosos da escrava instigaram o populacho a fazer um motim. Paulo e Silas foram

imediatamente presos, espancados com varas pelos pretores e atirados num cárcere romano com os pés presos no tronco.

O que é isso? Horas antes, eles colhiam os frutos da obediência, mas em questão de minutos estavam sangrando e presos numa cela. Será que questionaram sua convicção, dizendo: *Pensávamos que Deus nos queria aqui.* E queria! *Mas fomos espancados com varas e lançados na prisão!* Isso fazia parte do plano de Deus.

Turbulência, dificuldade, perseguição e problemas não são essencialmente indícios de estar fora da vontade de Deus. Pelo contrário, há ocasiões em que essas coisas significam que você se acha, de fato, no núcleo do seu plano. E bom lembrar-se disso - outra lição aprendida em nossas viagens com Paulo.

A conspiração de Filipos fica ainda melhor.

Um Carcereiro Filipense e uma Conversão que Sacudiu a Terra Pare aqui e pense na cena. Aparentemente, as coisas estavam sombrias. Paulo e Silas, presos numa cela escura e úmida, têm feridas abertas que não foram lavadas. Seus pés foram presos numa barra de madeira que os força a sentar-se com as costas retas, na posição mais desconfortável possível. Os eventos traumáticos os deixaram machucados e em estado de choque. Tudo isso apagou as lembranças agradáveis da celebração na casa de Lídia alguns dias antes. Mas aqueles dois homens recusa-ram-se a permitir que as circunstâncias determinassem suas atitudes. Observe os eventos memoráveis que se seguiram: Por volta da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam louvores a Deus, e os demais companheiros de prisão escutavam.

De repente, sobreveio tamanho terremoto, que sacudiu os alicerces da prisão; abriram-se todas as portas [não perca esta última frase!], e soltaram-se as cadeias de todos. O carcereiro despertou do sono e, vendo abertas as portas do cárcere, puxando da espada, ia suicidar-se, supondo que os presos tivessem fugido.

Atos 16:25-27 (comentário inserido do autor) Não é uma cena grandiosa? Quando os homens começaram a adorar o Senhor, a dor latejante das pancadas dos pretores começou a desaparecer. Os prisioneiros que os rodeavam ficaram espantados com a reação estranha de seus companheiros de cela a essa tortura violenta. Sentados ali com os pés no tronco, eles se puseram a cantar. É possível que tenham cantado as palavras familiares do hino hebraico: Esperei confiantemente pelo SENHOR; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro. Tirou-me de um poço de perdição, de um tremedal de lama; colocou-me os pés sobre uma rocha e me firmou os passos. E me pôs nos lábios um novo cântico, um hino de louvor ao nosso Deus; muitos verão essas coisas, temerão e confiarão no SENHOR.

Salmos 40:1-3

Antes que o carcereiro tivesse tempo de matar-se, pois ele sabia que a morte certa o esperava caso os prisioneiros escapassem, Lucas conta que Paulo “bradou em alta voz: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos” (v. 28). O carcereiro, espantado, pediu que fosse acesa uma luz. Ele queria ver aquilo mais de perto. Deve ter ficado ofuscado pela cena quando, piscando os olhos, surpreso, esforçava-se para enfocar os missionários que sorriam para ele! Sem hesitar, caiu de joelhos e perguntou o que deveria fazer para ser salvo.

Depois, trazendo-os para fora, disse: Senhores, que devo fazer para que seja salvo? Responderam-lhe: Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa. E lhe pregaram a palavra de Deus e a todos os de sua casa. Naquela mesma hora da noite, cuidando deles, lavou-lhes os vergões dos açoites. A seguir, foi ele batizado, *e todos os seus.* Então, levando-os para a sua própria casa, lhes pôs a mesa; e, com todos os seus, manifestava grande alegria, por terem crido em Deus.

Atos 16:30-34 (itálico do autor) Você pode imaginar a fé confiante e contagiosa daqueles homens? Você faria tudo o que eles fizeram com suas costas cobertas de feridas? Se eu estivesse lá quando as portas da prisão se abriram, teria corrido como um desesperado. “Vou embora daqui! Esse carcereiro que se vire!” Paulo não fez isso. Ele viajou dirigido pelo Espírito Santo do começo ao fim. Não deu oportunidade para o acaso. O melhor de tudo era que a sua obediência não estava condicionada a conforto nem a salário. Ele não avaliou a tabela de benefícios antes de iniciar sua carreira missionária. Seu objetivo era simples e claro: pregar Cristo onde ele não fosse ainda conhecido. Se isso significasse ser algemado e posto num cárcere romano, sufocado em seu próprio sangue, que assim fosse. Em Trôade, quando recebeu a visão, disse um sim incondicional.

Um homem da Macedônia dissera: “Venha nos ajudar.” Deus tinha em mente uma vendedora de púrpura, uma jovem escrava explorada e um carcereiro romano rude e brutal. Quando você viaja como Deus quer, como Paulo, fica sensível às portas que se abrem e em paz com aquelas que se fecham.

Mais tarde, Paulo apelou a Roma. Depois de descobrir que havia torturado cidadãos romanos, o magistrado em serviço tremeu de medo. Ao compreender que agira ilegalmente contra aqueles dois homens, o oficial suplicou a Paulo e Silas que saíssem de Filipos, a fim de evitar novo levante civil. A equipe de missionários esqueceu a ofensa e seguiu em frente, aguardando o novo episódio do poder e presença do Senhor. Que homens surpreendentes!

UMA BREVE SINOPSE DAS VIAGENS DE PAULO

Ensinando em Tessalônica O experiente fundador de igrejas avançou flanqueado pela companhia fiel de seus colaboradores. Próxima parada: Tessalônica. Como de costume, Paulo procurou o seu lugar preferido para começar, a sinagoga. Muitos creram, inclusive um grande número de gregos e de mulheres influentes. Isso bastou para instigar inveja entre os líderes judeus, a ponto de Paulo e sua equipe serem forçados a fugir na escuridão da noite (17:10).

Atacados em Beréia Ao partir dali, foram para Beréia e pregaram novamente na sinagoga local. O interesse dos bereanos, mais sofisticados do que o povo de Tessalônica, levou-os a examinar "as Escrituras todos os dias para ver se as cousas eram, de fato, assim" (17:11).

Não posso perder esta oportunidade de dizer que excelente exemplo o deles, digno de ser imitado. Por mais talentoso, carismático, bem preparado e experiente que seja o seu professor bíblico ou pastor, adquira o hábito saudável de examinar o que está sendo dito à luz das Escrituras.

Os arquitetos e operários da construção usam medidas exatas para assegurar um resultado preciso. Eles não trabalham conforme seus sentimentos. Ambos marcam cuidadosamente o seu trabalho em metros e centímetros. Nem mesmo construtores experientes confiam em adivinhações e palpites. Eles usam os padrões de medida. As Escrituras são a sua ferramenta de medir para ter certeza de que o ensino que recebe *é* correto e verdadeiro. Continue conferindo.

À medida que você cresce na sua vida espiritual, é preciso haver conguência entre o que está sendo dito e o que foi escrito na Bíblia. Se não puder confirmar nas Escrituras o ensino, alguma coisa está errada nesse conteúdo transmitido. Não acredite no(a) professor(a). Se ele ou ela contradisser o padrão divino, você está construindo na areia. Fique com as Escrituras. Elas continuam sendo a suprema autoridade para a fé e a vida.

Voltemos agora à Beréia. O resultado de seu ministério incansável foi o início de uma nova igreja nessa cidade. Mas nem tudo eram flores. Lucas, que nos mantém com os pés na realidade, acrescenta rapidamente: "Mas, logo que os judeus de Tessalônica souberam que a palavra de Deus era anunciada por Paulo também em Beréia, foram lá excitar e perturbar o povo" (At 17:13).

Não suponha que os críticos de um lugar não irão seguir você até outro. Se estiverem decididos, vão acompanhar os seus passos. Não gostaram de você em Dallas e provavelmente não gostarão de você em Nova Orleans. Quando mudar para Miami, vão aparecer lá também. Os críticos proliferam como moscas! Isso

acontece especialmente se você estiver sendo usado de modo eficaz e as pessoas estiverem aceitando a verdade. Os críticos odeiam a verdade, porque ela liberta o indivíduo. Sua esperança, portanto, é silenciar a mensagem de todas as formas possíveis. Beréia é um caso clássico a ser observado.

Finalmente, os crentes de Beréia calcularam que já haviam recebido o bastante e encorajaram Paulo a dirigir-se para a costa do Egeu. Silas e Timóteo permaneceriam em Beréia com Lucas, a fim de acalmar a comunidade inquieta.

Sozinho em Atenas A cena seguinte começa com Paulo sozinho em Atenas. Atenas era o centro intelectual do mundo. A cidade da Academia. O berço da democracia. Para piorar as coisas, a movimentada metrópole estava coberta de ídolos. É difícil imaginar um lugar assim. (Bangcoc, na Tailândia, pode ter certa semelhança com a Atenas daquela época.) A presença demoníaca era opressiva, enquanto o piedoso apóstolo caminhava pelas ruas. Suas tentativas de penetrar as trevas não tiveram sucesso. (Mais sobre a visita de Paulo a Atenas no próximo capítulo.) ***Desafiado em Corinto*** Ele deixou Atenas e viajou para Corinto, que ficava a curta distância, onde Lucas escreveu: “e ali permaneceu um ano e seis meses” (18:11). Novamente na companhia de Silas e de Timóteo (assim como de Lucas, é claro), Paulo gozou de uma estada proveitosa em Corinto, conhecendo Priscila e Áqüila, que se tornariam aliados íntimos no trabalho, além de Crispo, um jovem e brilhante líder da sinagoga que entregou o coração ao Messias (18:8). A obra era desafiadora — não houve um só momento de tédio em Corinto —, mas compensadora, enquanto Paulo apresentava o Deus único e verdadeiro para o povo daquela cidade carnal.

Encorajado em Efeso A segunda viagem missionária teve um final glorioso, após uma breve estada em Éfeso. Que lugar produtivo para ministrar! Depois de pregar ali e de deixar Áqüila e Priscila para continuar o trabalho, Paulo viajou para o sul, a Cesaréia, a fim de encontrar-se com a igreja de Jerusalém e, a seguir, foi para Antioquia. Ele deu uma volta completa. Milhares de quilômetros e muitos meses mais tarde, Paulo voltou à base que o enviara para relatar os prodígios notáveis resultantes da graça de Deus.

UMA VERIFICAÇÃO REALISTA ENQUANTO REFLETIMOS

Durante os momentos finais deste capítulo, vamos fazer algumas reflexões realistas. Pense em como as condições deviam ser difíceis para aqueles missionários. Viajar era, na verdade, bastante árduo. Hoje entramos num carro com ar-condicionado, com bancos macios de couro, toca-CDs, janelas

hermeticamente fechadas e partimos a toda velocidade. Quando nos cansamos da estrada, paramos e nos instalamos num hotel confortável para passar a noite. Temos boas opções com todas as amenidades agradáveis que fazem parte delas.

Aqueles rudes guerreiros da cruz andavam a pé. Caso usassem algum meio de transporte, seriam carros com rodas de madeira ou animais suados, que lhes serviam de montaria durante quilômetros, suportando condições climáticas extremas.

As rações alimentícias eram parcas. Não conheciam os cuidados de saúde modernos. Se não fosse por Lucas, Paulo teria desmaiado no caminho. Essa deve ter sido uma das principais razões para Lucas decidir unir-se ao grupo de Trôade: para ser o médico particular dele. Não ousamos esquecer também a hostilidade. Eles viviam e ministravam enfrentando o perigo quase todos os dias. Mesmo assim, Paulo e seus companheiros avançaram.

Os cristãos ocidentais tornaram-se um grupo de folgados. Cuidamos de nós mesmos, de nossos direitos e de nossas conveniências. Temos pouca tolerância por qualquer coisa que interrompa uma vida fácil. O sacrifício raramente passa pela nossa cabeça. Quando somos chamados para considerar o pagamento de um preço alto, estremecemos, gaguejamos e nos desculpamos amavelmente. Ou dizemos que vamos apoiar os que forem chamados para ir.

Tente imaginar a vida nas sandálias de Paulo... sem ar-condicionado! Você o acompanharia? Teria partido com ele quando deixou Antioquia e seguiu para lugares desconhecidos? Você deixaria uma prática bem-sucedida em Trôade? Fiz a mim mesmo essas perguntas. Elas nos forçam a sondar abaixo da superfície de nosso mundo confortável.

Embora não fosse tão velho, Paulo já ostentava cicatrizes de Filipos. Contusões de Listra. Lembranças da turba em Tessalônica. Ferimentos de Beréia. Mesmo assim, continuou. Acho esse tipo de coragem espiritual não só inspirador, como também profundamente convincente.

De maneira notável, quando chega aos sessenta anos, faz planos para uma terceira viagem missionária. Quero dizer, esse homem é absolutamente *viciado!* Antes de você poder respirar, ele está a caminho, impelido pela graça de Deus.

Retornando através da Síria e da Galácia, ele se estabeleceu em Éfeso, onde discipulou muitos crentes e gozou de um ministério longo e produtivo. Durante mais de dois anos, trabalhou entre o povo de Éfeso, ensinando a verdade, realizando milagres, combatendo o adversário e levando muitos gentios a Cristo.

Enquanto se achava em Éfeso, Paulo escreveu a primeira carta aos Corindos. Depois de sair de lá, voltou pela Macedônia, onde escreveu a segunda epístola aos Corindos. Ao voltar para Corinto, tomou da pena novamente e escreveu o que temos hoje como a carta do Novo Testamento aos Romanos. E

tudo se torna cada vez mais estimulante, como veremos adiante.

O terreno que Paulo percorreu nessa terceira jornada sozinho é espantoso. Examine outra vez no Mapa 2 *A Terceira Viagem de Paulo,* nas páginas 394/395, no final deste livro. Passe alguns momentos seguindo os passos de Paulo na sua última campanha missionária. Ele dá uma volta completa. Trace a viagem com o dedo. Imagine a quantidade de quilômetros! De Éfeso desceu até Mileto, seguindo para Cós e Rodes, Patara eTiro, Ptolemaida e Cesaréia, depois voltou a Jerusalém.

Ao chegar a Jerusalém, terminou a terceira jornada. Almas foram salvas. Igrejas fundadas. Vidas transformadas. Embora preso, espancado, perseguido, encarcerado, caluniado, Paulo terminou seu roteiro. Ele faz um relatório brilhante de tudo o que Deus fizera aos que estavam reunidos para saudá-lo (20:17-25).

Não é de admirar que o Sinédrio tivesse levantado a cabeça e vaiado. Eles fizeram tal oposição ao seu relatório que as autoridades romanas foram chamadas para acalmar o levante. Paulo se apresenta diante de Félix, Festo e do rei Agripa — todos oficiais do governo romano. Numa demonstração triunfante de fé e coragem, ele diz a Agripa: “Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias” (26:29}.

Agripa quase se converteu ali.

Paulo permaneceu, porém, preso. Ele é enviado como prisioneiro a bordo de um navio mercante que seguia para Roma. O navio sofre um naufrágio (isso está em Atos 20!). O Senhor poupa graciosamente a sua vida e o leva em segurança para Roma. Ali, em prisão domiciliar, algemado a um guarda romano, o apóstolo escreveu Filemom, Colossenses, Efésios e Filipenses. São as chamadas “epístolas da prisão”. Elas se encontram em sua Bíblia porque Paulo recusou-se a desistir. Obedientemente, avançou.

PRINCÍPIOS PARA VIAJAR TÃO BEM QUANTO PAULO

Quer você viaje trabalhando como missionário, quer a trabalho por causa de sua profissão, Deus quer que você viaje como Paulo. Observo quatro princípios permanentes que irão ajudá-lo a maximizar a sua eficácia para Cristo aonde quer que vá. A fim de facilitar a sua memorização, vamos começar cada um com as palavras: “Quando você viajar...”

1. *Quando você viajar, não vá sozinho.* Fique perto de pelo menos uma pessoa, idealmente seu cônjuge. Se não for o seu cônjuge, um membro da família. Ou, pelo menos, um companheiro íntimo. Mas fique perto de alguém. Pense um pouco. Procure lembrar-se daqueles que acompanharam Paulo em suas viagens. Ele levou Barnabé, João Marcos, Silas, Timóteo, Lucas, Áqüila e Priscila. Não esqueça Sópatro, Aristacro, Secundo, Gaio, Timóteo, Tíquico eTrófimo. Opa, quase esquecemos Erasto. Ninguém presta muita atenção a esses nomes, mas foram indispensáveis para o homem de graça e coragem. Se possível, evite viajar sozinho. Se sentir solidão, um companheiro estará a seu lado para levantar seu ânimo. Se tiver problemas, um companheiro estará ali para ajudá-lo a superar a crise. Dois é melhor do que um. Três é melhor do que dois.

2. *Quando você viajar, fique sempre em contato com seu lar.* Continue prestando contas. O coração de Paulo ficou preso aos de sua casa. Enquanto se achava ausente, continuou em contato. Quando voltava, fazia relatórios. Quando se achava com seus homens, de boa vontade dava contas do seu ministério. Quando escrevia cartas, quase sempre expunha-se. É bem possível que mantivesse um registro. Você pode pensar em fazer isso. É um dos maiores legados que pode deixar a seus filhos. Quando nossa família nos levar ao repouso final, seria maravilhoso se todos nós tivéssemos em nossa biblioteca vários registros escritos à mão sobre as coisas que o Senhor nos ensinou em nossas vidas. Um registro e não um diário. Não se trata do que fizemos, minuto a minuto, dia a dia. Isso é um diário. Os registros são pensamentos escritos que nos foram dados pelo Senhor. Como são importantes para os que seguirem nossos passos! São as lições que aprendemos em nossa jornada com o Pai. As cartas de Paulo eram, de certa forma, como registros inspirados. Embora se ausentasse durante longos períodos, ele prestava contas de sua vida.

3. *Quando você viajar, não creia em tudo o que ouve.* Alguém disse: “Uma autoridade é alguém que está a centenas de quilômetros de casa”. Em vista de ser bastante conhecido, quando viajo, as pessoas me procuram pensando que vão ficar impressionadas. Se ficassem mais tempo perto de mim, logo saberiam a verdade. Quando viaja, você irá encontrar ocasionalmente pessoas que irão quase adorá-lo. (Aconteceu com Paulo.) Não permita. No extremo oposto, outros irão rejeitá-lo e maltratá-lo. Não se desvie por causa dos oposicionistas. Alguns podem até conspirar contra você. Mantenha os seus olhos no alvo. Concentre-se no Senhor e nada disso irá abatê-lo.

Algumas das melhores pessoas que já viveram neste mundo foram maltratadas, incompreendidas e caluniadas. Isso faz parte do que Deus usa para preparar seus servos. Não desejo essas coisas para ninguém, mas não sou o

diretor das cenas. Esse trabalho pertence a Deus.

A vida de Abraham Lincoln pode ser novamente lembrada. Quantas dificuldades!

Lincoln foi caluniado, acusado e odiado mais intensamente do que qualquer homem que já se candidatou ao posto mais alto da nação. Em seu livro, *Lincoln on Leadership,* o autor Donald Phillips escreve: Ele foi chamado publicamente pela imprensa da época de quase todos os nomes imagináveis, inclusive de babuíno grotesco, advogado caipira que antes rachava trilhos de ferrovia e agora rachava a nação, gracejador grosseiro e profano, ditador, macaco, bufão e outros. O *Illinois State Register* rotulou-o de "o político mais astucioso e desonesto que já desgraçou um posto na América do Norte". Imagine as difamações. Ironicamente, construímos um enorme memorial para esse homem notável. Os que viveram em sua época o desprezavam abertamente.[4]

Paulo destaca-se hoje como um homem de Deus e um modelo para todos nós seguirmos. Sua mensagem trouxe esperança a todos os que a ouviam. Por quê? Graça. Graça maravilhosa. Ele também foi desprezado em seus dias. Nada disso o abalou. Por quê? Firmeza de caráter. Firmeza absoluta.

4. *Quando você viajar, não se mostre distante.* É fácil durante uma viagem tornar-se uma figura de cera. Intocável. Adotando o "jargão do negócio", os clichês da estrada e perdendo contato com a realidade. Resista a esse tipo de superficialidade. Mantenha-se disponível. Permaneça real. As pessoas precisam de um você autêntico. Não perfeito, mas autêntico.

Paulo diz que ele "queria" Timóteo. Isso é real. Quando estavam na prisão, ele cantou com Silas. Ele não pediu que Silas cantasse para ele. Cantou com Silas. Quando um de seus amigos foi maltratado, Paulo quis enfrentar a multidão na frente do teatro público de Éfeso. Seus amigos tiveram de segurá-lo. Isso é real. Quando abriu o coração para os presbíteros de Éfeso, eles choraram e o beijaram. Era de fato um homem acessível.

O FIM DE TODAS AS JORNADAS

Ao longo do tempo, as pessoas que viajam freqüentemente escrevem relatos sobre essas viagens. Um dos meus favoritos é *Traveis with Charlie,* de John Steinbeck - uma descrição simples de suas viagens em que dirigia uma caminhonete acompanhado do seu cão. Uma grande história. Outro de meus favoritos é *Blue Highways,* de William Least Heat Moon. E a interessante história de um homem que, depois de perder o emprego, encheu o tanque do carro de combustível e rodou pelas estradas pouco usadas da América do Norte.

Ele descreve as lições que aprendeu de pessoas comuns em lugares desconhecidos, todos viajando por conta própria.

Não importa a história, não importa a viagem, o viajante nunca mais é o mesmo. A vida é cheia de jornadas. Algumas são excursões tediosas, que fazemos de má vontade, unicamente por dever. Outras são aventuras emocionantes, nas quais embarcamos com os olhos da fé. Mas mudanças o aguardam... mudanças em você.

Ao longo de todo este capítulo, estivemos novamente na estrada. Viajamos com Paulo por grandes extensões de terra. Mas, como Paulo, viajamos também internamente. Fizemos auto-exames pelo caminho. Isso sempre acontece durante qualquer viagem significativa.

Phil Cousineau, em seu esplêndido livro *The Art of Pilgrimage*, escreveu: "Quer esteja embarcando numa peregrinação cansativa de dois mil quilômetros, a pé, pela Europa [...] iniciando uma viagem há muito planejada para descobrir suas raízes ancestrais, quer dando o primeiro passo numa longa caminhada espiritual [...], essa jornada irá mudar sua vida".[5]

Ele tem razão. Nenhuma jornada é mais transformadora do que a sua viagem espiritual interior de volta à Cruz. De todas as viagens que realizou, já fez alguma até lá? Caso a resposta seja negativa, está disposto a dar esse primeiro passo? É uma jornada da qual jamais se arrependerá, posso assegurar-lhe, e de que jamais esquecerá.

Vamos! Tudo começa com o primeiro passo.

Capítulo Quatorze

Pregando como Paulo

Duvide da autoridade. Esse grito de batalha prevaleceu nos anos sessenta e perdurou em grande parte dos setenta. A maioria dos adultos hoje lembra daquelas décadas impetuosas. Não fazia diferença qual fosse o seu papel ou título, se mostrasse autoridade sobre alguém, ele se encrespava e a questionava. Isso se aplicava aos pais no lar, ao policial na esquina. O extremo aconteceu quando se aplicou ao pregador no púlpito. O refrão coletivo se fazia ouvir: "Olhe, tenho meus direitos. Quem você pensa que é falando comigo desse jeito, sem me dar oportunidade para responder?" No início dos anos 70, a coisa ficou ainda mais feia.

Como profissional do ministério, observei com tristeza essa erosão da autoridade ocorrendo em nossas fileiras. Embora o cristianismo tenha sobrevivido aos anos 70 e 80, algumas igrejas ainda evidenciam essa mentalidade de "desconfie da autoridade". Declarações críticas feitas contra os pregadores e contra a pregação são lugar-comum. Isso ocorre, geralmente, nas mesmas igrejas que se voltam para o estilo da busca de novos meios para atrair o interessante da congregação e de entretenimento em vez de comunicação das verdades eternas da Palavra de Deus.

Li recentemente uma declaração que me fez franzir a testa: "A pregação é uma arte em declínio". Uma vez que esse é, incidentalmente, um de meus dons, isso quer dizer que estou morrendo? "A pregação é uma arte em declínio, uma forma superada de comunicação - eco de um passado que ficou para trás", diz essa suposta autoridade no assunto. Em muitos círculos contemporâneos, os pregadores são vistos como dinossauros ainda vivos. Para os que pensam assim, os sermões são considerados tentativas patéticas de exaltar pessoas que não crêem na mensagem que anunciam e de questionar a importância do papel que desempenham. Em resumo, pregar está fora de moda.

Algumas vezes, a falta de auto-estima é do próprio clérigo. Esse problema não é novo. Pergunte ao pintor italiano do século XVI, Rafael. Enquanto trabalhava diligentemente em seus afrescos do Vaticano, dois cardeais muito arrogantes passaram por ali e, como de costume, sorriram desdenhosamente e começaram a criticar o seu trabalho. Enquanto estudava a pintura do artista, um deles comentou: "O rosto do apóstolo Paulo está vermelho demais." Quase sem olhar para seus patronos maldosos, Rafael replicou: "Ele cora de vergonha ao ver em que mãos a igreja caiu." Penso que ele continua corando. Alguns dos porta-vozes de Deus continuam arrogantes na atualidade. Caso não sejam, alguns

deixaram o papel de pregadores da Palavra e passaram a exercer o papel de anfitriões de *talk-shows* ou humoristas de palco. Acreditando que as pessoas não vão comparecer se não receberem o que desejam, eles fazem isso agora.

Em muitos lugares, a igreja tornou-se um centro de entretenimento local para desviar a atenção dos paroquianos do *glamour* e do clamor da sociedade. A estratégia, no geral, faz com que as mensagens não sejam específicas nem direcionadas, para que nossos fregueses não se ofendam e não levem seus negócios para outra parte. O resultado, na maioria dos casos, é que as pessoas estão engolindo alimento de qualidade inferior. Não sou eu que digo isso, encontrei o assunto na paráfrase de 2 Timóteo 4 feita por Eugene Peterson. Leia as suas palavras em *The Message* com cuidado e reflexão. Enquanto lê, veja se isto parece com o que está acontecendo hoje: Espero que grave isto muito bem. Deus está olhando por cima do seu ombro. Cristo é o Juiz e declara a palavra final a respeito de todos, vivos e mortos. Ele está prestes a se manifestar com a sua lei, por isso proclame a mensagem com intensidade; continue vigilante. Desafie, avise e insista com o seu pessoal. Não desista nunca. Apenas mantenha as coisas simples.

Você vai descobrir que haverá tempos em que as pessoas não terão estômago para o ensino sólido, mas se satisfarão com alimento de qualidade inferior — idéias cativantes que instiguem a sua fantasia. Voltarão as costas à verdade e buscarão miragens. Mas *você* — veja bem o que está fazendo; aceite as dificuldades tanto nos tempos difíceis como nos bons tempos; mantenha a mensagem viva; faça um serviço completo como servo de Deus.

Gosto dessa expressão “alimento de qualidade inferior”. É o que dizemos para nossos filhos: “Não comam porcarias, vamos jantar daqui a uma hora”. Em muitas igrejas do século XXI, não se ouve nada além de sermõezinhos. E sermõezinhos produzem *cristãozinhos.* Esse tipo de regime alimentar diluído leva à má nutrição espiritual, ou pior, à inanição. Devo acrescentar que as seitas alegram-se ao encontrar ovelhas famintas.

A conversão de Martinho Lutero a Cristo só pela fé deu impulso à Reforma. A conversão dramática de Lutero começou com uma cruzada pessoal de restauração das Escrituras como a autoridade máxima na vida de cada crente. Essa ênfase insinuou-se, naturalmente, na adoração cristã. Não é de se admirar que a proclamação da Palavra viesse a tornar-se o foco principal da experiência de adoração comunitária. A Reforma elevou o púlpito acima do altar. Lutero ensinou que, mediante a Palavra de Deus, os elementos ganham significado sacramental. Além disso, a pregação da Palavra é essencial para estabelecer uma vida de liberdade e de graça espiritual. A pregação sólida veio a ser o catalisador da verdadeira adoração.

As convicções ardentes de Lutero sobre a primazia das Escrituras na vida da igreja se resumiram em nove virtudes que ele caracterizou como “boa pregação”.

Não gosto muito de promover fórmulas simplistas ou métodos passo a passo para qualquer coisa que dependa, em última análise, da obra do Espírito de Deus, mas vale a pena mencionar as nove virtudes de Lutero. O bom pregador, segundo ele: 1. Deve, é claro, ensinar sistematicamente.

2. Deve ser espirituoso.

3. Deve ser eloqüente (enérgico, claro e expressivo).

4. Deve ter boa voz.

5. Deve ter boa memória.

6. Deve saber como começar e quando terminar.

7. Deve estar seguro da sua doutrina.

8. Deve arriscar-se e dedicar-se de corpo e alma, dedicando bens e honra à Palavra (ser fervoroso).

9. Deve suportar zombarias e escárnios.[1]

A nona virtude de Lutero representava, pelo menos em sua mente, o teste final. O pregador deve estar disposto a ser ridicularizado, a perder seus bens e até sua vida, se necessário, caso deseje tornar-se um porta-voz digno para Cristo. Isso não me parece alguém servindo “porcarias” para comer. Esse tipo de pregação virtuosa não só produz vida como a sustenta.

Não se engane, foi esse tipo de pregação que caracterizou o apóstolo Paulo. Embora simples na forma, sua pregação atingia as complexidades da sociedade pluralista de sua época, enquanto ele exaltava a supremacia de Cristo. Aqueles dentre nós que fazem parte do trabalho cristão vocacional fariam bem em aceitar os conselhos dele. Se você não foi chamado para fazer a obra de Deus profissionalmen-te, seria de bom alvitre usar o exemplo de Paulo como o tipo de modelo que deveria procurar naquele que pastoreia o rebanho do qual faz parte.

UM MODELO SIMPLES PARA A NOSSA ERA COMPLEXA

Um rápido exame dos primeiros capítulos de Atos, que registram o início do ministério de Paulo, demonstra o seu fervor em comunicar a mensagem de Cristo sem hesitação e sem qualquer desculpa. Paulo *falava* ousadamente. Paulo *pregava* a Palavra. Paulo *ensinava* com convicção. Paulo *dirigia-se* às necessidades de seus ouvintes.

Só em Atos 17, porém, temos um *sermão* completo — digno de ser

analisado mais detalhadamente, desde o preparo até a comunicação.

O Preparo Como vimos quase no final do capítulo anterior, quando Paulo chegou a Atenas, ele estava sozinho. Enquanto aguardava a chegada de seus companheiros missionários, talvez para passar o tempo, Paulo aventurou-se pelas ruas movimentadas da metrópole em questão. Esperando mergulhar nos aspectos e sons da sofisticada cultura grega, ele meneou, atônito, a cabeça. O que encontrou foi a cultura em sua pior situação. Isso o deixou extremamente frustrado. Nas palavras de Lucas, "o seu espírito se revoltava em face da idolatria dominante na cidade" (At 17:16).

Paraxuneto é a palavra grega que Lucas usa para descrever a perturbação interior de Paulo. Ela significa "aguçar, irritar ou estimular". Ele fervia por dentro. A predominância de ídolos e dos lucros comerciais resultantes da idolatria perturbavam a alma justa do pregador.

É bastante provável que suas viagens para o exterior tenham levado você à presença de um ídolo. Estive em lugares onde não havia só ídolos, mas também adoradores de ídolos — pessoas sinceras levando os seus tesouros e oferecendo-os a deuses de madeira e de pedra. Eu os vi chorando e suplicando, às vezes cortando e mutilando seus cor-pos, tudo como oferta aos seus deuses sem vida. Estão invariavelmente esperando aprovação. A tragédia é esta: os deuses terrenos nunca se satisfazem. Cheios de superstição e cegos pelo medo e pela ignorância, os adoradores de ídolos vivem imaginando se satisfizeram ou não todas as exigências deles, se ganharam o favor dos deuses certos. Isso é tão triste que o deixa fervendo por dentro. Foi o que aconteceu com Paulo em Atenas.

A cidade era um depósito de ídolos. O estrangeiro era cercado nas ruas movimentadas por uma verdadeira floresta de pedra, madeira e metais preciosos esculpidos como altares, uma coleção interminável de santuários de deuses estranhos moldados em imagens sem rosto. Um monumento monótono após o outro.

Ao mesmo tempo, a antiga Atenas era uma cidade insuperável no que dizia respeito à escultura e à arquitetura. Ela se gabava de ter um estádio com 60 mil lugares. As galerias de arte abundavam. Teatros de variedades lindamente decorados e academias respeitadas ladeavam as ruas calçadas de pedras. De muitas maneiras, ela era considerada o centro cultural do mundo grego.

Plínio escreveu: "Nos dias de Nero, Atenas tinha mais de vinte e cinco mil estátuas públicas e outras trinta mil só no Panteão". "Era mais fácil encontrar um deus do que um homem", acrescentou Petrônio.

A cidade era o sonho do filósofo. Famílias ricas enviavam seus filhos a Atenas para aprender filosofia e para enriquecer os seus conhecimentos de mitos interessantes de deuses e deusas caprichosos. Atenas era a cidade natal de

Sócrates e de Platão e foi o lar adotivo de Aristóteles e de Epicuro. Paulo observou tudo. Deve ter havido momentos em que ficou surpreso, boquiaberto. Seu espírito inquietava-se cada vez mais, a cada minuto. Paulo sentiu-se tão à vontade em Atenas quanto um busto de Lutero estaria no Vaticano. Em meio às rugas pronunciadas na testa dos brilhantes e atenciosos intelectuais daquela cidade, Paulo podia ler mensagens de confusão e desespero. A medida que o calor da indignação diminuía, um sermão começou a se formar dentro dele.

A suprema voz de autoridade de toda essa filosofia intelectual vinha do Areópago, da Colina de Marte, que permanece em pé em mármore sólido até hoje. Nesse lugar elevado, sentavam-se filósofos e eruditos, professores e historiadores, cada um deles tão perturbado e inseguro de suas idéias que não restava espaço algum para qualquer coisa absoluta. A verdade para eles era relativa. O dogmatismo correspondia ao suicídio intelectual. Embora a alma de Paulo percebesse o mal ao seu redor, seu espírito sofria por causa da cegueira e do vazio espirituais dos atenienses.

John Stott oferece uma análise adequada sobre a avaliação das trevas espirituais dos atenienses feita pelo apóstolo: A reação de Paulo à idolatria da cidade não era só negativa, como também positiva e construtiva. Ele não levantou simplesmente as mãos em desespero, chorou desanimado, amaldiçoou e xingou os atenienses. Não, mas compartilhou com eles as boas novas de Jesus. Procurou convencê-los com a proclamação do evangelho, a fim de que se afastassem dos ídolos e se voltassem para o Deus vivo, dando a ele e a seu Filho a glória devida ao seu nome.

A revolta de seu espírito, cheio de justa indignação, fez com que abrisse a boca em testemunho.[2]

A observação desempenhou papel vital na preparação de Paulo para a pregação, mas ele se envolveu também em conversas interessadas, interagindo especificamente com cada habitante de Atenas.

O Povo Paulo não era um simples turista em Atenas, era um inteligente e interessado estudioso da cultura. Por ser comunicativo, Paulo decidiu realizar uma série de reuniões na prefeitura da cidade usando duas plataformas públicas familiares: a sinagoga e a praça do mercado. Lucas escreveu: “Por isso, dissertava na sinagoga entre os judeus e os gentios piedosos; também na praça, todos os dias, entre os que se encontravam ali” (At 17:17).

Ele continuou dialogando vigorosamente com os cidadãos de Atenas, enquanto colhia informações que logo se tornariam matéria-prima da sua pregação. Nada passava despercebido para aquele erudito perspicaz.

Ele provavelmente adotou o método socrático de perguntas e respostas, ouvindo atentamente os seus interlocutores. Devia fazer perguntas aos que

passassem por ali e escutava atentamente as respostas, prosseguindo com nova pergunta. Paulo abordou todos, desde transeuntes comuns a filósofos treinados.

Em primeiro lugar, dirigia-se à sinagoga para falar aos judeus e depois ao mercado para interagir com os gentios. A Agora era o ponto central da vida pública em Atenas e, portanto, o lugar onde se desenrolavam as discussões filosóficas, lugar de ócio, lazer, conversas generalizadas e negócios. Paulo não era seletivo no que se referia à sua audiência. Os pregadores eficazes não se importam com quem os ouça. Sua meta é ser ouvido e depois ajudar o povo a interagir com a verdade. Paulo fez isso vários dias, não se deixando deter pelo esno-bismo intelectual nem pela rejeição direta.

Não é possível silenciar um pregador chamado e talentoso. De fato, desafio você a tentar isso. Paulo compreendeu a natureza crucial dessa designação para Atenas. Desperdiçar tal oportunidade ordenada por Deus jamais passou pela sua mente. Ele ficava sempre pronto a defender e a proclamar o evangelho. Não demorou para que sua audiência incluísse alguns pensadores bastante sofisticados: “E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele” (17:18).

Quem eram eles? Você deve estar provavelmente familiarizado com a palavra “estoicismo”, derivada dos ensinos dos antigos filósofos estóicos. Eles ensinavam que o homem deve esforçar-se, destemido e orgulhoso, para aceitar as leis do universo, por mais duras que sejam. Deviam trabalhar por uma condição mundial baseada na razão. Eles criam que a alma sobrevivia ao corpo, mas só numa espécie de estado etéreo, imaterial e livre. No aspecto emocional, permaneciam passivos, indiferentes.

Os epicureus, por outro lado, ensinavam que a felicidade e o prazer eram o bem supremo. Ambos deviam ser buscados com pai-xao frenética. “Comam, bebam e divirtam-se, pois amanhã morreremos”, é um sentimento epicureu clássico. Morremos simplesmente como animais, sem medo do juízo ou das conseqüências. “Viva, então, intensamente!”

Os estóicos e os epicureus alisavam presunçosamente a barba enquanto ouviam o estranho orador de Tarso falar de uma divindade desconhecida. As perguntas deles eram ouvidas, respondidas e contrabalançadas por novas perguntas.

Paulo sentia-se em casa.

Há poucas coisas mais perigosas do que um pregador à vontade em certo lugar — perigosas no sentido mundano. Não havia zombaria nem nomes pomposos que pudessem impedir o homem de graça e coragem de Deus de cumprir seu chamado para proclamar o evangelho. Enquanto argumentava com a população da cidade, aproximou-se dele um grupo cada vez maior de filósofos

que escarnecia: “Que quer dizer esse tagarela?” (17:18).

Note a gíria. Diríamos, hoje, que o consideravam um “pobre coitado”, daqueles que, como um passarinho nervoso, apanha restos de batatas fritas no estacionamento do McDonalds. Para eles, Paulo era pouco mais do que um catador de pensamentos profundos no latão das idéias. Com vergonha de seu próprio conteúdo, ele se alimentava das sobras verbais de outros.

Toda essa conversa sobre Jesus e a ressurreição parecia estranha aos filósofos idólatras. Afinal de contas, nenhum dos seus deuses se gabava de tais poderes. Interessados em continuar ouvindo essas idéias novas e estranhas, eles lhe concederam uma audiência formal. Convidaram-no para falar literalmente num plano mais elevado. Escoltaram Paulo até a colina chamada Marte.

Seu momento chegara.

A Plataforma Paulo não necessitava de um púlpito para pregar. A plataforma não tinha importância para ele. Tudo o que desejava era uma audiência.

Mas, naquele momento, é certo que deve ter compreendido que o lugar da sua pregação em Atenas não era um local insignificante.

No proeminente Areópago, aquele grupo augusto de intelectuais correspondia ao sonho de todo pregador. Era quase o mesmo que ser convidado para pregar no salão do Congresso ou ficar em pé e falar de Cristo diante da Corte Suprema dos Estados Unidos. Ali, as mentes mais aguçadas e os juízes mais respeitados da Terra ouviriam cada palavra que você dissesse. O Areópago era assim. Ele representou uma das oportunidades mais seletas que Paulo viria a ter.

Há alguns anos, tive uma oportunidade semelhante. O general quatro-estrelas Charles Krulak, então comandante da Marinha dos Estados Unidos, convidou-me para falar na Catedral Nacional. Na audiência, não estaria apenas um grupo de oficiais recém-graduados de Quântico, Virgínia, mas também vários oficiais do alto escalão da Marinha. Era uma reunião importante de oficiais militares. À minha frente, havia uma fila de generais de duas e de três estrelas, inclusive o próprio comandante, todos de uniforme com o peito repleto de medalhas. Por ter pertencido à Marinha, eu me sentia entusiasmado e honrado de estar na presença daqueles verdadeiros oficiais.

O general Krulak ama a Cristo. Antes de levantar-me para falar àquele grupo impressionante de pessoas, ele me procurou numa sala dos fundos, abraçou-me e orou: “Entrego este homem a ti, Senhor Jesus. Oro para que o teu Espírito opere através da tua Palavra, enquanto falas com ele e ele nos fala. Dá-nos não só corações prontos a ouvir como disposição para obedecer.”

Achei difícil abraçar um comandante enquanto se faz continência! Depois

de uma emocionante apresentação de *Graça Maravilhosa* tocada em gaitas de fole pela banda da corporação, eu me levantei para pregar. Minha mensagem era sobre “Integridade”. Deus havia provido uma plataforma notável e única da qual tive o privilégio de pregar a sua Palavra. Isso deve ter acontecido também com Paulo na Colina de Marte. Que momento magnífico aquele!

Você pode visitar o lugar hoje. O mármore está agora liso pelo desgaste dos sapatos dos turistas. Os degraus que levam até o alto são bastante perigosos, não só por estarem muito escorregadios, mas também gastos, formando uma ladeira íngreme. Você é obrigado a andar de quatro. Paulo não se arrastou até aquela plataforma. Com uma combinação de confiança humilde e determinação corajosa, ele subiu as escadas para transmitir o sermão da sua vida.

A Proclamação Olhando diretamente para eles, Paulo começou: “Senhores atenienses...”, e começou a dissertar. Que mensagem! Não levamos três minutos para ler o sermão inteiro como Lucas o registra. Ele começa onde se achavam e, como todos bons pregadores, levou-os até onde precisavam ir. Todos ficaram presos às suas palavras. Suas mentes não se desviaram delas.

A razão para Paulo falar como o fez era que aqueles eram exatamente os seus sentimentos. Sentia-se assim por ter visto o que viu. Os grandes sermões começam com o discernimento extraído do que os outros não vêem mais e sentindo o que a maioria não sente mais. Ele falou àqueles homens inteligentes que, se diplomas fossem dados, então, como hoje em dia, teriam muitos títulos antes do nome. Não tinha nenhuma anotação, nenhum exemplar *àe. A Bíblia Anotada,* de Ryrie (publicada pela MC), para ajudá-lo, nenhum cartão de consulta nem *teleprompter.* Ele simplesmente subiu e falou: “Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos...”

Que início amável. Nenhum insulto, nada de punhos fechados, nem testa franzida. Ele simplesmente falou do que observara nos últimos dias em que esteve visitando a amada cidade daqueles ouvintes. Conversara com alguns cidadãos atenienses e observara que se tratava de um povo “acentuadamente” religioso. Ele não disse “cristão”, disse “religioso”. Há uma grande diferença. Eles sem dúvida receberam a sentença de abertura de Paulo como um elogio.

Este é um conselho gratuito para pregadores novatos: preste muita atenção à primeira sentença de seu sermão. A mensagem de Paulo não irá concentrar-se no significado do universo nem nas histórias políticas do mundo antigo - seu tema era religião. Pura e simplesmente. Eles perceberam isso nas primeiras palavras ditas por ele. É útil lembrar que uma primeira sentença bem escolhida serve para quebrar a hesitação da audiência.

Paulo continuou: “Porque, passando e observando os objetos de vosso culto, encontrei também um altar no qual está inscrito: AO DEUS

DESCONHECIDO. Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio" (At 17:23).

E bem provável que todos os que ouviam Paulo tivessem visto esse altar. Eles sabiam do Deus Desconhecido. Alguns que ficavam se perguntando se haviam esquecido algum deus podem até ter sentido uma certa ansiedade, pois não desejariam de modo algum esquecer deus algum. Dedicaram, então, um altar a um deus sem nome, só para prevenir. (E eles chamaram *Paulo* de "tagarela"!) Eles sabiam exatamente qual era o altar mencionado por Paulo. Podiam até descrever a imagem dele, que agora brilhava muito viva em suas mentes.

Paulo começou com o que lhes era familiar para explicar, depois, o que não conheciam. Técnica soberba. Ele tinha um plano, mas a audiência não tinha noção dele. Numa demonstração brilhante de transição criativa, o apóstolo exclamou: "Pois esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio". Em outras palavras: "Sabem de uma coisa, homens de Atenas? Vocês conhecem o deus desconhecido naquele canto, entre Zeus e Péricles? Eu sei o nome dele. Com o passar dos anos, o antigo altar ficou cada vez mais enegrecido pelo tempo, mas estou aqui para apresentá-lo hoje."

O evangelista Billy Graham prepara-se para as suas cruzadas como Paulo fez em Atenas. Ele estuda a cidade e quase sempre visita o prefeito e, quando possível, o governador do Estado. Procura informar-se sobre os meios de comunicação, a mídia, as personalidades do esporte e familiarizar-se com os times populares da cidade. Começa estabelecendo uma base de familiaridade, preparando-se para levar sua audiência a um território pouco familiar que a maioria nunca visitou antes. E guia assim os ouvintes em seu sermão. É um plano genial que funcionou por mais de cinqiienta anos. A boa pregação começa com o que é familiar construindo, a seguir, pontes que levam até onde as pessoas precisam estar.

Paulo falou daquele Deus desconhecido e imediatamente construiu uma ponte para torná-lo conhecido. "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais" (At 17:24,25).

Quem é esse Deus Desconhecido? E *Theos,* o Criador dos céus e da Terra. O Deus verdadeiro. O *único* Deus. Não deixe de notar o artigo definido: Ele é o *Único* Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe. É *Kurior.* "Senhor!" Era esse o nome dado pela audiência a César. Paulo exclamou: "Não só quero apresentar a vocês *o* Deus, como quero contar-lhes que ele é Senhor e mestre de toda a terra. Não se enganem: ele não habita em templos feitos por mãos

humanas.” *Como pode haver um deus que não habite em templos feitos por mãos?* — eles devem ter-se perguntado.

A atenção deles estava fixa em Paulo, que descrevia o Deus dos céus, o Deus com quem você e eu estamos familiarizados. Mas, compreenda, aqueles intelectuais nunca tinham ouvido falar dele. A audiência de Paulo era inteligente e religiosa... mas tão perdida quanto um ganso ferido no mato cerrado. Ele continuou, então, construindo sua ponte ao dizer: “Ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação...” (At 17:25b,26).

Deus não é só onipotente, ele é soberano. Ele estabelece limites. E o Incomensurável que mede a todos. É o Senhor — o verdadeiro *Kurios!*

Paulo está se aproximando do seu ponto alto: “Para buscarem a Deus se, porventura, tateando, o possam achar, bem que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração” (At 17:27,28).

Um silêncio ensurdecedor pairou sobre a multidão. Isso é o máximo em termos de pregação. Paulo sabe precisamente a que ponto quer que eles cheguem. Eles sabem apenas onde estiveram e onde ele está agora. O homem descrevia uma divindade de que nunca ouviram falar.

Lembre-se de que Paulo teve pouco tempo para preparar ou para escrever seu sermão. Ele começou a prepará-lo durante os dias em que passou nas ruas. Finalizou-o mentalmente quando subiu os degraus de mármore até a colina de Marte. Você notou? Ele cita um de seus poetas, que disse: “Pois dele somos filhos”. O apóstolo diz, por implicação: “Mas, deixem que lhes diga, não se trata de Zeus”. Só para o caso de alguém adormecer, ele citou um poema familiar escrito sobre Zeus. O texto original do filósofo estóico, Aratus de Soli (terceiro século a.C.), era: Zeus enche as ruas, os mercados, Zeus enche os mares, os santuários ou as praias e os rios!

Em toda parte, nossa necessidade é Zeus!

Somos também seus filhos.

Foi essa última linha que Paulo tomou de empréstimo. O Deus a quem proclamava não era Zeus. Toda a sabedoria deles os levara a um beco sem saída. Aquele não era um deus barato do mercado, cuja imagem era posta à venda nos carrinhos dos ambulantes e nas vitrines das lojas. Paulo apresentava-lhes o Deus que criara o universo e exigia uma resposta de seus filhos desviados. Tendo jogado a isca e apanhado a audiência, ele agora enrolava a linha puxando a presa com habilidade magistral.

A Proposição Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância;

agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.

Atos 17:30,31

Arrependimento! Não havia um estóico ou epicureu no grupo que não estivesse estremecendo a essa altura em sua toga. “Arrepender-se? Que brincadeira é essa? *Mudar* de idéia, desistir de todo o meu treinamento e posição como juiz em Atenas?” Se em algum momento se perguntaram se aquele homem estava iludido, o que haviam acabado de ouvir acabou com suas dúvidas. Paulo propusera ousadamente que o Deus dos céus esperava uma resposta sincera daqueles a quem havia amorosamente criado. Veio, então, o golpe final. Ele usou outra palavra proibida — *ressuscitado dentre os mortos.* É isso mesmo! O Deus único e verdadeiro havia provado a si mesmo ressuscitando Jesus dos mortos.

Com isso, todos jogaram a cabeça para trás e gritaram. Não podiam crer em seus ouvidos.

“*Ressurreição?* Absurdo!” Mostraram então a porta de saída àquele moleque de rua. — Basta!

Paulo introduziu a ressurreição antes que o fizessem calar. (Os pregadores hábeis conhecem essa técnica.) Ele estivera falando às pessoas nas ruas sobre o Salvador, Jesus, desde que entrara pelas portas da cidade. É possível que as notícias dos ensinamentos de Paulo tivessem cruzado o mar Egeu e penetrado no mercado ateniense. Eles imaginavam que o cadáver daquele Jesus estaria agora se decompondo na sepultura. Paulo lhes afirmou o contrário. Jesus se achava, de fato, vivo. Eles não aceitaram tal absurdo.

Veja como o silenciaram rapidamente: Quando ouviram falar de ressurreição de mortos, uns escarneceram, e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião.

Atos 17:32

Um grupo bem pequeno, entretanto, creu.

A mesma reação acontece hoje. Todo sermão eficaz resulta em alguma zombaria e rejeição - uma resposta negativa imediata. Alguns se interessam o suficiente para voltar e ouvir de novo o discurso. Um pequeno grupo crê. Dentre aqueles a quem Paulo convenceu estão Dionísio e Dâmaris (17:34).

A PERGUNTA

Você também está numa dessas três categorias. Qual? Pode escolher:

rejeitar a verdade, ficar intrigado pela verdade ou crer na verdade. Em outras palavras, você responde pela fé à Palavra de Deus.

Paulo não ficou esperando que as pessoas levantassem as mãos. Depois de comunicar a sua mensagem, ele desceu da plataforma de mármore e “se retirou do meio deles”.

Nada de cantar sete versos do mesmo hino. Nenhum apelo emocional. Nada de súplicas, ameaças nem manipulação. Nenhuma desculpa por estar despreparado. Nada disso. Ele terminou o sermão e saiu. Que modelo magnífico. Designado por Deus, selado pelo Espírito, apresentado por um servo. É simples assim. Vamos torná-lo agora ainda mais prático.

UM PLANO DE QUATRO PARTES PARA A PREGAÇÃO PODEROSA

Você pode estar lendo este capítulo como um colega pregador. Talvez seja um professor, líder de uma classe da escola dominical ou de um grupo pequeno de estudo bíblico. Talvez seja um pastor de jovens ou líder leigo. Pode ser conselheiro de acampamentos, trabalhar com evangelismo ou como missionário local. Se for responsável pela comunicação da verdade bíblica, considere-se um pregador (pelo menos durante as páginas seguintes) - você é um comunicador da Palavra de Deus. Se isso o descreve, os quatro princípios que se seguem são especificamente para você. Preste bastante atenção, leia com cuidado, enquanto aplico isso ao que possa ser o seu ministério.

Primeiro, não se afaste nunca do assunto — Cristo. Para Paulo, tudo era sempre Cristo. Embora explicando o altar do Deus desconhecido de Atenas, tudo o que dizia apontava para Cristo. A pregação que não exalta Cristo é vazia. Paulo escreveu aos crentes de Corinto: “Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2:2). Para Paulo, o viver era Cristo e o morrer era lucro. Cristo é a resposta às nossas mais profundas necessidades. A pregação poderosa tem um tema, e esse tema é Cristo. Quando Cristo é pregado, vidas são transformadas. Marque isso. Nunca esqueça!

Segundo, sempre fale a verdade sem medo. Não se impressione demais com os que comparecem à aula ou freqüentam na igreja onde você serve. O quanto eles são importantes ou quão pouco contribuem não faz diferença. Seu nível de interesse também não importa. Nem a sua reação. Esqueça o que estão vestindo. Ignore seu currículo acadêmico. Supere a notoriedade deles. A sua tarefa é falar a verdade sem medo. Aprenda esta lição de alguém que jamais ouviu isso no início do ministério. Uma de suas principais responsabilidades é não se intimidar

quando fala a verdade. Geralmente, nem os mais brilhantes entre nós conseguiram assimilar tudo. O que eles precisam (e irão apreciar) é uma testemunha destemida, bem preparada, que sabe para onde vai.

Terceiro, sempre comece no ponto em que a sua audiência se encontra. Paulo fisgou aquelas pessoas com a sua primeira sentença. Você pode passar também algum tempo pensando sobre isso. Conheça suficientemente a sua audiência para construir rapidamente uma ponte. Descubra um meio de entrar no mundo deles e construa então uma ponte até Cristo. Lembre-se: Você deve começar com aquilo que é familiar a fim de fazê-los conhecer o que não é familiar.

Quarto, sempre entregue os resultados a Deus. Uma vez recebida a mensagem, a sua parte termina. Sua tarefa é comunicar a verdade. O trabalho de Deus é atrair os indivíduos para si mesmo. Você prepara o paciente; ele faz a cirurgia. Não precisam ser manipulados. Já há muito disso. Não precisa levá-los até o carro nem pressioná-los. Deus os alcançará, como fez em Atenas. Quando terminar sua mensagem, cumprimente graciosamente os que se demorarem e saia. Você ora. Mostra real interesse. Depois entrega os resultados a Deus. Não fique fazendo contas, esse trabalho é dele. Deus pode cuidar do resto.

Confie nele. Confie no poder da sua Palavra. Confie que ela irá alcançá-los e torná-los humildes. Sua tarefa é amá-los e falar a verdade a eles, graciosa e sabiamente. Deixe os resultados com Deus.

As palavras de Paulo foram ditas por sentir-se daquele modo. E se sentia assim por ter visto o que viu. Isso é material positivo para uma boa pregação. Os bons pregadores vêem o que a maioria não vê, pois trata-se, no geral, de algo invisível. Algo que dificilmente você poderá tocar com as mãos. É o vazio corrosivo da alma humana que o pregador vê, compreende e articula de alguma forma. Paulo ficou indignado em espírito e sentiu-se, então, impelido a dizer o que disse. Depois de ter dito, fez a ligação. É simples assim.

Você pode ver coisas surpreendentes quando o seu coração é reto. Quando, então, vê claramente, é notável como Deus pode dar-lhe palavras para comunicar. Ficará admirado ao ver como Deus o usa, como fez com Paulo naquela antiga metrópole há tanto tempo. Quando o seu momento chegou, ele estava pronto.

Quando o seu momento chegar, fique de pé e fale. Deus lhe dará coragem ao contar a outros sobre seu Filho. Não há honra maior na terra.

Capítulo Quinze

Liderando como Paulo

Em nossa casa, nós lhe damos o nome de “Terça-Feira Negra”: 11 de setembro de 2001, o supremo toque de levantar. O mundo assistiu horrorizado às imagens assustadoras de dois aviões a jato da American Airlines chocando-se a toda velocidade contra o World Trade Center, em Manhattan, Estados Unidos. Em menos de duas horas, as duas torres implodiram, desmoronando em pilhas de metal retorcido e de aço derretido. Milhares foram mortos. Outras centenas pereceram quando outro avião chocou-se contra o Pentágono e mais um caiu no sudoeste da Pensilvânia, não muito longe de Pittsburg.

Jamais haverá outra manhã como aquela, com a graça de Deus. Ela sacudiu a todos. Desde que não esperávamos por isso, não estávamos preparados. A nação ficou estupefata, paralisada emocionalmente, chocada. A América do Norte precisava de liderança. Se houve uma ocasião em que nossos líderes nacionais precisaram levantar-se e comandar, foi essa. A necessidade daquele momento era a apresentação de palavras claras e confortadoras sobre responsabilidade, visão e coragem. Não era hora de ficar sentado e com o olhar fixo, imobilizado pela confusão e pelo medo. Esses atos selvagens de agressão exigiam palavras e atos que oferecessem confiança e segurança a um país apanhado de surpresa. Precisávamos também de esperança. Permanecer silenciosos e neutros numa ocasião de crise não eram opções viáveis. Retórica política, gritos de raiva e reações de pânico teriam deixado o país seriamente incapacitado. Fardos pesados de reavivamento da esperança e de tomada de decisões pendiam de fios frágeis da liderança corajosa.

Pela graça de Deus, nosso presidente, George W. Bush, enfrentou a crise. Seu discurso na noite de quinta-feira após o ataque foi um dos melhores que já ouvi. Cynthia e eu aplaudimos enquanto ele oferecia uma resposta corajosa, compassiva e calma à situação caótica que enfrentávamos. Bush falou de firmeza, determinação, fé, esperança, compaixão e justiça. Quando terminou, olhei para Cynthia e disse: “Quem o ajudou a escrever esse discurso merece um bom aumento de salário!” Tenha ou não composto sozinho aquele discurso, uma coisa é certa: a coragem, o consolo e a esperança que ofereceu a todos nós vinha do fundo de sua alma. Dos destroços e ruína de um povo ferido, surgira um líder forte. Uma nação agradecida colocou-se a seu lado. Isso é *liderança.*

Apreciei as palavras que apareceram numa edição especial do *Newsweek* e que revelam muito mais sobre o homem que chamamos de Sr. Presidente. Comentava-se, naqueles dias, que os convocados para a reunião com o

presidente estavam preparados para uma decepção. O que aconteceu foi uma surpresa completa. O presidente encontrara a sua voz, e ela era claramente uma voz de comando. Um trecho do artigo declara: “Todos receberam mais do que esperavam. O presidente estava sereno e no controle. Quanto ao pedido de ajuda deles, o presidente respondeu animado: ‘Estou com vocês’, e foi aprovado pelo Congresso no dia seguinte. Os habitantes do Estado da Virgínia também receberam promessas de ajuda e ouviram as palavras marciais pelas quais todos ansiavam: ‘Quando eu agir', disse ele, ‘não vou enviar um míssil de dois milhões de dólares sobre uma tenda vazia de dez dólares e atingir um camelo. Vai ser decisivo!’” Essa é a verdadeira coragem. Meu tipo de líder.

O repórter do *Newsweek* acrescentou este comentário: “Winston Churchill talvez não empregasse essas palavras, mas teria gostado e admirado a maturidade do homem que as pronunciou”.[1]

Grande parte das pessoas de minha geração cita Winston Churchill como um dos maiores líderes mundiais. Lembramos das qualidades desse grande herói de guerra britânico, não só mencionado em escritos como também imitado. Otimismo. Bondade. Magnanimidade. Gratidão. Independência. Justiça. Autocrítica. Lealdade. Calma sob pressão. E a rara habilidade de enfrentar e de comunicar más notícias diretamente. Cada era possui alguns indivíduos notáveis que, em ocasiões de crise, levantam-se e lideram com coragem e integridade. Nosso homem Paulo não era exceção. A meu ver, ele se acha num grupo especial.

Na verdade, Paulo me impressiona mais do que qualquer outro líder que já estudei. Ele nunca comandou uma nação em tempos de guerra, nem ficou frente a frente com um lunático que desejasse controlar o mundo. Todavia, foi constantemente atingido pelas forças poderosas de Satanás e seu domínio quando iniciou um empreendimento cristão que causaria impacto no mundo inteiro durante séculos.

Como um fio de ouro delicado, as qualidades da excelência na liderança dão fino acabamento ao ministério de Paulo. Admito que um estudo completo dessas qualidades destacadas exige mais espaço do que me é permitido neste livro. Estou, assim, limitando minha discussão às qualidades implícitas em uma carta que ele escreveu aos tessalonicenses durante sua segunda viagem missionária. No decorrer de sua estada em Corinto, algum problema emTessalônica obrigou-o a escrever uma carta pastoral para encorajar aquele rebanho e defender sua autoridade apostólica. A carta está cheia de graça e firmeza. Vamos enfocar oito qualidades essenciais de liderança que observo nos doze primeiros versículos de 1 Tessalonicenses, capítulo 2. As quatro primeiras são negativas e as quatro últimas, positivas.

O ESTILO DE LIDERANÇA DO APÓSTOLO PAULO

Porque vós, irmãos, sabeis, pessoalmente, que a nossa estada entre vós não se tornou infrutífera; mas, apesar de maltratados e ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento, tivemos ousada confiança em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus, em meio a muita luta. Pois a nossa exortação não *procede* de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo; pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos, não para que agrademos a homens, e sim a Deus, que prova o nosso coração. A verdade é que nunca usamos de linguagem de bajulação, como sabeis, nem de intuitos gananciosos. Deus disto é testemunha. Também jamais andamos buscando glória de homens, nem de vós, nem de outros.

1 Tessalonicenses 2:1-6, itálico do autor Antes de tratar dessas oito qualidades, quero fazer uma observação geral seguida de algumas impressões. Observo que os cristãos tessalonicenses conheciam bem Paulo e o seu ministério. Ele não era uma celebridade remota; nem um executivo indiferente, num terno listrado, que só se comunicava por meio de memorandos entre os departamentos. Pelo contrário, andava entre eles e trabalhava ao lado deles. E bem provável que comesse em suas casas aos domingos e que fizesse amizade com as famílias dessas pessoas. Ele as conhecia intimamente e permitia que se aproximassem dele.

Várias vezes, nos versículos de abertura, ele faz declarações sugerindo o conhecimento pessoal que eles tinham dele e de sua obra.

“Porque *vós,* irmãos, *sabeis,* pessoalmente...” (v. 1).

“Apesar de maltratados e ultrajados em Filipos, *como é do vosso conhecimento..d* (v. 2).

“Nunca usamos de linguagem de bajulação, *como sabeis*” (v. 5).

“Porque, vos *recordais..d* (v. 9).

“ Vós [...] sois testemunhas... ” (v. 10).

E a carta continua. Todos estavam informados dos seus sofrimentos, compreendiam suas palavras e confiavam nos seus motivos. Ele não era um estranho para aquelas pessoas.

Paulo deixou implícito, várias vezes: “Quando examinarem o meu ministério entre vocês, já o conhecem bem, estavam presentes, viram tudo pessoalmente.” Eles conheciam intimamente o fundador do seu rebanho. Era um verdadeiro pastor entre eles. Agora, minhas impressões.

Primeiro, Paulo não estava oferecendo ideais de liderança. Ele não

escreveu um manual teológico sobre a liderança cristã. Escreveu uma carta pessoal apelando para o conhecimento íntimo que os leitores tinham dele e do ministério em seu meio. Quando escreveu, lembrou os leitores dos elementos essenciais de liderança que tinham visto operando nele. Eram qualidades acessíveis a todos nós e que vale a pena cultivar.

Segundo, o estilo de liderança de Paulo não era distante nem secreto. O apóstolo vivia entre eles. Todos conheciam o seu endereço. Conversou com eles. Não pregou um sermão e depois saiu de mansinho pela porta de trás durante a bênção. Permaneceu ao alcance deles, acessível e real. Sua vida era um livro aberto. Quase todos concordariam que esse tipo de líder é um refrigério. Não precisa provar nada, não têm segredos a ocultar, nenhuma presunção nem ares de importância, nunca sente-se obrigado a lembrá-lo de como é qualificado para o cargo. Paulo era assim. Era confiável.

John Stott escreveu: "O ministério de Paulo em Tessalônica havia sido público, diante de Deus e dos seres humanos, pois não tinha nada a ocultar. Felizes os líderes cristãos, hoje, que odeiam a hipocrisia e amam a integridade, que não têm nada a esconder nem de que se envergonhar, que são bem conhecidos por quem são e pelo que são, e que podem apelar sem medo a Deus e ao público como suas testemunhas! Precisamos de mais transparência e franqueza desse tipo em nossos dias".[2]

O líder que vive abertamente não tem nada a esconder nem a temer. Mas, se estiver sempre em movimento, escondendo-se por trás de portas fechadas e de cortinas descidas, o público tem razão para suspeitar que não é sincero. Tenha cuidado ao seguir um líder inacessível e invulnerável.

Na primeira carta de Paulo à igreja de Tessalônica, ele faz um retrospecto do seu ministério nessa cidade e escreve: "Porque vós, irmãos, sabeis, pessoalmente, que a nossa estada entre vós não se tornou infrutífera" (2:1). Como isso deve tê-los encorajado! Muitos pastores examinam ministérios anteriores e suspiram: "Esse ministério foi uma frustração, um triste desapontamento." Paulo pensava o oposto sobre os tessalonicenses. Ele tinha lembranças agradáveis de serviço efetivo e da comunhão afetuosa.

Lembre-se, porém, de que o ministério dele não foi um mar de rosas. Ele entrou literalmente mancando em Tessalônica, com o corpo ferido e sensível por ter sido espancado e preso em Filipos. Fico grato por nunca ter tido de suportar perseguição brutal como a sofrida por Paulo. Mas veja as boas notícias. Ela não o deteve. Ele escreveu: "Mas, apesar de maltratados e ultrajados em Filipos, como é do vosso conhecimento, tivemos ousada confiança em nosso Deus, para vos anunciar o evangelho de Deus, em meio a muita luta" (2:2).

Um dos segredos do sucesso desse homem pode ser declarado em três

palavras: e ele *continuou.* Guiou pelo mesmo caminho, quer os ventos estivessem em suas costas, quer soprando fortemente contra ele. A oposição e os obstáculos não importavam. A única prioridade para ele era que Cristo fosse proclamado. Cada trilha que abria guiava outros à cruz.

Uma vez que Paulo é considerado um exemplo precioso de liderança espiritual na Bíblia, seríamos sábios ao examinar mais de perto várias das qualidades que fizeram dele o líder que era.

LIDERANDO COMO PAULO

Vejo oito princípios para liderar como Paulo. Quatro sao negativos e quatro positivos. Vamos examinar primeiro os negativos. Eu os chamo de negativos por causa do uso da palavra “não”, “nem” ou “nunca” por Paulo. Em outras palavras, os seguintes princípios demonstram o que os líderes espirituais *não* devem ser.

Princípios Negativos *Primeiro, os líderes espirituais não são enganadores.* Paulo escreveu: “Pois a nossa exortação não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo” (2:3). Examine cuidadosamente a palavra “engano”. O termo grego original significa “vaguear” e era muito usado para descrever o que parecia o movimento a esmo dos planetas pelo espaço. A palavra foi eventualmente usada para referir-se a pessoas que sofrem por terem sido iludidas. Paulo lembrou os tessalonicenses que não havia manipulação alguma na maneira pela qual ele os liderava. Ele empregou o termo “impureza” para sustentar essa idéia. Nada impróprio nem escondido embaixo da mesa caracterizava o seu ministério. Nenhum traço religioso. Nenhum engano, escrito em letras miúdas, destinado a iludir os confiantes. Ele fazia tudo às claras. As palavras “não procede de engano” simplesmente significam “nada tortuoso em método ou motivo”. Paulo não escondeu o preço do discipulado. Ele lhes contou que a viagem seria difícil. Não prometeu também bênçãos e benefícios fraudulentos. Nenhuma teologia do tipo “diga o que quer e exija” — como se Deus prometesse dobrar seu dinheiro cada vez que você ofertar para alguma obra de caridade. Isso é insensato. Paulo sabia disso e não temeu expor sua concepção. Algumas pessoas gastam suas vidas em lugares obscuros e nunca recebem nesta Terra qualquer lucro significativo do seu investimento. As recompensas tangíveis são, na maioria das vezes, adiadas.

Paulo evitou táticas de má-fé. Ele afastou-se deliberadamente dos caminhos escorregadios da manipulação, pois operava em nível mais elevado. Nada de magia verbal, nem de mentiras nem de estratégias. Honestidade era o seu nome do meio. A integridade marcava seus passos.

O general Dwight Eisenhower escreveu: “Para conseguir seguidores, é preciso ganhar a confiança deles. Se os associados de alguém descobrem que é culpado de falsidade, se percebem que lhe falta integridade, vai fracassar. Seus

ensinamentos devem corresponder a seus atos”.[3]

Segundo, os bons líderes não se preocupam em agradar as pessoas. Um sinal certo de insegurança pessoal *é* o desejo de que todos gostem de você. Paz a qualquer preço. Permanecer neutro para não ofender ninguém. Paulo aprendera a resistir a essa armadilha: “não para que agrademos a homens e sim a Deus, que prova o nosso coração” (2.4). Seria tão bom se todos os ministros e ministérios fossem capazes de decidir manter tal padrão! Paulo compreendeu os perigos envolvidos em dizer às pessoas o que elas *queriam* ouvir, em vez de declarar o que *necessitavam* ouvir. Para ele, os riscos eram eternos. A sua motivação para o ministério não era complicada: agradar a Deus e não aos homens.

Há alguns anos, enquanto servia em outra igreja, fiquei entre a cruz e a caldeirinha. Um assunto melindroso estava em jogo, e a diretoria viu-se num impasse. Foi feito uma votação para resolver a questão democraticamente. Dentre os sete de nós votando no grupo de anciãos, três votaram de um jeito e os outros três de outro. O voto de desempate seria dado pelo pastor: eu. Era uma situação clássica, do tipo “ninguém ganha”. Adiamos a reunião durante 24 horas para orar, mas principalmente para que eu tivesse tempo de estudar a questão.

Fui para casa e disse a Cynthia: “Vou sair para ficar algum tempo sozinho. Passarei a noite pensando e orando sobre o dilema em algum lugar que não seja aqui em casa. Preciso de uma mudança de cenário.”

Um bom amigo meu, um vendedor de produtos farmacêuticos que eu passara a respeitar, estava hospedado em um hotel a uma hora de distância. Eu planejava passar algum tempo orando com ele e me beneficiar do seu sábio conselho. A caminho do hotel, uma passagem da Escritura surgiu em minha mente. Quase perdi a direção enquanto lia a Bíblia apoiada no volante. Parando no acostamento, li em voz alta as palavras de Paulo aos gálatas: “Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo” (G1 1:10).

Boom! Como um míssil, a verdade dessa passagem detonou bem no fundo de meu coração e destruiu toda objeção para fazer o que eu sabia ser o certo. Aquele foi para mim um ponto crítico, estava na hora de ficar firme em minhas convicções. Ou eu servia a Cristo ou aos homens. Você não pode ser um servo fiel de Cristo e passar sua vida tornando as pessoas felizes. Fiz uma curva em U e voltei para casa.

Quando cheguei em casa, após menos de uma hora na estrada, Cynthia, muito surpresa, abriu a porta. “Sei exatamente o que devo fazer.” Com algum constrangimento, admiti: “Eu sabia o que meu coração estava me dizendo; só não queria que três daqueles homens não gostassem de mim.”

Alguns temeram uma divisão na igreja por causa do problema delicado.

Não permiti que isso me intimidasse. Vinte e quatro horas mais tarde, votei de acordo com a minha consciência, e o Senhor honrou essa decisão. A igreja não só não se dividiu, como a freqüên-cia aumentou bastante nos dezoito meses seguintes.

Uma advertência cabe bem aqui. Não tome isso como uma oportunidade para justificar seu estilo agressivo. Quase posso ouvir um diácono batendo nos joelhos e pensando: *Tenho agora uma razão bíblica para ofender quantas pessoas quiser. A Bíblia ensina que não sou obrigado a agradar as pessoas.* Pare! Não faça isso. Essa é uma reação extrema que não vai ajudar ninguém.

Note também a palavra "bajulação" no versículo 5. Você talvez pergunte: "Como agradar a Deus e honrar as pessoas sem recorrer à bajulação vazia?"

Boa pergunta. Paulo diz para nos concentrarmos no Senhor que "prova o nosso coração" (2:4). Procure ouvi-lo. Se não souber, admita isso. Se tiver certeza, diga isso com fé. Alguns poderão levantar-se e sair da reunião. (Raramente preguei um sermão em que alguém não tivesse ido embora.) Vejo às vezes a ira refletida no semblante das pessoas. Reprovação e divergência de opiniões são também comuns. O fato é que cheguei a um ponto em que fico um tanto surpreso quando não vejo oposição à verdade. Sempre que você afirma de-cisivamente um assunto, haverá alguém que não vai gostar. E vai embora ofendido. Minha resposta? *Adios!* Em minha idade, ficamos um tanto irascíveis.

Os líderes que se concentram em agradar a Deus ganham o respeito das pessoas.

Terceiro, os líderes espirituais não são gananciosos. Gosto da paráfrase do versículo 5 feita por Eugene Peterson em *The Message:* "Nunca usamos uma cortina de fumaça para tirar proveito de vocês".

Os líderes piedosos evitam usar cortina de fumaça. É lamentável que alguns líderes que se dizem "cristãos" usem seus talentos para manipular e desviar o povo de Deus. A cobiça é um mestre cruel. E nem sempre está relacionada com dinheiro. Você pode cobiçar desejo ou poder. Cobiçar impor suas próprias idéias. A cobiça pode ser um motivo oculto que faz com que manipule os eventos a seu favor. Ela tem origem em nossa insatisfação. Os atos gerados pela cobiça geralmente têm resultado contrário ao desejado, provocando mais tristeza e sofrimento para todos os envolvidos.

Um casal sobre o qual li recentemente estava fazendo uma dupla comemoração. Ambos festejavam seu sexagésimo aniversário de vida e seu quadragésimo aniversário de casamento. Durante a noite tran-qüila que passaram juntos, uma fada apareceu e disse: "Por terem sido um casal tão amoroso todos esses quarenta anos, vou garantir a cada um de vocês um desejo. A fada apontou a varinha primeiro para a mulher. Por ser uma esposa fiel e amorosa, a mulher

desejou um cruzeiro com todas as despesas pagas para uma ilha romântica no Caribe para ela e o marido." As passagens apareceram imediatamente em suas mãos. Ela gritou e sorriu deliciada. A seguir a fada virou-se para o marido para dar-lhe o que quisesse. O homem puxou a fada de lado e sussurrou: "Com toda sinceridade, gostaria de ter uma mulher trinta anos mais moça que eu."

A fada franziu o nariz, agitou a varinha e poofi Ele ficou repentinamente com noventa anos de idade.

O tiro da cobiça às vezes sai pela culatra. Quando as pessoas seguem líderes ambiciosos, elas se machucam. Os ministérios sofrem. O pior de tudo, Cristo é desonrado.

Finalmente, os líderes espirituais não procuram servir a si próprios. Os apóstolos eram uma espécie rara. A fim de qualificar-se, precisavam ter visto o Cristo ressurreto. Realizavam milagres e fundaram igrejas. Possuíam discernimento sobrenatural e sabedoria. Serviram como homens escolhidos do Senhor em conjunturas cruciais durante a história da igreja do primeiro século. Paulo fazia parte de suas fileiras.

Quando escreveu a carta aos tessalonicenses, havia provado ser um apóstolo digno e exclamou, com a consciência limpa, que "jamais andamos buscando glória de homens, nem de vós, nem de outros. Embora pudéssemos, como enviados de Cristo, exigir de vós a nossa manutenção" (2:6, 7). Admiro essa atitude de restrição da autoridade. Uma das marcas da verdadeira humildade é a restrição do poder; o que é reprimido é que revela a verdadeira liderança. Nada de exibição de poder, nem de tirar vantagem injusta. Paulo disse que poderiam ter feito isso, mas não fizeram.

Em seu excelente livro *Empowered Leaders*, Hans Finzel escreveu: "Não há nada na liderança que diga que temos de fazer as pessoas pensarem que somos poderosos e importantes. Pelo contrário, a liderança de servo sente-se fortalecida ao servir às necessidades dos seguidores [...]. A liderança de cima para baixo fica deslocada na igreja".[4]

As palavras de Hans contrariam a tendência da liderança da igreja atual. O apóstolo diz: "Jamais andamos buscando glória de homens". Essa é uma afirmação notável. Os bons líderes não servem a si próprios. O seu fervor é dirigido à satisfação das necessidades de outros.

Basta agora do lado negativo. Os últimos quatro princípios de liderança como a de Paulo têm um tom positivo. O contraste ocorre no versículo 7 com a pequena, mas poderosa, palavra "embora". (Toda vez que encontrar esse termo nas Escrituras, prepare-se para um contraste gritante.) O engano, a bajulação, a cobiça e o orgulho não constituíam marcas do ministério de Paulo, mas sim a amabilidade, a afeição, a autenticidade e o encorajamento. Os quatro últimos

princípios representam o que a boa liderança deveria ser.

Princípios Positivos *Primeiro, bons líderes são sensíveis às necessidades de outros.* Paulo comparou o seu ministério a uma mãe que cuida ternamente das necessidades dos filhos. Gosto muito dessa figura. Observei minha mulher amamentando nossos filhos quando eram pequenos sem voltar sequer um pensamento às suas próprias necessidades. Tem sido uma alegria para mim ver minhas filhas adultas cuidando assim de nossos netos. E uma visão preciosa de ser contemplada.

Vendo minha esposa e filhas abraçar docemente seus pequeninos junto ao peito e satisfazer amorosamente suas necessidades me ajuda compreender o que Paulo quis dizer com "carinhosos". Seu ministério era marcado pelos cuidados afetuosos com o rebanho. Paulo disse: "nos tornamos carinhosos entre vós, qual uma ama que acaricia [amamenta] os próprios filhos".

Se Deus colocou você num cargo de liderança, insisto em que cultive um espírito carinhoso. Ele é, na verdade, um fruto do Espírito (G1 5:23). Sua ternura fará maravilhas nas vidas sob os seus cuidados.

Como resultado da tragédia de 11 de setembro, o mundo ficou observando como líderes poderosos passaram tempo ouvindo ternamente as histórias emocionantes de membros dos serviços de resgate e dos novaiorquinos que sofreram perdas de entes queridos. O prefeito Rudolph Giuliani impressionou o mundo, dia após dia, apresentando-se diante do povo daquela grande cidade e relatando os progressos feitos naquele panorama sombrio. Ele falava em voz suave e compassiva, algumas vezes chorando, enquanto cenas dolorosas deixavam um nó na sua garganta. Conseguiu, porém, de alguma forma, sobreviver a cada entrevista. Segurar as lágrimas parecia tão inútil quando tentar recuperar vítimas do monte de ruínas retorcidas do prédio de dez andares do World Trade Center. Os norte-americanos precisavam ver líderes gentis chorarem.

O mesmo acontece com os cristãos. Os líderes espirituais precisam ser reais, gentis, compreensivos e empáticos. Você e eu apreciamos líderes espirituais que revelam consistentemente o seu lado humano. Ao contrário da opinião popular, Paulo, o líder forte, apaixonado, firme, era também conhecido pela sua gentileza e graça.

Segundo, bons líderes têm afeto pelas pessoas. Paulo escreveu: "Assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus" (2:8). Não é realmente esplêndido? Paulo não temeu compartilhar as suas emoções com o seu rebanho. Esse homem forte, um apóstolo de Cristo, lembrando-se dos tessalonicenses exclamou: "Oh, como me afeiçoei a vocês. Como me eram queridos." Essas são palavras afetuosas que mostram intimidade.

Para manter isso fácil e simples de lembrar, quero sugerir que o afeto pelas pessoas pode ser demonstrado de dois modos: ***pequenos mas freqüentes atos de bondade e palavras de apreciação faladas ou escritas.*** Os seus liderados devem receber algumas notas de apreciação e de encorajamento seus. Eles devem ficar acostumados às suas expressões de afeto, que incluem pequenos, mas freqüentes, gestos de bondade. Ninguém é tão importante que esteja acima da bondade. Esse aspecto da liderança exige coragem e um espírito confiante na graça de Deus.

Encontrei uns versos que resumem muito bem este ponto: A vida é quase toda espuma e bolhas de sabão.

Mas firmes como pedra são estas duas: A bondade nas dificuldades do irmão.

A coragem nas suas.[5]

Fico indignado com líderes fortes que constantemente pisam nas pessoas. Ficamos admirados como pessoas assim chegam a ocupar cargos de influência. Estes são alguns conselhos gratuitos. Se você não gosta das pessoas, faça-nos um favor, não aceite a liderança. Escolha outra carreira. Todos vão ganhar com isso. Diga não quando lhe oferecerem a oportunidade de liderar.

Nem o mundo nem o ministério precisa de mais chefes. Ambos precisam de mais líderes: pessoas com alma de servo para guiar, como Paulo, com sensibilidade e afeto. Amor e afeição, quando apropriadamente demonstrados, enchem as brechas quando as palavras falham em proporcionar consolo. Se as pessoas souberem que você as ama e que lhes dá valor, farão tudo por você. Paulo disse aos cristãos de Tessalônica que os amava. Eles nunca se esqueceram disso.

Terceiro, bons líderes mostram autenticidade. Paulo continuou: “Estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida” (v. 8). Ele se importava tanto com os cristãos de Tessalônica que deu -*se* a eles. Já quase posso ouvir a sua pergunta: “Chuck, está dizendo que o evangelho não é importante?”

Não estou dizendo isso, mas sim que o evangelho *sozinho* não basta. Comunicar simplesmente a verdade não faz de você um líder. Um computador ou comentário pode fazer isso. Assim como folhetos e fitas. Paulo avançou um passo e disse: “Tive tamanho afeto por vocês, quando se tratava de servir, que lhes dediquei toda a minha vida.” Que refrigério!

As coisas ficam ainda melhores.

Paulo continuou: “Porque, vos recordais, irmãos, do nosso labor e fadiga; e de como, noite e dia labutando para não vivermos à custa de nenhum de vós, vos proclamando o evangelho de Deus” (v. 9). Vejam bem, tratava-se da Macedônia e não de Newport Beach. Os tempos eram difíceis. Tessalônica não desfrutava da

forte e vibrante economia de Corinto. A vida dos cristãos era pobre e dura. Paulo escreveu: “Sabendo das suas dificuldades, paguei minhas próprias despesas. Ganhei meu sustento”.

Ele não está se gabando; está lembrando a eles da sua diligência e compromisso sacrificial para com eles e o ministério. Havia um trabalho a ser feito, e ele o fez. Não tinha simplesmente qualquer expectativa.

Um líder não autêntico jamais conseguirá livrar-se das grossas camadas de autopreservação, tão predominante em nossa cultura. O fato de ser verdadeiro derrete essas barreiras e deixa a luz entrar.

Quarto, bons líderes oferecem encorajamento entusiástico. Paulo escreveu outra vez: “Vós e Deus sois testemunhas do modo por que piedosa, justa e irrepreensivelmente procedemos em relação a vós outros, que credes. E sabeis, ainda, de que maneira, como pai a seus filhos, a cada um de vós, *exortamos,* consolamos e admoestamos” (1 Ts 2:10,11). Ele começou com uma *mãe* ternamente cuidando dos filhos. Vemos agora um *pai* encorajando e exortando a prole.

Você já ficou sentado na arquibancada, na frente do pai do zagueiro do time da escola de ensino médio? Ele é o líder da sua própria torcida. Por quê? Por ser pai! O menino no campo pensa: “Ó, pai, pare com isso”. Mas o pai está lá de pé, gritando a plenos pulmões, amando cada minuto do jogo.

Você talvez desejasse ter recebido mais encorajamento por parte de seu pai. Isso, na verdade, ajuda muito a preparar uma criança para a vida. Ninguém deve receber mais encorajamento de nós do que nossos filhos.

Tudo muito convincente, não é?

O que se aplica aos filhos, aplica-se também ao povo de Deus. A boa liderança equilibra o cuidado terno de uma mãe com o encorajamento amoroso de um pai. O encorajamento é como um oásis no deserto. Ele oferece o alívio necessário para os indivíduos cansados, cujas almas estão sedentas por causa do tempo passado no deserto da dúvida. Há também o deserto do fracasso, quando tentamos tanto ser bem-sucedidos, e o deserto da falta de progresso, quando queríamos tanto que algo acontecesse. Temos igualmente o deserto da rejeição familiar, do abuso e mil outros panoramas áridos, estéreis da vida.

Nessas experiências de deserto, você anseia por um oásis onde possa beber água fresca. Embora não a recebesse de seu pai, ela finalmente vem das palavras de estímulo de um líder, que, ao falar, mergulha a concha na água gelada do incentivo para refrescar seu espírito e sua alma.

Paulo compreendeu a importância do encorajamento vibrante. Isso motivou o povo a viver melhor. De fato, essa é a meta de todos esses elementos de liderança. Paulo escreveu: “Para viverdes de modo digno de Deus, que vos

chama para o seu reino e glória”

(2:12). *E justamente isso. Lideramos assim para que outros vivam desse modo!*

Pergunta: Como Paulo aprendeu a liderar desse jeito? Ele começou como Saulo de Tarso, aquele arrogante e pretensioso fariseu. Lembra? Era um selvagem cruel para os cristãos daquele tempo. O que aconteceu para transformar esse cruzado vingativo, que odiava os cristãos, em um modelo vivo de liderança cristã? Encontrou-se com seu Mestre. Passou de comandante a comandado. Convido você a ouvir novamente as palavras de Hans Finzel: “Os líderes servos devem estar dispostos a viver submissos em muitos níveis: submissão à autoridade, a Deus Pai, ao cônjuge, aos princípios da vida sábia e às suas obrigações. Embora a sabedoria convencional diga que todos devem submeter-se ao seu líder, a verdade é que os líderes, para serem eficientes, devem aprender a submeter-se”.[6]

O que aconteceu com o orgulhoso e auto-suficiente Paulo? Foi a mesma coisa que ocorreu a José e Moisés, a Josué e Samuel, aos magos, a Pedro e João, a Maria e Marta, a Cornélio e Lídia. Paulo encontrou o Mestre. Ele colocou-se sob uma nova administração. Encontrou o Mestre! Depois desse encontro, entregou o controle a ele. Esse é o primeiro passo para a liderança como a de Paulo.

Pelos caminhos da comodidade andei, Pelas sendas do prazer e do conforto viajei.

Até que um dia, num tranqüilo lugar, O Mestre, face a face, eu pude encontrar.

Posição, posto e riquezas buscava, Para o corpo, tudo, mas para a alma, nada.

Na louca corrida da vida entrei para ganhar, Quando o Mestre, face a face, eu pude encontrar.

Castelos construí até que bem altos ficassem E que suas torres o azul do céu tocassem; Jurara com mão de ferro governar, Quando o Mestre, face a face, eu pude encontrar. Eu o encontrei, o conheci e enrubeci ao notar Seus olhos com tristeza sobre mim fixar; Vacilei e a seus pés caí, naquele dia, Enquanto cada castelos meu desaparecia.

Em lugar de castelos sem sentido, Nada mais pude ver senão o rosto do Mestre querido.

Meus pensamentos são agora para as almas dos homens, Perdi minha vida para encontrá-la outra vez; Desde aquele dia num lugar tranquilo, Onde o Mestre, face a face, eu pude encontrar.[7]

Em algum ponto entre a estrada de Damasco e a visita de Ananias, a vida de

Paulo se transformou para sempre. Ele passou a receber ordens de Cristo, seu Rei. Avançou de joelhos.

LEVANDO PARA CASA, PARA O SEU LAR

Levando lição para fazer em casa, não é? O que vai ser necessário para convencer-nos de que os últimos serão os primeiros e de que os primeiros os últimos? Para alguns, vai levar a vida inteira, para outros, só alguns semestres no seminário.

A cada final de semestre, no Seminário Dallas, temos a alegria de ouvir os principais pregadores da escola. Eles são nomeados e escolhidos pelos professores do ministério pastoral. Em certo ano, um jovem talentoso pregou sobre a passagem crucial de João 13, em que Jesus lava os pés de seus discípulos. Depois de uma exposição cativante desse texto simples, o jovem inclinou-se sobre o microfone, olhou para o rosto dos que se achavam na capela e perguntou a seus colegas: *"Vocês querem um grande ministério... ou só querem ser grandes?"*

A capela lotada ficou em silêncio. Ninguém piscou. Jamais esquecerei a pergunta dele. Nenhum de nós esquecerá, e espero que ele também não esqueça.

Com uma única pergunta, ele captou a questão essencial: grandeza. Não como o mundo a define, mas segundo o padrão do Deus Todo-Poderoso. Grandes líderes são primeiro servos. Como Paulo... como o seu Mestre Jesus Cristo.

Isso aplica-se a você e a mim. Se nunca se submeteu inteiramente ao Mestre, esta é a sua oportunidade. Em caso de continuar arrogante, provavelmente não ficará cego nem algemado numa prisão romana. Essa foi a experiência de Paulo. Mas, agora que tenho a sua atenção, sugiro que faça uma boa auto-análise.

Você conhece bem sua própria obstinação e orgulho. Aqueles a quem lidera também conhecem. Você sabe como demora para encorajar as pessoas e como reluta em incentivar. Eles também. Você sabe se é cobiçoso. Se apenas serve a si mesmo. Francamente, está na hora de desistir de tudo isso. Voltamos à questão crucial: *você quer ter um grande ministério ou só quer ser grande?*

A sua resposta determinará a sua liderança.

Capítulo Dezesseis

Reagindo como Paulo

Se algum dia tiver a oportunidade de conhecer Charlie e Lucy Wedemeyer, nunca se esquecerá deles. Charlie era uma estrela do futebol, nascido no Havaí. Era um atleta tão bom que provavelmente poderia ter jogado futebol profissional. Infelizmente, tudo isso mudou quando foi atacado pelo mal de *Lou Gehrig.* A doença destruiu seu sistema nervoso central a tal ponto de que hoje ele só consegue mover as pálpebras.

Firme a seu lado está Lucy, a sua amada esposa, cuidando dele com amor e derretendo você com seu sorriso contagioso, enquanto interpreta o mover das pálpebras do marido. Pessoas notáveis. Não admiramos os Wedemeyers só por causa da enfermidade debilitante de Charlie. Isso nos entristece. Nossos corações se compadecem quando pensamos a respeito. Nós os admiramos por causa da maneira como reagiram à doença que roubou tantas coisas em suas vidas. Em algum ponto no passado, eles tomaram esta decisão: “Isso não vai destruir-nos. Pelo contrário, fará de nós as pessoas que Deus quer que sejamos.”

A maioria dos cristãos conhece Joni Eareckson Tada de nome. Na juventude, ela gostava de andar a cavalo, de dançar e de aproveitar a vida com suas amigas da escola. Tudo isso mudou num acidente de mergulho, em 1967, no qual ela fraturou a coluna. A partir desse momento até hoje, Joni ficou paralítica. Ela vive agora numa cadeira de rodas como paraplégica, mas que atitude notável a sua! Joni e o marido Ken vivem muito unidos, viajando pelo mundo para divulgar o seu ministério aos deficientes, conhecidos como *Joni e Amigos.*

Cada vez que ela conta a sua história, a audiência senta silenciosa e reverente. Mas não é simplesmente a paralisia que nos faz admirar Joni. Essa parte da história nos entristece. Nós a admiramos pela sua *reação* à paralisia. Ela a aceitou totalmente. É isso que lhe confere grandeza.

Quase ninguém *conhece* Lisa Beamer. Lisa mora em Cranbury, New Jersey. Na manhã de 11 de setembro de 2001, ela recebeu um chamado assustador do marido, Todd, revelando secretamente que seu avião havia sido seqüestrado.

Todd estava entre três outros que se uniram numa luta heróica contra os terroristas no Vôo 92 a 32 mil pés de altitude, a qual terminou quando o avião e todos os seus passageiros mergulharam na zona rural da Pensilvânia. Nenhum sobrevivente. Pelo que pudemos decifrar das chamadas pelos telefones celulares, esses homens impediram que o avião atingisse outro prédio do governo, salvando centenas de vidas pelo seu heroísmo. Lisa ficou paralisada com a notícia. Ela estava grávida de alguns meses na ocasião. Ficou viúva. A vida do

marido foi apagada por um ataque atroz, cruel sobre pessoas inocentes.

Quando perguntaram a Lisa Beamer como ela se sentia a respeito do ato corajoso do marido, ela respondeu: “Fez com que minha vida valesse a pena de ser novamente vivida.” Admiramos Lisa Beamer, não simplesmente por ter perdido o marido. Isso nos entristece. Choramos com ela e seus filhos sem pai. Nós a admiramos por causa da sua reação notável a essa enorme perda.

O material de que é feito a grandeza é a reação à adversidade. Tudo se resume nesse chamado.

Venho afirmando há anos que a vida é dez por cento do que acontece conosco e noventa por cento de como reagimos. Dez por cento da vida de Charlie Wedemeyer é o mal *Lou Gehrig.* Noventa por cento é como ele e a esposa reagem a ele. Dez por cento da vida de Joni Eareckson Tada é a paralisia. Noventa por cento da sua vida é sua atitude em responder a ela dia após dia. Dez por cento da vida de Lisa Beamer é a perda de Todd, seu amado parceiro e pai de seus filhos. Os outros noventa por cento são representados pela sua belíssima reação àquele dia horrível. Essa é a verdadeira grandeza.

É a mesma grandeza que observamos no caráter e ministério de Paulo, esse homem notável de graça e firmeza.

UM RETRATO DA GRANDEZA

Se fôssemos estudar um retrato de Paulo pintado por um artista realista, notaríamos, em primeiro lugar, suas cicatrizes e ferimentos. Dependendo de quando o quadro fosse terminado, alguns ferimentos estariam ainda vermelhos e inchados, e alguns poucos sangrando. Paulo escreveu sobre esses ferimentos no final de sua carta aos gálatas. Num momento qualquer de descuido, ele mesmo tomou da pena e escreveu: “ Vede com que letras grandes vos escrevi de meu próprio punho” (G1 6:11). Quem lesse o autógrafo, a carta original pela mão de Paulo, teria notado uma mudança de letra no final. Poderiam ver a diferença pessoalmente. Deve ter sido emocionante ler essa parte de sua carta original aos gálatas.

A letra grande talvez se devesse ao fato de os olhos dele estarem fracos ou a uma enxaqueca terrível que pode ter obscurecido a sua visão. É possível que um dano permanente no nervo prejudicasse o seu braço. Qualquer que seja a razão, ele escreveu com letras grandes. Estava decidido a permitir que suas emoções gotejassem sangue na página. Minha preferência é escrever à mão meus livros ou artigos que preparo para publicação. Algumas vezes, na paixão de escrever, aperto tanto a pena que ela fura o papel. Paulo pode ter feito exatamente isso

quando escrevia à mão. “Quanto ao mais, ninguém me moleste; porque eu trago no corpo as marcas de Jesus” (G1 6:17).

Aprecio a súplica franca de Paulo. Estou convencido de que ele se tornara um pouco impertinente nessa altura do seu ministério. Ele se cansou das pessoas que o perturbavam e disse, com efeito: — Não se metam comigo. Vão embora. Escrevo esta carta trazendo no corpo as marcas daquele que sofreu grandemente por vocês. Paguei pelo direito de ensiná-los. Levo em meu corpo as cicatrizes, as feridas, as marcas, a evidência física da tortura: essas marcas de Cristo.

No primeiro século, o nome dos senhores de escravos era marcado a ferro no corpo deles. Eram marcados como gado. Os soldados romanos geralmente tatuavam nos braços os nomes ou números das unidades militares nas quais serviam. Assim, também, os adoradores de deuses falsos tatuavam os nomes ou símbolos dos seus deuses em sua carne. As cicatrizes de Paulo eram, porém, diferentes. Suas marcas significavam os seus sofrimentos por Cristo. Essa a razão de ter sido apedrejado. De ter sido esbofeteado. De ter sido açoitado com varas. E cada uma dessas cicatrizes era uma lembrança permanente de que pertencia a seu Mestre, Jesus. Só ele era o seu *kurios.*

O autor Jay Sidlow Baxter escreveu: “Quais eram realmente os estigmas no corpo de Paulo que ele menciona aqui como ‘marcas’? Não pode haver dúvida sobre a resposta. Eram aquelas cicatrizes e sinais que recebera durante seu custoso e heróAo serviço por causa de Cristo e do evangelho.

Cada vez que me aproximo de veteranos de guerra me endireito um pouco mais. Quero apertar a mão deles com mais firmeza. Esses homens levam no corpo as marcas da liberdade. Merecem o meu mais sincero respeito”.[1]

Assim era Paulo. Com problemas físicos por causa dos golpes injustos dos inimigos, tinha o corpo quebrado, mas não o espírito. De fato, ele raramente fala sobre as suas cicatrizes. Nas poucas ocasiões em que o faz, nunca chamou a atenção para si mesmo, mas sempre para o Salvador. Isso é grandeza. Não se trata dos atos praticados contra ele, nem sequer das suas realizações. Sua grandeza é revelada pela reação dele às dificuldades.

A PRESSÃO DO MINISTÉRIO

Poucos indivíduos experimentaram um grau de sofrimento que se aproxima da magnitude dos suportados por Paulo. A pressão sob a qual vivia era praticamente insuportável. Ele escreveu sobre isso em sua segunda carta aos cristãos de Corinto. Incluiu nessa carta o que se resumia a uma ladainha de dificuldades que suportou durante sua experiência do ministério e viagens

missionárias: “Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos tivemos a sentença de morte” (2 Co 1:8,9).

A palavra traduzida aqui por “tribulação” é o termo grego para “pressão”. Pressão da oposição, da rejeição, do estresse físico e emocional. Paulo escreveu que foi sobrecarregado “acima das suas forças”, a ponto de desesperar da própria vida. O peso da pressão intensa era tamanho que julgou ter chegado ao fim. Você talvez já esteve nessa situação. Em algumas poucas ocasiões eu também estive lá. Para Paulo, a pressão parecia como uma sentença de morte. Se perdurasse mais tempo, iria finalmente acabar com ele.

Ao estudar a vida de Paulo e aprender lições da vida e ministério dele, uma lição importante a ser aprendida é como reagir à pressão. Uso *pressão* e *dificuldade* de modo intercambiável. A maneira como ele reagiu às dificuldades é a que desejo adotar. E raro qualquer de nós enfrentar a adversidade com tal determinação. Consideramos as dificuldades como uma interrupção desagradável. É uma circunstância injusta que veio sobre nós por causa de pessoas difíceis ou de situações opressivas.

Paulo reagiu de modo diferente. O segredo da sua perseverança está na sua “perspectiva divina”. Vamos examinar esta idéia.

Ele Só Confiava em Deus Paulo permitiu que a aflição fortalecesse a sua confiança só em Deus. Ele escreveu: “Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos; o qual *nos* livrou e livrará de tão grande morte; em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos” (2 Co 1:9,10).

Ele *nos livrou, está* nos livrando, *irá* livrar-nos. Entendeu? Paulo concentrou-se na capacidade de Deus para lidar com as circunstâncias do começo ao fim. Isso o libertou para inclinar-se e tirar proveito só do poder de Deus.

Penso que o apóstolo chegou ao ponto de compreender que não era capaz de alterar coisa alguma. Não tinha competência suficiente para resolver o problema nem inteligência suficiente para solucionar o mistério. Sua confiança diminuiu a ponto de desesperar da vida. Nessa conjuntura crítica, encontrou força sobrenatural elevando os olhos para o alto. Ele disse: “Senhor, no momento me sinto incapaz de continuar. Não sou competente. Não tenho confiança em mim mesmo para aliviar esta pressão. Confio em ti e só em ti.” É isso que chamo de “perspectiva divina”. Firmeza sob pressão.

Uma história do Antigo Testamento surge em minha mente. Há um episódio similar na vida de Davi registrada em 1 Samuel 30, quando a pressão poderia tê-

lo esmagado. Davi ainda não é rei. Todavia, está no meio do deserto combatendo os inimigos de Israel. As Escrituras nos transportam para a cena: “Sucedeu, pois, que, chegando Davi e os seus homens, ao terceiro dia, a Ziclague, já os amalequitas tinham dado com ímpeto contra o Sul e Ziclague e a esta, ferido e queimado; tinham levado cativas as mulheres que lá se achavam, porém a ninguém mataram, nem pequenos nem grandes; tão-somente os levaram consigo e foram seu caminho” (1 Sm 30:1,2).

Davi e seus homens moravam em Ziclague. Haviam saído de casa para travar uma batalha. Ao voltar, depois de escalar o derradeiro monte, ficaram olhando incrédulos. Os restos fumegantes do que fora antes seu lar estavam diante deles. Seria como voltar para casa depois de um dia longo no escritório e, ao virar a esquina, notar carros de bombeiro parados em toda a vizinhança e os bombeiros correndo em volta das casas, inclusive da sua. Percebe, então, rolos de fumaça negra saindo do telhado de sua residência. Sua casa e várias outras da vizinhança encontram-se envoltas em chamas. Para seu horror, quando a fumaça diminuiu, nada restou senão uma pilha de ruínas em cinzas.

Esta foi a cena que Davi e seus homens encontraram — um pouco pior. Toda a vila consumida e tudo o que havia nas casas queimado. Além disso, para o horror deles, toda a área estava desolada, suas mulheres e crianças tinham sido levadas e massacradas. Eles sabiam que nunca mais as veriam.

A Escritura continua: “Davi e os seus homens vieram à cidade, e ei-la queimada, e suas mulheres, seus filhos e suas filhas eram levados cativos. Então, Davi e o povo que se achava com ele ergueram a voz e choraram, até não terem mais forças para chorar. Também as duas mulheres de Davi foram levadas cativas: Ainoã, a jezreelita, e Abigail, a viúva de Nabal, o carmelita. Davi muito se angustiou, pois o povo falava de apedrejá-lo, porque todos estavam em amargura, cada um por causa de seus filhos e de suas filhas” (1 Sm 30:3-6a).

Bem-vindo à liderança. Estou certo de que alguns dos cavaleiros olharam de cima de suas montarias para Davi e zombaram: “Foi você que nos levou para essa guerra. Se não tivéssemos ido, poderíamos ter ficado aqui e defendido nossas famílias. Partimos por causa da sua insistência. *Você é* responsável pelo que aconteceu aqui”. Além da perda da sua família e filhos, Davi teve de enfrentar um motim. Chamo isso de pressão ao mais alto grau.

Note as oito palavras seguintes. Elas representam a resposta do homem: “Porém Davi se reanimou no Senhor, seu Deus”.

Já passou por isso? Nada ao seu redor oferece força. Nem seus amigos mais íntimos parecem confiáveis. A sua situação é sombria. Seu futuro está ameaçado. Você se encontra completamente só. Não sabe o que fazer. Nessa hora de crise, tudo o que pode fazer é olhar para o alto. Foi assim que Davi respondeu.

E foi exatamente isso que Paulo fez. Quando o mundo inteiro parecia contra ele, olhava para cima e Deus vinha em seu auxílio. Ele aprendeu que Deus era digno de confiança. Mais tarde, ele exclamou: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós” (2 Co 4:7).

Não temos o poder de que precisamos para enfrentar os piores golpes da vida. Deixados por nossa própria conta, desistimos. O tipo de poder de que precisamos só vem de Deus, não importa quais sejam as nossas circunstâncias. A fim de descrever a sua vida de ministério, Paulo usou palavras como *angustiados*, *perplexos*, *perseguidos* e *abatidos.* Essa era a vida de Paulo como embaixador de Cristo. Grande parte do tempo ele era como uma ovelha pronta para o matadouro. Alguém se habilita?

Repetimos, não é a aflição pela qual passou que admiramos, mas a forma como lidou com ela. Essa é a grandeza que apreciamos. “Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, *porém* não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal” (2 Co 4:8-11).

Em meus mais de trinta anos de estudo sobre Paulo, descobri que ele nunca culpou a Deus pela sua aflição. Nunca sacudiu o dedo para o céu em frustração. Acho isso absolutamente incrível. Recebeu tudo como parte do seu compromisso com Cristo e confiou em Deus para lidar com aqueles momentos em que chegou a seu limite. Apoiou-se confiantemente no Senhor. Que maravilhosa reação. Mas havia outra dimensão na perspectiva de Paulo.

Seu Enfoque Permaneceu nas Coisas Invisíveis Paulo considerou tudo o que aconteceu com ele mediante os olhos da fé. Esse traço admirável permite que seja contado entre os gigantes da fé como Moisés, que, segundo Hebreus 11: “Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível” (v. 27). Como Moisés, Paulo enfrentou as dificuldades concentrando-se no que é eterno. Ele utilizou suas provações como lembretes para centralizar sua atenção nas coisas invisíveis. Quando o seu coração é reto, você pode fazer isso.

Há pouco tempo, Cynthia e eu viajamos para Houston, a fim de assistir a um evento da *Insight for Living.* Enquanto estávamos ali, fomos visitar alguns bons amigos. Por estar na cidade em que fora criado, lembrei-me de uma casa em que estivéramos muitos anos antes. O lugar tinha uma enorme lareira, grande o bastante para entrar dentro dela. Gosto daquelas raras ocasiões em que posso

sentar-me junto ao fogo e ler ou ouvir música clássica. Sou um apreciador de lareiras!

De qualquer modo, gravada na enorme peça de madeira que formava o revestimento daquela magnífica lareira estavam estas palavras:

“SE O SEU CORAÇÃO ESTÁ FRIO, O MEU FOGO NÃO PODE AQUECÊ-LO.”

Cynthia e eu jamais esqueceremos essas palavras sobre aquela enorme lareira de pedra. Não há fogo no mundo que possa aquecer um coração frio. O coração frio mantém-se fixo nas dificuldades e recusa-se a ver além do presente. O coração de Paulo ardia com o fogo da fé, permitindo que visse o invisível. Foi isso que o manteve firme sob pressão. Seu coração permaneceu quente.

Nada que tocasse Paulo externamente iria esfriá-lo por dentro. Pelo contrário, abastecia sua chama interior. Quanto mais a perseguição continuava, tanto maior seu fervor por Deus. Ele enfocou Aquele que trabalha pelos seus propósitos eternos na esfera invisível, quando tudo ao seu redor desmoronava. A adversidade fortalece a nossa fé, consumindo os resíduos de medo e de incredulidade e derretendo as dúvidas.

A propósito, enfocar o invisível é uma qualidade aprendida. Há alguns anos, ouvi meu amigo Jim Dobson contar uma história comovente sobre uma linda senhora afro-americana, pitoresca e de coração forte. Todos os dias, sem falhar, ela ia ao hospital para ficar com o filho de cinco anos, que morria de câncer do pulmão.

Antes de chegar, certa manhã, a enfermeira ouviu a voz do menininho vinda do quarto: “Ouço os sinos, ouço os sinos. Eles estão tocando.” As mesmas palavras se repetiram muitas vezes e foram ouvidas pelas enfermeiras e por outras pessoas no local onde o menino se encontrava.

Quando a mãe chegou mais tarde naquela mesma manhã, ela perguntou a uma das enfermeiras como estava o filho. A enfermeira suspirou e respondeu com um encolher de ombros: “Ah, ele delirou a manhã inteira; talvez sejam os medicamentos. Não está falando coisa com coisa. Disse que está ouvindo sinos.”

O lindo rosto da mãe abriu-se em um sorriso de compreensão. Ela sacudiu o dedo para a enfermeira e disse: “Escute bem. Meu filho não está delirando, não está fora de si por causa dos remédios. Eu disse a ele, há algumas semanas, que quando a dor em seu peito ficasse tão forte que mal conseguisse respirar, que ele olhasse para o canto do quarto na direção da sua nova casa no céu e ficasse escutando os sinos, porque estariam tocando para ele.”

Dizendo isso, ela marchou pelo corredor e carregou o filho em seus braços grandes e macios, embalando-o até que os sons dos sinos tocando fosse apenas ecos distantes e ele tivesse partido.

Concentrar-se no que é invisível ajuda-nos a suportar o que, de outra maneira, seria insuportável. Foi isso que Paulo fez, e sua atitude o manteve forte em períodos de perturbação. Em tudo isso ele aprendeu a maior lição de todas. Descobriu por si mesmo...

O PODER DA FRAQUEZA

Paulo avançou através de uma série de dificuldades terríveis, que mais tarde lista na mesma carta (2 Co 11:22-28).

São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São da descendência de Abraão? Também eu. São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes. Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez. Além das coisas exteriores, há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas.

Além de tudo isso, o Senhor lhe deu um espinho na carne. O Senhor respondeu às suas orações desesperadas para remover o espinho — o que quer que tenha sido — de um modo inteiramente inesperado. O Senhor respondeu simplesmente: “Minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (1 Co 12:9).

Surpreso? “Você quer dizer que não preciso ser super-forte e suportar cada provação apoiado em meus próprios recursos?” Nada disso. De fato, a única maneira de qualificar-se para receber a força dele é quando admite sua fraqueza, quando admite que não é capaz nem forte; quando, como Paulo, estiver disposto a não se gabar de nada além da *sua* fraqueza e do *poder* de Deus.

Preferimos admirar Paulo pela sua resistência nas provações. Queremos aplaudir sua firme determinação contra a perseguição cruel.” Não. Não. Não. Você não compreende. *Eu não sou forte.* Aquele que derrama o seu poder em mim é forte. Minha força vem da minha fraqueza.” Isso não era falsa modéstia.

Paulo diria: “A força vem quando abraçamos a fraqueza e nos vangloriamos dela.” E esse tipo de atitude que atrai a força divina e permite que ela entre em ação.

J. Oswald Sanders, em seu livro *Paul, The Leader,* escreveu: “Fazemos parte de uma geração que adora o poder - militar, intelectual, econômico, científico. O conceito de poder é tecido na trama da nossa vida diária. O mundo inteiro é dividido em blocos de poder. Os homens em toda parte lutam pelo poder em várias esferas, no geral com motivos questionáveis”.[2]

O celebrado pregador escocês, James Stewart, fez uma declaração que é, ao mesmo tempo, um desafio: “E sempre sobre a fraqueza humana e a humilhação, e não sobre a força e confiança humanas, que Deus escolhe construir seu reino; Ele pode usar-nos não simplesmente apesar da mediocridade, impotência e enfermidades que nos desqualifiquem, mas exatamente por causa delas”.

Essa é uma descoberta emocionante. Ela transforma nossa atitude mental em relação às nossas circunstâncias.

Vamos fazer uma pausa aqui para considerar seriamente esse princípio. Suas humilhações, conflitos, batalhas, fraquezas, sentimentos de inaptidão, impotência e até as suas chamadas enfermidades “que desqualificam” são precisamente o que o *tornam* eficiente. Eu poderia até avançar e dizer que elas representam o cerne da grandeza. Uma vez que esteja convencido de sua fraqueza e não tente mais ocultá-la, você abraça o poder de Cristo. Paulo modelou maravilhosamente esse traço, no momento em que compreendeu o princípio. Seu orgulho desapareceu e foi substituído por genuína humildade que nenhuma dificuldade podia apagar.

REFLETINDO SOBRE AS SUAS RESPOSTAS

Falamos sobre Paulo até aqui. E você? Indo a toda velocidade século vinte e um adentro? Está aflito e *excessivamente* sobrecarregado? Sente-se como se estivesse sob tal pressão que também se acha quase desesperado? Tenho algumas notícias surpreendentes: você está exatamente onde Deus quer que esteja. Foram necessários muitos anos para levá-lo a esse ponto de necessidade. Agora, *levante os olhos!*

Você está se sentindo esmagado, confuso, incompreendido e abatido?

Resista à tentação de enrolar as mangas e de preparar um plano pessoal de recuperação. Essa é a sua oportunidade! Em vez de revidar, renda-se. Abrace a sua fraqueza. Diga a seu Pai celestial que está confiando na força do seu poder. Se Paulo pôde fazer isso, você e eu também podemos.

Neste momento, estou enfrentando algumas situações impossíveis. Sem dúvida, você também está. Para ser honesto, sou fraco demais para lidar com qualquer uma delas. Você também. Quase choro, às vezes. Fico freqüentemente desanimado. É difícil passar uma semana em que não mergulhe num leve sentimento de desalento. Parece-lhe familiar? Admita! Algumas noites não durmo bem. Há ocasiões em que choro, decepcionado, com o fracasso de algum indivíduo... ou com o meu. Você também? Você e eu precisamos confrontar o fato de que jamais poderemos lidar sozinhos com qualquer dessas pressões. Quando reconhecemos isso, e não antes, a sua força será liberada em nós.

Florence White Willett escreveu estas belíssimas palavras que me ajudam a manter a vida na perspectiva adequada: Louvo a Deus pelas experiências amargas; "amigas da graça" elas são; Tiram-me dos caminhos fáceis de trilhar E ao lugar secreto me conduzirão.

Louvo a Deus pelos amigos que falharam E a necessidade de meu coração não puderam aliviar; aos pés do Salvador eles me levaram, Para ali do seu amor me alimentar.

Sou grata ainda por tudo o que, ao longo da vida, Ninguém pôde satisfazer,

Assim somente em Deus Satisfação rica e completa pude obter[3]

Agora que você e eu estamos começando a compreender o que Paulo vivenciou tão bem — a força na fraqueza —, sugiro que abracemos verdadeiramente a idéia. Você e eu já lutamos o bastante ao longo da vida. O que você acha de abandonar esse hábito? Vamos nos apresentar diante do Senhor e dizer: "Senhor, se não me ajudares, estou perdido. Se não abrires essa porta, ela não vai abrir sozinha diante de mim. Minha situação está em tuas mãos. Estou cansado de remar contra a maré e de confiar em mim mesmo." Quando fizermos isso, nós o ouviremos dizer: "Minha graça te basta, minha força é aperfeiçoada na tua fraqueza".

Você está pronto para enfrentar a próxima batalha com uma nova estratégia? Comece, então, pela *rendição.* Em vez de voltar ao mesmo antigo método — um mês de esforço mental para convencer a si mesmo de parecer forte e de agir com bravura, colocando as luvas e entrando no ringue com um andar desafiador, confiando na sua própria força e tendo sucesso em impressionar os outros. Pare e renda-se. Ajoelhe e clame a Deus. Admita as suas imperfeições e declare a sua incapacidade de continuar sozinho.

Se estiver finalmente disposto a pôr-se de lado e a deixar que ele segure as rédeas, diga isso e depois aja desse modo. Ele honrará sua admissão de fraqueza, mostrando-se forte por seu intermédio. Mas, se não fizer isso, ele também não fará.

O chamado é seu.

Capítulo Dezessete

Pensando como Paulo

Um grande amigo meu passou recentemente por uma experiência que ilustra o valor do pensamento reto. O Dr. Ron Allen, um colega do Seminário de Dallas e amigo íntimo há muitos anos, é um erudito brilhante. Ele não só domina o hebraico e o grego bíblicos, como é um excelente expositor da Bíblia, historiador, colecionador de antiguidades e um respeitado contribuinte na área da adoração e da música sacra. É um verdadeiro renascentista, alguns diriam. Além de tudo isso, cultiva lindíssimas rosas em sua pequena fazenda no Oregon e é um ciclista ávido.

Certo dia, passou por um trecho de pedregulhos soltos e perdeu o controle da bicicleta que montava, caindo no chão. Ele sempre usa capacete, e foi isso, sem dúvida, que salvou a sua vida. Bateu com força a cabeça e quebrou várias costelas. Sua recuperação foi lenta e penosa. Várias semanas se passaram antes que ele começasse a notar certa dificuldade na coordenação entre a mao e os olhos. Também sofreu alguns episódios de convulsão que pareciam estar se intensificando. Decidiu finalmente fazer um exame. Um neurologista renomado descobriu um enorme hematoma na superfície de seu cérebro. Você pode imaginar o susto dele ao ouvir as palavras “cirurgia cerebral”?

A operação foi ótima. Pouco depois da cirurgia, visitei Ron na UTI. Embora camadas de gaze branca bem apertadas envolvessem sua cabeça, ele conseguiu abrir um olho e espiar através do quarto, enxergando-me ali, perto da porta. Ao fazer isso, imediatamente sorriu e disse: *Yic-toll, ticktoll, tick toll, tick toller, eck-tol. Yic-tallu tick tol nah, tick-tallu-ticktoll na, nick-toll.* Eu nao podia acreditar no que ouvia. Ele nao estava falando em línguas — o sujeito acabara de conjugar o imperfeito de um verbo hebraico! Depois que terminou, eu ri em voz alta (você me conhece!) quando ele disse: “Eu só queria ter certeza de que ainda estou pensando direito.”

Engraçado, não é? Para provar que pensava direito, ele nao riu não chorou, nem demonstrou qualquer outra emoção. Nao me falou sobre uma experiência que tivera há várias semanas. Usou algo evidente, factual, estritamente intelectual. Isso o ajudou (e a mim) a saber que estava pensando direito. A seguir, citou os nomes de todos os seus netos, além de todas as datas de aniversário deles, um após o outro. Bev, sua esposa, estava a meu lado, sorrindo e balançando a cabeça. Meu amigo erudito sabia que nem as emoções nem a experiência, por mais valiosas que sejam para todos nós, são provas confiáveis de que nossos pensamentos são lógicos.

O autor Don Miller, em seu excelente livro *The Authority of the Bible*, escreveu: “A experiência em si é muito subjetiva, muito transitória, muito interior, muito fugaz, muito ligada a fatores fisiológicos para ser um guia digno de confiança para a fé. Confiar em nossa experiência é colocar a nossa fé à mercê de nosso fígado, de nossas glândulas endócrinas, da qualidade de nosso sono em qualquer dada noite, o estado da nossa digestão ou os problemas do nosso trabalho. A experiência deve estar sempre sujeita à autoridade da obra salvadora de Deus em Jesus Cristo como declarado na Bíblia”.[1]

Que palavras significativas em nosso mundo de pensamentos sórdidos! Se você confiar só nas emoções e na experiência, está pisando em gelo teológico fino. Isso é tão confiável como julgar uma situa-çao de acordo com o modo como dormiu na noite anterior. Não faz sentido.

A Bíblia exorta todos os crentes a ficarem prontos para “responder” a quem pedir a razão da nossa fé (1 Pe 3:15). O termo grego para “responder” é *apologia*. A palavra “apologia” deriva desse termo grego. Apologia é uma desculpa. Mas, no grego, ela inclui a idéia de apresentar evidências. O ponto é claro: precisamos estar prontos para oferecer evidências convincentes em relação ao que acreditamos. Isso requer pensamento lógico.

Por falar nisso, você poderia fazê-lo? Se um amigo estivesse lutando para encontrar a verdade, ou um colega desafiasse seu sistema de crença, você poderia oferecer evidências suficientes para uma defesa convincente? Vale a pena considerar isso seriamente, pois faz parte da prova de que é uma testemunha calma num mundo que gira loucamente fora do eixo.

PENSAMENTOS LÓGICOS PARA TEMPOS CORRUPTOS

Precisamos de mais cristãos que pensem direito, como o Dr. Ron Allen,ou, ainda mais significativamente, como Paulo. Palavras lógicas são ditas por mentes lógicas, especialmente numa época em que a sociedade insiste em torcer, alterar, distorcer e comprometer a verdade. Paulo não tolerava raciocínios relativos — nele mesmo ou em outros.

Não foi muito depois de sua última viagem missionária que Paulo enfrentou situações desafiadoras e únicas, as quais exigiram firmeza lógica.

REFAZENDO NOSSOS PASSOS

Ao chegarmos à metade de Atos 21, Paulo terminou suas três viagens

missionárias. Ele está de volta a Jerusalém. A essa altura, aquela movimentada cidade era tão familiar para ele quanto Tarso, sua cidade natal. A visita começou num espírito de grande alegria. Paulo saudou os irmãos quando lhe deram as boas-vindas em seu retorno, e eles glorificaram a Deus juntos pelas coisas "que Deus fizera entre os gentios por seu ministério" (At 21:19).

A celebração, entretanto, logo terminou. Lucas escreveu: "Quando já estavam por findar os sete dias, os judeus vindos da Ásia, tendo visto Paulo no templo, alvoroçaram todo o povo e o agarraram" (At 21:27).

A festa acabara. Os inimigos de Paulo da Ásia o haviam seguido até Jerusalém. Depois de vê-lo no templo, decidiram que já haviam suportado o suficiente sua presença ameaçadora. Eles planejaram livrar-se de Paulo de uma vez por todas.

Não esqueça que não se tratava de almas descontentes, que simplesmente discordavam dele intelectualmente ou que desejavam confrontá-lo nos pontos mais delicados da sua teologia. Pensavam em crime. Incitaram então a plebe, gritando: "Israelitas, socorro! Este é o homem que por toda parte ensina todos a serem contra o povo, contra a lei e contra este lugar; ainda mais, introduziu até gregos no templo e profanou este recinto sagrado. Pois, antes, tinham visto Trófimo, o efésio, em sua companhia na cidade e julgavam que Paulo o introduzira no templo" (At 21:28,29).

Mais uma vez criticavam sem base em fatos. Sem um pensamento lógico, estavam incitando a multidão, esperando conseguir o apoio deles para um apedrejamento. O comandante das tropas romanas recebeu, em breve, a notícia de que "toda a Jerusalém estava amotinada" (21:31). Quanto exagero! Isso era tudo o que o oficial romano precisava ouvir. Roma desprezava levantes.

O populacho já estava então fora de controle. Paulo foi tão espancado que quase chegou a ficar inconsciente. Deve ter sido uma experiência terrível.

Notícias do motim chegaram, felizmente aos ouvidos do comandante da força responsável por manter a ordem em Jerusalém. Ele não queria que outro relatório fosse enviado para Roma; portanto, agiu prontamente. Isso ajudou Paulo. O oficial ordenou a seus soldados e centuriões que pegassem seus cavalos e que fossem para o centro da cidade.

Os centuriões eram oficiais experimentados da guarda romana, responsáveis por cem homens armados. Dentro de poucos minutos, centenas desses homens a cavalo chegaram à cena a tempo de ver Paulo sendo atacado pela multidão.

Há algo de especial numa grande força policial de uniforme, a cavalo, que dispersa multidões. O espancamento cessou imediatamente. Paulo ficou ali atordoado, ferido e sangrando. O oficial romano, simplesmente fazendo o seu

trabalho, salvou a vida do apóstolo. Lucas escreveu que esse comandante "ordenou que Paulo fosse recolhido à fortaleza" (21:34). A fortaleza de Antonia seria o lugar mais seguro para ele.

Algo surpreendente aconteceu então.

Ao chegar às escadas, foi preciso que os soldados o carregassem, por causa da violência da multidão, pois a massa de povo o seguia gritando: Mata-o! E, quando Paulo ia sendo recolhido à fortaleza, disse ao comandante: É-me permitido dizer-te alguma coisa? Respondeu ele: Sabes o grego? Não és tu, porventura, o egípcio que, há tempos, sublevou e conduziu ao deserto quatro mil sicários? Respondeu-lhe Paulo: Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilicia; e rogo-te que me permitas falar ao povo.

Atos 21:35-39

Que tal esse raciocínio lógico? Paulo calculou que aquela era a sua oportunidade de falar ao povo e também de comunicar-se com o comandante romano. Não é possível pensar com maior lógica do que essa. Os soldados se surpreendem ao ver que Paulo não era o infame perturbador que viera do Egito.

Josefo, historiador judeu da antigüidade, conta que três anos antes um egípcio aparecera em Jerusalém afirmando ser um profeta. Ele conseguiu recrutar vários milhares de homens para ajudá-lo a derrubar o governo romano. Os romanos evitaram o golpe e sufocaram o motim.

Paulo negou qualquer ligação com essas pessoas. Falou também ao oficial em grego, informando-o que procedia de Tarso e que era, de fato, um cidadão romano. O que ele queria, mais que tudo, era uma oportunidade para proclamar Cristo à multidão enfurecida.

Acho esse tipo de raciocínio lógico absolutamente surpreendente. Isso é que é firmeza sob pressão. A maioria de nós procuraria um lugar seguro para esconder-se e chamaria um advogado. Paulo, porém, disse: "Gostaria realmente de uma oportunidade para falar com esse povo."

"Tem a minha permissão", assentiu o atônito oficial romano.

Quando Paulo volta-se para falar, o povo silencia. Estão surpresos. Ele se dirige a eles em aramaico, a *língua franca* entre os judeus da Palestina. Mal acabara de falar em grego e agora passava ao aramaico fluente para começar sua defesa. Que cena espetacular! O homem não perdia uma oportunidade. A plebe, agora um pouco mais calma, ouviu cuidadosamente.

UMA OPORTUNIDADE DE OURO

Irmãos e pais, ouvi, agora, a minha defesa perante vós. Quando ouviram

que lhes falava em língua hebraica, guardaram ainda maior silêncio. E continuou: Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilicia, mas criei-me nesta cidade e aqui fui instruído aos pés de Gamai iel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje. Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres.

Atos 22:1-4

Aquelas pessoas deviam estar pensando: Até aqui tudo bem. Bom sujeito. Estão todos na mesma página do manual de teologia. Eles são também judeus. Desprezam os cristãos. Nada do que tenha dito até então lhes dá causa para alarme.

Eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu encerrava em prisão e, nas sinagogas, açoitava os que criam em ti. Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam. Mas ele me disse: Vai, porque eu te enviarei para longe, aos gentios.

Atos 22:19-21

Ele disse *gentios?* Sim! O homem usou a palavra proibida. *Boom!* Isso era tudo o que a multidão volúvel precisava ouvir. Que explosão! Foi o suficiente. “Este homem está agora preocupado com os gentios. Não falamos com eles. Não nos relacionamos com eles. Nossos filhos não vão à escola com gentios. Recusamo-nos a viver entre os gentios.” Os gentios eram como um bando de cães selvagens. Isso bastou para o lugar explodir, espalhando poeira pra todo lado.

O comandante romano interferiu e resgatou Paulo, ordenando que fosse levado para a fortaleza e preparado para receber açoites. Ele estava decidido a ensinar uma lição ao pregador.

Paulo foi esticado sobre um pedaço de madeira e teve os pulsos e tornozelos presos com correias de couro. Dentro de minutos, Paulo sentiria a dor causada pelas tiras revestidas com pedaços de ossos que chicotearam suas costas já feridas. Embora prestes a ser açoitado, sua mente sagaz não vacilou uma vez sequer. Virando a cabeça e falando na direção de seu carrasco, Paulo perguntou calmamente: “Ser-vos-á, porventura, lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?”

Isso não é mesmo pensar com lógica sob tensão?

Imagine o choque do comandante. Ninguém lhe dera informação alguma de que o homem era cidadão romano. Avisaram imediatamente os soldados, que interromperam na mesma hora a tortura. Sob a lei romana, os cidadãos não podiam ser torturados sem julgamento. Estiveram, pois, a ponto de cometer uma

infração punível com a morte. O comandante Lísias exigiu: “Tirem-no do tronco, não o açoitem. Removam as correntes.”

Deve ter sido uma experiência desagradável para o oficial. Ao lembrar do suborno que tivera de pagar pela cidadania romana, rosnou: “A mim me custou grande soma de dinheiro este título de cidadão”. Sem piscar, Paulo respondeu com uma declaração esclarecedora: “Nasci romano.” Caso encerrado.

A questão iria, então, para o supremo tribunal judeu. O pensamento lógico novamente se impôs.

UMA FUGA INTELIGENTE

Outra cena de tribunal “faz de conta” acontece no início de Atos 23 com uma reunião de emergência do Sinédrio. Lísias, depois de escoltar piedosamente Paulo até a câmara augusta, esperou fora da porta. Com habilidade criativa, John Pollock resume a cena: Paulo se achava no lugar exato em que Estêvão estivera, e os 71 juízes incluíam alguns sobreviventes dos dias do julgamento de Estêvão. O presidente era Ananias ben Nedebaeus, sumo-sacerdote desde 47 d.C., um dos homens mais cobiçosos que já haviam ocupado o cargo. Paulo não o conhecia de vista, e os danos feitos pela violência da multidão tornaram difícil que pudesse enxergar bem. Isso não havia, porém, reduzido a força da personalidade exercida por meio de seu olhar. Prendeu o conselho fitando-os com a mesma intensidade que havia subjugado o cipriota Elimas tempos antes; tomou, portanto, a iniciativa e abriu ele mesmo os procedimentos.

“Varões, irmãos, tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência até ao dia de hoje (v. 1). Eu...” O presidente vociferou, então, uma ordem.

Um dos assistentes da corte esbofeteou rudemente a Paulo atingindo-lhe a boca.

O velho Paulo manifestou-se diante desse comportamento totalmente ilegal. Esquecendo o que ensinava - “Quando amaldiçoados, abençoamos, quando ultrajados respondemos com palavras bondosas”, ele gritou para a figura indistinta do presidente: “Deus há de ferir-te, parede branqueada! Tu estás aí sentado para julgar-me segundo a lei e, contra a lei, mandas agredir-me?” (v. 3).

Os assistentes ficaram horrorizados. “Estás injuriando o sumo sacerdote de Deus?”

Paulo sentiu-se embaraçado e respondeu abrandando a voz: “Não sabia, irmãos, que ele é sumo sacerdote; porque está escrito: Não falarás mal de uma autoridade do teu povo”.[2]

Ao compreender o seu erro, Paulo procurou consertá-lo. Ele não esquecera,

porém, o perigo presente. Seu raciocínio lógico prevaleceu novamente sobre o medo e preparou depressa um plano inteligente de fuga.

Sabendo que o local estava repleto de fariseus e saduceus, ele procurou dividi-los. Lucas escreveu: “Varões, irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseus; no tocante à esperança e à ressurreição dos mortos sou julgado” (23:6).

Levantou-se grande confusão enquanto fariseus e saduceus se confrontavam. Os saduceus eram racionalistas e não criam em anjos nem em coisas sobrenaturais, muito menos na ressurreição. Os fariseus criam em tudo isso. A estratégia de Paulo funcionou otimamente.

Enquanto isso, Lísias, o comandante romano, estava passando por um mau momento do lado de fora. Ele ouviu outro tumulto na sala do tribunal. Nada estava dando certo para aquele homem. Sua única solução seria manter Paulo atrás das grades até que pudesse pôr em ação um plano mais seguro e funcional. Paulo acaba outra vez no chão de um úmido cárcere romano.

Ele não ficaria sozinho por muito tempo.

UMA PROMESSA DE PROTEÇÃO DIVINA

Sentado sozinho na fortaleza, depois de ferido por uma turba, Paulo pode ter pensado se tudo aquilo teria valido a pena. Ele inclinou a cabeça machucada em oração, quando, subitamente: “O Senhor, pondo-se ao lado dele, disse: Coragem! Pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim também importa que o faças em Roma” (23:11).

Sabe o que é isso? Leia novamente a declaração. É uma promessa. O Senhor garantiu a Paulo que continuaria em segurança. Além disso, Roma seria o seu destino. Que consolo deveria ter sido isso para o homem que levava novamente as marcas da tortura.

A sobrevivência parece quase impossível, até que o Senhor intervém. Nesse ponto, compreendemos que ele tem um plano maior do que poderíamos imaginar. Muitas vezes, em meio a uma grande dor, depois de maltratados, o Senhor aparece em sua Palavra oferecendo paz mediante o seu Espírito. Ele sussurra: “Tenho tudo sob controle. Você está exatamente onde deveria estar. Assim como me serviu fielmente *aqui*, vai ser minha testemunha *ali.* ” Não é espantoso? Na hora em que Paulo talvez pensasse que as cortinas se fechariam em Jerusalém, é-lhe prometida uma passagem para Roma.

Penso que Paulo dormiu como uma criança. A segurança divina é uma grande cura para a insônia.

UM ALIADO IMPROVÁVEL

Enquanto Paulo sonhava com Roma, uma conspiração criminosa estava sendo preparada contra ele. Seus inimigos judeus planejavam uma emboscada, jurando não comer nem beber até que o apóstolo fosse morto. Mas, novamente, o Senhor tinha um plano personalizado: Quando amanheceu, os judeus se reuniram e, sob anátema, juraram que não haviam de comer, nem beber, enquanto não matassem Paulo. Eram mais de quarenta os que entraram nesta conspirata. Estes, indo ter com os principais sacerdotes e os anciãos, disseram: Juramos, sob pena de anátema, não comer coisa alguma, enquanto não matarmos Paulo. Agora, pois, notificai ao comandante, juntamente com o Sinédrio, que vo-lo apresente como se estivésseis para investigar mais acuradamente a sua causa; e nós, antes que ele chegue, estaremos prontos para assassiná-lo. Mas o filho da irmã de Paulo, tendo ouvido a trama, foi, entrou na fortaleza e de tudo avisou a Paulo. Então, este, chamando um dos centuriões, disse: Leva este rapaz ao comandante, porque tem alguma coisa a comunicar-lhe.

Atos 23:12-17

Não só um assassino, mas quarenta deles! Quarenta terroristas decididos, agindo em segredo. Todos eles jurando: “Não comeremos ou beberemos até que o tenhamos matado.” O plano era matar à traição e seria posto em prática por aqueles que desejavam a sua morte. Não contaram, entretanto, com um aliado improvável para Paulo. Seu sobrinho tinha escutado tudo e avisou o tio da trama.

O sobrinho de Paulo, de maneira notável, desempenhou um papel importante na sua sobrevivência. Seu nome não é mencionado e nunca mais ouvimos falar dele. Como tomou, então, conhecimento da emboscada? Só Deus sabe.

O Senhor, que não dormita nem dorme e está sempre trabalhando a favor dos que são seus, tira um sobrinho do meio da conspiração para a emboscada. E possível que o jovem tivesse ouvido o plano enquanto se achava entre eles. Talvez tivesse sido avisado por um informante. Isso não importa. A boa notícia é que ele acreditou que fosse verdade e tomou uma atitude.

Enquanto isso, o comandante romano estava se sentindo aliviado, orgulhoso da maneira inteligente pela qual resolvera a situação. Suas reflexões foram interrompidas por uma batida relutante na porta. Com certeza não eram boas notícias... Um de seus centuriões informou que o jovem em sua companhia tinha uma informação importante sobre uma conspiração para matar Paulo. O comandante romano não tinha a intenção de permitir que um bando de fanáticos violentos estragassem seu esquema para levar Paulo a Roma em segurança.

Tomou, então, todas as providências.

Então, o comandante despediu o rapaz, recomendando-lhe que a ninguém dissesse ter-lhe trazido estas informações. Chamando dois centurioes, ordenou: Tende de prontidão, desde a hora terceira da noite, duzentos soldados, setenta de cavalaria e duzentos lanceiros para irem até Cesaréia; preparai também animais para fazer Paulo montar e ir com segurança ao governador Félix.

Atos 23:22-24

Faça as contas: 200 soldados 200 lanceiros 70 soldados de cavalaria 2 centurioes 472 guarda-costas Soldados uniformizados, armados e treinados. Quatrocentos e setenta e dois para quarenta conspiradores desorganizados. Que diferença! Uma supermatança. O homem não queria ser mesmo vencido. Ele certificou-se de que ninguém poderia chegar até Paulo. Lembra-se da promessa de Deus? “Você testemunhará em Roma.” Isso fazia parte do plano divino. É como se Deus tivesse dito: “Sei o que estou fazendo. Vou escoltá-lo até Cesaréia junto ao Mar com toda proteção. Você está em minha mão.” Uma escolta oficial completa — isso daria muito certo.

Que história consoladora. Apesar das dificuldades à sua frente, Paulo nunca saiu de debaixo da mão protetora de Deus. E você também não.

Está se sentindo sozinho, maltratado, incompreendido, esquecido? Lembre-se desse relato verdadeiro. Deus está trabalhando. Ele está ali, agindo por trás dos bastidores. Tem um plano. No momento em que você fica convencido de que tudo acabou, ele interfere e o leva para um lugar seguro. Para Paulo, ele usou um aliando improvável e virtualmente anônimo, um sobrinho sem nome que sai das sombras no momento exato. O tempo de Deus é sempre perfeitamente sincronizado com a sua vontade. Lembre-se disso.

De madrugada, Paulo estava a caminho para ver com segurança o governador, cercado pelos 472 guarda-costas. Próxima parada, Cesaréia, junto ao mar.

O Senhor estava encarregado da vida desse homem. Mas ninguém desconfiaria disso se olhasse em volta buscando alguma evidência visível. A partir da ocasião em que o Senhor o visitou numa visão até o último julgamento, você não vê Paulo ansioso nem desconfortável. Ele demonstra total evidência de encontrar-se perfeitamente à vontade. As promessas de Deus são verdadeiras. Paulo concentrou-se nas palavras ditas por Deus crendo firmemente que eram verdadeiras. Esse é o raciocínio lógico em sua melhor manifestação.

PENSAMENTO LÓGICO SOBRE A PROMESSA DE PROTEÇÃO DE DEUS

Você já sentiu o chão mover-se sob os seus pés? Sabe o que é balançar de um lado para outro em um pequeno barco num mar revolto? Já teve de correr para proteger-se, fugiu de tiros ou saiu do caminho de tropas que avançam? Algumas pessoas em todo o mundo poderiam responder “Sim!” a essas três perguntas. A maioria de nós só imagina tais cenas.

Mesmo assim, todos nós, mais cedo ou mais tarde, enfrentaremos a sensação de que a vida está fugindo do nosso controle. Isso pode descrever sua situação hoje. Se não parar agora, o medo pode paralisar você até o ponto de torná-lo indefeso. Se não tiver cuidado, passará seus dias esfregando as mãos, obcecado por circunstâncias difíceis. Isso fará com que se concentre no que poderia acontecer em vez de naquilo que Deus prometeu.

Paulo não fez isso. Ele compreendia a soberania de Deus. Essa compreensão clara permitia que pensasse direito e que permanecesse calmo nas crises. Esse tipo de calma procedente do pensamento lógico encontra-se nas promessas da Palavra de Deus. Veja, por exemplo, a promessa do Salmo 46: “Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações. Portanto, não temeremos ainda que a terra se transtorne e os montes se abalem no seio dos mares; ainda que as águas tumultuem e espumejem e na sua fúria os montes se estremeçam” (SI 46:1-3).

As coisas parecem estar um tanto fora de controle hoje em dia? Todos nos sentimos assim ao terminar o ano de 2001. Tudo começou no dia 11 de setembro. Vários dias mais tarde, saí para pegar a correspondência e Cynthia disse: “Não abra nada ainda. Tem alguma coisa que pareça suspeita?” O medo do antraz associado ao ataque terrorista aos Estados Unidos nos tornaram a todos paranóicos durante algum tempo.

Sabe de uma coisa? Cynthia e eu nos voltamos para o Salmo 46. Decidimos aceitar a Palavra de Deus e estamos agora dormindo como crianças. Nada que alguém nem coisa alguma possa lançar contra nós irá apagar essa promessa (ou qualquer promessa) de Deus. Nada. Nosso lar final não é o planeta Terra. Nosso futuro está assegurado. Enquanto isso, Deus está no controle. Em *pleno* controle.

Precisamos aprender com Paulo a pensar logicamente, mesmo que os fundamentos da Terra estremeçam debaixo de nossos pés. Isso exige um coração desejoso de confiar na sua Palavra, submeter-se ao seu plano e, depois, deliberada e conscienciosamente, relaxar.

A interpretação literal do Salmo 46 é mais ou menos esta: “Deus é nosso refúgio e força; abundantemente disponível nas dificuldades”.

Está em dificuldades? Não tema. Você está exatamente onde ele quer que esteja.

Se ele é capaz de convocar 472 guarda-costas terrenos para levar Paulo de

Jerusalém até Cesaréia, a salvo e seguro, não terá problema em levar você daqui para qualquer outro lugar, a salvo e em segurança. Afinal de contas, quantos anjos existem?

A propósito, quando você pensar logicamente sobre tudo isso, vai compreender que só precisa de um anjo.

Capítulo Dezoito

Confrontando a Crítica como Paulo

Um coração terno e uma pele grossa — essa é a fórmula. Não é um equilíbrio fácil de manter, especialmente se estiver no ministério em tempo integral e a sua cabeça estiver na mira da prática mental de tiro ao alvo de alguém. Para falar francamente, a pele grossa é mais difícil de cultivar do que o coração terno. Para aqueles de nós que dão mais atenção às questões espirituais, um coração terno é quase um dom. Formar uma pele grossa pode levar anos.

Cynthia e eu não temos placas nem memoriais adornando nossa casa, mas tenho uma declaração pregada na parede de meu escritório que leio quase todos os dias. William Henry Ward escreveu estas quatro linhas: Para toda realização há um preço.

Para todo alvo há um oponente.

Para toda vitória há um problema.

Para todo triunfo há um sacrifício.[1]

Ler essas palavras regularmente me ajuda a manter-me realista e a ficar mais firme. Nos meus hábitos de leitura procuro novas visões, técnicas e histórias que descrevam como outras pessoas mantêm esse equilíbrio delicado. Abraham Lincoln foi alguém que parece ter dominado a técnica de lidar com as críticas. Como fazia isso? Ele admite: “Se tivesse de ler e, ainda por cima, de responder todos os ataques que me fazem, este escritório poderia muito bem ficar fechado para qualquer outro negócio. Faço o melhor que sei, o melhor que posso; e pretendo continuar assim até o final. Se, ao final, ficar provado que estou certo, o que foi dito sobre mim não terá muito valor. Se ficar provado que estou errado, mesmo que dez mil anjos declarassem que eu estava certo, isso não faria a menor diferença.”[2]

Como Lincoln, tentei ao máximo fazer o que é certo. No geral, tenho sucesso... mas algumas vezes não.

Aproveitei muito também as idéias de Charles Haddon Spurgeon. Ele escreveu: “Arranje um amigo para apontar suas faltas ou, melhor ainda, receba um inimigo que irá observá-lo atentamente e espicaçá-lo selvagemente. Que bênção um crítico assim irritante será para um homem sábio. Que aborrecimento intolerável para um insensato”.[3] Isso para mim também nem sempre funcionou.

Para ser franco, as críticas são feitas, algumas vezes, por pessoas que não passam de implicantes, cujas palavras não são dignas de ser consideradas. Elas criticam geralmente sem conhecer todos os fatos. Uma vez que obtenham mais informações, quase sempre se acalmam. Porém, nem sempre. É para casos assim

que possuir pele grossa vale a pena.

Todo pastor, todo líder cristão, todo músico cristão, todo autor que conheço pode contar histórias das vezes em que foram verbalmente atacados. Descobri que, quanto mais eficaz o ministério, tanto maior o número de críticos. Sem uma pele grossa, você acaba arruinado emocionalmente.

Paulo, o homem que estamos estudando, compreendeu essa realidade. Em certa ocasião, ele declarou francamente: “Uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu; e há muitos adversários” (1 Co 16:9). Isso me encoraja. Ele experimentou os dois lados e oferece um axioma: *o ministério eficaz e a oposição andam de mãos dadas.* A oposição rápida de outros acompanha o trabalho significativo para Deus.

Voltamos àquela sentença: “Para cada objetivo há um oponente”.

Um amigo recentemente me fez lembrar: “Nosso Senhor foi pregado numa cruz; portanto, você pode contar com ser pregado na parede.” Esse é um bom conselho para nós no ministério.

QUATRO FALHAS ESPIRITUAIS DA CRÍTICA NEGATIVA

Apreciei durante muito tempo a visão e os textos inteligentes de meu amigo de longa data, David Roper. Dave e eu estudamos juntos no seminário, mais ou menos na época em que a crosta da Terra estava esfriando. Ele e eu fomos para a Península Bible Church em Paio Alto, na Califórnia, para servir com Ray Stedman. Fiquei ali só no verão de 1961; David continuou como parte da equipe e permaneceu lá vários anos até que foi servir a Cole Community Church em Idaho. Um dos ótimos livros que escreveu tem o título *A Burden Shared.* Dave apresenta nele quatro verdades sobre a crítica, que acertam exatamente no alvo. Eu as chamaria de Quatro Falhas Espirituais da crítica negativa.

Primeiro, a crítica é sempre feita quando menos necessitamos dela. Eu certamente descobri que isso é verdade, e você? Ela nunca aparece quando você está no alto, mas sim quando está em baixa. Depois de você ter cometido um erro e de sentir-se abatido, um irmão ou irmã da igreja aproxima-se sorrindo e lhe dá outro chute, tudo com “amor cristão”, é claro.

Segundo, a crítica vem quando menos a merecemos. Muitas vezes, depois de um erro honesto ou de um comentário espontâneo dito sem malícia, alguma alma querida (com o dom da crítica) nos atira palavras ferinas. O tiro nunca falha.

Terceiro, as *críticas são feitas pelas pessoas menos qualificadas para isso.*

Na verdade, quem está qualificado para fazer críticas construti-vas? As pessoas que o conhecem melhor - que mais o amam e não estranhos. Não os que não têm qualquer relacionamento com você.

Vou oferecer um conselho gratuito aqui: se você não conhece realmente a pessoa a quem pretende criticar ou se não tem pleno conhecimento dos fatos, ignore a oportunidade. Deixe pra lá. Amar alguém começa com conhecê-lo. Foi por isso que Salomão escreveu: “Leais são as feridas feitas pelo que ama” (Pv 27:6). Em hebraico, o versículo é ainda mais específico: “Fiéis são as feridas causadas por alguém que ama você”.

No caso das poucas pessoas que me amam realmente e que me compreendem, que trabalharam ao meu lado por tempo suficiente para me conhecer bem, suas palavras são invariavelmente dignas de ser ouvidas. Elas podem machucar, mas são confiáveis. Pessoas assim não criticam sem razão. Aqueles que costumam me criticar, porém, sequer conhecem meu sobrenome do meio.

Quarto, as críticas geralmente são feitas de um modo que não ajuda em nada. Algumas vezes, as palavras críticas estão cheias de ira, de ciúmes e de raiva invejosa. A crítica é raramente oferecida com amor e graça. Quase sempre, as palavras são ditas de maneira anônima, como cartas-bomba sem assinatura, que parecem inocentes, mas, quando detonadas, causam danos incríveis.

Completamos o circuito: se você planeja sobreviver e permanecer eficiente no ministério a longo prazo, cultive uma pele grossa. Como mencionei acima, temos um modelo magnífico na pessoa de Paulo. Ele enfrentou toda sorte de críticos rosnadores com graça incomum e firmeza característica.

UMA LONGA LINHAGEM DE CRÍTICOS IMPLACÁVEIS

Os críticos de Paulo seguiram obstinadamente cada passo dele desde Antioquia até a costa da Macedônia e de volta a Jerusalém. Ele quase não conheceu um só momento de paz naqueles tempos. Mesmo quando iam se aproximando os últimos dias de seu ministério, época em que, para a maioria de pastores, as coisas começam a estabelecer-se, os problemas de Paulo com os críticos se intensificaram. Eles eram realmente implacáveis.

Seria de acreditar que, a essa altura, no mínimo algumas multidões aplaudiriam e anunciariam as enormes realizações desse missionário estadista. Nada disso. Descobrimos que Paulo teve de engrossar sua pele. De maneira notável, seu coração tornou-se mais suave com a idade. Nenhuma amargura.

Nenhuma irritação na sua atitude para com o ministério, geralmente encontrada nas fileiras dos líderes cristãos hoje. Eis um homem que manteve um coração terno e, ao mesmo tempo, uma pele grossa. Mostra-se mais compassivo e compreensivo. Todavia, está cheio de firmeza, decidido a permanecer em seu posto até o fim.

Paulo terminara sua terceira viagem missionária. Ele havia ido até onde grupos de turistas jamais desejariam ir. Fez o que nenhum novato se atreveria a realizar. Espancado. Maltratado. Difamado. Mal interpretado. O apóstolo Paulo, durante o processo de escrever cartas às igrejas, havia estabelecido e monitorado os homens mais jovens que seguiriam seus passos. Ele volta a Jerusalém esfarrapado e cansado do campo de batalha. Mas não encontrou nenhuma banda tocando para saudá-lo. Nenhum aplauso. Nenhuma igreja abriu as portas para dizer: "Bem-vindo, herói. Você foi nosso modelo enquanto esteve fora." Em vez disso, ele é forçado a discutir de novo com um grupo de críticos severos que o seguiram como perdigueiros desde a Ásia. Esses críticos judeus nem sequer moravam em Jerusalém. Eles se desviaram do seu caminho só com o objetivo de tornar a vida de Paulo miserável.

Depois de ter escapado por pouco de uma emboscada, Paulo colocou-se a caminho de Roma, graças a César. A viagem a Cesaréia-junto-ao-mar seria a primeira etapa da viagem, cumprindo o plano urgente do Senhor para ele a fim de "testemunhar também em Roma" (At 23:11). Quem se achava em Roma? O rei do mundo. Sim, ele mesmo. O imperador romano, Nero, sentado orgulhosamente em seu trono em Roma. Mas, antes de chegar até Nero, Paulo encontraria um trio de políticos mais amáveis — Félix, Festo e Agripa —, uma mistura heterogênea de governadores pomposos na aparência, mas fracos de caráter e preconceituosos em seu tratamento aos judeus.

Félix é uma figura praticamente obscura na história. Se não fosse pelo seu encontro com o embaixador da graça de Deus ao mundo, ele teria escorregado para a eternidade como um quase desconhecido.

O que você, talvez, não saiba é que ele é o sucessor de Pôncio Pilatos. Pilatos serviu como procurador romano (como nossos governadores estaduais) da Judeia durante o julgamento de Jesus. Félix sucedeu Pilatos. Não houve, em conseqüência, qualquer melhoria no governo. A defesa de Paulo diante dele iria desencadear uma série de julgamentos "faz de conta", cheia de acusações sem fundamento e de críticas injustas. Paulo lidou com cada ato de brutalidade e com as falsas acusações com notável facilidade. Ele não estremeceu uma só vez diante dos acusadores dedos estendidos nem das palavras ferinas.

UMA ESTRATÉGIA ÚTIL PARA LIDAR COM A CRÍTICA IMPLACÁVEL

Quando observo Paulo nessas situações, descubro nada menos do que sete maneiras que ele usou para lidar com a crítica. Elas não sao complicadas; serão, de fato, úteis para você quando descobrir sua cabeça crivada de dardos ofensivos lançados por alguém no futuro. Essas coisas são uma prova positiva de que Paulo, embora sensível intimamente, havia desenvolvido aquela pele grossa a que me referi antes.

Vamos começar em Atos 24, que fala de Paulo aguardando, em Cesaréia, sua viagem a Roma. Mediante uma série interessante de eventos, ele se encontrava diante de Félix, governador da Judéia.

Cinco dias depois, desceu o sumo sacerdote, Ananias, com alguns anciãos e com certo orador, chamado Tértulo, os quais apresentaram ao governador libelo contra Paulo. Sendo este chamado, passou Tértulo a acusá-lo, dizendo: Excelentíssimo Félix, tendo nós, por teu intermédio, gozado de paz perene, e, também por teu providente cuidado, se terem feito notáveis reformas em benefício deste povo, sempre e por toda parte, isto reconhecemos com toda a gratidão. Entretanto, para não te deter por longo tempo, rogo-te que, de conformidade com a tua clemência, nos atendas por um pouco.

Atos 24:1-4

No Texas, esse tipo de bajulação é chamada de “fumaça ao vento”! Tértulo, o pomposo fanfarrão contratado pelos conspiradores, vai gingando até a plataforma em sua toga grande demais e lança seu discurso, como fumaça ao vento, sobre todo o tribunal. Ele me faz lembrar de um sujeito que chamaríamos de “Edie Esperto”, aquela espécie de advogado de porta de cadeia que atua nos bastidores fazendo o trabalho sujo para os corruptos. Que cena para Paulo assistir!

Félix agradou-se da bajulação brilhante dos primeiros comentários de Tértulo, enquanto ainda pairava acima da sua cabeça a fumaça ao vento daquela adulação toda, a qual acabou se desvanecendo e desaparecendo com a brisa e o bramido do Mediterrâneo. Pollock sugere que Félix e Tértulo formavam a dupla perfeita. Ele escreveu: “Tértulo sabia perfeitamente bem que desde a nomeação de Félix, em 52 d.C., a Judéia havia sofrido com a carnificina resultante das insurreições provocadas por ele e com o aumento de assassinatos políticos depois que ele fizera arranjos para que o ex-sumo sacerdote Jônatas fosse assassinado no próprio templo. A cobiça de Félix era notória. Ele nascera escravo, subira ao poder sobre os ombros de seu irmão, o liberto Palias, um

favorito de Cláudio, e seu caráter é perfeitamente resumido por Tácito: ‘Ele exercia o poder de um rei com a mente de um escravo’”.[4]

O homem era um trapaceiro! Absolutamente corrupto. Pollock continua: “Tértulo inchou as bochechas e levantou as vestes à maneira imemorial dos advogados com causas fracas”.[5]

Ele vai bamboleando até os juízes, incha as bochechas e lança uma cortina de fumaça verbal. A coisa toda é fingida. Paulo logo percebeu. Seguro e calmo, ele aguarda pacientemente a sua vez. Deu tempo suficiente para que Tértulo tecesse uma porção de acusações falsas e exageradas, nas quais, em breve, o acusador acabaria emaranhado mediante a exposição dos fatos reais. É possível perceber o exagero das acusações forjadas.

Porque, tendo nós verificado que este homem é uma peste e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo, sendo também o principal agitador da seita dos nazarenos, o qual também tentou profanar o templo, nós o prendemos com o intuito de julgá-lo segundo a nossa lei. Mas, sobrevindo o comandante Lísias, o arrebatou das nossas mãos com grande violência, ordenando que os seus acusadores viessem à tua presença. Tu mesmo, examinando-o, poderás tomar conhecimento de todas as coisas de que nós o acusamos.

Atos 24:5-8

Você deve estar lembrado de que Lísias, o comandante romano, nunca usou de violência. Ele protegeu adequadamente Paulo contra a conspiração criminosa planejada pelos líderes judeus. Depois que a fumaça do discurso de Tértulo se dissipou, Paulo levantou-se calmamente para fazer a sua defesa. As suas palavras são breves, precisas e bem compassadas. Nesse cenário do tribunal é que descubro os sete princípios para responder às críticas que mencionei antes. Você pode descobrir, como eu, que eles são úteis quando os dardos voam em nossa direção.

1. *Ele se recusou a deixar-se atingir pela emoção das acusações.* O oposto é um erro típico que a maioria de nós comete. Mas não Paulo. Como vai notar, sua abertura é irresistivelmente amável: “Sinto-me à vontade para me defender”.

A vontade? O homem, a essa altura, deveria estar fervendo de indignação. Embora fosse chamado de “peste” e de “principal agitador de uma seita”, Paulo reconhece graciosamente a oportunidade de dar uma resposta factual. Fica imediatamente óbvio por que conseguiu responder com tal facilidade e inteligência: recusou deixar que as suas emoções o controlassem. Isso é fatal em qualquer controvérsia, especialmente num tribunal.

Quando nos rebaixamos às emoções excessivas dos acusadores, a nossa ira é ativada, e o pensamento lógico é dominado por reações irracionais e palavras

impulsivas. Paulo não agiu assim.

2. *Ele começou com os fatos.* Disse em essência: “Podem verificar minha ficha. Há doze dias subi para adorar. Perguntem aos que estavam lá.” De um modo deliberado, lógico, Paulo recapitula os eventos referidos pelos acusadores. Ele afirma: “Visto poderes verificar que não há mais de doze dias desde que subi a Jerusalém para adorar; e que não me acharam no templo discutindo com alguém, nem tampouco amotinando o povo, fosse nas sinagogas ou na cidade; nem te podem provar as acusações que, agora, fazem contra mim” (At 24:11-13).

O apóstolo não hesitou. Foi simplesmente apresentando os fatos — um, dois, três. A estratégia não só o manteve na meta, como acentuou a sua credibilidade aos olhos do governador Félix.

3. *Ele falou a verdade com a consciência limpa.* Isso merece cuidadosa observação. Com enorme confiança, Paulo declarou: “Porém confesso-te que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas, tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos. Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens” (At 24:14-16). Brilhante! Paulo abasteceu sua defesa com palavras cuidadosamente escolhidas que levaram seus ouvintes a se identificarem com a sua posição, não a se sentirem afastados dela. A confiança começou a crescer. A credibilidade tem origem na integridade.

Vou abrir um espaço, aqui, a favor daqueles que estão sendo acusados e precisando de uma sólida defesa para convencer um crítico. Três palavras me vêm à mente: *evite a falsidade.* Se já faltou com a verdade, volte agora e corrija o erro. Admite a sua falha. Passar por percebeu. Seguro e calmo, ele aguarda pacientemente a sua vez. Deu tempo suficiente para que Tértulo tecesse uma porção de acusações falsas e exageradas, nas quais, em breve, o acusador acabaria emaranhado mediante a exposição dos fatos reais. E possível perceber o exagero das acusações forjadas.

Porque, tendo nós verificado que este homem é uma peste e promove sedições entre os judeus esparsos por todo o mundo, sendo também o principal agitador da seita dos nazarenos, o qual também tentou profanar o templo, nós o prendemos com o intuito de julgá-lo segundo a nossa lei. Mas, sobrevindo o comandante Lísias, o arrebatou das nossas mãos com grande violência, ordenando que os seus acusadores viessem à tua presença. Tu mesmo, examinando-o, poderás tomar conhecimento de todas as coisas de que nós o acusamos.

Atos 24:5-8

Você deve estar lembrado de que Lísias, o comandante romano, nunca usou de violência. Ele protegeu adequadamente Paulo contra a conspiração criminosa planejada pelos líderes judeus. Depois que a fumaça do discurso de Tértulo se dissipou, Paulo levantou-se calmamente para fazer a sua defesa. As suas palavras são breves, precisas e bem compassadas. Nesse cenário do tribunal é que descubro os sete princípios para responder às críticas que mencionei antes. Você pode descobrir, como eu, que eles são úteis quando os dardos voam em nossa direção.

1. *Ele se recusou a deixar-se atingir pela emoção das acusações.* O oposto é um erro típico que a maioria de nós comete. Mas não Paulo. Como vai notar, sua abertura é irresistivelmente amável: “Sinto-me à vontade para me defender”.

À vontade? O homem, a essa altura, deveria estar fervendo de indignação. Embora fosse chamado de “peste” e de “principal agitador de uma seita”, Paulo reconhece graciosamente a oportunidade de dar uma resposta factual. Fica imediatamente óbvio por que conseguiu responder com tal facilidade e inteligência: recusou deixar que as suas emoções o controlassem. Isso é fatal em qualquer controvérsia, especialmente num tribunal.

Quando nos rebaixamos às emoções excessivas dos acusadores, a nossa ira é ativada, e o pensamento lógico é dominado por reações irracionais e palavras impulsivas. Paulo não agiu assim.

2. *Ele começou com os fatos.* Disse em essência: “Podem verificar minha ficha. Há doze dias subi para adorar. Perguntem aos que estavam lá.” De um modo deliberado, lógico, Paulo recapitula os eventos referidos pelos acusadores. Ele afirma: “Visto poderes verificar que não há mais de doze dias desde que subi a Jerusalém para adorar; e que não me acharam no templo discutindo com alguém, nem tampouco amotinando o povo, fosse nas sinagogas ou na cidade; nem te podem provar as acusações que, agora, fazem contra mim” (At 24:11-13).

O apóstolo não hesitou. Foi simplesmente apresentando os fatos - um, dois, três. A estratégia não só o manteve na meta, como acentuou a sua credibilidade aos olhos do governador Félix.

3. *Ele falou a verdade com a consciência limpa.* Isso merece cuidadosa observação. Com enorme confiança, Paulo declarou: “Porém confesso-te que, segundo o Caminho, a que chamam seita, assim eu sirvo ao Deus de nossos pais, acreditando em todas as coisas que estejam de acordo com a lei e nos escritos dos profetas, tendo esperança em Deus, como também estes a têm, de que haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos. Por isso, também me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens” (At 24:14-16). Brilhante! Paulo abasteceu sua defesa com palavras cuidadosamente escolhidas que levaram seus ouvintes a se identificarem com a sua posição, não a se

sentirem afastados dela. A confiança começou a crescer. A credibilidade tem origem na integridade.

Vou abrir um espaço, aqui, a favor daqueles que estão sendo acusados e precisando de uma sólida defesa para convencer um crítico. Três palavras me vêm à mente: *evite a falsidade.* Se já faltou com a verdade, volte agora e corrija o erro. Admite a sua falha. Passar por cima de uma mentira ou ignorar um delito enfraquece o seu caso. Você terá a coragem necessária para fazer isso se lembrar que *a verdade nos liberta.* Fique sempre com a verdade.

Cynthia e eu usamos esse princípio para criar nossos quatro filhos. Empregamos a mesma abordagem nas igrejas que servimos, assim como em todas as nossas interações no casamento. Procurei a verdade e só falei a verdade cada vez que tive de aconselhar alguém ou mediar conflitos interpessoais. Dizer a verdade significa falar as coisas como realmente são. Não tomamos nenhum caminho de fuga. Você não permite qualquer falsificação dos fatos da parte de seu oponente. Se conhece a verdade, diga-a! Sim, *todas as vezes.* Foi exatamente isso que Paulo fez ao responder aos acusadores. Ele disse a verdade com a consciência limpa. Isso libertou sua mente para estabelecer sua defesa da maneira mais persuasiva possível. Seus acusadores começaram, então, a contorcer-se nos bancos, incomodados.

4. *Ele identificou a fonte original da crítica.* "Depois de anos, vim trazer esmolas à minha nação e também fazer oferendas, e foi nesta prática que alguns judeus da Ásia me encontraram já purificado no templo, sem ajuntamento e sem tumulto, os quais deviam comparecer diante de ti e acusar, se tivessem alguma coisa contra mim"

(At 24:17-19).

É isso que chamo de pôr o dedo na ferida. E tinha toda razão. Com efeito: "Onde estão meus acusadores?" Os únicos presentes eram pessoas com informação de segunda mão: Tértulo, o sumo-sacerdote e um grupo de espectadores que atuava como testemunhas falsas. Paulo demonstrou que a ausência dos críticos originais deixava o caso contra ele baseado em boatos.

Poucas situações criam mais problemas do que lutar nas sombras com críticos ausentes. Espalhar o veneno da ira contra alguém para pessoas completamente desconhecedoras do assunto é uma estratégia insidiosa, covarde. Paulo trata de frente essa tática vil quando afirma: "Sei que meus acusadores são os judeus da Ásia". Introduzir indivíduos numa situação para oferecer opiniões casuais, não confiáveis, só complica as coisas. A credibilidade é corroída, e a verdade desaparece como a neblina da manhã. Paulo foi direto ao ponto, em busca da fonte original.

Não sei onde você se encontra nessa história. E claro que se trata de um

cenário do primeiro século, muito afastado da sua presente situação. Mas, se você está no processo de lançar pedras de crítica, atire-as apenas sobre aqueles com quem tem alguma divergência. Depois, quando for responsabilizado, tenha a integridade de dizer: “Atirei essa pedra.” Se não puder fazer isso, pegue suas pedras, guarde-as no bolso e vá para casa. Todos se sentirão melhor.

Fui raras vezes ferido pela fonte original. Meus ferimentos mais profundos foram infligidos por uma segunda ou terceira fonte. Paulo sabia que era inútil utilizar medidas defensivas contra alvos ambíguos. Ele apegou-se à fonte original, enquanto descarregava seu arsenal de fatos.

5. *Ele não se rendeu nem desistiu.* Gosto disso na personalidade de Paulo. Por si só, isso já me convence de que ele é um homem de coragem. Era como um pit-bull agarrado à perna de um ladrão. O homem não largou a presa! Considero tal tenacidade revigorante, especialmente em face de meus próprios críticos implacáveis. Ele olhou bem firme para eles e vociferou: “Estes mesmos digam que iniquidade acharam em mim, por ocasião do meu comparecimento perante o Sinédrio” (At 24:20).

Queria que nomeassem claramente os seus delitos aos ouvidos de todos. O silêncio deles nesse ponto foi eloqüente. Ele sabia que as acusações sem fundamento cairiam por terra. Nunca se sentiu tentado a abandonar a cena em desespero. Não ameaçou desistir em meio à injustiça de tudo aquilo. Manteve-se calmo e corajoso. Mesmo depois de várias surras, outra série de acusações falsas não o perturbou, continuando firme na verdade.

Paulo conseguiu levantar-se e prosseguir, contando com Deus para carregá-lo até onde não podia ir por conta própria. Você talvez diga: “Estou andando o melhor que posso e a estrada está ficando íngreme.” Pelo exemplo de Paulo, meu conselho é que fique firme, não desista. O Senhor irá honrar a sua resolução.

Enquanto Paulo se mantinha firme, gotas de suor surgiram na testa de Félix. Os seus joelhos se dobraram quando ficou em pé. Ele não pôde continuar e deu ordens para que a sessão do tribunal fosse suspensa. Compreendeu que prosseguir significaria emaranhar-se ainda mais na teia de afirmações infundadas, graças aos fatos estabelecidos por Paulo. Os governadores não gostam de perder terreno. E desde que Félix sabia mais do que queria demonstrar, evitou encarar a verdade e ordenou um recesso.

Algum tempo depois, a sua esposa judia e ele, juntos, ouviram mais sobre as convicções de Paulo com relação a Jesus Cristo. A verdade novamente foi penetrante, e Félix empalideceu outra vez. Amedrontado pelas palavras convincentes de Paulo sobre “justiça, domínio próprio e juízo vindouro”, ele encerrou os procedimentos. Lucas registra a resposta em termos claros: “Por agora, podes retirar-te, e, quando eu tiver vagar, chamar-te-ei” (At 24:25). Félix

conversou muitas vezes com Paulo depois dessa sessão, mas não sabemos nada do que conversaram. Depois de dois anos, os ouvidos de Félix ficaram surdos à verdade. Ele seguiu em direção às trevas deixando Paulo sozinho e com frio numa cela de prisão.

O sucessor de Félix foi o infame Festo. Félix mostrou enorme semelhança com uma doninha humana. Seu sucessor, Festo, compartilhava similar distinção. Já tratamos do perigo de seguir líderes que querem agradar a homens. Embora Lucas não descreva a reação de Paulo, seu silêncio sobre o assunto me leva a crer que lidou com ele com a mesma atitude notável.

Isso me leva à próxima observação quanto à maneira de Paulo enfrentar críticas. Pode ser a mais surpreendente de todas. Volte atrás algumas linhas, o suficiente para reler as palavras “dois anos”.

6. *Ele não se tornou impaciente nem amargo.* Durante dois anos, tocou os tambores da verdade diante de Félix e nada aconteceu para beneficiá-lo. Nada. Ele esperava uma oportunidade. Um ano se passou. Nada mudou. Nenhuma reação. Outro inverno frio. Outra primavera. Ainda nenhum movimento. Chegou finalmente à marca dos dois anos, e Félix deixou o cargo ignorando Paulo, que continuava preso. Lucas não registrou nada que nos possa levar a crer que Paulo tivesse sofrido depressão, amargura ou arrependimento. Lucas não faz qualquer registro, porque não havia nada a ser registrado.

Festo toma, então, posse do cargo, e sua primeira missão de negócios foi uma viagem a Jerusalém para encontrar o mesmo triste bando de líderes judeus que acusaram e ameaçaram Paulo. O plano deles era atrair Paulo de volta a Jerusalém para uma audiência e fazer uma emboscada contra ele durante o trajeto. Embora decididos, eles custavam a aprender as lições. Festo concordou com uma audiência em Cesaréia prometendo reabrir o caso contra Paulo. Convocou uma reunião do tribunal em menos de duas semanas, à qual o apóstolo estaria presente (25:6).

A cena era demasiado familiar para o experiente missionário. Cercado por um grupo de líderes judeus preconceituosos, ainda que de aparência piedosa, lançando acusações sem fundamento contra ele, Paulo reage de novo com toda calma. Desta vez, condensa todo o discurso em cerca de quinze palavras: “Nenhum pecado cometi contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César” (At 25:8).

Suas palavras não contêm qualquer traço de ansiedade. Nenhuma impaciência nem amargura. Na verdade, o que ele *não* diz é que é tão notável. Poderia tê-los lembrado de que era um apóstolo chamado por Deus. Poderia ter defendido sua erudição acadêmica. Poderia ter-se queixado de sua prisão injusta ou enfatizado sua reputação irrepreensível entre o Sinédrio. Mas não fez isso.

Ficou diante do novo governador e declarou: “O que está sendo dito sobre mim é errado. Não ofendi os judeus, o templo nem César.”

Como os seus predecessores, Festo capitulou diante da pressão dos judeus e ofereceu a Paulo a oportunidade de defender-se *em Jerusalém.* Era uma saída fácil para Festo, mas um mau negócio para Paulo, com toda certeza.

Paulo sabia que uma viagem para Jerusalém significava problema. Seus acusadores lamberam os beiços com planos de emboscada. A réplica de Paulo deixou Festo sem ação. “Estou perante o tribunal de César, onde convém seja eu julgado; nenhum agravo pratiquei contra os judeus, como tu muito bem sabes. Caso, pois, tenha eu praticado algum mal ou crime digno de morte, estou pronto para morrer; se, pelo contrário, não são verdadeiras as coisas de que me acusam, ninguém, para lhes ser agradável, pode entregar-me a eles. Apelo para César” (At 25:10,11).

Paulo lembrou-se da promessa do Senhor anos antes (23:11). Ele sabia que o propósito de Deus incluía uma visita a Roma. Por ter certeza de que seu Pai celestial cumpriria a sua palavra, Paulo descansou na fidelidade de Deus. Isso me leva ao último dos sete princípios.

7. *Ele se firmou na promessa de Deus.* Por baixo de toda a matéria visível, foi assim que venceu. Apegou-se à esperança do que o Senhor havia dito. Isso o ajudou a atravessar a série de noites escuras. Não levou muito tempo para Festo conferenciar com seus conselheiros e voltar com uma ordem: “Para César irás”. Paulo já sabia disso o tempo todo.

Nenhum governador insignificante poderia confrontar o Todo-Poderoso. Embora as rodas de Deus girem, às vezes, lentamente, seu plano prevalece. Paulo, em breve, estaria a caminho da capital do mundo. Mas, antes que isso se tornasse realidade, havia mais uma defesa a ser feita diante de Herodes Agripa. Vamos examiná-la em profundidade no Capítulo 19.

LEVANDO A VERDADE PARA CASA

É possível que você venha a enfrentar uma situação, em parte, semelhante à de Paulo. Ela não terá a intensidade oficial de um tribunal romano nem incluirá uma conspiração para tirar-lhe a vida, mas será preciso defrontar-se com seus críticos. Algum dia se encontrará com aqueles que não querem o seu bem, só a sua queda. Você já pode estar sentindo calor. Qualquer que seja o caso, esses sete princípios para lidar com a crítica negativa servirão para ajudá-lo a atravessar os dias difíceis. Quem sabe? Eles podem mostrar-se suficientemente úteis para assegurar sua passagem em segurança para o outro lado.

Vamos revê-los rapidamente, mas desta vez vou torná-los bem mais pessoais.

Ao enfrentar as críticas...

• recuse deixar-se enredar pela emoção das acusações; • atenha-se aos fatos; • diga a verdade com a consciência limpa; • identifique a fonte original das acusações; • não se renda nem desista; • não fique impaciente e amargo; • mantenha-se firme nas promessas de Deus.

Essa é uma lista que vale a pena copiar, não concorda? Você pode aplicar cada um desses princípios ao enfrentar os seus críticos severos. De fato, insisto em que faça isso. Eu também farei.

UM EXEMPLO PESSOAL

Muito antes de morrer, minha mãe e uma amiga compilaram um livro das promessas de Deus extraídas das Escrituras. Cada uma fez o seu. A minha mãe usava aquele livrinho como uma base para as suas orações. Depois da sua morte, meus irmãos e eu consideramos essa terna compilação como parte da sua herança para nós. O livro estava repleto de promessas bíblicas escritas a mão.

Ela deve ter escrito centenas de promessas extraídas diretamente da Bíblia. Promessa após promessa. O meu nome estava associado a algumas delas. “Para o Charles, reivindico esta promessa”, ela escreveu em uma das páginas. Para Orville e Luci reivindicou várias outras e registrou-as em seu livro. Incluiu meu pai e ela mesma. A minha mãe apegava-se às promessas da Palavra de Deus, acontecesse o que acontecesse. Elas a mantinham acima dos conflitos.

Meu amigo, volte à Bíblia. Procure as promessas que Deus lhe oferece em sua Palavra. Sugiro que comece com os Salmos. Procure as promessas nele contidas. São uma imensidão. Familiarize-se com elas. Viva de acordo com elas. Ande com elas. Em alguns casos especiais, memorize-as. Deixe que sejam seu guia e consolo. Como Paulo, você poderá suportar as piores tempestades de críticas quando ficar firmemente apoiado nas promessas de Deus. Essa é a mensagem deste capítulo. Espero que se torne a mensagem da sua vida.

Não sei onde você está nem o que enfrenta hoje. É bem possível que esteja vivendo sob a pressão da crítica negativa. Sei que isso é verdade se estiver no ministério. Alguém pode estar decidido a “provar” coisas a seu respeito que você sabe serem absolutamente falsas. O meu conselho é que aprenda com Paulo. Permaneça calmo. Entregue o seu caso ao Senhor. Leve as suas lutas a ele em oração. Com a consciência limpa e comprometido com a verdade, coloque o seu caso diante dele. Comece nesse ponto. E o Juiz de toda verdade irá guiá-lo ao

próximo passo. Não desista. Nao pare. Não diga a si mesmo que é realmente a pessoa que outros dizem que é. Se o que está sendo dito contra você não for verdade, não acredite. Conte com o Senhor para dar-lhe força e coragem a fim de se firmar na verdade. A sua graça o levou em segurança até este ponto e será a sua graça que o levará para casa.

Confie em mim a esse respeito; melhor ainda, *confie no Senhor.*

Senhor Deus, como sou grato pelo teu Livro, a tua Palavra que vive e permanece para sempre. Obrigado pela maneira como a verdade vive quando a vemos impressa nas páginas da Bíblia. Obrigado pelo poder da tua Palavra que transforma vidas e conserta corações partidos, fortalecendo os corações temerosos. Que ao longo do tempo, comecemos a sentir-nos cada vez mais familiarizados com a tua Palavra, para que a vida de outrem se torne nossa e a verdade que outrem oferece se torne um princípio pelo qual vivamos. Obrigado por resgatar-nos sempre pela tua graça. Oro pelos que estão amedrontados, para que venham a conhecer a tua graça e alívio da ansiedade quando se voltarem para as promessas da Bíblia, encontrando nelas esperança para continuar.

Em o nome todo-poderoso de Jesus Cristo, amém.

Capítulo Dezenove

Ficando Firme como Paulo

E muito bom ter uma pessoa de verdade como herói. Os mitos distantes não funcionam, por mais dinâmicos que tenham sido em alguma lenda. Precisamos de modelos de carne e osso para servir-nos de exemplo. Paulo é um dos meus heróis que existiu de verdade, embora haja certamente outros que se ajustem ao molde.

O dicionário define um "herói" como uma pessoa admirada pelas suas realizações e nobres qualidades; alguém que mostra grande coragem. Minha definição não é assim tão sofisticada. Para mim, um herói é alguém que fica firme quando outros recuam. Um herói é alguém que rema contra a corrente, enquanto a maioria acompanha o andar das águas. É alguém que defende o que é certo, enquanto outros olham para o lado, sentados silenciosamente nas laterais.

A história relata a vida desses raros indivíduos. Alguns dos melhores exemplos são encontrados na Bíblia.

PERMANECENDO FIRME CONTRA OS GIGANTES

Retroceda, por exemplo, até o tempo em que, no vale de Elá, o jovem Davi, ainda adolescente, enfrentou o gigante Golias que, marchando de um lado para outro, provocava os exércitos de Israel. O rei Saul e todo o seu exército ficaram paralisados por causa da estatura de Golias. A sua voz estrondosa fazia aumentar ainda mais o medo deles.

Davi não se deixou intimidar. Observando a cena, não podia acreditar no terror de toda aquela gente. Ele perguntou: "Quem é este incircunciso filisteu para desafiar os exércitos do Deus vivo?" Seus irmãos zombaram dele por agir como um valentão, enquanto ainda tinha o cheiro das ovelhas do pai. A zombaria e o sarcasmo deles não perturbou o rapazinho. Ele compreendeu que Golias representava mais do que uma ameaça física para alguns soldados nervosos. O gigante de Gate tinha a audácia de enfrentar o Deus de Israel e de desafiar o seu poder. Como ousava isso? Davi encarou esse desafio como uma causa pela qual valia arriscar a vida.

De maneira notável, uma pedra lisa atirada com habilidade pela funda do pastor encontrou o seu alvo fazendo o mamute humano estatelar-se no chão e silenciando a ameaça filistina. Davi se esqueceu das desigualdades quando atirou para matar.

Esse é o meu tipo de herói.

Lembro-me também de Ester. Ela enfrentou a ameaça do extermínio da sua nação inteira. Mordecai lhe disse. “Você chegou à realeza para uma oportunidade como esta.” Ela creu nele. Suas palavras instigadoras a impeliram à ação enquanto exclamava: “Algo precisa ser feito, e eu é que vou fazer!” Corajosamente, apresentou sua causa perante o rei. Como resultado, o malvado Hamã foi exposto, a sua conspiração falhou e o povo judeu foi salvo de um holocausto na antigüidade. Ester encarou firme a adversidade.

Daniel desafiou o édito do rei para curvar-se e adorá-lo como deus. Sua recusa resultou em ter de passar a noite numa cova de leões. Em honra à sua coragem, a proteção divina interferiu. Por causa de sua fé inabalável no Senhor Deus, foi mais como se os leões passassem a noite na cova de Daniel. O profeta ficou firme, enquanto outros recuaram.

Em meu estudo das Escrituras, notei um padrão relativo aos heróis - os homens e mulheres que permanecem firmes e recusam-se a recuar.

Primeiro, há alguma coisa errada na cena cultural. Existe algum tipo de ameaça externa que deve ser desafiado.

Segundo, há um princípio em jogo. Quanto mais de perto você examina a situação, tanto mais claro o princípio. Um valor ou crença fundamental está em jogo.

Terceiro, há um elemento de risco envolvido ao tomar medidas heróicas. Além do perigo físico, o risco de ser mal compreendido, mal interpretado, caluniado ou maltratado é real. Não fazer nada, porém, piora as coisas. Fazer algo heróico e arriscado geralmente significa agir sozinho.

William Wilberforce ficou sozinho contra os males da escravidão. Ele desafiou cada membro do Parlamento britânico para permanecer em suas convicções. Para ele, a liberdade dos escravos era um princípio pelo qual valia a pena arriscar tudo.

Patrick Henry pronunciou estas palavras imortais: “Dêem-me a liberdade ou a morte”. Essa decisão firme ajudou a mudar a maré da batalha da América pela independência.

Martin Luther King, Jr. dominou a cena dos direitos civis norte-americanos numa época em que muitos cruzaram os braços indiferentes e olharam para o outro lado. Era mais fácil para a maioria ignorar a questão da igualdade racial como se fosse uma causa alheia. Martin Luther King, Jr. tornou-se um herói norte-americano por manter-se firme contra o preconceito arraigado.

Quase no final do ano 2001, centenas de bombeiros, paramédicos e oficiais da polícia de Nova York e Washington, D.C., entraram para as fileiras dos heróis genuínos. Enquanto outros fugiam compreensi-velmente do desastre, eles

correram em direção a ele. Deliberada e abnegadamente, enfrentaram o perigo para salvar a vida de pessoas presas nos destroços do World Trade Center. Outros realizaram atos de heroísmo no Pentágono. Sem se importar com a sua própria segurança, muitos perderam a vida nesses esforços de resgate. Todos ficaram firmes contra a adversidade e pagaram um preço por isso. Uma nação agradecida lamentou essas mortes.

Mais duas observações sobre heróis me vêm à mente: *Primeiro, os heróis não parecem heróis no momento da ação.* Os elogios pelos feitos heróicos são geralmente posteriores. Na ocasião, todas essas pessoas sobre as quais escrevi estavam junto a pessoas que duvidaram da sabedoria dos seus atos. Por que arriscar tanto por tão poucos? Alguns que ficaram firmes não foram apreciados, no momento, pela sua atitude e pelo que fizeram. Só o tempo revelou a verdadeira importância dos seus feitos.

Segundo, o heroísmo não é genético. Gostaríamos de pensar que nossos filhos recebem nossos genes heróicos. Mas a coisa não é bem assim. Ninguém dá à luz um herói. Os heróis são forjados ao longo do tempo. No geral, os que obtêm maior número de vitórias tornam-se heróis do seu tempo.

A propósito, preciso de heróis em minha vida, e você? É raro passar um dia em que eu não pense sobre um de meus heróis. Sou grato por todos eles. Alguns estão vivos, a maioria já morreu. Isso não importa. A lembrança da determinação de alguém de ficar firme, por si só, motiva-me a buscar níveis mais altos de vida corajosa.

O apóstolo Paulo destacou-se da maioria. A sua defesa final, registrada em Atos 26, ilustra sua habilidade heróica de manter-se sozinho e determinado mesmo sob as mais extremas pressões. O pregador envelhecido percorreu uma grande distância desde os seus dias de jovem perseguidor dos cristãos em Jerusalém e adjacências. O Senhor o tomou e fez dele um fervoroso arauto da graça. Ele nunca foi grato o bastante a Deus. Tinha uma dívida de gratidão a pagar.

Por causa disso, Paulo ergueu-se acima da pompa e pretensão de Roma. Com ardente decisão, o homem defendeu firmemente a causa eterna de Cristo. Uma vez a caminho, nada podia detê-lo.

MANTENDO-SE FIRME DIANTE DE REIS E RAINHAS

Na conclusão do capítulo anterior, deixamos Paulo esperando fechado numa cela de prisão na cidade portuária de Cesaréia. Timóteo e Silas haviam partido

para continuar o trabalho de fortificar as igrejas e alcançar mais almas gentias para o Salvador. Lucas ficou com Paulo para atender à sua condição física e registrar os notáveis procedimentos.

Festo, o governador romano da região, concordou relutantemente em permitir que Paulo fizesse sua defesa perante Nero em Roma. Enquanto Paulo aguardava, Festo afligiu-se com a sua situação. Depois de ter imposto sua ordem, ele agora se perguntava como justificar o aborrecimento ao imperador romano. Afinal de contas, nenhuma das acusações era válida. Ele precisava de evidências que merecessem a atenção de Nero. Esperava que o seu vizinho, o rei Agripa, tivesse algumas idéias criativas. Portanto, convidou-o a examinar pessoalmente a Paulo.

POMPA VAZIA E CIRCUNSTÂNCIAS EXTRAORDINÁRIAS

A cena se abre em Atos 25:13 com a entrada de Agripa. Festo havia solicitado sua ajuda na preparação do caso de Paulo para apresentá-lo a Nero.

Lucas escreve o seu relato de testemunha ocular com atenção minuciosa aos detalhes. Imagine a cena enquanto lê: Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice chegaram a Cesaréia a fim de saudar a Festo. Como se demorassem ali alguns dias, Festo expôs ao rei o caso de Paulo, dizendo: Félix deixou aqui preso certo homem, a respeito de quem os principais sacerdotes e os anciãos dos judeus apresentaram queixa, estando eu em Jerusalém, pedindo que o condenasse (25:13-15).

Ele continuou mais tarde...

Mas, havendo Paulo apelado para que ficasse em custódia para o julgamento de César, ordenei que o acusado continuasse detido até que eu o enviasse a César. Então, Agripa disse a Festo: Eu também gostaria de ouvir este homem. Amanhã, respondeu ele, o ouvirás. De fato, no dia seguinte, vindo Agripa e Berenice, com grande pompa, tendo eles entrado na audiência juntamente com oficiais superiores e homens eminentes da cidade, Paulo foi trazido por ordem de Festo (25:21-23).

Você talvez precise de um pouco de informação sobre a baixeza de caráter dessas figuras reais. Vamos retroceder alguns anos. O rei Herodes I, governando com crueldade e maldade, ganhou destaque bíblico por ser o rei que tentou matar Pedro. Pouco depois da fuga deste, Herodes teve uma morte horrível. Ele deixou vários filhos, todos com a mesma tendência vil. Só três têm alguma importância nesta história.

Um de seus filhos foi Herodes Agripa II. Ele é o Agripa da nossa narrativa. Embora só tivesse 32 anos, gozava de um certo respeito entre o povo judeu. Herodes I tinha também duas filhas, Drusila e Berenice. Félix casou-se com Drusila, que conseguira afastar do marido em meio a um caso ilícito. A irmã de Drusila, Berenice, era também irmã de Herodes Agripa. Berenice e Agripa envolveram-se numa relação incestuosa. A família inteira era um verdadeiro caos no que se referia à corrupção ética e total imoralidade.

Eram, então, esses os juízes que deviam examinar Paulo. A corte não passava de um circo. O caráter destacava-se pela sua ausência. Lucas deve ter balançado a cabeça, incrédulo, ao registrar cada detalhe sórdido, inclusive a entrada pomposa de Agripa no recinto. O Mediterrâneo coberto de ondas de espuma, com sua magnífica linha de arrebentação e seu extenso litoral brilhando ao sol, fornecia uma cortina de fundo adequada para o ego monstruoso de Agripa. Ele gostava de desempenhar o papel de celebridade.

O palco estava armado para a defesa final de Paulo. Depois de uma breve, mas cortês, introdução à multidão de nobres, Paulo ficou em pé. Algemado, ele foi mancando até o seu lugar, arrastando as correntes. Diante dos monarcas reinantes, ele levantou a mão e disse: “Tenho-me por feliz, ó rei Agripa, pelo privilégio de, hoje, na tua presença, poder produzir a minha defesa de todas as acusações feitas contra mim pelos judeus; mormente porque és versado em todos os costumes e questões que há entre os judeus; por isso, eu te peço que me ouças com paciência” (At 26:2,3).

Que introdução graciosa e apaziguadora! Nenhuma palavra pesada de condenação saiu dos lábios de Paulo. Esse não era o seu estilo. Cortesmente afirmou que considerava toda aquela provação um privilégio.

Podemos aprender, aqui, uma lição de nosso herói Paulo. Quando Deus nos concede a rara oportunidade de ficar diante de pessoas de prestígio e de autoridades governamentais superiores, é melhor demonstrar cortesia e graça. Seja qual for o estilo de vida delas, fale com respeito. Sem levar em conta a política ou o mundo particular, dê um exemplo de graça. Mostre classe.

Apresentar-se como um marginal seria certamente uma ofensa, e a porta da oportunidade se fecharia. Paulo não berrou com a audiência, embora vivessem de maneira completamente diversa da que aprovaria. Apesar de suas cadeias e diferenças, dirigiu-se a eles com bondade e respeito.

Não é de surpreender que sua audiência ficou presa a cada palavra sua. Ele olhou em volta e viu talvez alguns rostos familiares. É possível que houvesse ali algum ex-colega da escola de Gamaliel. Os judeus presentes conheciam bem seus antecedentes. Ele apelou para a honestidade da sua audiência, lembrando que tinham sido testemunhas da sua carreira como fariseu zeloso e seguidor leal

da lei. Não poupou palavras. Nada fizera às ocultas. Nada havia a esconder.

A seguir, foi direto ao ponto. O fato de contender a favor da doutrina da ressurreição não deveria surpreender os seus acusadores judeus. Se os seus juízes quisessem ser honestos diante do júri, eles também eles também se apegariam à promessa "à qual as nossas doze tribos, servindo a Deus fervorosamente de noite e de dia, almejam alcançar" (26:7). Enquanto as celebridades políticas cofiavam a barba em atenção absorta, Paulo fez uma pausa e depois informou-os diretamente que era por causa dessa esperança que ele estava sendo falsamente acusado. Um excelente golpe verbal. O olhar deles não se desviava do apóstolo.

A ressurreição permanecia o primeiro quesito, o principal assunto a ser discutido. Aceitar o Messias forçaria o indivíduo a crer que o Crucificado fora levantado dentre os mortos.

"Por que é tão difícil crer nisso?", Paulo perguntou em voz alta. Gamaliel, um erudito respeitado por eles, havia incluído esse tema em seu curso de Teologia Judaísta 101. Destemido, Paulo insistiu. Agripa mal movia um músculo. "Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno; e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam. Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia" (At 26:9-11).

Paulo nada escondeu de Agripa nem dos céticos à sua volta. Deu exemplo de coragem serena e de autenticidade aberta a críticas. Resistiu à tentação de adoçar o seu passado. Pintou realisticamente o quadro para todos refletirem — que manifestação de coragem Seu tom, sem dúvida, mudou levemente quando deu testemunho de sua conversão na estrada. A audiência estava agora tão silenciosa que seria possível ouvir um rato espirrar. A recapitulação sem emendas feita por Paulo sobre ter sido conquistado pelo Cristo vivo deixou-os boquiabertos. Ninguém piscou.

Com estes intuitos, parti para Damasco, levando autorização dos principais sacerdotes e por eles comissionado. Ao meio-dia, ó rei, indo eu caminho fora, vi uma luz no céu, mais resplandecente que o sol, que brilhou ao redor de mim e dos que iam comigo. E, caindo todos nós por terra, ouvi uma voz que me falava em língua hebraica: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa é recalcitrares contra os aguilhões.

Atos 26:12-14

Uma sensação de nervosismo palpável despencou sobre os presentes, enquanto Paulo continuava a sua defesa.

Então, eu perguntei: Quem és tu, Senhor? Ao que o Senhor respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Mas levanta-te e firma-te sobre teus pés, porque por isto te apareci, para te constituir ministro e testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda.

Atos 26:15,16

A essa altura, alguns já começavam a se retorcer em seus lugares ante os comentários estranhos de Paulo. Ele falou de visões e de vozes se comunicando com ele por meio do brilho ofuscante de uma luz. Nas opiniões daquelas pessoas cheias de si, os seus comentários passaram de intrigantes a insensatos.

Embora tivesse notado a agitação produzida pelo que eles sentiam, Paulo não vacilou, atirando outra seta verbal: Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios.

Atos 26:22,23

“Pare!”, gritou Festo com o fito de interromper a defesa de Paulo, e, ao interrompê-lo, acusou-o de loucura. “As muitas letras o fazem delirar” (v. 24) — rosnou ele numa tentativa de quebrar o ritmo das palavras do apóstolo.

Com determinação controlada, Paulo ignorou o anfitrião impaciente e voltou a atenção apenas para Agripa, que ainda o observava e refletia. Ele sentiu uma boa oportunidade para levar o rei a aproximar-se do Salvador. Não queria ser dissuadido.

O testemunho de Paulo revelou uma vida transformada, amadurecida por meio de anos de serviço fiel, sacrificial. Podemos ter a certeza de que ele fez a sua defesa da maneira mais delicada e sensível que se possa imaginar. Mas foi firme.

Ignorando a interrupção abrupta, Paulo continuou sem perder o fio das palavras. Respondendo a Festo, mas olhando para Agripa, replicou: “Não estou louco, ó excelentíssimo Festo! Pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou em algum lugar escondido. Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas” (At 26:25-27). Um golpe de espada verbal de muita classe.

Esquecendo momentaneamente a diferença de cargo e posição, Paulo falava agora face a face com Agripa e inquiriu o rei sobre o seu conhecimento das Escrituras. Aguardou depois a resposta de Agripa. É uma resposta que se ouve em todas as partes do mundo: “Por pouco me persuades a me fazer cristão” (v.

28). Que frase! O entusiasmo do apóstolo não pôde mais ser contido. Em abandono descuidado, exclamou: “Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias.”

Esse pode ter sido o apogeu da vida de Paulo. As cadeias em seu pulso chacoalharam quando o prisioneiro levantou os braços para pronunciar essa última linha. Que momento notável! Suas palavras levaram o orgulhoso Agripa tão perto do trono da graça que ele se curvou diante do Rei dos Reis!

Recompondo-se, Agripa corou e depois levantou-se, constrangido, indicando aos outros nobres que fizessem o mesmo. Todos saíram para o corredor de mármore, longe dos ouvidos de Paulo, a fim de discutir o assunto. Eles ficaram impressionados com o que ouviram. O prisioneiro era, com certeza, inocente aos seus olhos. Ele, entretanto, apelara para Roma. Não fosse isso e Paulo poderia ter saído livre de Cesaréia com a ficha limpa.

Não se engane: embora permanecesse preso, Paulo considerou todo o encontro como uma enorme vitória. Aquelas autoridades tinham ouvido o evangelho. A ironia é indiscutível. O único verdadeiramente livre era Paulo, que voltou acorrentado à cela. Os demais partiram desimpedidos, ainda acorrentados à sua ignorância e incredulidade. Foi uma cena alegre e deplorável.

Depois de recompor-se, Agripa ajeitou o manto e tentou parecer cheio de dignidade, enquanto saía para o ar livre. As pessoas se despediram com algumas palavras. Aparentemente, nada havia mudado. Paulo com certeza embarcaria para Roma.

Tão modestamente como chegara, o prisioneiro curvado tropeçou pela porta e desapareceu. No seu íntimo, estava cheio de alegria, sabendo que nem mesmo a brisa marinha poderia apagar as suas palavras da mente de Agripa. Elas perseguiriam o rei naquela noite e provavelmente pelo resto dos seus dias.

Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito [...] todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias [...] exceto estas cadeias [...] exceto estas cadeias.

ALGUNS PENSAMENTOS FINAIS PARA OS HERÓIS DE HOJE

Pelo menos duas verdades emergem dessa história.

Primeiro, quando você fica firme e centrado em seu objetivo, sente-se invencível. Não permita que esse pensamento desapareça muito depressa. Você talvez nunca experimentou esse tipo de entrega ousada, porque não se permitiu

ficar numa situação desafiadora. A maioria prefere agir com cautela. E mais conveniente deixar que outro fale. É mais fácil permitir que outro suba às alturas e que se arrisque cair.

Todavia, quando o dia chega e você decide permanecer firme do lado da justiça, o seu enfoque desse assunto vital lhe dará um sentimento de invencibilidade. As adversidades não têm importância. Você não vai se impressionar com outras pessoas sentadas ou em pé à sua frente. Credenciais e títulos não vão intimidá-lo. As suas convicções vão fazê-lo avançar com uma força que não é sua. Como Paulo, você vai tornar-se a voz de Deus para o momento.

Segundo, quando você se mostra firme, fica tão apaixonado que não compreende o seu impacto final. Defender o princípio em causa é tudo o que importa. Os ouvintes de Paulo simplesmente se levantaram e saíram. Exteriormente, parecia que a audiência tinha sido um desperdício de tempo. Todavia, quem pode dizer? Quem sabe qual foi o sonho de Agripa naquela noite e nas noites que se seguiram ao discurso de Paulo? Eu não ficaria surpreso de o tolerante Festo ter continuado a remoer o testemunho convincente de Paulo Só Deus sabe qual o verdadeiro impacto da atitude heróica do apóstolo naquele dia junto ao mar. Na verdade, só Deus sabe também qual o impacto do seu testemunho.

PERMANECENDO FIRME NOS LUGARES ALTOS

Li recentemente um discurso emocionante feito pela falecida Madre Teresa no *44°* Café Nacional de Oração — um prestigiado evento que ocorreu enquanto Bill Clinton era presidente. Durante o discurso feito sem pretensões, a graciosa freira de Calcutá falou, clara e corajosamente, sobre os males do aborto e a devastação provocada pela terrível ruptura moral na nossa cultura fragmentada. Enquanto lia o seu cuidadoso manuscrito, ninguém no recinto moveu um músculo. De fato, muitos dos bem-vestidos dignitários sorriram nervosamente, parecendo calmos e compostos em aparência, mas totalmente em ebulição por dentro.

A cena tem uma misteriosa semelhança com a apresentação corajosa de Paulo diante de Agripa. As palavras pungentes de Madre Teresa foram praticamente heróicas. Lamento só poder citar algumas delas aqui. Por favor, leia-as com cuidado e lentamente, fazendo o possível para transportar-se a essa reunião augusta da elite política de Washington: Sinto que o grande destruidor da paz hoje é o aborto, porque Jesus disse: “Se você receber uma criança, a mim me

recebe". Todo aborto é, então, uma recusa de receber Jesus, a negligência em recebê-lo.

O aborto é na verdade uma guerra contra a criança; e odeio a morte de uma criança inocente, um crime cometido pela própria mãe. Se aceitarmos que a mãe pode matar seu próprio filho, como podemos dizer às pessoas que não se matem umas às outras? Como persuadir uma mulher a não fazer aborto? Como sempre, devemos persuadi-la com amor.

[...] Qualquer país que aceite o aborto não está ensinando o seu povo a amar uns aos outros, mas a usar violência para obter o que desejam. Por essa razão, o maior destruidor do amor e da paz é o aborto.[1]

Como Paulo, a frágil figura de uma mulher disse o que tinha a dizer e saiu do recinto tão silenciosa como entrara. Assim como as autoridades políticas da antigüidade ficaram fitando fixamente Paulo, a nobreza de Washington manteve-se também silenciosa, com a consciência latejando em seu íntimo.

Eles havia defrontado um mensageiro corajoso com uma mensagem ousada e específica para aquele momento.

Estou convencido de que muitos, se estivessem na situação enfrentada por alguns dos heróis que mencionamos nas últimas páginas, também iriam levantar-se e realizar tais feitos heróicos. Creio que você tem o potencial de confrontar os inimigos da justiça que desafiam o poder do Deus Todo-Poderoso ou de falar ousadamente contra a injustiça ostensiva e a discriminação aberta. Creio que muitos dos que lêem este livro estariam dispostos a ser contados entre os bravos voluntários que trabalharam no World Trade Center e no Pentágono, ou até entre os que morreram tentando impedir outro desastre aéreo no vôo que caiu na Pensilvânia.

O desafio surge naqueles momentos particulares, inesperados, em que você enfrenta a oposição à verdade... nos corredores da universidade, numa reunião da diretoria da empresa, na reunião de Pais e Mestres da escola, no escritório do diretor de esportes ou sentado num avião. Nessas ocasiões, você vai permanecer firme e falar a verdade quando um princípio estiver em jogo? Vai defender aquilo em que acredita, graciosa mas firmemente?

E pouco provável que você venha a ser chamado a comparecer diante de reis ou de rainhas, ou que seja convidado a dirigir-se à elite política, ou a oficiais militares de alta patente; mas terá suas próprias oportunidades para permanecer firme e falar. Quando você determinar no seu coração manter-se firme, Deus colocará essas oportunidades à sua frente quando menos esperar. Pode contar com isso.

Quando ele fizer isso, você estará pronto?

Capítulo Vinte

Como Lidar com um Naufrágio

Nunca vi um adesivo de pára-choque com as palavras: “Eu preferia naufragar”. Já vi vários adesivos de pára-choque ao longo da costa da Califórnia que dizem: “Gostaria de estar navegando”, mas nunca: “Gostaria de estar afundando”.

A aventura de navegar em altomar produz uma certa exaltação dos sentidos que pode tornar-se quase um vício. Mas não há nada de divertido em mergulhar nas águas geladas do oceano, certamente não quando se é apanhado em uma violenta tempestade.

Experimentar um naufrágio não está em meu currículo, tenho prazer em mencionar, embora tenha passado muitas horas no mar. Gosto do oceano como pescador ávido e marinheiro de tempo bom (especialmente quando outra pessoa é o dono do barco). Por sorte, apreciei tudo isso enquanto estava no oceano e não dentro dele.

O mais perto que fiquei de naufragar foi a bordo de um navio de tropas, junto com outros 3.500 fuzileiros navais, viajando de San Diego para o Japão. Embora o navio, no porto, parecesse ter o tamanho de um grande complexo de escritórios, depois de ficar no mar quatro ou cinco dias, a imensidão do oceano deixou o tamanho do navio na perspectiva adequada. De repente, tornou-se minúsculo.

Depois de cinco dias de nossa viagem que duraria, ao todo, dezessete dias, encontramo-nos no meio de uma tempestade furiosa no Pacífico, com ondas chegando a quase 15m de altura na crista. Lembre que isso corresponde a cinco andares. De fato, ninguém teve permissão para ficar no convés durante o furor da tempestade, que durou quase três dias. Depois de as águas se acalmarem, dias depois, o capitão do navio admitiu que, num certo ponto, ele começou a duvidar de nossas chances de sobrevivência.

Anos mais tarde, tive uma experiência similar enquanto pescava a vários quilômetros da costa de Miami. Após algumas horas de pesca agradável, uma tempestade rápida veio sobre nós, os céus transformaram-se em um cinza-escuro sombrio, e o mar tornou-se cada vez mais enfurecido por causa do vento. A tempestade aumentava a cada minuto, a ponto de a água começar a bater nas amuradas. A situação agravou-se rapidamente e me preparei para o pior. Você talvez se pergunte como.

Para começar, confessei todos os pecados que já cometera. De fato, creio que acrescentei alguns que não havia cometido só para assegurar-me de que não

esquecera nenhum deles. Depois, recapitulei cada versículo bíblico que aprendera desde a infância, à medida que minha mente ansiosa os trazia à minha memória. Lembro-me também de ter contado os salva-vidas e verificado o tamanho do maior que pude encontrar. Fiquei junto dele!

Voltei, a certa altura, para a cabine, onde o capitão estava muito ocupado. Perguntei-lhe nervosamente: — Barcos como este costumam afundar?

— Claro, o fundo do oceano nesta área está forrado de barcos como o nosso que não conseguiram escapar de tempestades — respondeu ele sem sorrir.

Depois perguntei: — Quanto tempo levaria para chegar até Miami a nado?

Ele deu um sorriso zombeteiro, enquanto replicava: — Está brincando? Seríamos despedaçados pelos tubarões em menos de uma hora se caíssemos nessas águas.

Tentei sorrir e agir como se achasse graça nisso.

A tempestade não foi brincadeira. Nenhuma borrasca em altomar é uma diversão. Embora tivéssemos voltado a salvo para a praia, aquela foi uma experiência traiçoeira para todos a bordo. Era como se nossas vidas estivessem penduradas em arames muito finos que poderiam arrebentar a qualquer momento. Vou ser sincero com você, foi a verdade da Palavra de Deus que me manteve racional e relativamente calmo durante aquela aterrorizadora experiência. Orei com fervor. Lembrei-me de várias promessas pertinentes à situação. Nelas eu me apoiei-me com todas as minhas forças.

Paulo teve esse mesmo sentimento. Lucas registra vividamente seu naufrágio em Atos 27, especialmente a reação do apóstolo a ela. A essa altura, você deve achar que o homem já havia pago todas as suas dívidas; esses últimos anos de ministério decorreriam sem maiores problemas. Certo? Errado.

FLUTUANDO COM FÉ NOTÁVEL

É bem provável que você esteja lendo este capítulo sem estar sujeito aos elementos cruéis de um mar encapelado. O desafio é, portanto, colocar-se na cena como Lucas deve imaginado que os seus leitores fariam. Além da memória espetacular do narrador para os detalhes dessa viagem perigosa, temos de confiar em nossa imaginação para compreender o que Paulo suportou em sua fatídica jornada por mar até Roma. O mais notável é a coragem e a fé com que ele enfrentou esses dias cruciantes no Mediterrâneo.

Tenha em mente que Lucas é um médico e não um marinheiro. Seu relato não é um diário de bordo; parece mais um diário. O que começa muito inocuamente como um cruzeiro pelo Mediterrâneo, transforma-se em uma das

provações mais aterradoras da vida de Paulo. Lucas, tendo suportado a mesma aventura desafiadora da morte, faz seu relato ocular.

Lembre-se de que só Paulo tinha no coração a promessa de Deus de que chegaria vivo a Roma. Os restantes 275 passageiros não tinham conhecimento disso e, portanto, o pânico é compreensível. Não há nada previsível nas viagens por mar. As circunstâncias podem mudar em questão de minutos.

Vou fazer uma pausa aqui e dizer que nossa tendência é quase sempre olhar para as circunstâncias, especialmente quando se trata de tempestades. Deus enfatiza o objetivo. Nas ocasiões em que a vida é contrária, o vento sopra forte e tendemos a ouvir apenas os rangidos da carcaça do navio e sentir que o convés está sendo atingido. Deus quer que cultivemos uma vida interior de fé, que assegure uma resposta mais confiante e mais lógica. Ao viajar com Paulo pelo mar Grande, vamos ver com olhos humanos como surge tal confiança triunfante.

UM DESTINO CLARO E PROMETIDO

A jornada começou com toda a agradável expectativa de uma memorável viagem marítima, pois Lucas escreve: “Foi decidido que navegássemos para a Itália”. Colocado sob os cuidados e custódia de um centurião romano chamado Júlio, seguiram com ele Lucas, é claro, e um companheiro macedônio de nome Aristarco. Embarcaram juntos na primeira parte da longa viagem para Roma.

Seria apropriado, agora, se você fosse até as páginas finais deste livro e abrisse o mapa intitulado “Viagem para Roma”. Pode traçar ali a rota da viagem de Paulo de Cesaréia até rodear a ilha de Chipre e, depois, até Mira (onde mudaram de navio), passando por Rodes, na direção sul, abaixo de Creta, cruzando a obscura ilha de Malta e, depois, subindo pelo estreito, passando a Sicília e chegando ao porto perto de Roma. Paulo só conhecia antecipadamente o destino - Roma. Não tinha idéia da rota indireta, traiçoeira, que os levaria até lá.

Lucas descreve as duas embarcações que Paulo tomaria: a primeira, um grande navio originário de Adramítia, uma cidade portuária na costa oeste da atual Turquia, a sudeste de Trôade. Era um navio mercante que seguia pela linha costeira ao sul, aportando eventualmente em Cesaréia. Eles viajaram nele até a costa de Mira, onde desembarcaram e depois tomaram um navio de carga alexandrino com destino a Roma.

Tendo conhecido esses três mares nessa parte do mundo - o Adriático, o Egeu e o Mediterrâneo —, cheguei a uma simples conclusão. As águas azuis profundas desses grandes mares parecem bem mais convidativas nos mapas e em folhetos de viagem do que no convés varrido pelo vento em um navio em meio a

uma tempestade.

Os navios em que Paulo embarcou não eram absolutamente parecidos com aqueles de minhas viagens. Os navios antigos eram mais como balsas, com praticamente a mesma forma na proa e na popa. Isso, juntamente com o mastro único provido de uma enorme vela, tornavam as gigantescas embarcações de madeira difíceis de manobrar, mesmo em dia claro. Ventos muito fortes fariam a madeira gasta desses navios antigos estalar e gemer e, se o mar ficasse suficientemente violento, partir e lascar nas emendas.

Com o seu formato rústico, esses barcos jamais teriam boas condições para navegar de acordo com os padrões modernos. Esses detalhes não pareceram preocupar Paulo e seus companheiros quando embarcaram de Mira na Lícia e partiram para a Itália.

É bem provável que tivesse partido em fins de agosto, mas (como veremos) o naufrágio provocou uma demora de três meses em Malta, obrigando-os a fazer a parte final do percurso em pleno inverno. Essa não era uma época ideal para viajar por mar e enfrentar os ventos frios e as fortes correntes do Mediterrâneo. Fui informado de que há poucos trechos mais traiçoeiros por mar do que a rota abaixo do sul da Grécia. Foi ali que a tempestade se abateu em toda a sua fúria.

Em muitos aspectos, a tempestade que Paulo e seus companheiros enfrentaram desenvolveu-se ao longo das linhas do que os modernos meteorologistas consideram uma tempestade perfeita. Na história recente, um temporal desse tipo ocorreu nas águas do Atlântico Norte. Em 1991, frentes voláteis do Norte, Leste, Oeste e Sul convergiram junto à costa de Massachusetts, criando tal combinação ameaçadora de ventos, fortes como furacões, e ondas colossais que toda a Costa Leste fugiu às pressas para esconder-se. Várias embarcações de pesca retiraram-se para águas mais seguras. O escritor Sebastian Junger, em seu livro *The Perfect Storm,* conta a história dessa estranha confluência da atmosfera e do mar, e do desditoso Andréa Gail, cujo capitão e tripulantes desapareceram sem deixar traços. A recapitulação dramática de Junger sobre essa singular convergência dos elementos num sistema tempestuoso assemelha-se misteriosamente à descrição de Lucas em Atos 27.

O capítulo inteiro é dedicado à recapitulação dos dramáticos eventos da tempestade perfeita de Paulo.

Navegando vagarosamente muitos dias e tendo chegado com dificuldade defronte Cnido, não nos sendo permitido prosseguir, por causa do vento contrário, navegamos sob a proteção de Creta, na altura de Salmona. Costeando-a, penosamente, chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laséia. Depois de muito tempo, tendo-se tornado a navegação

perigosa, e já passado o tempo do Dia do Jejum, admoestava-os Paulo, dizendo-lhes: Senhores, vejo que a viagem vai ser trabalhosa, com dano e muito prejuízo, não só da carga e do navio, mas também da nossa vida. Mas o centurião dava mais crédito ao piloto e ao mestre do navio do que ao que Paulo dizia. Não sendo o porto próprio para invernar, a maioria deles era de opinião que partissem dali, para ver se podiam chegar a Fenice e aí passar o inverno, visto ser um porto de Creta, o qual olhava para o nordeste e para o sudeste. Soprando brandamente o vento sul, e pensando eles ter alcançado o que desejavam, levantaram âncora e foram costeando mais de perto a ilha de Creta.

Atos 27:7-13

Quando o centurião preferiu juntar-se à maioria em vez de atender aos conselhos de Paulo, ele cometeu um grave erro de julgamento. Deixando as águas mais calmas junto a Creta, o centurião colocou os seus homens e todos a bordo no caminho do perigo, no mar alto. A viagem passou de difícil a perigosa quase da noite para o dia. A velocidade dos ventos aumentou, assim como as ondas. Todos a bordo perceberam que havia perigo à frente. Lucas, mais tarde, registra o ponto crítico do desespero: “Entretanto, não muito depois, desencadeou-se, do lado da ilha, um tufão de vento, chamado Euroaquilão; e, sendo o navio arrastado com violência, sem poder resistir ao vento, cessamos a manobra e nos fomos deixando levar”

(At 27:14,15).

“Euroaquilão” *é* o equivalente ao nosso noroeste; uma combinação de ventos com força de tufão e mares revoltos que rugem ao longo da costa leste, do sul para o norte, provocando chuva forte, neve e gelo pelo caminho. Tais condições de nevasca podem criar grandes riscos. O que Paulo experimentou, porém, não estava na terra, mas no mar.

A tempestade ficou tão violenta em sua intensidade que, segundo Lucas, “já aliviavam o navio”, até que foram forçados a lançar ao mar a armação do navio, tornando impossível controlá-lo.

A fim de piorar as coisas, a massa de nuvens escuras bloqueava qualquer visão das constelações, que normalmente serviam de guia confiável para a navegação. A esperança desvaneceu-se. A sobrevivência estava agora em questão, especialmente à medida que a batalha contra os ventos continuava inexorável dias a fio.

A tripulação, já cansada da tempestade, teve finalmente um raio de esperança. Lucas escreveu: “Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no mar Adriático, por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra” (At 27:27). Isso levou a uma série de sondagens alertando os homens para o perigo de

encalhar o navio. Portanto, “lançaram da popa quatro âncoras e oravam para que rompesse o dia” (27:29b).

Eles precisavam mais que tudo de uma bússola - um instrumento confiável que, apesar dos ventos uivantes e dos mares encapelados, em resposta a uma força invisível fixa, pudesse cortar o temporal furioso e indicar-lhes o caminho da segurança. Sem isso, esperavam que a luz do dia revelasse a sua exata situação. A espera deve ter sido enlouquecedora.

Para a maioria, um sentimento cada vez maior de pânico instalou-se. Até os marinheiros mais experientes estavam sombrios e silenciosos ao esperar pela luz do dia. Enquanto isso, a única esperança deles eram aquelas quatro âncoras atiradas da popa, resultando numa luta inexorável contra a força poderosa das ondas bravias (27:29).

Enquanto estudamos os detalhes de Lucas sobre a perigosa viagem de Paulo a Roma, queremos examinar não só o que está registrado, mas também o que se acha nas entrelinhas. E ali que encontramos mais elementos da verdadeira história. É onde testemunhamos a fidelidade de Deus, que cumpre as suas promessas ao o servo humilde que se agarra à âncora da sua Palavra eterna.

Ocultas no registro dessa história, há lições para as nossas vidas. E é do relato não escrito que extraímos forças para enfrentar nossas tempestades perfeitas sem medo e desprezar nossos sentimentos de pânico. As tempestades que suportamos podem durar dias, semanas, meses ou até anos. As tempestades perfeitas da vida são, em grande parte, imprevisíveis. Elas se abatem sem, aparentemente, ter fim. Quase sempre parecem absolutamente incontroláveis.

Vou contar-lhe que também já enfrentei tempestades desse tipo. Elas são bem piores do que qualquer uma que vivenciei no mar. Cheguei a duvidar da minha sobrevivência. Lembro-me, durante uma tempestade particular em minha vida, de ter acordado à noite e despertado Cynthia para sussurrar: “Não sei se vamos atravessar esta.”

Já passei por isso. Sei que você também. Talvez esteja agora numa situação assim. Isso intensifica seu interesse nesta história aterradora.

Não é por acaso que está no lugar em que se encontra, e você não está sozinho. Deus não está ausente nem indiferente. Você se acha exatamente onde ele planejou que estivesse neste exato momento. Ele poderia ter acalmado a sua tempestade em qualquer ponto, mas não fez isso. A sua situação pode parecer praticamente impossível de vencer. Como os marinheiros e passageiros do infortunado navio de Paulo, você deve estar torcendo as mãos, esperando pela luz do dia. Repito, isso não é acidental.

Permita que passe da espuma que varre o convés do navio mencionada em Atos 27 para a tempestade real que você pode estar agora enfrentando. As

perguntas surgem à media que o medo cresce no seu íntimo. Pensamentos de pânico o constrangem. Como você age? O que faz, por exemplo, quando está no hospital, as luzes são apagadas e você está tentando acreditar nas notícias que recebeu? Fica ali deitado, sozinho. A família foi embora dormir. Tudo está quieto, exceto os seus pensamentos. Como irá enfrentar o tufão de amanhã? Por ora, é só você e Deus... ondas inesperadas de dúvida batem sem parar em sua alma. Como continuar? Mais importante ainda, como substituir o pânico pela simples verdade?

O que faz quando seu cônjuge vai embora e você fica sozinho? Vivendo meses, até anos, na esteira de conseqüências causadas por você? O que faz quando a vida vira um deserto?

É possível que furiosas e ameaçadoras nuvens de tempestade tenham começado surgir no escritório. Os céus antes claros do sucesso a longo prazo parecem agora perigosamente escuros. Você sente que o pior está por vir. As possibilidades são várias. O que fazer, então?

Vou dizer-lhe o quê: como a tripulação do navio condenado de Paulo, você lança a âncora. Na verdade, lança quatro. Essas âncoras irão certamente mantê-lo em segurança.

ÂNCORAS CONFIÁVEIS PARA A SUA ALMA BATIDA PELA TESMPESTADE

Ofereço-lhe estas quatro âncoras para ajudar a estabilizá-lo em meio à sua tempestade perfeita. Se o céu está azul no momento, isso é ótimo, mas posso assegurar-lhe que vai precisar delas algum dia. As nuvens tempestuosas irão inevitavelmente surgir e você vai tatear em busca de terra seca. Vai precisar dessas âncoras quando chegarem as notícias de que algum ente querido morreu, ou quando seu filho adolescente não aparece certa noite, ou quando sua filha foge... novamente, ou quando a febre do nenê não abaixa, ou quando o dano parece irreparável. Vai precisar dessas quatro âncoras para impedir que caia no desespero.

Primeiro, necessitará da *âncora da estabilidade.*

E, não aparecendo, havia já alguns dias, nem sol nem estrelas, caindo sobre nós grande tempestade, dissipou-se, afinal, toda a esperança de salvamento. Havendo todos estado muito tempo sem comer, Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade, era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda. Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. Porque, esta

mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! E preciso que compareças perante César, e eis que Deus, por sua graça, te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito. Porém é necessário que vamos dar a uma ilha.

Atos 27:20-26

A âncora da estabilidade o mantém firme quando o seu sistema de navegação falha. É fácil perder-se na tempestade. Você não consegue encontrar o caminho em meio às circunstâncias que enfrenta. A vida segue suavemente quando, de repente, os mares engrossam. Problemas invisíveis ocorrem. Eles não constavam da previsão do tempo. Nas palavras de Lucas: “Toda esperança de salvamento” (27:20) é abandonada.

Esses são momentos traiçoeiros, quando chegamos ao ponto de abandonar a esperança. Nesse momento difícil, Deus diz: “Não tenha medo, eu tenho um plano.”

Nos primeiros anos de ministério, para meu espanto, não consegui ajudar um marido desesperado, saído do hospital, cuja mulher e filhos haviam abandonado. Encontrei-me com ele, orei por ele. Tentei consolá-lo. Tendo eventualmente abandonado toda esperança, ele cometeu suicídio. O meu coração partiu-se, mas a tempestade fora forte demais. Como o condenado *Andréa Gail*, o homem afundou-se num mar de desesperança.

Antes que os companheiros de viagem de Paulo chegassem a esse ponto crítico, ele ofereceu-lhes esperança, exortando-os a “ter bom ânimo”. “O navio vai naufragar, mas nós seremos salvos!” Isso é o que eu chamo de lançar a âncora da estabilidade.

As pessoas que enfrentam adversidade intensa acham difícil voltar sua atenção para qualquer coisa além das enormes ondas e ventos furiosos. Paulo anuncia firmemente: “Agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá.”

Encontramos estabilidade nas tempestades mediante a palavra de Deus. Sua tendência será voltar-se para outra fonte de poder em vez da palavra de Deus. *Não faça* isso. A única âncora de estabilidade que o manterá firme, não importa quão intenso seja o poder dos fortes ventos das tempestades, é a palavra de Deus escrita.

Tudo isso me faz lembrar uma declaração feita por um dos antigos profetas judeus, na qual apóio a minha confiança em Deus e sua palavra. As palavras que se seguem são de Isaías: “Mas agora, assim diz o SENHOR, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios,

eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti" (Is 43:1,2) Que palavras encorajadoras! "Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome". Que pensamento magnífico.

Isaías não estava se referindo a águas e rios literais. Essa figura de linguagem enfatizava circunstâncias usurpadoras que ameaçavam a estabilidade da fé de uma pessoa. Quando as águas sobem a profundezas perigosas, quando as águas alcançam proporções máximas, quando seu navio parece estar desintegrando-se pedaço por pedaço e começando a afundar nas tempestades inevitáveis da vida, *Deus éfiel.* Ele promete: "Eu serei contigo".

Há menos de cinco anos me curvei diante dessa promessa. Coloquei o dedo indicador nos versículos da Bíblia e disse: "Senhor, gostaria que soubesse que estou clamando por esta promessa nesta situação, *agora.* Esta é a única maneira que tenho de sair desta. O Senhor sabe o que está fazendo; tudo o que vejo são ondas e águas subindo. Isso não faz nenhum sentido para mim, entretanto eu sei que com o Senhor a bordo do navio, ele não afundará. E assim que agirei".

Cynthia e eu estávamos tentando mudar o ministério de *Insight for Living,* da Califórnia para o Texas, não apenas um desafio de mudança logística, mas uma enorme responsabilidade financeira. As vantagens estavam contra nós. Muitas pessoas questionavam nossas necessidades para se fazer uma mudança tão drástica. A maioria dos mantenedores fiéis havia nos dito que não se mudariam se seguíssemos com nossos planos. A estimativa do custo original era tão grande que entramos em parafuso. Nossos diretores, enquanto apoiavam e convenciam-se que a recolocação fazia sentido, estavam naturalmente preocupados, sabendo o quanto o projeto poderia ser caro, amplo e também causar uma enorme ruptura. Podíamos sentir a pressão dos fortes ventos da tempestade.

Quando fiquei sozinho com o Senhor, encontrei e reivindiquei esta declaração da pena de Isaías, e me ancorei em suas promessas.

Pouparei você de outras cinco páginas de leitura — realizamos nossa mudança. Noventa por cento da nossa equipe foi constituída de novas pessoas. Como antes, homens e mulheres *maravilhosos,* com o coração de servo. Estaremos com novas instalações quando este livro for publicado; e o projeto todo ficou em menos do que um quarto do estimado originalmente. Conseguimos! A âncora da estabilidade nos segurou com firmeza.

DEUS É FIEL

Segundo, você precisará da *âncora da unidade.*

Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no mar Adriático, por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra.

E, lançando o prumo, acharam vinte braças; passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças. E, receosos de que fôssemos atirados contra lugares rochosos, lançaram da popa quatro âncoras e oravam para que rompesse o dia. Procurando os marinheiros fugir do navio, e, tendo arriado o bote no mar, a pretexto de que estavam para largar âncoras da proa, disse Paulo ao Centurião e aos soldados: Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos. Então, os soldados cortaram os cabos do bote e o deixaram afastar-se.

Atos 27: 27-32

A cena expressava medos que ameaçavam a vida. A imaginação corria solta. Paulo sabia que se permanecessem juntos seria a receita da sobrevivência. A tentação de abandonar o navio e de deixar cada um pra si era muito forte. A medida que a água ficava cada vez mais rasa, o medo do naufrágio se intensificava. Porém, Paulo advertiu que, se fosse permitido que os homens fugissem, a morte seria certa.

A aplicação espiritual é obvia. A nossa tendência nas dificuldades é fugir a toda pressa. É mais fácil livrar-se de um casamento perturbado do que enfrentá-lo e esforçar-se para a sua reparação. A natureza humana quer retirar-se para um lugar onde cada um de nós pode ficar totalmente sozinho, fechar a porta e descer as cortinas. Afastados, afundamo-nos ainda mais na depressão. Alguns, tragicamente, voltam-se para a bebida, as drogas ou, pior, para um revólver.

Se isso descreve você de algum modo, precisa do apoio da família, dos amigos e especialmente do povo de Deus. E mais fácil baixar o barco salva-vidas e pular nele sozinho. Quero advertir você contra a fuga. Em vez disso, insisto em que fique com os outros a bordo. Não salte nem tente fazer as coisas por conta própria. Cruze os braços. Fique em contato com aqueles que mais o amam, que estarão a seu lado aconteça o que acontecer. Você precisa da presença do povo de Deus ao seu redor quando chega ao fundo do poço. Apesar do que imagina, é duvidoso que possa vencer por si só. Em nosso caso, tivemos alguns amigos íntimos do ministério orando e uma diretoria unida nos encorajando. A mudança foi uma experiência desafiadora, mas não solitária. Você e eu fomos designados por Deus para caminhar juntos. A âncora da unidade nos prende.

Terceiro, você precisará *da âncora da renovação.*

Enquanto amanhecia, Paulo rogava a todos que se alimentassem, dizendo: Hoje, é o décimo quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado. Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa

segurança; pois nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo. Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer. Todos cobraram ânimo e se puseram também a comer.

Atos 27:33-36

Você imagina como seria lutar com uma tempestade durante duas semanas quase sem alimentar-se? Foi isso que os homens do navio de Paulo experimentaram. Ainda mais surpreendente é a maneira como a maioria das pessoas responde às tempestades da vida. Esgotamos nosso combustível lutando com as nossas próprias forças e acabamos fisicamente fracos, emocionalmente exaustos e incapazes de dormir. A âncora da renovação protege desse tipo de debilitação anatômica. Paulo, pelo contrário, encorajou os homens a comer e a revigorar-se. Mas primeiro ele orou. *Todos oraram.*

Você imagina a cena? A tempestade rugia em volta deles, enquanto quase trezentos homens curvavam a cabeça em oração e Paulo agradecia a comida escassa; depois, todos a bordo se juntaram para comer.

Sua alimentação é importante nos períodos de tempestade. Em momentos de pânico, você deixa de comer. Deixa também de dormir o suficiente. Não vai demorar até que deixe a oração de lado e ficará esgotado espiritualmente. Um sofrimento emocional maior, acrescido de menor renovação espiritual, pode matar a sua fé.

A renovação espiritual é feita principalmente mediante a oração. Poucas disciplinas são mais importantes quando tudo parece sombrio. Fale simplesmente sobre o assunto. Lute contra os motivos da tempestade. Busque a direção de Deus. Não desista até que tenha certeza de que sabe qual é a vontade do Senhor. Foi esse o exemplo de Paulo no convés daquele navio em que se achavam expostos à borrasca.

Para alguns dos homens a bordo, tenho praticamente certeza de que aquela foi a primeira vez que oraram ao Deus Todo-Poderoso! Pode ter sido a primeira vez em suas vidas em que ouviram uma oração oferecida por uma refeição. Em meio a uma tempestade de vento e chuva, fizeram uma pausa e testemunharam um homem reverente e humilde oferecendo uma oração de agradecimento ao Senhor Deus, Criador do céu e da terra, Capitão dos ventos e das ondas. Isso os encorajou. Era simples, mas causou impacto profundo.

Conforme o registro de Lucas, o barco eventualmente encalhou. Embora os soldados quisessem matar os prisioneiros na mesma hora (em Roma, perder um prisioneiro significava que o responsável perderia, mais tarde, a cabeça), o centurião impediu-os de fazer isso falando com sensatez. Ele persuadiu os homens a poupar a vida dos presos — uma grande idéia, já que isso incluía

Paulo — e a permitir que todos abandonassem o barco e nadassem para a praia. A realidade bateu em cheio neles quando o navio encalhou nos recifes.

Isso me leva à quarta âncora. Em meio à sua tempestade perfeita, você vai precisar da *âncora da realidade*.

Dando, porém, num lugar onde duas correntes se encontravam, encalharam ali o navio; a proa encravou-se e ficou imóvel, mas a popa se abria pela violência do mar. O parecer dos soldados era que matassem os presos, para que nenhum deles, nadando, fugisse; mas o centurião, querendo salvar a Paulo, impediu-os de o fazer; e ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra. Quanto aos demais, que se salvassem, uns, em tábuas, e outros, em destroços do navio. E foi assim que todos se salvaram em terra.

Atos 27:41-44

A âncora da realidade diz: "Pule imediatamente. Envolva-se. Não seja passivo. Participe da ação!" A única maneira de fugir da tempestade vivos era que todos caíssem na água e fossem até a praia. A realidade ali incluía um navio que estava se partindo. Não havia helicópteros pairando acima deles para resgatá-los do mar. A realidade os *instigava* a agir. E foi exatamente isso que fizeram.

Vamos fazer um intervalo para calcular. Quantos começaram a viagem? Resposta: 276. A quantos foi prometido que se salvariam? Resposta: 276. Quantos chegaram a salvo na praia? Resposta: 276. Como já disse, *Deus éfiel*.

Todos os que estão atravessando uma tempestade devem participar do processo. Não há uma fórmula mágica de fuga. A passividade é inimiga da fé. Não é uma opção aceitável cruzar os braços e esperar que o temporal passe.

Para você, pode significar trabalho árduo. (Foi certamente para nós no nosso projeto de mudança.) Pode exigir que se humilhe diante de Deus e de outros. Pode significar uma sessão de aconselhamento com um indivíduo preparado e compassivo que o ajude a reorganizar a sua vida. Pode ser necessário ter de admitir que cometeu várias atitudes erradas e ter de buscar reconciliação, enquanto faz os devidos acertos. Qualquer que seja o caso, você precisa participar. A realidade ordena esse tipo de resposta amadurecida. Faz parte do lançamento da âncora da realidade e de confiar em Deus para levá-lo até a praia.

Todos os que foram salvos daquele navio ao encalhar nos recifes tinham uma coisa em comum ao chegar à ilha: estavam completamente encharcados.

EM ÁGUAS MAIS CALMAS

O melhor meio de sobreviver a uma tempestade é a preparação. Nenhum pescador experimentado ou capitão de navio responsável parte para altomar sem conhecer completamente o equipamento e sem certificar-se de que tudo está funcionando como deve. Eles raramente partem sem primeiro examinar suficientemente os mapas de navegação, estudando os padrões do tempo e tomando conhecimento das passagens perigosas.

Nunca deixam o porto sem as âncoras. Isso é certo. Ninguém quer naufragar, mas a realidade é que pode acontecer, não só no altomar como na vida.

O segredo da sobrevivência é o que você faz antecipadamente em águas mais calmas. Se a sua vida estiver livre de tempestades enquanto lê este livro, sugiro que tire proveito desse intervalo de paz. Passe tempo na Palavra de Deus. Estude os mapas inspirados que ele lhe deu para a jornada da vida. Aprofunde o seu andar com ele mediante a oração e a adoração pessoal.

A seguir, quando os ventos inevitáveis da adversidade começarem a soprar, e com certeza soprarão, você estará pronto para reagir com fé, em vez de medo. Não espere. Verifique as âncoras enquanto tudo está calmo. Vai se alegrar por ter feito isso.

Durante esse tempo, escolha uma promessa específica dada por Deus, à qual poderá apegar-se, coloque o dedo sobre ela e diga ao Senhor que está ancorado nela. Eu certamente me alegro por ter feito isso.

Capítulo Vinte e Um

Preso, Confinado, mas Ainda Ativo

Quero começar este capítulo, pedindo a você que responda a um questionário. Não é necessário papel e caneta. Faça isso de cabeça. Este miniteste está dividido em duas partes.

Este é o primeiro conjunto de perguntas:

1. Cite as cinco pessoas mais ricas do mundo hoje.

2. Cite os últimos cinco vencedores do Troféu Heisman. Muito difícil? Está bem. Então, os dez vencedores de medalhas de ouro dos últimos Jogos Olímpicos de Verão.

3. Cite as vencedoras do Concurso de Miss América nos últimos cinco anos.

4. Cite dez pessoas que ganharam o Prêmio Nobel ou Pulitzer.

(Está bem, mencione apenas cinco! Ou três!)

5. Cite os seis últimos vencedores do Oscar de melhor ator ou atriz.

6. Cite os vencedores, na última década, das Copas do mundo de futebol. Ou, se for muito difícil, dê o nome dos melhores jogadores dos cinco últimos jogos da Copa.

Você provavelmente não saberia citar nem três nomes de cada uma dessas categorias, muito menos de todos esses indivíduos. Por quê? Apesar do sucesso na ocasião e das realizações significativas bem recompensadas, os prêmios famosos se vão, e a lembrança de quem os recebeu desaparece rapidamente.

Vamos tentar, agora, a segunda parte do questionário: 1. Cite dois professores que fizeram diferença em sua vida.

2. Cite três amigos que estiveram ao seu lado durante um período difícil.

3. Cite um ou dois conselheiros que acreditaram em você e que pensam em você como alguém de valor.

4. Cite cinco pessoas com quem gostaria de passar uma noite só por ser divertido estar com elas e a quem admira muito.

5. Cite três ou quatro heróis, vivos ou mortos, cujas vidas inspiraram e encorajaram você.

Como foi dessa vez? Aposto que tirou “A”. Na verdade, se houvesse tempo suficiente, você poderia ter citado mais nomes para cada pergunta. Por quê? Porque as pessoas que fazem diferença na vida não são aquelas com as credenciais mais impressionantes nem as que possuem maiores portfólios. Não são sequer indivíduos que ganharam mais prêmios nem aqueles cujos rostos aparecem nas capas de revista. Essas pessoas causam pouco impacto em nossas

vidas. É por isso que esquecemos os seus nomes. As que fazem verdadeira diferença são aquelas que se aproximaram de nós. Tornaram-se amigos queridos e, em alguns casos, nossos heróis.

E interessante que, quando se trata de heróis genuínos, a aparência exterior nada significa. O QI deles ou o desempenho que tiveram na escola não faz diferença alguma para nós. Nada disso importa. O que vale são as qualidades notáveis que os tornam memoráveis.

Permita-me fazer mais algumas perguntas. Sei que estou ficando bastante pessoal. Quando tiver saído desta cena terrena, como as pessoas se lembrarão de você? Que qualidade de caráter perdurará na memória deles, levando-as a dizer que a sua vida foi importante? Por que desejariam parar diante do seu nome gravado em granito?

Agora que estamos chegando ao fim do nosso estudo desse grande homem de graça e coragem do primeiro século, que qualidade de caráter *o* tornou mais eficaz?

O mais provável é que a resposta seja encontrada nas cartas às igrejas de Filipos e Colossos. Vamos deixar brevemente a narrativa do Dr. Lucas em Atos e concentrar-nos nas palavras de exortação de Paulo numa época em que as suas circunstâncias eram menos que ideais.

UM CONTENTAMENTO APRENDIDO

Três vezes, na breve carta aos filipenses, Paulo menciona as suas circunstâncias, que se resumem a estar confinado numa prisão em Roma.

Depois de uma saudação bastante afetuosa aos crentes de Filipos, Paulo escreveu: “Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que *as coisas que me aconteceram* têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho; de maneira que as minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas de toda a guarda pretoriana e de todos os demais” (Fp 1:12, 13). Mais tarde, ele reitera: “Digo isto, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e *qualquer situação* ”(Fp4:ll).E finalmente conclui: “De tudo e em todas as *circunstâncias,* já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez” (Fp 4:12, itálico acrescentado). Ele enfatiza três vezes que as suas circunstâncias não determinam o seu nível de contentamento.

Paulo não oferece condições, restrições nem limites que possam interferir em sua alegria. Sem se importar com a sua posição na vida, ele viveu acima das suas circunstâncias. Estou convencido de que foi isso que permitiu que Deus o usasse com tamanha eficácia e que tornou heróico o impacto da sua vida.

Nenhuma vez, em todas as histórias que observamos nesses poucos capítulos sobre Paulo, ele demonstrou autopiedade nem se colocou no papel de vítima. Pelo contrário, na “escassez” ou na “prosperidade”, passando “fome” ou em situação de “abundância”, Paulo permaneceu contente. Embora as suas circunstâncias fossem muitas vezes extremas, a atitude do homem permaneceu virtualmente intacta.

Você pode ficar tentado a atribuir tudo isso ao seu temperamento. Afinal de contas, a cultura de hoje dá muita importância à classificação do temperamento. Mas a alegria não é genética. Paulo escreveu simplesmente: “Aprendi” a viver contente. O contentamento resulta de uma atitude aprendida cultivada deliberadamente com o passar do tempo. A atitude governa a alegria. Quando Paulo chegou a Roma, esgotado e ferido pelas batalhas das suas viagens missionárias, inclusive depois da experiência recente do naufrágio, a sua decisão tornara-se invencível.

Mediante o poder de Cristo, Paulo *aprendera* a defrontar-se com as repetidas situações estressantes sem permitir que as circunstâncias lhe causassem um impacto negativo. Ele *aprendera* a manter uma atitude excelente. Elevou-se acima das suas circunstâncias. *Aprendera* a viver além delas.

Vamos espiar onde ele se achava nesse ponto. Paulo não escreveu essas palavras inspiradoras tomando chá gelado de canudinho em alguma praia tranqüila do mar Egeu. Nem estava se aquecendo sob o sol cálido dos Alpes italianos. Não pôs a pena no pergaminho enquanto gozava um período de solidão, muito necessário, numa linda vila junto ao Mediterrâneo. Com as mãos deformadas, lutando contra o frio e as correntes de ferro, Paulo escreveu sobre oportunidades sem precedentes e realizações alegres. Veremos em breve o que fez a suprema diferença.

APESAR DESTAS CADEIAS

Atos 28:14 encontra Paulo deixando o navio e ainda cheirando a água salgada, depois de passar dias “no mar alto” e meses na ilha de Malta. Durante esse período na ilha, Deus usou Paulo poderosamente para curar o pai de seu gracioso anfitrião. Lucas afirmou depois: “... nos dirigimos a Roma” (28:14). *Finalmentel* Nesse mesmo capítulo final de Atos, Lucas informa que: “Por dois anos, permaneceu Paulo na sua própria casa, que alugara, onde recebia todos que o procuravam, pregando o reino de Deus, e, com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as coisas referentes ao Senhor Jesus Cristo” (At 28:30,31).

Apesar das cadeias, ele proclamou Cristo fiel e ardorosamente. Graça e firmeza novamente visíveis!

E quase certo que você nunca ficou *confinado* durante dois anos. Eu também não. Mas períodos de frustração prolongados são comuns a todos nós. Uma velha canção country diz: "Alguns dias são diamantes, outros são pedras"[1]. Quando esses dias se transformam em meses e até em anos de espera pela mudança da nossa situação é que nossa paciência se esgota. Paulo permaneceu aparentemente firme, embora arrastasse correntes pelo seu apartamento em Roma durante dois anos. O lado norte da cidade onde ele ficou em prisão domiciliar não era nenhum bairro de luxo.

John Pollock pinta com grande clareza esse quadro histórico: Paulo ficou em custódia numa casa alugada por ele próprio. Não ficava localizada em alguma favela, no labirinto de ruas estreitas e de habitações frágeis das quais a multidão emergia para motins periódicos. Ele deveria ter tido uma casa de tamanho razoável — ou até mesmo pequena, mas com um jardim espaçoso — situada perto do quartel da Guarda Pretoriana no monte Celiano, ao norte de Roma.

O ruído do trânsito à noite, quando os produtores da zona rural levavam as suas carroças para vender as suas mercadorias ao mercado, descendo a rua estreita calçada de pedras; o vozerio dos pedestres acotovelando-se durante o dia, o som ruidoso das massas animadas no Circo Máximo durante as corridas de carros ou combates dos gladiadores, o mau cheiro de uma grande cidade, mesmo no inverno, época na qual Paulo ali chegou, e o risco da malária no verão, não permitiam conforto nem luxo. Os regulamentos também exigiam a presença permanente de um soldado, a quem ficava acorrentado. Mas não estava na prisão; podia ter amigos a seu lado e convidar quem quisesse.[2]

O mesmo autor continua descrevendo o impacto que uma visita a Paulo causaria a um hóspede desprevenido: Ninguém poderia sair intocado daquela casa, mesmo que se tratasse de "discutir vigorosamente". Ela tinha uma atmosfera de felicidade, como a música e o canto, que Paulo menciona em ambas as cartas importantes que escreveu dali. Seu caráter não tinha azedado nem endurecido com as dificuldades. A julgar pelo que considerava importante, ele era bondoso, terno, pronto a perdoar, como Cristo o perdoara. Andava em amor, o elemento que unia as suas qualidades. Continua sendo ainda o grande encorajador, recebendo o homem fraco na fé, mas recusando-se a discutir questões secundárias. Os romanos souberam que ele vivia exatamente do modo como lhes ensinara, ao escrever três anos antes: "Ora, nós que somos fortes devemos suportar as debilidades dos fracos e não agradar-nos a nós mesmos [...] A ninguém fiqueis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns

aos outros".

[...] Naquela casa romana, os corações amargurados suavizavam; a raiva, a ira e o clamor desapareciam. Paulo tinha, mais que nunca, consciência da sua insignificância, da sua indignidade-"o menor de todos os santos" -, da maravilha de ter-lhe sido confiada a missão de "pregar as riquezas insondáveis de Cristo".

Ele parecia deleitar-se com o contraste entre a majestade da mensagem e a insignificância do mensageiro: um homenzinho tão gentil agora, todavia feito de aço e cheio de força."[3]

Ao que John Pollock chama de "aço e força", ao descrever o caráter de nosso herói missionário, eu me refiro como *graça* e *resistência.*

Poucas pessoas, no primeiro século, tinham uma compreensão mais profunda da graça de Deus do que o apóstolo Paulo. Remido de uma vida de brutalidade cruel como um fariseu rígido e legalista, o homem transformou-se, arrependeu-se e, mediante a capacitação de Cristo, tornou-se uma alma amável, graciosa, otimista. Compreensiva, perdoadora. Acessível. Ele alcançou uma posição em que estava não só disposto a oferecer esperança aos gentios, mas também a viver entre eles, embora tivesse puro sangue judeu. Ninguém que conheço suportou as dificuldades pelas quais passou como bom soldado de Cristo. O que o torna ainda mais surpreendente é isto: ele nunca deu um só sinal de queixa por estar acorrentado a um rude soldado romano nem pela inconveniência de estar restrito a um alojamento tão apertado. O homem simplesmente não se queixava. Pela graça de Deus, viveu acima de tudo isso. Repito, ele *aprendera* o segredo do contentamento.

Que invejável atitude mental! Enquanto lê este capítulo, você talvez se encontre numa situação muito menos que ideal. A vida não só se tornou problemática e cheia de frustrações, como também está ficando cada vez pior a cada dia. A verdade seja dita, a vida para você neste momento pode ser praticamente insuportável.

A grande tentação é permitir que isso o deixe amargurado -fazê-lo viver sob uma nuvem negra, em que condenação e tristeza caracterizam as suas perspectivas. A vida é dura. Você vive numa situação parecida com a de uma prisão domiciliar. Sente-se preso ao seu passado, incapaz de escapar das circunstâncias restritivas. E possível que tenha vivido tanto tempo desse modo que os pensamentos negativos já se tornaram um hábito. Você não consegue pensar de outro jeito.

Tenho excelentes notícias. Há esperança além das suas circunstâncias. É possível viver acima delas. Se um homem chamado Paulo conseguiu manter-se acima da sua situação incrivelmente difícil, você também pode. Cristo deve, porém, tornar-se o seu enfoque central. Só ele tem poder para capacitá-lo e

ensiná-lo a viver acima dos problemas e das adversidades. As suas circunstâncias externas talvez não mudem, mas por dentro, você mudará. A medida que Cristo receber o primeiro lugar nos seus pensamentos, ocorrerão mudanças. Elas ficarão evidentes para o seu cônjuge, para os seus filhos, para os seus amigos e colegas. Em vez de ver a si mesmo como uma vítima, você começará a perceber uma força que não é sua. O resultado? Sua vida fará diferença por causa da maneira como vai reagir às circunstâncias que antes o derrotavam. Para os mais próximos, a sua alegria *apesar das circunstâncias* será nada menos que heróica.

Voltemos agora a Paulo. Ele está em prisão domiciliar numa casa alugada; mas se recusa a pensar apenas nisso. Está longe de casa e o seu futuro é incerto; não permite que isso o preocupe. Fica preso a um guarda romano todos os dias; sem problemas. Por ter feito de Cristo o objetivo da sua vida, o contentamento substituiu a frustração. Paulo ensinou a si mesmo a viver acima das suas circunstâncias. Os benefícios: *Primeiro, o progresso do evangelho é acelerado e nunca adiado.* Em sua carta aos cristãos de Filipos, o apóstolo confessa fervorosamente: “Quero ainda, irmãos, cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho” (Fp 1:12). Em vista da atitude de Paulo sobre a sua situação, o seu testemunho espalhou-se como um incêndio pelas fileiras da guarda romana. O Espírito de Deus nivelou sistematicamente o orgulho dos militares romanos. Como árvores cortadas numa densa floresta, os corações dos altivos soldados romanos, um após o outro, rendiam-se submissos ao poder de Cristo.

Pense nisto: Paulo nunca considerou a sua prisão como uma barreira para o evangelho, mas na verdade como um catalisador para causar maior impacto. Esse é o benefício da alegria aprendida. Quando você vive acima das circunstâncias, terá pouca dificuldade em divulgar a mensagem do evangelho. Todos à sua volta desejarão saber como você é capaz de viver com tamanho desprendimento alegre. Cristo entrou na vida de Paulo de tal maneira que ele exclamou: “Ele me capacitou. Tudo posso naquele que me fortalece”. A alegria de Paulo vinha de Cristo, e a sua graça fluía dele, atravessando os quartéis de Roma.

Segundo, quando você vive acima das suas circunstâncias, a mensagem é aguçada e nunca embotada. Paulo exclamou que as suas cadeias ha-viam sido a razão de toda a guarda do palácio ter ouvido o evangelho. Essa não era uma estatística insignificante. Pela contagem de Paulo, a mensagem do amor de Cristo havia penetrado nas fileiras da guarda imperial, que alguns eruditos sugerem serem nove mil. O reavivamento começou surpreendentemente com um soldado romano algemado a um homem, mas não a um homem *qualquer.* Essa

ligação forçada tornou-se um trampolim de graça para toda a Guarda Pretoriana.

Um soldado disciplinado após outro baixava a guarda do coração e rendia-se ao seu novo Comandante. Como teria sido emocionante assistir a isso em primeira mão! O evangelho foi aguçado e não embotado, porque Paulo viu as suas circunstâncias como uma oportunidade para semear a mensagem, em vez de cair no desespero.

Existe um terceiro benefício em viver acima das suas circunstâncias: *A coragem de outros éfortalecida e não enfraquecida.* Aqueles homens que ninguém acreditaria que se converteriam e que aceitaram a Cristo com Paulo não se envergonhavam de sua recém-encontrada fé. Estou certo de que não recuaram. Pelo contrário, mostraram-se cada vez mais corajosos em seu testemunho. Acho isso estimulante!

Quando os soldados encarregados de vigiar Paulo rendiam-se ao Senhor Jesus, ele se tornava conselheiro deles. Enquanto observavam a sua fé notável, a sua coragem para "falar sem medo a palavra de Deus" aumentou. Eles descobriram o segredo da alegria: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4:13). Quantas vezes devem tê-lo ouvido dizer isso! Falava com tanta freqüência que eles começaram a repeti-lo.

O segredo do contentamento de Paulo não fora extraído de um manual sobre como viver de modo cristão nem de um seminário sobre o pensamento positivo. Ele não tinha acesso a uma pilha de pergaminhos de auto-ajuda prometendo avivar sua autoconfiança abalada. O segredo de Paulo não se encontrava em um programa, mas numa Pessoa. Cristo fez a diferença. Ele ensinou o seu servo a suportar, mediante o seu poder, todas as situações, todas as circunstâncias, cada desafio difícil, por mais adverso que fosse. Paulo entre-gou todos os seus direitos ao seu Mestre e, por sua vez, ele deu a Paulo toda a força que necessitava.

Paulo escreveu sobre o segredo da alegria nas cartas escritas aos seus amigos em Filipos e Colossos. Nessas cartas, descubro pelo menos quatro atitudes que se referem à alegria aprendida. Em vista de o terem ajudado numa situação muito mais restrita do que aquela em que nos encontramos, estou convencido de que terão valor para nós agora.

QUATRO ATITUDES PARA A ALEGRIA APRENDIDA

"Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em

vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2:3,4).

Primeiro, Paulo recomenda uma atitude de humildade desprendida. É notável que nunca ouvimos Paulo dizer ao seu guarda romano: “Preciso de um favor seu. Da próxima vez em que estiver perto de um dos assistentes do imperador, insista para que me tire desta espelunca. Eu não deveria estar aqui, mas aqui me encontro há um ano, sete meses, quatro dias, cinco horas e nove minutos. Isso é demais!” A atitude de humildade desprendida de Paulo impediu-o de manter registros detalhados dos erros cometidos contra a sua pessoa em Roma, ou em qualquer outro lugar. Ele não pediu favores. Não guardou ressentimentos, Não tinha expectativas. Estava ali pelo desígnio divino. Submeteu-se de boa vontade à sua situação.

Nossa época de autopromoção clama por almas heróicas, que vivam livres de qualquer presunção vazia, que tenham mentalidade humilde, que considerem os outros mais importantes do que elas mesmas.

Paulo aponta para o supremo modelo e exorta a todos nós para termos a mesma atitude que “havia também em Jesus Cristo”, que voluntariamente “se esvaziou” e se tornou “obediente até a morte”.

Cristo modelou o grande princípio do esvaziar-se a si mesmo, que permeou a vida memorável de Paulo. Se quisermos aprender a alegria, desenvolver uma atitude de generosa humildade é o ponto perfeito para começar.

Comece com a sua família ou com um dos seus vizinhos. Dê a seguir o exemplo diante dos seus empregados ou dos seus clientes no seu lugar de trabalho. Você não vai acreditar no impacto que esse tipo de atitude mental desprendida terá sobre as pessoas sob a sua esfera de influência.

Você não terá de balançar bandeiras nem de entregar panfletos. Demonstre apenas uma atitude de humildade desprendida. Os resultados vão surpreendê-lo.

Segundo, Paub exorta os crentes a terem uma atitude de aceitação jubilosa. Paulo não economizou palavras sobre como os crentes devem relacionar-se entre si. “Fazei tudo sem murmurações nem contendas, para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como luzeiros no mundo” (Fp 2:14,15).

Paulo sabia que as apostas eram altas enquanto o mundo secular observava os incipientes seguidores de Cristo do primeiro século. Se os cristãos se queixassem e contendessem sobre as suas circunstâncias, isso poria em risco a credibilidade do evangelho. Ele buscou, portanto, uma atitude de aceitação alegre, livre de disputas insignificantes e de briguinhas. Rogou por uma alegria autêntica.

Nada é mais contagioso. Paulo disse: “Não se queixem; mostrem alegria!” Esse é o segredo. A alegria atrai. As queixas repelem. Um senso de humor deliberado tem grande apelo. As pessoas notam quando o sombrio espectro de “uma geração pervertida e corrupta” não nos afeta.

O meu conselheiro, Ray Stedman, costumava dizer: “Vivemos num mundo de corruptos e pervertidos. Que oportunidade para ser cativantemente diferentes!”. Gosto desse tipo de atitude. A aceitação alegre ilumina este triste planeta!

Paulo ordena aos crentes uma terceira atitude: a atitude da forte determinação. Ele confessou: “Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3:13,14).

Numa ocasião em que muitas pessoas, no seu lugar, estariam olhando para trás arrependidas, imaginando como teria sido a vida numa profissão diferente, Paulo repudia o passado e contempla confiantemente o futuro. Sua forte determinação o manteve concentrado no alvo supremo — agradar a Cristo o tempo todo até alcançar o alvo, mesmo em cadeias. E a imagem de um corredor com os olhos fixos na linha de chegada, esforçando-se para seguir em frente com forte determinação. Paulo disse: “Não estou olhando para trás. Esforço-me para alcançar o prêmio.” Verdadeira firmeza.

Nenhuma corrente romana enferrujada podia impedir Paulo de perseguir o alvo do prêmio de Cristo. Ele continuou correndo, decidido a permanecer concentrado na sua missão.

Eu estava lendo para Cynthia, na revista *Sports Illustrated*, sobre um observador de basquete de 90 anos que ainda trabalha para o Detroit Pistons. Isso mesmo, o homem tem 90 anos! Ele ainda pega o avião, verifica as possibilidades de futuro sucesso de um jogador e envia um relatório confiável. Aprecio isso! Ele afirmou ter passado dos 62 anos sem um pensamento sequer sobre aposentadoria. Determinação firme.

Li em algum lugar: “Admiramo-nos da perfeição anatômica de um quadro de Da Vinci, mas esquecemos que Leonardo da Vinci, em certa ocasião, pintou mil mãos”. Leonardo possuía essa mesma determinação firme, modelada por Paulo em Roma. Thomas Edison inventou a lâmpada elétrica moderna depois de mil tentativas frustradas. Como ele mesmo admitiu, foi apenas uma forte determinação que deu ao mundo a lâmpada incandescente e não o gênio criativo do inventor.

Não estamos falando, porém, de atletas da faculdade nem de inventores persistentes e brilhantes. Estamos nos referindo a um servo determinado de

Cristo. Não existe um caminho fácil para a matu-ridade espiritual. Isso não acontece da noite para o dia. Lembre-se de que é uma viagem penosa, às vezes. Não se preocupe, então, em publicar um folheto sobre todos os obstáculos que enfrenta. Não se torne famoso por queixar-se. O apóstolo diz: “Esqueça o passado, procure chegar à linha de chegada. Continue correndo!” Desenvolva e mantenha uma atitude de forte determinação.

A quarta atitude encontra-se na carta de Paulo aos Colossenses. Eu a chamaria de atitude paulina de agradecimento sincero: “Perseverai na oração, vigiando com ações de graças. Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual também estou algemado; para que eu o manifeste, como devo fazer” (Cl 4:2-4).

Eis aqui um homem, na faixa dos sessenta anos, que tem pregado durante anos pedindo orações para que pregue com maior clareza. Paulo não era fingido. Nenhum tipo de sucesso ou número de anos de ministério lhe deu um falso sentimento de realização suprema. Ele sabia que não tinha ainda chegado lá. Estava convencido de que a sua pregação podia ser aperfeiçoada. Com o coração sinceramente agradecido, ele pediu, então, aos seus companheiros crentes que orassem a seu favor. Está vendo o poder desse tipo de atitude? Um verdadeiro refrigério.

Não é de admirar que o homem causasse tal impacto duradouro para Cristo. O seu segredo coloria cada uma de suas cartas. Posso repetir mais uma vez? *Ele aprendera a sentir-se contente em todas as coisas.* Mas não podemos deixar que a tinta dessas verdades simplesmente seque na página. Devemos adotar o mesmo segredo, se quisermos causar o mesmo impacto duradouro. É preciso fazer algumas reflexões pessoais.

UMA VERIFICAÇÃO DETALHADA DA SUA ATITUDE PESSOAL

Vamos desviar os holofotes do homem hospedado em Roma e dirigi-lo para você e para a sua vida, onde quer que se encontre neste momento. Você está fazendo alguma diferença na vida dos que o rodeiam pela sua maneira de reagir às circunstâncias? Outros são inspirados pela sua fé ou desanimados pelos seus temores? As atitudes de humildade desprendida, de aceitação jubilosa, de determinação forte e de gratidão sincera são evidentes em seu modo de responder às circunstâncias? Talvez esteja na hora de fazer algumas mudanças. Vamos ver se posso ajudá-lo.

Comece recusando permitir que a sua situação determine a sua atitude. Quando ela se impõe à sua situação, a transformação realmente começa. Como vimos em Paulo, o poder para transformar as atitudes obstinadas de medo e de amargura, de ira e derrota, procede de Cristo. O Senhor nosso Deus está pronto para derramar o seu poder em você. Só ele tem o poder de livrá-lo desses inimigos implacáveis e de fazê-lo voar.

O autor David Aikman fez um favor ao mundo perto do final do século passado. Ele terminou uma pesquisa e escreveu um livro que intitulou *Six Individuais Who Changed the Twentieth Century.* Como correspondente estrangeiro, David Aikman tem uma perspectiva única sobre os eventos mundiais. Ele escreveu: "O que sempre me causou admiração, sendo repórter na maior parte de minha vida adulta, foi a capacidade que o ser humano tem de erguer-se repetidas vezes acima do seu tempo e das suas circunstâncias para mudar, mesmo que só um pouco, o fluxo dos acontecimentos humanos".[4]

Depois de discorrer sobre um século cheio de grandes indivíduos notáveis, ele concluiu que *a atitude deles* é que os destacou. Você percebeu? Ele mencionou a determinação de cada indivíduo de "erguer-se acima das circunstâncias". Ao ler as suas palavras, pensei: Foi *exatamente* isso que me atraiu para os meus conselheiros, especialmente os quatro a quem dediquei este livro.

O meu respeito por eles apenas se intensificou, quando soube as circunstâncias que cada um suportou sem desanimar. Sofrimento após sofrimento, derrota após derrota, fracasso após fracasso, não impediram esses homens escolhidos de deixar o passado e de buscar o prêmio.

Na verdade, foi isso que me levou a empreender um estudo da vida e do ministério do apóstolo Paulo. Ele modelou essa notável qualidade que lhe permitiu viver contente em toda e qualquer situação. Isso o libertou para tornar-se um homem de Deus, um homem de graça e firmeza que mudou literalmente o curso da história da Igreja.

Isso pode acontecer também com você. Quando entrega a Cristo o pleno controle da sua vida, o seu amor e misericórdia irão perfurar a sua alma ferida e permitir que libere uma torrente de amargura, ira e ressentimento que o envenenaram durante anos. A culpa e a autopiedade desaparecerão, dando lugar à humildade e à alegria. Como aconteceu com Paulo, tudo começará aos pés da cruz. A verdadeira transformação começa ali. Quando você se aproxima dele com fé, ele o liberta das coisas que o escravizaram durante toda a sua vida. Como Paulo, você também será libero para tornar-se um canal de graça e poder.

No começo deste capítulo, você respondeu uma pergunta importante. Pedi que citasse três ou quatro heróis, cujas vidas inspiraram e encorajaram você.

Suspeito que mencionou pessoas que se recusaram a render-se às circunstâncias que os cercavam. Suas realizações foram provavelmente significativas, mas foi a sua atitude que os levou a destacar-se do resto, certo? Eles se elevaram em espírito.

Você gostaria de terminar este capítulo com um grande pensamento? Aproprie-se do que leu sobre Paulo e poderá perfeitamente vir a ser a pessoa que alguém chamará de herói nos anos vindouros.

Capítulo Vinte e Dois

Algemado, Abandonado, mas Ainda Destemido

Nero bateu o martelo com força e Paulo ficou livre. Embora não fiquemos sabendo nada, pelo registro bíblico, a respeito dos detalhes da sua defesa perante o imperador, Paulo ganhou novamente a liberdade e voltou ao seu compromisso com a pregação. Alguns creem que foi durante essa época que ele fez a tão sonhada viagem para a Espanha. E possível, mas ninguém sabe com certeza. Ele certamente encontrou-se com Tito em Creta, gozou da graciosa companhia de Filemom e de seu agradável amigo, Onésimo. Mais importante ainda, reuniu-se com Timóteo em Efeso. Palavras doces e abraços calorosos devem ter acompanhado esse encontro. Paulo aproveitou ao máximo a oportunidade para derramar mais da sua sabedoria e conhecimento na alma daquele jovem com um espírito tão afinado ao seu e que seria o seu sucessor no trabalho.

A sua liberdade só durou alguns anos. Mais cedo do que muitos esperariam, Paulo foi preso em Trôade e arrastado de volta a Roma algemado, acabando outra vez no chão frio de uma cela romana.

Os que visitam Roma hoje geralmente não passam por esse local tão importante. Ele não é visto por não constar de nenhum folheto turístico.

Obras de arte originais não pendem das paredes na galeria desse lugar pouco atraente. Esculturas e estátuas não atraem ali uma multidão sofisticada. Nada na velha cela é bonito. O lugar é um buraco escuro e sinistro, impróprio para ser habitado por qualquer pessoa. Ela não só é pouco atraente, mas também os odores fortes de suor e de sangue seco, comuns em tais câmaras de tortura, ofendem os visitantes. Se as pedras enegrecidas pelo tempo pudessem falar, quantas narrativas medonhas contariam. Os poucos turistas que se aventura a descer até esse espaço lúgubre esgueiram-se pelas passagens estreitas tentando imaginar como seria ficar alguns dias naquela câmara úmida e sombria de horrores, então chamada de Prisão Mamertina.

Nessa masmorra solitária, o prisioneiro chamado Paulo passou as suas últimas horas, durante as quais escreveu algumas das mais ternas palavras já dirigidas a um jovem aprendiz ministerial que começava a palmilhar o seu caminho. Paulo escreveu a sua segunda carta a Timóteo enquanto se encontrava sozinho nas sombras daquela cela úmida e suja.

Hans Finzel, em seu ótimo livro *Empowered Leaders*, descreve habilmente o lugar onde Paulo passou os seus últimos dias.

Qualquer visitante de Roma aprende imediatamente que a Igreja de São Pedro está no centro das atrações da cidade. Como imãs, o Vaticano, a Basílica

de São Pedro e os lindos museus que a cercam atraem milhares para essa cidade antiga todos os anos. Visitei a Praça do Vaticano, percorri a Catedral de São Pedro e passei meio dia no Museu do Vaticano. Fique especialmente impressionado com as obras de Michelangelo, na Capela Sistina. Todavia, o que mais me inspirou em minha visita a Roma aconteceu depois que deixei esses grandes edifícios e a sua rica história. Por mais impressionantes que fossem, havia algo mais especial à espera.

Numa rua obscura, a alguns quilômetros do Vaticano, existe um pequeno prédio considerado como tendo abrigado a cela de prisão onde Paulo passou os seus últimos dias. Se é realmente a sua cela ou não, naturalmente é discutível. Descemos a esse buraco apertado por baixo da terra e passamos cerca de meia hora na cela escura. Era fria, úmida e cheirava a mofo. Uma pequena grade no teto permitia a entrada de um pouco de luz. Os historiadores concordam que Paulo perdeu provavelmente a vida em cerca de 67 d.C., durante o reinado de Nero.

Enquanto me sentava naquele chão frio de pedra, imaginei como seriam as coisas para Paulo naqueles dias finais. Se aquele não fosse o local exato, deveria ser bem semelhante. Que maneira de passar as suas últimas semanas de vida! Enquanto ficamos naquela cela conversando, bebendo a história que as pedras poderiam contar se falassem, notamos que só alguns visitantes desciam até lá conosco. Esse era um contraste absoluto com os milhares que esperavam na fila para entrar no Museu do Vaticano perto dali. As ruas lá em cima estavam repletas de turistas que se dirigiam, em bandos, para a Catedral de São Pedro, mas só ocasionalmente alguém parava tempo suficiente para apenas espiar pela grade a cela lá embaixo. Pensei com meus botões: ‘O homem que escreveu a maior parte do Novo Testamento passou aqui seus últimos dias. O maior missionário e fundador de igrejas do primeiro século morreu aqui. Não deveria haver mais gente desejando saber como ele se sentia?’ A resposta é evidentemente não. A maioria das pessoas que visita Roma hoje não lista a cela de Paulo como um dos dez mais importantes locais turísticos. Para mim, no entanto, ele era o local número um de Roma.[1]

A maioria dos turistas em Roma nem sequer sabe onde se encontra o lugar tradicional dessa cela notória. A pequena fila de espectadores é mais composta de observadores acidentais do que daqueles que procuram o lugar de propósito.

Foi ali, entretanto, numa masmorra rústica de paredes de pedra, que Paulo passou os seus últimos dias. Liberto anteriormente pelo decreto de Nero, ele gozou da liberdade da prisão domiciliar por um breve período, antes de voltar para sua derradeira cela. Algum tempo depois, na caserna oficial romana, poder-se-ia ouvir o som de um machado sendo afiado, o qual com um movimento

rápido, poucas horas depois do decreto do imperador, iria descer com força e realizar o seu sinistro objetivo.

ALGUMAS PALAVRAS MADURAS PARA UM JOVEM APRENDIZ

Toda vez que leio a segunda carta de Paulo a Timóteo, lembro-me de que consiste numa conversa da prisão. É por isso que as palavras soam com tal paixão e ternura. Curvado e cheio de cicatrizes, mas estranhamente satisfeito, Paulo está ali sentado, algemado e sozinho. Procure o quanto quiser e não vai encontrar sequer um traço de autopiedade, culpa ou amargura no tom do apóstolo exausto. Ele não expressa qualquer pesar.

O tempo é precioso e ele sabe disso. A iminência da sua execução só permitia que escrevesse uma carta direta, na qual passasse o bastão do ministério a Timóteo. Sua ternura, entretanto, evidenciava-se em toda a epístola.

Fico também impressionado com o fato de Paulo não mostrar qualquer evidência de estar vivenciando privações. Ele faz menos de cinco referências específicas ao seu sofrimento na prisão, não nega nenhuma vez a realidade da sua situação nem diminui o seu significado.

Charles Erdman escreve: “Nenhuma das outras cartas do Novo Testamento faz possivelmente um apelo tão terno e comovente. Cada parágrafo está imerso em emoção, cada sentença pulsa com as batidas de um coração humano. Paulo, o herói missionário intrépido, fundador das igrejas na Ásia Menor e na Europa, é agora um prisioneiro envelhecido em Roma, sofrendo, abandonado, desprezado, condenado e em breve levado a uma morte cruel”.[2]

Como você talvez não tenha oportunidade de visitar essa cela romana, terá de imaginar o corpo fragilizado de um homem que aparenta mais idade do que tem, ferido pelas torturas do passado, com as cicatrizes dos espancamentos, apedrejamentos e naufrágios, sentado no escuro. Seu cabelo e barba brancos são como a neve. Ele se agacha sob a grade que oferece alguns raios tênues luz da rua lá em cima.

Ele escreve ali, com a mão deformada, uma carta pungente para o seu mais querido amigo, o seu filho na fé. Mais tarde, entregaria essa terna epístola nas mãos de Lucas, que asseguraria a sua remessa a Éfeso. Ele endereçou-a afetuosamente: “Ao amado filho Timóteo”.

A finalidade da carta de Paulo é palpável. Dias depois, Timóteo sufocou as lágrimas ao ler as palavras escritas de próprio punho pelo seu conselheiro: “Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida

é chegado” (2 Tm 4:6).

Charles Ryrie está certo ao resumir as palavras afetuosas e ardentes do homem mais importante na vida de Timóteo. “Paulo sabia que, desta vez, não seria liberto, e isso era verdade. Não mais cruzaria o Mediterrâneo. Não haveria outra visita a qualquer igreja que fundara nem a algum lugar onde nunca tivessem ouvido o evangelho. Não por Paulo. Sua vida estava sendo derramada como uma oferta de bebidas e o tempo da sua partida é chegado”.[3]

Só os que experimentaram o difícil passar do tempo na cela da morte sabem de fato o que significa aguardar a morte certa por execução. Não é de admirar que Paulo escrevesse uma súplica apaixonada, convidando seu amado companheiro de ministério: “Apressa-te a vir antes do inverno”. Ninguém quer morrer só, mesmo os que estão mais seguros do céu, nem sequer o grande apóstolo Paulo.

Não sabemos se Timóteo chegou antes do inverno ou se, ao chegar, encontrou um túmulo novo sob a neve. Sabemos que Paulo esteve virtualmente sozinho nessas últimas horas — só o Dr. Lucas encontrava-se por perto. Ninguém mais. O antes fiel Demas o abandonara, atraído pela sedução de lealdades menores “do presente século” (4:10). Os detalhes a esse respeito são deixados para a imaginação dos pregadores. Tito e Marcos estão também ocupados. Os seus únicos pedidos ao jovem Timóteo foram para que chamasse João Marcos e que tam-bém levasse alguns pertences pessoais, como o manto de Paulo, que sem dúvida deixara em Trôade no tumulto da prisão.

Mais do que uma coberta para o frio, aquele velho manto continha as evidências de seus árduos esforços por Cristo. Guardando o cheiro de salmoura do Mediterrâneo e do seu sangue derramado em Listra, a capa simbolizava o seu compromisso fiel ao chamado e a sua brava determinação - graça e firmeza. Essa capa fiel seria, em breve, trocada por um manto glorioso e celestial. Ele fez mais um pedido: “Não esqueça os livros, especialmente os pergaminhos”. Paulo queria os seus rolos pessoais das Escrituras. Devia continuar manuseando a Verdade. O velho cavalheiro foi um estudioso até o fim.

Os comentários de Paulo no último capítulo de 2 Timóteo estabelecem a estrutura de toda a carta. Raramente se lê o final de uma carta antes do começo, mas aqui seria uma abordagem sensata para compreender as últimas palavras do homem.

Abandonado, acorrentado, mas ainda destemido, Paulo permaneceu forte até o último dia da sua vida. Ele escreveu com o mais profundo sentimento, desde a sua terna saudação até a sua despedida caracteristicamente graciosa.

UMA PESQUISA DA EPÍSTOLA VIBRANTE DE PAULO

Nas páginas seguintes, quero que façamos uma breve pesquisa das últimas palavras de Paulo a Timóteo. Enquanto caminhamos juntos pela segunda epístola a Timóteo, será útil se você mantiver em mente que Paulo não escreveu suas cartas em capítulos. As palavras fluíam continuamente, à medida que o Espírito de Deus movia a mão do apóstolo experimentado para transmitir a verdade divinamente inspirada.

Capitulo Um: Um Toque de Clarim para a Vida Corajosa Como mencionamos antes, Timóteo e Paulo eram espíritos afins. Paulo amava Timóteo como a um filho e confessou ternamente: “Dou graças a Deus, a que, desde os meus antepassados, sirvo com cons-ciência pura, porque, sem cessar, me lembro de ti nas minhas orações, noite e dia. Lembrado das tuas lágrimas, estou ansioso por ver-te, para que eu transborde de alegria” (2 Tm 1:3,4).

Vivemos infelizmente numa cultura que teme a emoção desenfreada. Dificilmente testemunhamos uma manifestação espontânea da verdade. Que pena. Muito se perde num contexto de formalidades e de clichês religiosos superficiais. Não há nada disso nessa belíssima carta.

Ele lembrou das queridas mãe e avó de Timóteo, que o haviam criado no temor e na instrução do Senhor. As duas mulheres piedosas certificaram-se de que as verdades da Escritura haviam lançado raízes profundas no solo da alma de Timóteo muito antes de Paulo tê-lo recrutado para o trabalho. Sabendo que seu companheiro de longa data lutava com inseguranças naturais, ele o fez lembrar também dos dons que Deus lhe dera e o encarregou de reavivá-los. A timidez não o ajudaria em nada. O medo é humano e não divino. A capacitação sobrenatural de Deus incluía poder, amor e sã disciplina (1:7). Essas qualidades são o material da grandeza. Elas trariam benefícios a Timóteo.

Tudo isso e muito mais, Timóteo tinha, sem dúvida, ouvido antes, quando viajava com Paulo pela Ásia e para além dela. Ao ler aquelas palavras, o jovem deve ter acenado a cabeça, compreendendo-as com um sentimento de nostalgia. As exortações de Paulo tinham um tom novo e urgente, pois eram provenientes das mãos de um homem enfermo, que em breve morreria.

O convite do conselheiro era para um sofrimento conjunto e uma vida de ministério corajoso (1:8-12). Timóteo, de algum modo misterioso, iria compartilhar dos sofrimentos de Paulo, como este compartilhava dos de Cristo. Ele não estava envergonhado do evangelho nem descuidara da verdade. Os riscos eram grandes demais para qualquer coisa menor do que a guarda sóbria

daqueles princípios que Paulo depositara fielmente em sua conta espiritual. As palavras de Paulo não eram uma simples coleção de declarações incisivas, mas um tesouro que lhe fora confiado, a ser guardado e retido a todo custo (1:13,14). A essa altura, Timóteo estava preso a cada palavra. Paulo estava apenas começando.

Capítulo Dois: Uma Lista para Conferir Itens do Serviço Fiel *A* medida que continua, Paulo inclui sete exortações para o serviço fiel.

1. *Seja forte na graça* (2:1). Paulo escreveu: "Fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus". Paulo deu exemplo de uma força interior que era extraída diariamente do poço profundo da graça de Deus. Esse mesmo suprimento de graça iria fortalecer Timóteo para os rigores do ministério.

2. *Seja fiel ao transmitir a verdade.* Essas verdades profundas que Paulo transferia rotineiramente para a conta do jovem aprendiz não deviam ser gastas em frivolidades. Eram recursos a serem investidos sabiamente. Paulo encarregou Timóteo de tomar o que aprendera e ouvira daquele conselheiro e transmitir esses ensinamentos a homens fiéis e capazes de "instruir a outros" (2:2).

Refiro-me freqüentemente a isso como *retransmissão da verdade.* Paulo a recebera de outro, como a passagem do bastão numa corrida de revezamento. Paulo tomou o bastão e o entregou a Timóteo. Timóteo tem agora a responsabilidade de fazer o mesmo - de entregá-la a homens fiéis.

E o revezamento continuaria, a não ser que alguém deixasse cair o bastão. Este processo tem sido chamado por alguns de "ministério da multiplicação" — a verdade transferida de um indivíduo fiel para outro. Não deve haver acúmulo da revelação divina. "Timóteo, você nao deve guardar consigo essas ricas experiências de ministério e lições aprendidas com dificuldade. Todo o tesouro da verdade deve ser confiado a outros". Paulo está escrevendo na verdade: "Timóteo, quando tiver corrido a sua parte do percurso, não deixe de passar o bastão para a próxima pessoa da fila." A corrida deve continuar.

3. *Seja corajoso como um soldado.* Não há muita utilidade para soldados mimados, especialmente no calor da batalha. Paulo sabia que a única maneira de Timóteo sobreviver seria aceitar de boa vontade as dificuldades como "um bom soldado". O soldado que não é confiável acaba desertando ao primeiro sinal de estresse. As laterais do ministério estão cheias de soldados de joelhos fracos que desejavam a glória, mas rejeitavam o sacrifício. Paulo exortou Timóteo a não se juntar às fileiras deles. O jovem pastor necessitava de uma firme decisão que não só aceitasse o manto do sofrimento no serviço, como também o abraçasse de bom grado. Os bons soldados agem assim.

4. *Seja disciplinado como um atleta* (2:5). A corrida à sua frente exigiria enorme disciplina e forte determinação. Seria fácil demais virar-se e fugir do

primeiro obstáculo que parecesse impossível de saltar. Como Paulo escrevera a Timóteo em sua primeira carta: “Exercita-te, pessoalmente, na piedade” (1 Tm 4:7b).

5. *Seja trabalhador como um fazendeiro* (2:6). O ministério não é trabalho para uma alma preguiçosa, que se queixa ao primeiro alvor da madrugada. Paulo não ofereceu uma perspectiva cor-de-rosa sobre os rigores do chamado. A tarefa exige trabalho árduo, longas horas e, às vezes, sacrifício profundo da alma. Tudo faz parte da produção de uma safra abundante. Timóteo precisava saber disso nos primeiros anos do ministério. Haveria longas fileiras a serem aradas, e a plantação da semente não seria fácil.

6. *Seja diligente como um obreiro* (2:15). A tarefa exigia um estudo regular, disciplinado e sistemático das Escrituras. Nada devia ser tido como certo. Paulo não deixou espaço em seu *Programa de Graduação em Liderança Cristã* para comunicadores piegas nem para mensageiros despreparados. Só alunos estudiosos devem candidatar-se. Continue diligente, Timóteo.

7. Seja amável como um servo (2:24,25). A dedicação às coisas do Espírito desenvolve a gentileza até nas almas mais duras. Não há desculpa para estilos rudes de liderança nos ministérios cristãos. Liderar com amabilidade sempre paga maiores dividendos do que forçar a submissão das pessoas. O gado é conduzido, as ovelhas precisam ser guiadas. Paulo escreveu, na verdade: “Timóteo, seja amável com essas ovelhas! Sei que são teimosas, mas mesmo assim pertencem ao Senhor.” Timóteo teria os seus críticos, como aconteceu com Paulo. Mas não havia necessidade de atacar os santos com a Verdade, por mais intratáveis que fossem. Paulo recomendou uma abordagem gentil, como a de um servo, para lidar com a oposição.

Que lista para o ministério fiel! E suficiente.

- Seja forte na graça.
- Seja fiel ao transmitir a Verdade.
- Seja corajoso como um soldado.
- Seja trabalhador como um fazendeiro.
- Seja disciplinado como um atleta.
- Seja diligente como um obreiro.
- Seja amável como um servo.

Paulo sabia que o ministério não seria só diversão e jogos. Perigos reais estavam à espera no caminho de Timóteo. O adversário iria em breve atacá-lo. O jovem precisava de um plano de batalha para a vitória. O seu conselheiro experiente entregou-lhe um que ele poderia rever o resto da sua vida.

Capítulo Três: Uma Lista de Advertências para Tempos Difíceis Paulo removeu, então, os óculos cor-de-rosa de Timóteo e abriu os seus olhos para a

realidade. Foi possivelmente nesse ponto que Paulo parou e olhou pela grade daquela cela horrível. Ele fechou os olhos e imaginou o que a vida e o ministério seriam para Timóteo. Conhecendo a humanidade como conhecia, compreendendo a depravação até a profundidade que escrevera em sua carta aos romanos, ele diz a Timóteo: “Sobrevirão tempos difíceis” (3:1).

A partir desse ponto, ele abordou diretamente como seria a batalha quando Timóteo continuasse sem a sua presença ao seu lado. Leia o que se segue lentamente. E surpreendente - embora escrito no primeiro século, parece atual: “Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes”

(2 Tm 3:1-5).

Um quadro bem feio, não é? Um dos meus conselheiros costumava chamar os dias em que Paulo viveu de *"tempos selvagens”*. Os últimos dias *chegaram!* As predições de Paulo são agora realidade. O idoso apóstolo está advertindo Timóteo da corrupção aos padrões estabelecidos - haverá um afastamento da Verdade. De fato, para muitos, a vida cristã será uma acomodação gigantesca com o mundo. Hipocrisia, engano e diluição da doutrina vão ser a norma.

Paulo elogiou Timóteo por ter-se mantido fiel ao que fora ensinado apesar da apostasia que se alastrava (3:10,11). Os dias ficariam, porém, cada vez mais difíceis, pois “Os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados” (3:13).

Quando alguém escreve da prisão, tende a encarar a vida de forma nua e crua. Deixa-se a diplomacia de lado, e Paulo deixou claro que os indivíduos responsáveis por essa religião sem lei não ficariam de fora da igreja. Não só apareceriam como invadiriam a igreja. Seriam suficientemente ousados para entrar nas casas roubando e violando todas as coisas consideradas valiosas. Timóteo devia ficar alerta.

Só guardando os seus passos e continuando naquelas coisas que aprendera de Paulo é que sobreviveria a tais ataques insidiosos dos de fora. Mas não deveria lutar sem um plano. Deveria entrar no campo de batalha armado com uma estratégia defensiva forte e bem definida.

Paulo recomendou: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o aprendeste” (3:14). Há grande proteção ao abraçar a sabedoria de outros. Timóteo crescera nas Escrituras. Isso, combinado com os ensinamentos confiáveis, iria protegê-lo do erro.

Vamos fazer uma pausa para uma auto-análise. Se você for como a maioria as pessoas, está vivendo a toda velocidade. Diminua um pouco a marcha para responder uma pergunta: você se lembra dos ensinamentos que lhe foram transmitidos por uma mãe piedosa, um pai sábio, um conselheiro, um professor, um técnico, um amigo, um pastor, ou pastor de jovens? Posso lembrar-me, como se fosse ontem, algumas coisas que me foram ensinadas especialmente pelo meu pai, que não falava tanto quanto a minha mãe. De alguma forma, porém, ele se comunicava comigo. Ocasionalmente, de maneiras que eu não esqueceria.

Certo dia quente, eu estava na cama no meu quarto, no dia do meu aniversário, em meados de outubro, enquanto meu pai cuidava diligentemente do jardim. Percebendo que eu estava desperdiçando a tarde, ele me chamou, dizendo: — Charles, você precisa vir me ajudar a terminar este trabalho.

Respondi: — Não, hoje não. Estou fazendo treze anos. É meu aniversário.

Essa foi a última coisa que me lembro de ter dito até o fim da tarde naquele dia. Ele entrou, então, em casa como um raio e começou a me dar uma surra, desde a porta, em direção ao quintal e até o canteiro. Ele bateu com gosto naquele garoto de treze anos! Trabalhei então até ficar convencido de que arrancara cada erva daninha que existia. Segundo me lembro, aquela foi minha última sova.

No fim do dia, pouco antes do pôr-do-sol, meu pai me disse: — Entre e tome banho. A família vai sair para celebrar o seu aniversário.

Durante o jantar, ele me disse algo sobre a obediência de que me lembro até hoje: — Sempre respeite os que têm autoridade sobre você. Obedeça imediatamente e sem discutir.

Aprendi e fiquei convencido de algo que me ajudou durante o resto da vida. Quando alguém que tem autoridade sobre você, tem o seu bem em vista; faça exatamente o que essa pessoa diz.

Nem pergunte o porquê. Paulo queria que Timóteo se apegasse à verdade como aprendida do apóstolo. Ele sabia do que estava falando. Sabia que esse tipo de decisão seria útil para ele. Era preciso que tivesse convicções!

O Dr. John Walvoord, presidente do Seminário de Dallas de 1952 a 1986, disse certa vez durante uma cerimônia de formatura: “Temo estar diplomando alunos com muitas crenças e poucas convicções.” Que comentário perspicaz. Paulo mencionou ambas as coisas para Timóteo. “Continue nas coisas que aprendeu (crenças) e continue nas coisas das quais ficou convencido (convicções).” *As duas andam juntas.* As coisas nas quais você crê são várias. Algumas dessas crenças são mais fortes do que outras. Convicções são verdades pelas quais estaria disposto a morrer. Elas representam o que é inegociável. Tornam-se os pilares sobre os quais você baseia a sua vida.

Esta é uma boa hora de pensar sobre as suas convicções. Você extrai crenças de uma história como a de Paulo, mas essas verdades não se tornam convicções até que tenha se apropriado delas. Quais são as que você adotou? Essas convicções firmes têm origem na Palavra inspirada de Deus (3:16,17), o que consiste numa razão ainda maior para você permanecer nas Escrituras.

Ninguém, no lugar de Paulo, condenado a morrer, passando as suas horas finais numa cela escura, concentrado em coisas que dão honra a Cristo, iria passar adiante princípios não confiáveis. Isso explica por que Paulo não foi leniente. Ele arregaçou as mangas e escreveu claramente sobre os assuntos mais importantes. Deu a sua atenção a questões de vida e morte. À medida que o tempo se escoava, ele se tornou cada vez mais intenso.

Paulo chegou a um clímax em sua exortação a Timóteo com esta notável declaração: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra" (3:16,17). Paulo estava ficando entusiasmado com o assunto.

Capítulo Quatro: Um Encargo Urgente para um Ministério de Proclamação Paulo escreveu com urgência: "Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina" (4:1, 2). Em outras palavras, fique apegado ao plano de pregação que Deus prometeu abençoar e usar. Entregue os ensinamentos bíblicos! Seja um homem da Palavra!

Não tente ser tão criativo e engraçado que as pessoas não entendam a verdade. Não há necessidade de substitutos sem sentido e tolos que divertem, mas que raramente convencem os perdidos e edificam os salvos. Pregue a verdade. Note, por favor, que essa exortação não é dirigida ao ouvinte, mas ao orador. Quem deve fazer isso *é* quem está proclamando a mensagem. Ele deve estar pronto para agir quando for oportuno ou não. Estar pronto implica estar preparado tanto mental quanto espiritualmente.

Em essência, Paulo diz: "Não seja preguiçoso, Timóteo. Faça a lição de casa. Não fique de pé e comece com a desculpa de que não teve tempo suficiente para preparar-se. Isso não cola, Timóteo. E faça isso com fidelidade, quer seja conveniente quer não."

Se eu não estiver preparado para pregar quando chega a manhã de domingo, a culpa *é* minha. A minha responsabilidade *é* estar pronto para proclamar a Palavra de Deus "quer seja oportuno, quer não", quando está quente ou frio, com dor de cabeça ou sentindo-me bem, cedo ou tarde, emocionalmente disposto ou não, desanimado ou não. Meu trabalho *é* proclamar. E não só isso, devo

transmitir essa proclamação acurada e convincentemente. A Palavra Deus reprova, repreende e exorta. Não deve haver uma diluição da mensagem por causa da modernidade do auditório. Paulo advertiu Timóteo dessa possibilidade de escorregar. Tão certo como sol nasceria, as pessoas deixariam de suportar a "sã doutrina", "pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas" (4:3, 4). Que descrição perfeita da nossa cultura! Paulo acertou no alvo até o fim.

Lamentavelmente, em um número alarmante de igrejas hoje, o povo de Deus está ouvindo o que quer ouvir, em lugar daquilo que necessita ouvir. Estão recebendo leite morno e não alimento sólido. Um evangelho diluído pode atrair grandes multidões (por algum tempo), mas não causa impacto eterno. Não consegui encontrar, em nenhum lugar das Escrituras, Deus mostrando o menor interesse por atrair números. Satisfazer os ouvidos curiosos das nossas audiências pós-modernas é um exercício de futilidade.

A tarefa do ministro é comunicar a Verdade. Eu pretendo continuar fazendo justamente isso, pela graça de Deus, até o dia em que ele me chamar para casa. Acho que há um número sempre crescente de cristãos que anseiam por mensagens nutritivas baseadas na Palavra de Deus e não na opinião humana.

Não estou sozinho. Considere estas palavras penetrantes do Dr. Walter Kaiser: A Bíblia é, com freqüência, considerada apenas um livro de ditos satíricos ou um trampolim para que escrevamos os nossos editoriais. Mas de onde tiramos a idéia audaciosa de que Deus iria abençoar nossas opiniões ou julgamentos? Quem quer ouvir outro ponto de vista como alternativa para um estudo bíblico ou uma mensagem da Palavra de Deus? Quem disse que Deus abençoaria nossas histórias, programas de igreja ou nossas divagações sobre assuntos gerais com base no texto? Essa é, com certeza, uma das principais razões pelas quais a fome da Palavra continua em proporções maciças na maioria dos lugares. Com certeza, é por isso que a ânsia pelos ensinamentos e pela proclamação da Palavra de Deus continua acrescer ano após ano. Homens e mulheres não podem viver só de idéias, por mais eloqüentemente que sejam declaradas ou argumentadas, mas apenas pela leitura paciente e explicação de toda a Escritura, linha após linha, parágrafo após parágrafo, capítulo após capítulo, livro após livro. Onde tais intérpretes podem ser encontrados e onde estão os seus professores?[4]

Paulo compreendeu o que estava em jogo. Ele queria que Timóteo ficasse preparado para a batalha. "Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério" (4:5).

Com isso, ele pode ter ouvido o portão abrir e um batalhão de soldados caminhar sobre as tábuas envergadas em direção à sua cela escura e apertada. Cada som rítmico de passos o levava para mais perto do seu fim brutal. É bem possível que tenha sido naquele momento que ele escreveu: “Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado” (4:6). É provável que tenha ouvido o som das botas dos soldados nas pedras da rua quando dava os últimos toques na carta de amor a seu filho na fé. Ele acrescentou: “Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda” (2 Tm 4:7,8).

O FIM DA VIDA TERRENA DE PAULO

Sua vida na terra acabou de maneira rápida... abruptamente. Sozinho e sem medo, Paulo olhou diretamente nos olhos do pelotão de execução. Vários deles portavam varas com as quais o espancariam; um deles segurava um machado para degolar o apóstolo. Poucas palavras foram ditas. Eles o levariam pela porta pesada e pelo muro de pedra que cercava Roma, passando pela pirâmide de Céstio, que ainda se encontra de pé até hoje, e seguiriam pela Via Ostia em direção ao mar. As multidões que visitavam Roma sabiam pelas varas e pelo machado que uma execução iria acontecer em breve. Já tinham visto aquela cena antes. Passavam por elas com um encolher de ombros. Tinham acontecido ontem; aconteceriam amanhã.

O prisioneiro algemado, andando hirto, esfarrapado e sujo da masmorra, nao se mostrava envergonhado nem envilecido. O pelotão de soldados de rosto sombrio, homens de cenho franzido olhando firmes à frente, sequer notou que um leve sorriso iluminava a face do prisioneiro - ele estava a caminho do triunfo - o dia memorável da sua recompensa. Para Paulo viver era Cristo, o morrer era lucro. Nenhum machado penetrando em sua nuca iria roubá-lo do seu destino triunfante. De fato, iria iniciá-lo!

Paulo foi levado para o terceiro marco miliário da Via Óstia até um pequeno pinheiral numa clareira: a clareira dos túmulos, chamada de Tre Fontane. Nesse lugar, podemos ver hoje uma abadia em homenagem a Paulo. Acredita-se que o prisioneiro tenha sido colocado para passar a noite numa pequena cela perto do lugar da sua execução. Ao raiar do dia, os soldados levaram Paulo para um pilar, uma espécie de toco. O carrasco estava a postos, completamente nu, com o machado na mão.

Os homens despiram Paulo, amarraram-no, de joelhos, ao pilar baixo, deixando expostos a nuca e o pescoço. Os lictores bateram nele com varas pela última vez. O apóstolo gemeu, sangrando pela boca e pelo nariz. A seguir, sem hesitação, o carrasco franziu a testa, enquanto brandia a lâmina, reluzente ao sol da manhã, ergendo-a bem alto, acima da sua cabeça, e depois descendo-a depressa e atingindo o alvo com um ruído surdo.

A cabeça de Paulo rolou no pó.

Naquele momento brutal, silenciosa e invisivelmente, a alma do grande apóstolo — homem de graça e de firmeza — foi imediatamente liberta. O seu espírito voou para os céus: ausente do corpo, afinal, em casa com o Senhor.

Conclusão Por mais de quarenta anos, tem sido minha alegria e privilégio dedicar-me ao estudo em profundidade das Escrituras. Durante quase todo esse tempo, tive o desafio e a responsabilidade de comunicar os resultados do meu estudo. Como pregador expositivo, voltei muitas vezes aos escritos de Paulo como constantes do Novo Testamento. Por ser escritor, referi-me freqüentemente ao homem e aos seus ensinamentos. Muito do que Paulo escreveu moldou meus pensamentos e meu ministério - certamente mais do que qualquer outro escritor da Bíblia.

As palavras de F.F. Bruce exprimem exatamente os meus sentimentos: Durante mais de meio século, tenho estudado e ensinado literatura antiga, e não dediquei mais tempo e atenção a qualquer outro escritor da antiguidade do que a Paulo. Não posso também pensar em qualquer outro escritor, antigo ou moderno, cujo estudo seja tão rico e compensador como o dele. Isso se deve a vários aspectos do seu caráter multifacetado: a sua personalidade cálida e atraente, a sua estatura intelectual, a libertação jubilosa efetuada pelo seu evangelho da graça remidora, o dinamismo com o qual ele propagou esse evangelho em todo o mundo, sendo totalmente dedicado a cumprir a comissão que lhe foi confiada na estrada de Damasco [...] e trabalhando mais arduamente do que todos os seus companheiros apóstolos[1]

Apesar dos muitos anos dedicados aos seus escritos, eu nunca havia empreendido uma análise cuidadosa da vida e ministério de Paulo até o ano passado. Dominado por essa realização, iniciei uma pesquisa para garimpar o ouro que talvez tivesse perdido durante as quatro últimas décadas. Os resultados não foram só enriquecedores para mim, pessoalmente, como também levaram a uma série de mensagens bíblicas que transmiti à congregação da Stonebriar Community Church em Frisco, Texas, onde tenho a honra de servir como pastor fundador.

Posso ainda lembrar-me de ter terminado essa série em lágrimas no púlpito, profundamente comovido com a magnificência da vida e dos ensinos desse

homem, a natureza sacrificial do seu ministério, o compromisso pleno do seu chamado e a terrível forma pela qual morreu pouco adiante das sombras do muro maciço de Roma. A essa altura, eu já estava envolvido num projeto paralelo, tendo decidido preparar um manuscrito para publicação. Qualquer história comovente como essa, eu cria então e ainda creio, merece o máximo de divulgação.

Por ter viajado comigo através desses vinte e dois capítulos, você compreendeu o que me impeliu a escrever este sexto volume de minha série biográfica. O que temia viesse a ser um empreendimento espinhoso, não o foi absolutamente. Como acontece com a narrativa sobre a vida de todo grande personagem, o desenrolar da história fluiu naturalmente... em especial em se tratando de Paulo.

Foi ele quem forjou muitas das doutrinas ainda adotadas pelo remanescente cristão fiel que compõe a verdadeira igreja hoje.

Foi ele quem primeiro levou a verdade para onde nunca tinha sido ouvida antes. Foi também ele que prosseguiu corajosamente, apesar das enfermidades pessoais, da rejeição freqüente, da aflição emocional e dos danos físicos. Paulo recusou-se a permitir que obstáculos de qualquer tamanho ou número bloqueassem o seu caminho. Ele nos ajudou a compreender o papel e as responsabilidades da igreja. Foi ele quem pregou e exemplificou a graça, confrontou o inimigo sem medo e que estendeu os braços aos gentios sem preconceitos. Foi ele quem se dedicou a ensinar jovens, passando a eles a tocha da verdade, enquanto insistia em que avançassem. Os seus escritos ainda sobrevivem depois de vinte longos séculos. Não é de surpreender que uma vida assim continue sendo admirada, e os seus ensinos ainda requeridos, bem como sua determinação permaneça lendária. Ele nos faz lembrar como a vida deve ser vivida e como a morte, sem levar em conta a sua causa, pode ter dignidade e propósito.

Desde o seu nascimento obscuro em Tarso, na Cilicia, até sua notável conversão na estrada de Damasco; ao longo de todas as viagens, de Antioquia da Síria até a presença de Nero no trono de Roma, inclusive o seu brutal martírio junto à Via Óstia, o homem deixa a sua marca em todos os que têm tempo para fazer uma pausa e refletir. Depois de inteirar-se de toda a sua importância para este mundo, ninguém consegue permanecer o mesmo.

Uma vida como a de Paulo traduz-se num modelo que qualquer um desejaria imitar. Todos os que examinam a semelhança de Cristo tecida em seu caráter são enriquecidos. Despedimo-nos agora desse bravo soldado da cruz, para sempre impressionados pela sua combinação única de brilhantismo e coragem, compromisso e compaixão, amor e lógica, graça e firmeza.

Notas CAPÍTULO UM

PERMITAM-ME APRESENTAR-LHES SAULO DE TARSO

1. Pollock, John. *The Apostle: A Life of Paul.* Colorado Springs, CO: Cook Communications Ministries, 1985, pp. 16,7. Usado com permissão. Não pode ser reproduzido. Todos os direitos reservados.

2. Ibid., pp. 17,8. Usado com permissão.

3. Newton, John, "Amazing Grace", Iª, 2ª e 4ªestrofes (1779).

CAPÍTULO DOIS

A CONQUISTA VIOLENTA DE UMA VONTADE REBELDE

1. Zoba, Wendy Murray, "The Legacy of Prisoner 23226". *Christianity Today,* 9 jul. 2001. Usado com permissão.

2. Redpath, Alan. *The Making of a Man of God,* Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell Companh, 1962, p. 5. Usado com permissão.

3. Wiersbe, Warren .*The Bible Exposition Commentary,* Colorado Springs, CO: Cook Communications Ministries, 1989, v. 1, p. 438. Usado com permissão. Não pode ser reproduzido. Todos os direitos reservados.

CAPITULO TRÊS

A FÉ MEMORÁVEL DE UM HERÓI ESQUECIDO

1. Stott, John. T*he Spirit, the Church and the Word: The Message of Acts,* Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1990, pp. 175-6. Usado com permissão.

CAPITULO QUATRO

A NECESSIDADE DE SOLIDÃO, SILÊNCIO E OBSCURIDADE

1. Foster, Richard. *Celebration of Discipline.* Nova York, NY: Harper Collins, 1988, p.l. Usado com permissão.

2. Jenkins, Roy. *Churchill: A Biography,* como citado no *New York Times,* seção de livros em "His Finest Hour", por Harold Evans; 11 de novembro de 2001.

3. Morris, Leon. *Galatians: Paul's Charter of Christian Freedom.* Downer's Grove, IL: InterVarsity Press, 1996, p. 57. Usado com permissão.

4. Ryrie, Charles Caldwell. *A Bíblia Anotada,* São Paulo: Mundo Cristão, 1991, nota a G1 1:17. Usado com permissão.

5. Boice, James Montgomery, "Galations", em *The Expositor's Bible Commentary,* Frank E. Gaebelein (ed.), vol.10. Grand Rapids, MI: The Zondervan Corporation, 1976, nota a G1 1:17. Usado com permissão.

6. Stott, John R. W. *The Message of Galatians: Only One Way.* Downer's Grove, IL, e Leicester, Inglaterra: InterVarsity Press, 1968, p. 34. Usado com permissão.

7. Meyer. E B. *Paul: A Servant of Jesus Christ.* OldTappan, NJ: Fleming H. Revell Company, 1897, s.p. Domínio público.

8. Edman, V. Raymond. *The Disciplines of Life.* Colorado Springs. CO: Cook Communications Ministeries, 1948, 2002, p. 81. Usado com permissão. Não pode ser reproduzido. Todos os direitos reservados.

9. Foster, Richard J. *Dinheiro, Sexo e Poder: O Desafio da Disciplina Cristã.* São Paulo, SP: Mundo Cristão, 1988, p. 195 Usado com permissão.

CAPÍTULO CINCO

MISSÃO A CAMINHO... GRAÇAS AOS MENOS FAMOSOS

1. Henley, William Ernest. *Invictus.* Domínio público.

2. Lenski, R. C. H. *The Interpretation of St. Paul's First and Second Epistle to the Corinthians.* Columbus, OH: Wartburg Press, 1937, 1946, p. 1287. Domínio público.

3. Meyer, E B. *Paul: A Servant of Jesus Christ.* Londres, Inglaterra: Morgan and Scott, s.d., p. 75. Domínio público.

4. Pollock, *The Apostle,* p. 45. Usado com permissão.

CAPÍTULO SEIS SAINDO DAS SOMBRAS

1. Stalker, James, D.D. *The Life of St. Paulo.* Nova York, NY: American Tract Society, s.d., p. 67. Usado com permissão.

2. *Calkin,Ruth.* Harms. *Lord, Could You Hurry a Little*? Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1983, p. 37. Usado com permissão.

3. Pollock, *The Apostle,* p. 51. Usado com permissão.

4. Robertson, A. T. *Word Pictures in the New Testament, The Acts of the Apostles.* Nova York, NY e Londres, Inglaterra: Harper & Brothers, 1030, v. 3, pp. 158-9. Domínio público.

5. Meyer, Paul: *A Servant of Jesus Christ*, p. 72. Domínio público.

CAPÍTULO SETE

DESCOBRINDO A ALEGRIA DA SUFICIÊNCIA DA GRAÇA DE DEUS

1. Stott, John. *Romans: God's Good News for the World.* Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1994, p. 242. Usado com permissão.

2. Yancey, Philip. *Where Is God When It Hurts?* Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1977, p. 84. Usado com permissão.

CAPÍTULO OITO

O PRAZER DE TRABALHAR JUNTOS NO MINISTÉRIO

1. Zimbardo, Philip. "The Age of Indifference", *Psychology Today,* ago. 1980, p. 72. Reimpresso com permissão da Psychology Today; Copyright © 1980 Sussex Publishers, Inc.

2. Wiersbe, Warren. *On Being a Servant of God.* Grand Rapids, MI: Baker Books, 1993, p. 20. Usado com permissão.

3. Eldredge, John. *Wild at Heart.* Nashville, TN: Thomas Nelson Publishers, 2001, p. 200. Usado com permissão.

CAPÍTULO NOVE LIBERADO PARA OBEDECER

1. Espinosa, Eddie. *Change My Heart Oh God.* Franklin, TN: Mercy/Vineyard Publishing/ASCAP, 1982. Traduzido para o português pela Igreja Batista de Agua Branca. Usado com permissão.

2. Spurgeon, Charles Haddon. *Lectures to My Students.* Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1934, pp. 70-1. Domínio público.

3. Eldredge, Wild at Heart, pp. 198-9. Usado com permissão.

CAPÍTULO DEZ

AS ARESTAS DO MINISTÉRIO AUTÊNTICO

1. Lawson, Dr. Steven, num discurso para o corpo discente e docente do Seminário Teológico de Dallas. A palestra do Dr. Lawson foi incluída como parte de uma série da *Bibliotheca Sacra,* a revista teológica do Seminário Teológico de Dallas; Roy Zuck, editor geral.

2. Pollock, *The Apostle,* p. 70. Usado com permissão.

3. Beitzel, Barry J. The Moody Atlas of Bible Lands, Chicago, IL: Moody Press, 1985, pp.l76-7. Usado com permissão.

CAPÍTULO ONZE

UMA ESTRATÉGIA PARA ENFRENTAR CIRCUNSTÂNCIAS EXTREMAS

1. Frankl, Viktor E. *Mans Search for Meaning,* Nova York, NY: Pocker Books, Simon and Schuster, 1976, s.p. Usado com permissão.

2. Pollock, *The Apostle,* pp.70-1. Usado com permissão.

3. Ibid., p. 72. Usado com permissão.

4. Ibid., p. 75. Usado com permissão.

CAPÍTULO DOZE

O DIA EM QUE DOIS MISSIONÁRIOS SE DESENTENDERAM

1. Morgan, G. Campbell. *The Acts of the Apostles.* Westwood, NJ: Fleming H. Revell Company, 1924, p. 369-Domínio público.

2. Cook, Dr. Bob, fonte desconhecida.

3. Pollock, *The Apostle,* p. 116. Usado com permissão.

4. Robertson, A. T. *Word Pictures in the New Testament, The Acts of the Apostles.* Nashville, TN: Broadman Press, 1930, v. 3, p. 241. Domínio público.

5. Augsburger, David. *Caring Enough to Confront.* Ventura, CA: Gospel Light/Regal Books, 1980, ed. rev., p. 14. Usado com permissão.

6. Melanchthon, Phillip, fonte desconhecida. Domínio público.

CAPÍTULO TREZE VIAJANDO COMO PAULO

1. Meyer, E B. *Christ in Isaiah, Expositions of Isaiah XL-LV.* Old Tappan, NJ: Fleming H. Revell Company, 1895, p. 9. Domínio público.

2. Pollock, *The Apostle,* p. 228. Usado com permissão.

3. Veja Pollock, *The Apostle*, pp. 124-5.

4. Phillips, Donald. *Lincoln on Leadership*. Nova York, NY: Little, Brown and Company, 1992, p. 66. Usado com permissão de Warner Books, Inc.

5. Cousineau, Phil. *The Art of Pilgrimage,* Berkeley, CA: Conari Press, 1998, s. p.

CAPÍTULO QUATORZE PREGANDO COMO PAULO

1. Lutero, Martinho. Veja John R. W. Stott, *Between Two Worlds.* Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1982, p. 24.

2. Stott, *The Spirit, the Church and the World*, p. 280. Usado com permissão.

CAPÍTULO QUINZE LIDERANDO COMO PAULO

1. Fineman, Howard. "A Presidente Finds His True Voice". *Newsweek*, 24 set. 2001, © 2001 Newsweek, Inc., p. 50. Todos os direitos reservados. Usado com permissão.

2. Stott, John R. W. *The Message of 1 and 2 Thessalonians,* da série The Bible Speaks Today. Grand Rapids, MI: InterVarsity Press, 1994, p. 47 Usado com permissão.

3. Eisenhower, Dwight, *Quote/Unquote.*

4. Finzel, Hans. *Empowered Leaders: The Ten Principles of Christian Leadership.* Nashville, Tn: Word Publishing, 1998, pp. 40-1. Usado com permissão.

5. Fonte desconhecida.

6. Finzel, *Empowered Leaders*, pp. 41,42. Usado com permissão.

7. "I Met the Master Face to Face", autor/fonte desconhecidos. Domínio público.

CAPÍTUFO DEZESSEIS REAGINDO COMO PAUFO

1. Baxter, J. Sidlow. *Mark These Men.* Fondres: Marshall, Morgan & Scott, Ftd., 1949, p. 41. Usado com permissão.

2. Sanders, J. Oswald. *Paul the Leader.* Grand Rapids, MI: NavPress, 1984, pp. 173-4. Usado com permissão.

3. Willett, Florence White, domínio público; como citado em V. Raymond Edman, *The Disciplines of Life*, p. 196.

CAPÍTUFO DEZESSETE PENSANDO COMO PAULO

1. Miller, Don. *The Authority of the Bible*, como citado em Earl D. Radmacher, *You and Your Thoughts: The Power of Right Thinking.* WTeaton, IL: Tyndale House Publishers, 1977, pp. 11-2. Usado com permissão.

2. Pollock, *The Apostle*, p. 257. Usado com permissão.

CAPÍTULO DEZOITO

CONFRONTANDO A CRÍTICA COMO PAULO

1. Ward, William Henry (1886-1966), fonte desconhecida. Domínio público.

2. Finzel, *Empowered Leaders*, p. 71. Usado com permissão.

3. Spurgeon, Charles, como citado em David Roper, *A Burden Shared.* Grand Rapids, MI: Discovery House, 1991, p. 58. Fonte original em domínio público.

4. Pollock, *The Apostle,* p. 261. Usado com permissão.

5. Ibid. Usado com permissão.

CAPÍTULO DEZENOVE FICANDO FIRME COMO PAULO

1. Teresa, Madre, 4º Café Nacional de Oração, Washington, D.C.

CAPÍTULO VINTE E UM PRESO, CONFINADO, MAS AINDA ATIVO

1. Título da canção de Dick Feller, “Some Days are Diamonds (Some Days are Stone)”, Tree Publishing, BMI, Sony/ATV Songs.

2. Pollock, *The Apostle,* pp. 286-7. Usado com permissão.

3. Ibid., p. 289. Usado com permissão.

4. Aikman, David. *Great Souls: Six Individuals Who Changed the Twentieth Century.* Nashville, TN: Word Publishing, 1998, p. 10. Usado com permissão.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

ALGEMADO, ABANDONADO, MAS AINDA DESTEMIDO

1. Finzel, *Empowered Leaders*, pp. 161-2. Usado com permissão.

2. Erdman, Charles. *The Pastoral Epistles.* Filadélfia, PA: Westminster Press, 1921, p. 82. Domínio público.

3. Ryrie, *The Ryrie Study Bible,* 4:6 n. Usado com permissão.

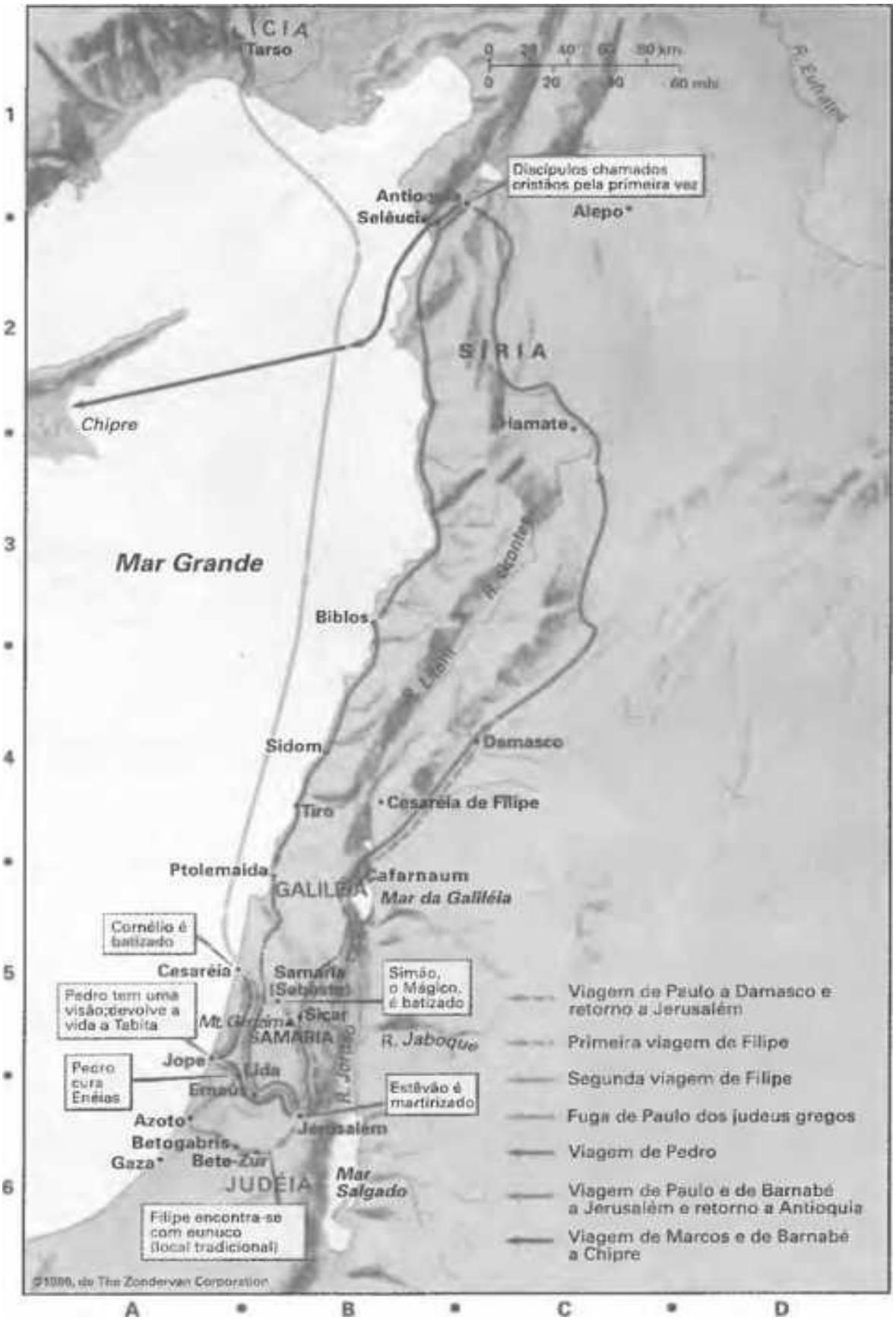
4. Kaiser, Jr.,Walter C. *Revive Us Again.* Nashville, TN: Broadman & Holman Publishers, 1999, pp. 166-7. Usado com permissão.

CONCLUSÃO

1. Bruce, F. F. *Paul: Apostle of the Heart Set Free.* Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1977, p. 15. Usado com permissão.

Mapa 1 — AS PRIMEIRAS VIAGENS DOS APOSTOLOS

A • B • C • D


Tarso
0 20 40 60 80 km
0 20 40 60 mi
R. Eufrates
Discípulos chamados cristãos pela primeira vez
Antioquia
Seleúcia
Alepo
SÍRIA
Chipre
Hamate
Mar Grande
R. Orontes
Biblos
R. Litani
Sidom
Damasco
Tiro
Cesaréia de Filipe
Ptolemaida
Cafarnaum
GALILÉIA
Mar da Galiléia
Cornélio é batizado
Cesaréia
Samaria (Sebaste)
Simão, o Mágico, é batizado
Pedro tem uma visão; devolve a vida a Tabita
Mt. Gerizim
Sicar
SAMARIA
R. Jaboque
Jope
Lida
Pedro cura Enéias
Emaús
R. Jarkon
Estêvão é martirizado
Azoto
Jerusalém
Betogabris
Gaza
Bete-Zur
JUDÉIA
Mar Salgado
Filipe encontra-se com eunuco (local tradicional)
Viagem de Paulo a Damasco e retorno a Jerusalém
Primeira viagem de Filipe
Segunda viagem de Filipe
Fuga de Paulo dos judeus gregos
Viagem de Pedro
Viagem de Paulo e de Barnabé a Jerusalém e retorno a Antioquia
Viagem de Marcos e de Barnabé a Chipre
©1986, de The Zondervan Corporation
1
2
3
4
5
6
A
B
C
D

/

GALIA
NUMIDIA
ÁFRICA
D A Cl A
Mar Negro
TRÀCIA
GALACI A
Mar TJrreno
CAPADÓCIA COM AGE NE
Mar Grande
CIRENAICA
EGITO

♦ Primeira viagem missionária <46 48 d.C.I ■ Segundo viagem missionana <49-52 d C.) TerceirB viagem missionana (53-57 d Cl ♦ ..... Viagem a Roma (59-60 cl.C i » »1» llll» /■^■ih»iy— (MWIIM

O Assassino de Cristãos Torna-se Mártir do Evangelho

Terrorista convertido, autor inspirado, professor excepcional e conselheiro paciente. Esse incomparável personagem apareceu, audacioso, no palco do mundo do primeiro século marcando presença de forma indelével e grandiosa que jamais seria esquecida. Sua vida? Magnífica! Seu ministério? Impressionante. Embora considerado santo por alguns hoje, ele era “o maior de todos os pecadores”, segundo sua própria definição.

Ninguém mais na Bíblia, além de Cristo, exerceu maior influência no mundo de então, bem como em nosso mundo atual, do que Paulo.

Era um homem de imensa coragem, resoluto e intrépido diante das dificuldades e dos perigos.

Firme, persistente e incansável, Paulo desempenhou sua missão divina com decisão inabalável, e Deus usou poderosamente sua vida numa verdadeira revolução do mundo para Cristo em sua geração.

Paulo: Um homem de coragem e graça é o sexto volume da série “Heróis da Fé”, coleção que apresenta biografias de grandes personagens bíblicos examinando-os para descobrir as qualidades que os tornaram famosos. Junte-se a nós no estudo profundo dessa vida surpreendente, como só Chuck Swindoll sabe fazer.

ISBN 85-7325-305-3

E5 .

788573253054

EDITORA MUNDO CRISTÃO

Table of Contents

Paulo: Um Homem de Coragem e Graça
WUH>
- Permitam-me Apresentar-lhes Saulo de Tarso
  - UM RETRATO BRUTAL
  - LUGAR NEM UM POUCO INSIGNIFICANTE
  - UM CONFRONTO INÚTIL
  - UM ALIADO INESPERADO
  - GRAÇA NÃO INSIGNIFICANTE
  - ALGUNS PENSAMENTOS FINAIS
- A Conquista Violenta de uma Vontade Rebelde
  - DE REBELDIA VIOLENTA A VONTADE CATIVA
  - A CONVERSÃO NA ESTRADA DE UM HOMEM IRADO
  - RECALCITRANDO CONTRA OS AGUILHÕES DE DEUS
  - NO FINAL DEUS VENCE
- A Fé Memorável de um Herói Esquecido
  - ANANIAS: UM HOMEM REAL COM UMA MISSÃO SURPREENDENTE
  - DE TOURO FURIOSO EM CORDEIRO BALINDO MANSAMENTE
  - RETRATO DE UM HERÓI ESQUECIDO
  - ALGUNS ELEMENTOS SURPREENDENTES DA VONTADE DE DEUS
  - VAMOS ENCARAR A REALIDADE
- A Necessidade de Solidão, Silêncio e Obscuridade
  - RETIROS BÍBLICOS NUM RELANCE
  - O RETIRO DE SAULO NO DESERTO
  - A VIDA PARTICULAR REEXAMINADA
  - RECEITA PARA CRESCER EM PROFUNDIDADE
  - APROXIMANDO A VERDADE
- Missão a Caminho... Graças aos Menos Famosos
  - UM FIM TRÁGICO PARA UM ESPÍRITO INDEPENDENTE
  - AS VIRTUDES DE UM ESPÍRITO DEPENDENTE
  - OS MENOS FAMOSOS DE DAMASCO
  - MAIS ENCORAJAMENTO DE ALGUÉM MENOS FAMOSO

UMA LIÇÃO DE HUMILDADE NA SUA TERRA
LIÇÕES DURADOURAS DOS MENOS FAMOSOS
UM PENSAMENTO FINAL
Saindo das Sombras
O PRINCÍPIO BÍBLICO DA ESPERA
ENCONTRANDO SAULO NAS SOMBRAS
UM GRANDE REAVTVAMENTO
UMA AUSÊNCIA NOTÓRIA
UM MINISTÉRIO SURGINDO DAS SOMBRAS
QUATRO PRINCÍPIOS PARA CONFIAR EM DEUS NAS SOMBRAS
Descobrindo a Alegria da Suficiência da Graça de Deus
COMPREENDENDO O SOFRIMENTO DA PERSPECTIVA DE DEUS
UMA JANELA ABERTA PARA A ALMA DE UM APÓSTOLO
O HOMEM QUE VIU MUITA COISA
O ESPINHO QUE NÃO DESAPARECIA
UMA GRAÇA PERMANENTE
LEMBRANDO, EXECUTANDO E LIBERTANDO
O Prazer de Trabalhar Juntos no Ministério
ALGUNS SEGUNDO VIOLINISTAS NOTÁVEIS
UMA TAREFA ESMAGADORA À FRENTE
O PODER NOTÁVEL DE UMA DUPLA
ESSENCIAIS ETERNOS PARA MINISTRAR EM CONJUNTO
PENSAMENTOS FINAIS
Liberado para Obedecer
MUDANÇA... A SENTENÇA INACABADA NA VIDA
A EQUIPE DOS SONHOS E A IGREJA VIVA
LIBERTADO PARA OBEDECER
LIBERAR E OBEDECER, COMO O BARRO EM SUAS MÃOS
UM CHECK-UP PESSOAL DO CORAÇÃO
As Arestas do Ministério Autêntico
O OBJETIVO FINAL DE UM MINISTÉRIO AUTÊNTICO
A ARESTA AFIADA DAS EXIGÊNCIAS FÍSICAS
A ARESTA AFIADA DA FALSA POPULARIDADE
DISTINGUINDO AS MARCAS DE UM MINISTÉRIO AUTÊNTICO
A ARESTA AGUDA DOS RESULTADOS DECEPCIONANTES

Uma Estratégia para Enfrentar Circunstâncias Extremas
O PODER DE UMA ATITUDE NOTÁVEL
REAÇÕES MADURAS DIANTE DE ATITUDES CONFUSAS
OS NOTÁVEIS BENEFÍCIOS DE UMA VIDA APROVADA
O Dia em que Dois Missionários se Desentenderam
VERDADE NUA E CRUA NA VIDA REAL
MULTIPLICAÇÃO MEDIANTE DIVISÃO
NOVA PERSPECTIVA SOBRE GRANDES DESENTENDIMENTOS
UM OLHAR NEUTRO PARA UMA CENA DESAGRADÁVEL
MULTIPLICAÇÃO PELA DIVISÃO
LIÇÕES DURADOURAS DE ANOS DE EXPERIÊNCIA
PENSAMENTO FINAL
Viajando como Paulo
UMA NOVA VISÃO E UMA NOVA EQUIPE
SEM EXPLICAR O MOTIVO, DEUS ÀS VEZES DIZ NÃO
PORTAS FECHADAS E CORAÇÕES ABERTOS
UMA BREVE SINOPSE DAS VIAGENS DE PAULO
UMA VERIFICAÇÃO REALISTA ENQUANTO REFLETIMOS
PRINCÍPIOS PARA VIAJAR TÃO BEM QUANTO PAULO
O FIM DE TODAS AS JORNADAS
Pregando como Paulo
UM MODELO SIMPLES PARA A NOSSA ERA COMPLEXA
A PERGUNTA
UM PLANO DE QUATRO PARTES PARA A PREGAÇÃO PODEROSA
Liderando como Paulo
O ESTILO DE LIDERANÇA DO APÓSTOLO PAULO
LEVANDO PARA CASA, PARA O SEU LAR
Reagindo como Paulo
UM RETRATO DA GRANDEZA
A PRESSÃO DO MINISTÉRIO
“SE O SEU CORAÇÃO ESTÁ FRIO, O MEU FOGO NÃO PODE AQUECÊ-LO.”
O PODER DA FRAQUEZA
REFLETINDO SOBRE AS SUAS RESPOSTAS
Pensando como Paulo
PENSAMENTOS LÓGICOS PARA TEMPOS CORRUPTOS

REFAZENDO NOSSOS PASSOS
UMA OPORTUNIDADE DE OURO
UMA FUGA INTELIGENTE
UMA PROMESSA DE PROTEÇÃO DIVINA
UM ALIADO IMPROVÁVEL
PENSAMENTO LÓGICO SOBRE A PROMESSA DE PROTEÇÃO DE DEUS
Confrontando a Crítica como Paulo
QUATRO FALHAS ESPIRITUAIS DA CRÍTICA NEGATIVA
UMA LONGA LINHAGEM DE CRÍTICOS IMPLACÁVEIS
UMA ESTRATÉGIA ÚTIL PARA LIDAR COM A CRÍTICA IMPLACÁVEL
LEVANDO A VERDADE PARA CASA
UM EXEMPLO PESSOAL
Ficando Firme como Paulo
PERMANECENDO FIRME CONTRA OS GIGANTES
MANTENDO-SE FIRME DIANTE DE REIS E RAINHAS
POMPA VAZIA E CIRCUNSTÂNCIAS EXTRAORDINÁRIAS
ALGUNS PENSAMENTOS FINAIS PARA OS HERÓIS DE HOJE
PERMANECENDO FIRME NOS LUGARES ALTOS
Como Lidar com um Naufrágio
FLUTUANDO COM FÉ NOTÁVEL
UM DESTINO CLARO E PROMETIDO
ÂNCORAS CONFIÁVEIS PARA A SUA ALMA BATIDA PELA TESMPESTADE
DEUS É FIEL
EM ÁGUAS MAIS CALMAS
Preso, Confinado, mas Ainda Ativo
UM CONTENTAMENTO APRENDIDO
APESAR DESTAS CADEIAS
QUATRO ATITUDES PARA A ALEGRIA APRENDIDA
UMA VERIFICAÇÃO DETALHADA DA SUA ATITUDE PESSOAL
Algemado, Abandonado, mas Ainda Destemido
ALGUMAS PALAVRAS MADURAS PARA UM JOVEM APRENDIZ
UMA PESQUISA DA EPÍSTOLA VIBRANTE DE PAULO
O FIM DA VIDA TERRENA DE PAULO